

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DO MOVIMENTO HUMANO**

SÊNIOR FELIPE MAYER FERRAZ

**A INCORPORAÇÃO DE DISPOSIÇÕES PARA A GESTÃO DE ACADEMIAS:
ANÁLISES DE RETRATOS SOCIOLÓGICOS DE PROFESSORES DE
EDUCAÇÃO FÍSICA**

**Porto Alegre
2023**

SÊNIOR FELIPE MAYER FERRAZ

**A INCORPORAÇÃO DE DISPOSIÇÕES PARA A GESTÃO DE ACADEMIAS:
ANÁLISES DE RETRATOS SOCIOLÓGICOS DE PROFESSORES DE
EDUCAÇÃO FÍSICA**

Dissertação apresentada como requisito parcial do curso de mestrado em Ciências do Movimento Humano, do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Mauro Myskiw.

**Porto Alegre
2023**

CIP - Catalogação na Publicação

Ferraz, Sênior Felipe Mayer
A INCORPORAÇÃO DE DISPOSIÇÕES PARA A GESTÃO DE
ACADEMIAS: ANÁLISES DE RETRATOS SOCIOLÓGICOS DE
PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA / Sênior Felipe Mayer
Ferraz. -- 2023.
217 f.
Orientador: Mauro Myskiw.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa
de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano,
Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Educação Física. 2. Empreendedorismo. 3. Gestão
Academias. 4. Retratos Sociológicos. 5. Bernard Lahire
. I. Myskiw, Mauro, orient. II. Título.

SÊNIOR FELIPE MAYER FERRAZ

**A INCORPORAÇÃO DE DISPOSIÇÕES PARA A GESTÃO DE ACADEMIAS:
ANÁLISES DE RETRATOS SOCIOLÓGICOS DE PROFESSORES DE
EDUCAÇÃO FÍSICA**

SESSÃO DE DEFESA

Avaliação: _____

BANCA EXAMINADORA:

Profa Dra Ariane Corrêa Pacheco
Universidade FEEVALE

Profa. Dra. Carolina Fernandes da Silva
PPGEF/ UFRGS

Profa. Dra. Raquel da Silveira
PPGCMH/UFRGS

Orientador: Prof. Dr. Mauro Myskiw
PPGCMH/ESEFID/UFRGS

Porto Alegre, 28 de fevereiro de 2023.

RESUMO

O objetivo do estudo foi compreender trajetórias de incorporação e de atualização de disposições para a gestão de Academias, fazendo isso através de descrições e de análises da trajetória de vida de professores/as-profissionais de Educação Física. A presente pesquisa teve uma abordagem qualitativa, norteada pelos pressupostos e conceitos constantes da sociologia disposicionalista. Foi desenvolvido o retrato sociológico de 04 professores/as-profissionais de Educação Física gestores/as de academias, a partir de 4 entrevistas com cada um deles, sendo cada uma norteada por uma matriz disposicional diferente: família, formação, esporte e gestão. Em termos de análises das disposições, o retrato apresentado contemplou elementos diacrônicos e sincrônicos. O trabalho se destaca por tratar de questões já presentes no debate acadêmico, porém olhando para a trajetória individual de professores/as-gestores/as, não apenas identificando disposições caras à gestão, mas mapeando as matrizes de socialização em que elas são incorporadas e atualizadas. Foram identificadas 3 disposições nutridas por cada um dos/as professores/as-gestores/as na gestão das academias, como também analisamos os contextos de socialização em que essas disposições foram incorporadas e atualizadas. Concluímos que, se produzíssemos o exercício de tentar agrupar esses entrevistados, em um mesmo perfil, tendo este como o ideal, estaríamos ofuscando importantes disposições acionadas em suas atuações, e que, sem desconsiderar a relevância da oferta de novos conteúdos programáticos, também há de se pensar que estes conteúdos não resetarão os que os recebem, portanto, a aproximação de respostas a atitudes gestoras, deve ser analisada de forma mais ampla.

Palavras-chave: Disposições; Gestão; Academias; Retrato Sociológico.

ABSTRACT

The aim of the study is to understand through the decryption and analysis of the life of a P.E. teacher / entrepreneur the path one takes to learn and be up to date with management/ business issues applied to managing a gym. The research was based on the qualitative approach and guided by assumptions and constant concepts of dispositionalist sociology. The researcher pictured a sociological portrait of a P.E. teacher and main partner of a small chain of gyms, with who were conducted 4 interviews, each conducted in a singular perspective divided in family, academic background, sports and management. In terms of analysis of the provisions, the picture presented included diachronic and synchronic elements. The research deals with issues already present in the academic debate. Moreover, it looks at the individual trajectory of a teacher-manager, not only identifying dispositions relevant to management, but also mapping the socialization matrices inserted and updated in issues related to managing. The research analyzed and identified 3 dispositions nurtured by the teacher-manager (the tendency to work in a patriarchal nucleus; the tendency to care for teaching relationships; and the tendency to mediate different realities) when managing the business. It also analyzed the contexts of socialization in which these dispositions merged. In conclusion, if we considered all four interviewees and tried to think of them as one, considering this one as ideal, we would be overshadowing relevant features presented and the relevance of new syllabus constantly available. It is important to be aware that all this content might or might not influence the management behavior and that further studies have to be conducted and widely analyzed.

Keywords: Provisions; Management; Gyms; Sociological Portrait.

SUMÁRIO

1	PRÓLOGO	7
2	INTRODUÇÃO	9
3	SOCIOLOGIA DISPOSICIONALISTA E RETRATOS SOCIOLÓGICOS	18
4	METODOLOGIA	26
4.1	Pesquisa qualitativa	26
4.2	Interlocutores da pesquisa	26
4.3	Realização das entrevistas e questões éticas de pesquisa	29
4.4	Produção dos retratos sociológicos	32
4.5	Análises e interpretações	37
5	RETRATOS SOCIOLÓGICOS	40
5.1	Retrato Sociológico 1: Diego	40
5.2	Retrato Sociológico 2: Felipe	75
5.3	Retrato Sociológico 3: Gabriela	105
5.4	Retrato Sociológico 4: Alana	134
6	ANÁLISES DAS DISPOSIÇÕES CARAS À GESTÃO	165
6.1	Descrição das disposições caras à gestão	165
6.1.1	<i>Disposições que forjam o professor-gestor Diego</i>	165
6.1.2	<i>Disposições que forjam o professor-gestor Felipe</i>	171
6.1.3	<i>Disposições que forjam a professora-gestora Gabriela</i>	177
6.1.4	<i>Disposições que forjam a professora-gestora Alana</i>	181
6.2	Aproximações e distanciamentos com a literatura	185
6.2.1	<i>O perfil dos(as) gestores(as)</i>	186
6.2.2	<i>Formação Acadêmica</i>	193
6.2.3	<i>Gestão</i>	195
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	200
8	REFERÊNCIAS	204
	APÊNDICES	210

1 PRÓLOGO

Se a proposta desta pesquisa é a de investigar, buscando aproximação com a teoria disposicionalista do sociólogo francês Bernard Lahire (2002, 2004, 2006), as trajetórias de professores de Educação Física que atuam como gestores profissionais, inicio salientando a minha trajetória em diferentes contextos de socialização na construção deste projeto. Isso porque esta proposta compreende distintas disposições incorporadas nos últimos vinte e quatro meses de estudos, mas as inquietações que desencadeiam o projeto se relacionam a mais de uma década de atuação profissional. Ou seja, diferentes disposições foram me constituindo, dando origem a diferentes momentos deste projeto, segmentando minha escrita. Entendo que, de maneira geral, esta construção pode ser dividida em três momentos.

Num primeiro, ainda desprovido de qualquer intimidade com as produções científicas e sem clareza de objetivos específicos para minha pesquisa, procuro contextualizar como a minha trajetória foi impactada e desencadeou o interesse pela temática da atuação simultânea professor de Educação Física x gestor. Uma descrição onde exponho como alguns questionamentos foram surgindo enquanto atuava em ambas as frentes. Disposições que me trouxeram de volta à universidade, passados quase vinte anos de minha formatura, a fim de buscar no mundo acadêmico, elementos que me auxiliassem nos enfrentamentos impostos pelo dia a dia de alguém que atuava como gestor, mas que possuía formação técnica/pedagógica em Educação Física.

Até este ponto o encaminhamento da temática da pesquisa era sustentado predominantemente pelo empirismo e assim, em um segundo momento do desenvolvimento da proposta da pesquisa, produzi uma garimpagem acadêmica, procurando compreender de que forma os pesquisadores já haviam investigado ou aproximado seus trabalhos da perspectiva a que me propunha a fim de encontrar o espaço em que meu aprofundamento contribuiria de forma mais significativa, tanto no contexto empírico/profissional quanto no mundo das produções científicas.

Tal levantamento, evidenciou o esforço do meio acadêmico em acompanhar o que chamei de 'corrida de profissionalização' que o mercado do fitness vem sofrendo. Aos questionamentos que trazia desde a aproximação com a universidade, mas que até então tinham origem somente na minha prática diária, pude agregar outros, que de maneira geral, tratavam da condução do amadorismo para o profissionalismo, num

processo que caracterizei como 'afunilamento', e que é baseado em três pontos principais: definição de um 'perfil do gestor' que irá atuar especificamente neste meio esportivo, análise de compatibilidade entre o que vem sendo oferecido pelo meio acadêmico e o que o mercado de trabalho espera deste profissional, e como as práticas da gestão impactam nesse processo.

Não há, de forma alguma, a intenção de olhar determinadas práticas se sobrepondo ao que seria 'o amadorismo' pelo 'profissionalismo' e sim a busca da compreensão sobre a incorporação de disposições a respeito da constituição dos gestores, numa espécie de percurso (uma 'corrida' que 'se afunila'). Diante dessa expectativa é que escrevo a terceira parte do projeto, impactado por dois anos de leituras e debates junto ao Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF/UFRGS), cujos estudos são realizados na interface com as ciências sociais. E, ao optar por olhar para a socialização dos gestores de academias, me aproximei da obra de Lahire (2002, 2004, 2006).

A partir disso começo a visualizar com mais clareza os objetivos de meu trabalho. A intenção é a de construir retratos sociológicos de professores-gestores analisando suas trajetórias de socialização. Entender como e em que momentos de suas trajetórias, disposições foram incorporadas, conduzindo estes atores a posição de 'gestor', mesmo tendo em sua formação acadêmica o título de professores. O pincel utilizado para a construção destes retratos, obedecerá a três contornos levantados ao final da revisão de literatura: o perfil de gestor esportivo; a relação de suas formações acadêmicas com o mercado de trabalho e as ferramentas específicas utilizadas por suas gestões.

Essa rápida localização que construí como prólogo e que anuncia elementos da construção do projeto de pesquisa será aprofundada nas seções seguintes. Ela serve, portanto, para alertar que cada uma das seções refletem os momentos distintos da minha trajetória, parecendo que são 'coisas diferentes'. A proposta foi manter essas diferenças para demarcá-las.

2 INTRODUÇÃO

Atuei dividindo as posições de Educador-Físico e Gestor de 2005 a 2021, quando sobretudo por questões pessoais, vendi a minha academia. Durante este período, parecia conviver sempre com uma sensação de carência, de que tinha que ‘correr’ para me profissionalizar. Afirmo isso porque em diversos momentos vivi situações nas quais conceitos e aprendizados do campo da administração, ausentes em minha formação inicial, teriam sido aliados relevantes. Não foram poucas essas situações (momentos de prova), mas certamente foi diante da maior crise sanitária deste século, causada pela pandemia do COVID-19, que vivi meu maior desafio.

Para um profissional de Educação Física como eu, que produziu uma formação técnica e pedagógica, mas que atuava como gestor, as carências da formação administrativa ganhavam força em meio a todo esse contexto, produzindo uma série de questionamentos e reflexões: Por onde passa o processo de profissionalização que identifiquei como necessário para a sobrevivência de minha academia? Partir da ideia de constituir uma profissionalização, significa denominar o estágio anterior a esse como amador? Voltando um pouco em meu percurso, por que escolhi a gestão, com tantas possibilidades de intervenção? Sou Educador Físico ou gestor? Gestor profissional ou amador? Quais os pré-requisitos para que consideremos determinada atuação profissional? O escopo da profissionalização permite que atue em ambas as posições?

A origem dessas perguntas tem mais de 2 décadas. Ingressei na ESEF¹ - UFRGS em 1997, com uma perspectiva muito clara: canalizar toda energia em prol de uma maior compreensão dos conceitos e práticas voltadas ao treinamento físico, principalmente os que tangenciassem a modalidade que eu praticava, o triathlon. À medida que o curso transcorria, os aprendizados, as vivências práticas, disponibilizavam uma gama de possibilidades de atuação profissional que eu jamais imaginara.

Essa diversidade, somada às exigências específicas contempladas por cada atuação apareciam já na titulação oferecida pelo curso: Licenciatura Plena em Educação Física. Uma vez concluído o curso, estaria apto para atuação em ambientes

¹ Escola Educação Física (ESEF) que a partir da incorporação dos cursos de Fisioterapia e Dança, passando a se chamar Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID).

escolares, onde predominam a pedagogia, a psicomotricidade, o ensino? Para a promoção da saúde em ambientes como os das academias? Ou ainda, quem sabe, junto a atletas em busca de centésimos de segundo e de excelência? Tais questionamentos presentes nas minhas reminiscências não eram despropositados. Naquele período, a discussão da regulamentação da profissão se encontrava bastante acalorada, e, entre tantos debates, havia o da delimitação de determinadas atuações que acabavam por permear a dos profissionais da fisioterapia e da nutrição, só para ficar nas duas mais recorrentes.

Passados mais de vinte anos, fui acompanhando a trajetória do Conselho Federal de Educação Física (CONFEF) e do Conselho Regional do Rio Grande do Sul (CREF-RS) que, entre as especificidades da intervenção profissional da área, aponta a gestão em Educação Física e Desporto². Para tratar dessa questão esse Conselho utiliza dezoito verbos como marcadores das possibilidades de intervenção.

Intervenção: Diagnosticar, identificar, planejar, organizar, supervisionar, coordenar, executar, dirigir, assessorar, dinamizar, programar, ministrar, desenvolver, prescrever, prestar consultoria, orientar, avaliar e aplicar métodos e técnicas de avaliação na organização, administração e/ou gerenciamento de instituições, entidades, órgãos e pessoas jurídicas cujas atividades fins sejam atividades físicas e/ou desportivas. (CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 2002).

Esses verbos – e aquilo que eles mobilizam – fizeram muito sentido na minha trajetória profissional, o que me faz supor que a presença na resolução do CONFEF faz bastante sentido. Aos poucos me vi ocupando uma posição de gestor, de trabalho administrativo, o que ocorreu na relação com a minha formação técnica/pedagógica de Educador Físico.

Durante toda a graduação trabalhei como professor de natação em uma mesma escola como professor de natação. Se por um lado, o profissionalismo da empresa deveria ser exaltado, por outro, um conservadorismo na forma de agir do responsável, me incomodava. Já naquele momento, as disposições para o empreendedorismo e a inovação se faziam presentes no contexto do trabalho, onde procurava propor diversificações. Muitas das propostas, no entanto, eram recusadas e aos poucos as negativas começaram a me frustrar a ponto de eu começar a pensar de forma mais concreta na possibilidade – já levantada pelos alunos mais próximos naquele momento – de abrir meu próprio negócio.

² Isso está disposto no item V da Resolução nº 046/2002 do CONFEF. (CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 2002).

Depois de nove anos nessa escola de natação e de muitos desafios para conseguir o investimento mínimo, a Academia Quantum foi inaugurada (em 11 de junho de 2005). A partir desse momento, é possível dizer, tudo mudou. As atuações como professor passaram a se articular com os esforços de captação e de manutenção dos alunos, com a gestão de custos, de pessoas e de equipamentos e com as preocupações acerca dos parâmetros e exigências legais (leis, normas, decretos, resoluções, impostos, matrículas, cadastros, relatórios, etc.).

Como obter a satisfação dos alunos, levá-los às metas desejadas, de forma simultânea ao crescimento da empresa e da melhoria de seus indicadores, frente aos novos empreendimentos semelhantes que estavam surgindo?

No início da minha trajetória, eu me deparava com um cenário de negócios protagonizado por professores de Educação Física, muitas vezes denominados ‘amadores’ – aqueles que, assim como eu, professores-gestores, aprendiam ‘na prática’ e nos desafios do cotidiano. Mas, diante da entrada dos empreendimentos *low cost* e de mudanças políticas, sociais e econômicas, outro tipo de gestor é demandado. Me refiro àquele que aprendi a denominar de ‘profissional’, que incorpora disposições específicas e especializadas do universo administrativo, isto é, aquele que analisa cada centavo investido, sabe muito bem que uma mudança no contrato social pode representar uma robusta economia tributária, trabalha com planilhas para analisar indicadores, e, em cima do que estes apresentam, toma suas decisões.

Não por acaso, em 2014 iniciei um curso de *Master of Business Administration* (MBA)³ em gestão empresarial, buscando exatamente me aproximar da diversidade destes conceitos. Ao passo que isso acontecia, mais claro ficava que o domínio e a prática desses aprendizados organizariam a academia e tornariam minhas decisões menos vulneráveis e mais efetivas. Essa é uma representação importante acerca do ‘profissionalismo’ que, na minha trajetória, foi entendida como trazida ao segmento das academias pelos empresários, com a criação de grandes redes e a capilaridade que elas atingiram, salientando ainda mais a importância da gestão para os pequenos e médios que pretendem manter suas portas abertas.

Tal representação me levou de volta à ESEFID, ‘onde tudo começou’, para buscar aprofundamentos no campo da Educação Física. Apresentado e passando a

³ O MBA é uma formação acadêmica como grau de pós-graduação *lato sensu*, destinada a administradores e executivos das áreas de gestão de empresas e gestão de projetos, mas que atrai pessoas de várias outras áreas.

acompanhar um pouco da rotina do Professor Mauro Myskiw, pude entender que a gestão está presente na Escola, na formação em Educação Física, mas de maneira dispersa, alguma coisa aqui, outra ali.

A convite deste docente, participei de uma disciplina da graduação denominada "Educação Física e Marketing" ofertada como "EFI04002 - Tópicos Especiais em Educação Física I", no segundo semestre de 2019. Pude vivenciar em sala de aula, o esforço do professor Mauro em somar a grade curricular, situações mais práticas, ligadas a gestão e ao empreendedorismo a fim de provocar nestes jovens ainda em formação, debates e reflexões em cima de situações reais. Em um encontro semanal de 3h, realizado nas quintas feiras à noite, recebíamos convidados que, num primeiro momento, dividiam suas experiências profissionais ligadas à gestão de maneira geral, e em seguida abriam para debates e questionamentos.

Entendo que contribuições como estas do professor Mauro, merecem reconhecimento. Nem mesmo a esse tipo de oportunidade, tive acesso na graduação. As disciplinas oferecidas na faculdade privilegiaram minha formação técnica e pedagógica. Relevantes na formatação de um professor atuante no ensino escolar ou que prescreve treinamentos visando performance e saúde, mas insuficientes para os que desejam atuar na gestão esportiva.

Esta discussão é bastante ampla. Cardenas e Feuerschütte (2014), em artigo que avalia a formação, em relação a gestão, nos cursos de Bacharelado do Estado de Santa Catarina defendem que o curso de Educação Física não forma gestores esportivos e sim profissionais de Educação Física, que entre tantas possibilidades de intervenção, podem optar pela gestão do esporte.

Com a pretensão de aquecer este debate, e não a de apontar um caminho como o ideal, trago minha formação em Licenciatura Plena em Educação Física somada a um MBA em Gestão Empresarial como bastante produtiva para uma atuação de liderança no esporte. A capacitação técnica proporcionada pela graduação familiariza o discurso do gestor com os entendimentos trazidos pelas lideranças deste setor que é a razão de ser do empreendimento, enquanto que a administrativa incrementada pelo MBA busca a otimização de resultados, a análise dos indicadores e a prospecção do negócio academia.

Acredito que, em tempos de graduação, existam mais dúvidas que certezas, mas se a possibilidade de intervir como gestor está na resolução do CONFEF que regulamenta as atuações deste profissional e se o mercado do fitness se encontra em

expansão e está inserido em uma lógica de empreendedorismo, uma maior presença das disciplinas de caráter administrativo, me parece pertinente.

Voltando a trajetória de 'busca por conhecimentos', que me trouxe de volta a ESEFID, a citada participação na disciplina da graduação, ampliou meu desejo de contribuir como pesquisador, e, concluída esta disciplina, fui convidado pelo professor Mauro a participar dos encontros do Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF)⁴, que tem como uma das linhas de investigação a 'cultura e gestão em Educação Física'. A participação no GESEF, no entanto, me aproximou dos debates na interface com as ciências humanas, quando passo a olhar para essa trajetória descrita acima e a problematizá-la no sentido de compreender os professores-gestores que, nas últimas décadas, empreendem esforços para manter suas academias.

Muitas leituras e participações em seminários do GESEF, conduziram a uma decisão conjunta, do professor Mauro, que me orienta nesta pesquisa, e minha, no sentido de que a obra 'Retratos Sociológicos' de Bernard Lahire (2004) ofereceria oportunidade de contribuição para a compreensão sobre a trajetória e a gestão destes professores-gestores. Uma obra referida como uma teoria e metodologia de pesquisa, que busca identificar e valorizar a relevância das variações individuais dos seus interlocutores, e que foi, pelos motivos expostos, a base teórica de toda esta produção.

Esforços no sentido de valorizar e perceber a relevância de toda a trajetória dos interlocutores da pesquisa em suas atitudes e escolhas profissionais, de salientar a contribuição dos contextos sociais a que estiveram expostos durante suas caminhadas e que produziram disposições, acionadas em distintas situações. Ouvindo os interlocutores, produzidos e analisados os seus retratos sociológicos, sob a luz da teoria de Lahire, creio que produção desta dissertação esteve dedicada em produzir elementos capazes de ampliar a compreensão de perguntas como as seguintes: Como as trajetórias de um professor de educação física que opta pela gestão vêm sendo constituídas? Quais os rumos que têm assumido? Como vêm sendo sustentadas? Qual a relevância dos contextos de socialização em suas trajetórias e em suas gestões?

⁴ Grupo de Estudos criado em 2001, que tem como linhas de pesquisa o esporte e o lazer na cidade, as políticas e a gestão no esporte, as relações de gêneros no esporte e no lazer, a produção do conhecimento científico, desenvolvendo investigações na interface com as ciências humanas. Mais informações em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4952573356502990>.

Mas, para enfrentar perguntas como essas, simultaneamente busquei entender a situação da produção de conhecimentos existentes a respeito delas. Isso porque, não é recente a demanda de qualificação da gestão, presente no chamado segmento do mercado e da indústria *fitness*, requerendo dos/as professores/as-profissionais de Educação Física a constituição e mobilização de competências específicas nesse sentido. Já na segunda metade da década de 1980, Lobato (1987) anunciava sua preocupação sobre o lugar do administrador em relação às atividades físicas, questionando e, ao mesmo tempo, incentivando a capacitação dos profissionais de Educação Física a respeito do atendimento dos objetivos dos treinos e, simultaneamente, do empreendimento de negócios, isto é, uma profissionalização deles/as também no sentido da gestão.

Passados mais 30 anos, não é difícil sustentar a afirmação de que tal questão se acentua, com crescente cobrança sobre a profissionalização de quem está à frente de lugares e atividades de gestão de empreendimentos relacionados aos serviços de atividades físicas no mercado e na indústria *fitness*, em especial das Academias e dos professores-profissionais de Educação Física. Reconhecendo isso, passei a desenvolver uma garimpagem de trabalhos acadêmicos que, a respeito da realidade brasileira, desenvolveram estudos sobre os/as professores/as-profissionais de Educação Física gestores/as de Academias. Encontrei 38 estudos relacionados a essa questão.

As plataformas que utilizei para a realização dessa garimpagem foram o *Google Acadêmico*, a coleção *Scielo Brasil*, o Portal de Periódicos e o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Para as buscas usei os descritores “gestão”, “gestor”, “academias”, “educador físico”, “educação física” e “empreendedorismo”. Diante de um total de 469.675 trabalhos inicialmente listados, elenquei os seguintes critérios de inclusão: a) selecionar os resultados somente das dez primeiras páginas dos buscadores; b) trabalhos que se relacionem diretamente com as questões empíricas da pesquisa; c) que tratem especificamente dos/as professores/as-profissionais de Educação Física. Aplicados esses critérios, restaram 935 trabalhos. Passei, então, para a leitura dos títulos e resumos, e, nos valendo do segundo e do terceiro critérios, restaram 42 trabalhos. Desses excluí aqueles que não dialogavam com a temática, os duplicados e os publicados em outros idiomas, fechando o corpo da garimpagem em 38

produções (6 dissertações de mestrado, 21 artigos e 11 trabalhos de conclusão de cursos de graduação).

Quando passei a ler e analisar tais trabalhos, identifiquei o que chamei de pontos de passagens⁵ dos debates acadêmicos. Em comum, a grande parte dos estudos acessados, ao contextualizarem suas investigações sobre a realidade brasileira, faziam referência à expansão da indústria e do mercado do *fitness*. É nesse contexto argumentativo que as análises empreendidas passam pelos seguintes pontos: o perfil do/a gestor/a; a demanda de formação acadêmica; e as especificidades da gestão.

Atrelados ao primeiro ponto de passagem, identifiquei 10 artigos e 1 trabalho de conclusão de curso de graduação (BASTOS, FAGNANI & MAZZEI, 2011; SANTOS & FRANCO, 2011; SANTANA *et al.*, 2012; BARROS FILHO *et al.*, 2013; MELLO & SILVA, 2013; GOMES, SARMENTO & MULATINHO, 2014; SOUZA & KNORR, 2017; ZANATTA *et al.*, 2018, JOAQUIM, BATISTA & CARVALHO, 2011; GOMES *et al.*, 2018; KARNAS, 2010). São trabalhos que tratam do perfil de pessoas que ocupam lugares de gestão em empreendimentos relacionados à Educação Física, buscando elementos para caracterizá-los, inventariá-los e qualificá-los, tendo em vista a profissionalização. Nas suas análises eles trouxeram descrições da experiência, formação, idade, gênero, responsabilidades assumidas, faixa salarial, entre outros características, com ênfase na problemática de qual ou quais seriam as características necessárias a um/a gestor/a profissional.

Em relação à demanda de formação acadêmica, encontrei 9 artigos, 2 dissertações e 2 trabalhos de conclusão de curso de graduação (RUZICKI, 2010; NUNES, VOTRE & SANTOS, 2012; TAFFAREL, 2012; ROSSI & HUNGER, 2012; CÁRDENAS & FEUERSCHÜTTE, 2014; FERREIRA, SANTOS & COSTA, 2014; MARTINENCO, 2016; MATOS, NISTA-PICCOLO; BORGES, 2016; FREITAS *et al.*, 2016; SEVERO, 2017; ABREU, 2018; QUINAUD, FARIAS & NASCIMENTO, 2018; SANCHES, GARCIA & SCHERER, 2020). Notei, nestes trabalhos, a preocupação em analisar a formação profissional nas relações entre as pessoas que ocupam cargos de gestão e as Instituições de Ensino Superior, tendo em vista as dinâmicas e desafios

⁵ Optei pela noção de pontos de passagem, ao invés de categorias, porque me foi pouco frutífero tentar alocar os 38 trabalhos neles, isso porque diferentes estudos encontrados passavam por distintos pontos dos debates. Contudo, em que pese essa decisão, operei uma localização dos estudos em determinados pontos, considerando suas ênfases ou seus vínculos mais fortes.

do mercado *fitness*. São trabalhos que procuram compreender a profissionalização e as (não)implicações dos/nos currículos acadêmicos, vários deles analisando dados empíricos da relação entre o que é ofertado pelas Instituições de Ensino Superior (IES) e o que o mercado de trabalho espera/exige dos/as professores/as de Educação Física. A profissionalização, aqui, resultaria de melhor/maior articulação.

Já no terceiro ponto de passagem, o que trata das especificidades da gestão, identifiquei 2 artigos, 4 dissertações e 8 trabalhos de conclusão de curso de graduação (CARBONEZI, 2012; SEGATTO, 2014; SILVA, 2014; MANFRO, 2015; DAMBROS, 2016; MANFRO, 2017; MOTTA & MORAES, 2017; FURTADO, 2017; OLIVEIRA, 2017; MOREIRA *et al.*, 2018; BATISTA FILHO, 2018; QUINAUD, 2018; CALESCO, 2019; SILVA, 2019). São investigações focadas em desafios e demandas de gestão voltada ao setor de negócios de academias, para salientar a importância de competências específicas e profissionais. Neles, os/as autores/as se dedicam a identificar e compreender variáveis, situações e posicionamentos que interferem no resultado do empreendimento, do negócio, seja ele numa academia, num clube ou numa federação esportiva, diante de imperativos importantes, como, por exemplo, a estrutura e os processos organizacionais, a retenção de clientes, a sazonalidade, a configuração de produtos e serviços.

Olhando para esses 38 trabalhos, entendi que, quando os estudos tratam da demanda de profissionalização da gestão de academias e quando isso envolve a ação dos/as professores/as de Educação Física, é por tais pontos de debates que a literatura acadêmica passa. Sem desconhecer a relevância de tais investigações – pelo contrário, valorizando os esforços presentes –, esse exercício de garimpagem me possibilitou identificar uma lacuna da produção de conhecimentos ainda não aprofundada pelas pesquisas precedentes. Me refiro ao estudo de trajetórias dos/as professores/as-profissionais de Educação Física engajados na gestão de Academias, especificamente numa abordagem que coloca em destaque processos de socialização ao longo de suas vidas, para que eles/as se forjassem gestores/as, tendo em vista as expectativas de sucesso nos empreendimentos.

Essa lacuna me mobilizou a desenvolver a pesquisa com o objetivo de compreender trajetórias de incorporação e de atualização de disposições para a gestão de Academias, fazendo isso através de descrições e de análises da trajetória de vida de 4 professores-profissionais de Educação Física, tendo em vista diferentes contextos de socialização e procurando associar isso aos seus esforços de

profissionalização no contexto do mercado e da indústria *fitness*. Para dar conta desse objetivo, optei pela realização da investigação fundamentada na construção de retratos sociológicos dos professores-profissionais, tendo como base a proposta da teoria disposicionalista formulada e apresentada por Bernard Lahire.

Essa investigação, em termos operacionais, foi composta através do atendimento dos seguintes objetivos específicos:

- Selecionar os/as interlocutores/as gestores/as-professores/as de Educação Física e produzir os seus retratos sociológicos, considerando a metodologia descrita na obra de Bernard Lahire;
- Identificar, nas trajetórias e matrizes de socialização, as disposições caras à gestão das/nas Academias, descrevendo-as na perspectiva de compreender as variações individuais;
- Analisar as disposições identificadas e descritas em relação aos pontos de passagem da produção de conhecimentos acadêmicos da área, na perspectiva de colaborar com as discussões existentes.

Antes, porém, de trazer as decisões metodológicas e os esforços de pesquisas, descrições, análises e interpretações, inicio apresentando alguns conceitos-chave que foram importantes no desenvolvimento do estudo, tanto no que diz respeito à referência de sociologia individual/disposicionalista, como em relação aos fundamentos metodológicos.

3 SOCIOLOGIA DISPOSICIONALISTA E RETRATOS SOCIOLÓGICOS

Este trabalho investigativo está ancorado numa tradição disposicionalista da sociologia, tal como descreve González (2010, p. 343).

É fundamental destacar que essa proposta entende que não há nada de nós em nós mesmos, no sentido de algo original ou próprio, com exceção da forma particular como o mundo social se inscreve em nós. Assim, quando olhamos para o outro (e, é claro, para nós mesmos), estamos olhando para o mundo social nele incorporado; mundo social que toma uma forma específica em cada sujeito, mas que não deixa de ser mundo social.

Essa tradição é, sem dúvida, devedora dos trabalhos realizados por Pierre Bourdieu (1998, 2004, 2007) que colocam o indivíduo-agente e sua socialização-biografia substancialmente conformadas às determinações dos/nos espaços sociais por ele definidos como campos simbólicos ou universos relativamente autônomos, os quais, ao serem praticados, se incorporam na forma de estruturas estruturadas e estruturantes duradouras, geradoras de práticas e de visões de mundo, o *habitus*. Esse *habitus*, na perspectiva bourdieusiana, é um sistema de (pré)disposições que procura dar conta da homologia entre o social incorporado e a posição nos espaços sociais. Nas palavras do autor:

Uma das funções do *habitus* é a de dar conta da unidade de estilo que vincula as práticas e os bens de um agente singular ou de uma classe de agentes. Por isso, o *habitus* é um princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto unívoco de escolhas de pessoas, de bens, de práticas. (BOURDIEU, 1998, p. 21-22).

Contudo, sem esquecer a relevância dessa formulação disposicionalista para a sociologia, essa postura unificadora do *habitus* passou a ser questionada. E, dentre os pesquisadores que atuam nesse sentido, se destaca Bernard Lahire (Rosenfield *et al.*, 2015) como um continuador crítico da obra de Pierre Bourdieu. No trabalho intitulado “O homem plural”, Lahire (2002), explica que o *habitus* bourdieusiano pode ser visto como um sistema homogêneo de disposições gerais, permanentes, transferíveis de uma situação a outra, de um domínio de práticas a outro. Porém, numa postura crítica a esse entendimento, o autor afirma que cada vez menos agentes de nossas sociedades serão definíveis a partir de tal conceito. Nas sociedades contemporâneas, em que as crianças conhecem muito cedo uma diversidade de contextos socializantes, os patrimônios individuais de disposições raramente são

muito coerentes, homogêneos e transferíveis tal como fundamentado na obra de Pierre Bourdieu.

Para desenvolver essa continuação crítica, Lahire (2004, 2006) se apropria da perspectiva disposicionalista, mas se propõe a olhar com mais atenção para as diferenças internas de cada indivíduo, compreendendo que sujeito não é uma entidade unificada, separada do meio no qual interage, nem desligada das condições desta interação. Ainda que herdeira da tradição estruturalista, esta teoria considera que a sociedade é constituída de uma rede de relações sociais criada no decorrer de processos de socialização de longo prazo. Sendo assim, a investigação do social incorporado na forma de disposições deve não procurar o indivíduo apenas como sua reunião em grupos e classes, mas sim, ao contrário, estudar a emergência do indivíduo a partir da, e condicionada pela, rede de relações sociais na qual ele se socializa e interage.

Pensadores como Bourdieu, segundo Lahire (2004), observam os atores sobre apenas uma cena, em um só contexto, e acabam deduzindo disposições, sem questionar como estes atores conduzir-se-iam em outras circunstâncias, em outros contextos. Diferente disso, Lahire (2006), considera o processo de socialização não mais solto, ou mais independente da rede de relações, mas vê que esta rede é muito mais flexível do que parece na ótica dos campos sociais, exatamente porque ela é continuamente atravessada pelos processos temporais, pela vida cotidiana dos indivíduos, que as modifica no decorrer do tempo.

É aí que ganha importância, como estratégia metodológica do estudo sociológico, o olhar para a biografia como instrumento de pesquisa capaz de gerar dados para a explicação da ação social. Olhar para isso significa, na lógica lahireana aqui enfatizada, investigar exatamente as disposições ou os patrimônios disposicionais. De acordo com Lahire (2004), uma disposição é uma realidade reconstruída, que, como tal, nunca é observada diretamente. Para esse autor:

Falar de disposição pressupõe a realização de um trabalho interpretativo para dar conta de comportamentos, práticas, opiniões, etc. Trata-se de fazer aparecer o ou os princípios que geraram a aparente diversidade das práticas. Ao mesmo tempo, essas práticas são constituídas como tantos outros indicadores de disposição. (LAHIRE, 2004, p. 27)

Aprende/compreende que, aquilo que se faz e se diz em tal contexto, não se faz nem se diz em outro contexto. [...] o estoque é composto de produtos (os esquemas de ação), que não são todos necessários em todo momento e em todo contexto. Depositados (*deponere*) no estoque, estão disponíveis, à disposição, na medida em que se pode dispor (*disponere*) dele. Estes

produtos (da socialização) destinam-se muitas vezes a usos diferentes, postos temporária e duravelmente em reserva, à espera de desencadeadores de sua mobilização (LAHIRE, 2002. p. 37, grifo do autor).

Importante salientar também que não é possível entender disposição como sinônimo de capacidade ou de competência. A noção de disposição como chave interpretativa da sociologia diz sobre situações em que há tendências, inclinações, e não para um recurso que pode ser mobilizado de forma imediata e racional (Lahire, 2004). Isso porque, aquilo que foi incorporado (como disposição) não é idêntico ou está em harmonia com a situação presente, não havendo uma fórmula geradora de práticas, como uma espécie de lei interna unificadora (LAHIRE, 2002). Noutros termos, a sedimentação de vivências anteriores na forma de disposições leva a determinados impulsionamentos (como molas), mas isso não ocorre sem uma avaliação e uma atualização no contexto.

É por isso que, na proposta metodológica de Lahire (2004), ele salienta que uma disposição só se observa como informação sociológica por meio da interpretação de múltiplos traços, mais ou menos coerentes e contraditórios mobiliados pelos indivíduos estudados. Para que seja possível essa observação, torna-se fundamental, nas conversas e entrevistas com os atores, dedicar atenção às situações sociais (sejam elas, formais ou informais) que constituem espécies de ativadores de experiências incorporadas, aquelas situações que expõem as disposições incorporadas e, sobretudo, os contextos de socialização atreladas a constituição e atualização. Nos termos do autor,

Trata-se de fazer aparecer o ou os princípios que geraram a aparente diversidade das práticas. Compreende-se que indivíduos com diferentes experiências socializadoras passadas, se portam de maneira diferente frente a mesma situação, estas experiências se convertem em maneiras mais ou menos duradouras de ver, sentir e agir, isto é, em características disposicionais: propensões, inclinações, hábitos, tendências, persistentes maneiras de ser [...] (LAHIRE, 2004, p. 30).

E, para fazer aparecer as disposições no estudo sociológico, além do que já foi exposto, Lahire (2004) sugere que se observe a gênese, a repetição, a intensidade e a duração das disposições. Para o autor, no processo investigativo das variações intraindividuais, é importante situar a gênese das disposições no processo de socialização. Não menos significativo, denota o autor, é olhar atentamente para a repetição, no sentido de que a incorporação não ocorre de maneira miraculosa. A disposição contém a ideia de recorrência numa série de acontecimentos e de práticas, mas que também está atrelada a intensidade com que são vividas, em termos de

engajamento. Atrelado a isso, o autor sustenta a relevância de se observar a duração no sentido de que as disposições demandam um nível de atualização e de reforço, pois aquelas que não são reforçadas acabam por perder força e se esfacelam.

Isso tudo depende do olhar para como as disposições são nutridas de acordo com a heterogeneidade das matrizes sociais (como, por exemplo, a família, a escola, o trabalho, a igreja, a universidade, o grupo de lazer). As disposições são incorporadas no processo de socialização dos sujeitos nessas matrizes e, sendo assim, são potencialmente tão diversas quanto os contextos nos quais o sujeito as incorporou para a atuação social, bem como da heterogeneidade das relações que ele estabeleceu no interior desses espaços. Em sociedades contemporâneas como as atuais, os sujeitos iniciam processos de socialização desde muito cedo em espaços bastante diversos, fato que contribui para incorporarem disposições diferentes, tornando sua catalogação mais difícil, sua inserção em um mesmo agrupamento (numa perspectiva de unicidade, tal como propõe a lógica bourdieusiana).

Nesse sentido, nas suas argumentações a respeito de uma sociologia dos indivíduos, Lahire (2002, 2004) parte da hipótese de que o indivíduo se socializa a partir de uma pluralidade e de uma heterogeneidade de disposições incorporadas, não construindo suas práticas seguindo um princípio unificador norteador. Para ele, o indivíduo faz uso de uma grande variedade de referências disposicionais, às vezes referências incoerentes ou até mesmo contraditórias. Portanto, o autor aposta na pluralidade das fórmulas geradoras das práticas incorporadas.

Exatamente para escapar do senso comum, da indeterminação dos constrangimentos, Lahire (2004) propõe a construção de retratos sociológicos como estratégia metodológica de investigação e de produção de conhecimentos a respeito das variações intraindividuais (não homogeneidade ou unicidade disposicional). Visualizamos, aqui, a possibilidade de contribuição de nossa pesquisa, isto é, de somarmos aos esforços de criação do arcabouço teórico-científico, que visam ampliar a compreensão de situações ligadas à gestão e aos gestores de academia, a importância dessas variações, demonstrando sua participação na atuação do gestor investigado.

Todo o apreciador de ópera deve vestir-se com os trajes mais formais? Esse mesmo indivíduo, amante da música clássica, estaria proibido de ler revistas em quadrinhos? Estes são alguns questionamentos para exemplificar o que Lahire chama de variações intra-individuais. Para detecção e análise dessas variações, Lahire

submeteu 8 pessoas, em várias oportunidades, a entrevistas sobre os mais variados temas: escola, família, trabalho, lazer, entre outros. A ideia foi descrever homens e mulheres através de suas constâncias e variações, a fim de compreender melhor as razões de suas ações. Após a realização de várias entrevistas com cada interlocutor, Lahire se debruça sobre a construção de um retrato sociológico individual. Por essa analogia, Lahire estaria com uma aquarela em uma das mãos, um pincel na outra, representando, com base na análise do que foi dito nas entrevistas, os contornos que definem cada um dos analisados em tela. (LAHIRE, 2004)

Por vezes os traços convergirão em temas diferentes, haverá coerência, por outras não. E não há, nessa proposta, a menor intenção de buscar premeditadamente aproximações ou afastamentos. Há sim, o desejo de expressar essas ações, sentimentos, formas de agir e de pensar sugerindo como analogia, uma pintura, a construção de um retrato que absorverá todas essas nuances e variações individuais. A pretensão é a de que, uma vez ciente dessas formas, seja possível avançar na compreensão das ações dos entrevistados em que pese as suas trajetórias individuais.

Dando continuidade ao exercício de analogia proposto, entendi que antes de encarar 'o pincel e a tela' seria ainda pertinente, promover uma busca específica na literatura, por trabalhos que tenham tido a mesma iniciativa de utilização do embasamento teórico retratos sociológicos a fim de identificar e compreender propensões acionadas em momentos de administração e/ou gestão.

Encontrei dois estudos que realizaram análises nessa perspectiva, da compreensão de trajetórias e disposições incorporadas pelos atores-gestores, centrando seus esforços em como esse patrimônio disposicional impacta suas formas de ver, de pensar, de agir, e reagir a determinadas situações de prova.

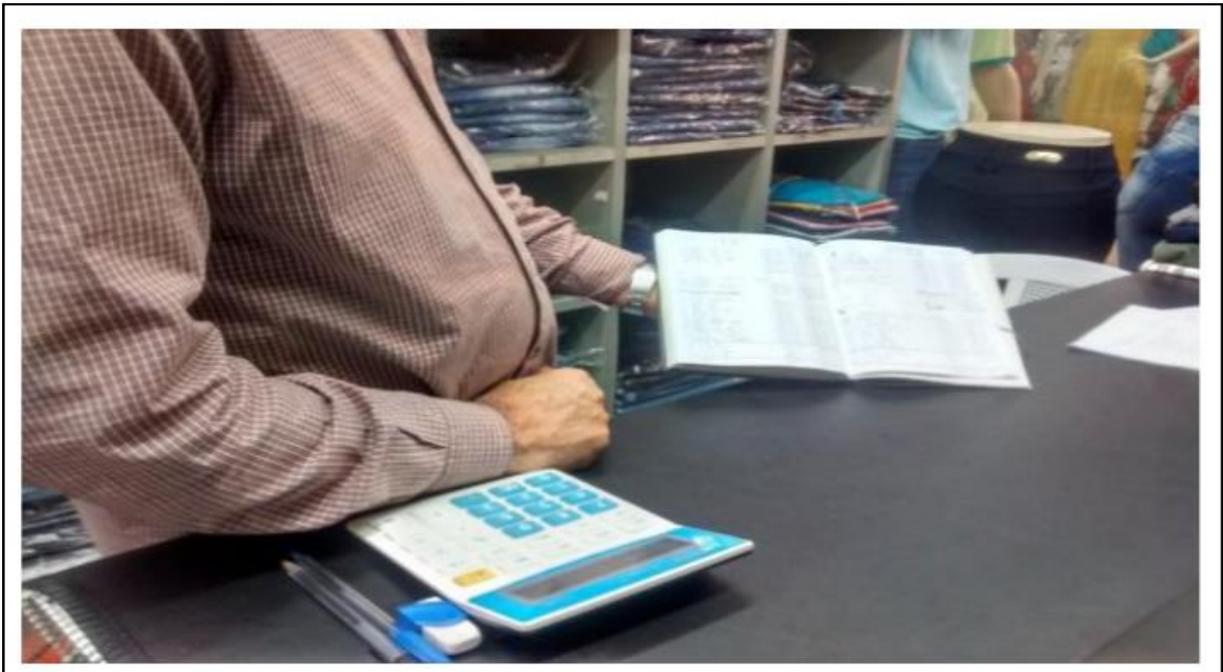
O primeiro estudo foi realizado e publicado por Paiva, Sá e Souza (2018), com o objetivo de compreender as disposições administrativas, que podem ser elaboradas por meio das diferentes características dos proprietários de lojas de um grande centro de compras do agreste pernambucano. Numa região historicamente relevante na produção e comércio de confecções, os pesquisadores procuraram entender como comerciantes, oriundos das feiras de rua, se adaptaram administrativamente a uma nova realidade oferecida por um centro comercial com lanchonetes, ar-condicionado, banheiros e caixas eletrônicos. Sob a ótica da teoria disposicionalista de Lahire, os autores da pesquisa mostram como os comerciantes foram afetados, especificamente

em suas administrações, por esse novo cenário, uma vez que têm forjadas, fortes tradições de comércio de rua.

Na produção da pesquisa, além de utilizar métodos estatísticos e informações relevantes acerca do público lojista, os pesquisadores desenvolveram observações de inspiração etnográfica, com diário de campo e conversas com o público estudado, ao longo de um período de dez meses. Para análise dos produzidos em 66 entrevistas semiestruturadas junto a esses lojistas foram criadas 4 categorias temáticas: origem familiar e trajetória profissional; rotinas administrativas; relação com o ambiente de trabalho; visões de futuro para o negócio.

Sobre a segunda categoria, destaco um trecho, ilustrado por uma imagem: “Já o controle financeiro do negócio é realizado por todos os proprietários entrevistados. No entanto, dentre estes, 80% o faz unicamente de maneira manual a partir do uso de cadernetas ou livro caixa [...]” (PAIVA; SÁ; SOUZA, 2018, p. 47).

Figura 1 - Caderneta e calculadora utilizadas para o controle de fluxos financeiros



Fonte: Paiva, Sá e Souza (2018, p. 47)

Para Paiva, Sá e Souza (2018), a importância dessa noção para o estudo das práticas é que ela possibilita nortear um entendimento sobre como o passado dos agentes se faz corpo no presente. No caso dos atores principais deste estudo, foi observado que suas práticas de gestão são profundamente afetadas pela trajetória

individual. Mesmo em um contexto com toda a infraestrutura de um shopping center, prevalecem as disposições forjadas e observadas no período de feira de rua.

O segundo estudo que acessei foi uma dissertação de mestrado desenvolvida por Costa (2012). Esse trabalho teve o objetivo de apreender as relações sociais implicadas na criação e condução de uma lavanderia de roupas por um grupo de mulheres antes envolvido quase exclusivamente na prestação de serviços domésticos. Como estratégia de análise, a autora optou por traçar, a partir da história de vida da articuladora da criação da lavanderia, D. Miúda, um retrato sociológico, nos termos de Bernard Lahire.

Nessa obra mencionada de Lahire (2004), o sociólogo entrevistou oito pessoas, seis vezes muito amplamente sobre questões diferentes (escola, família, trabalho, etc.). Sua proposta é que através das convergências e variações observadas, é possível produzir um retrato sociológico dos entrevistados. A justificativa para essa metodologia aparece em sua obra da seguinte forma:

Só um dispositivo metodológico desse tipo permitiria julgar em que medida algumas disposições são ou não transferíveis de uma situação para outra e avaliar o grau de heterogeneidade ou homogeneidade do patrimônio de disposições incorporadas pelos atores durante suas socializações anteriores. (LAHIRE, 2004, p. 32).

Voltando à dissertação sobre D. Miúda, a autora coloca que a apreensão dos significados, tanto no que diz respeito às posições sociais dos agentes envolvidos quanto na tradução de transformações sociais mais amplas no universo local, da criação da Lavanderia Mãe & Filhas é o que dá sustentação e consistência sociológica à pesquisa (COSTA, 2012). Num primeiro momento, através dos relatos de D. Miúda, foram elaboradas unidades temáticas de análises, e pelo conteúdo encontrado em cada uma delas foi possível então a produção do retrato sociológico da protagonista do empreendimento. Não está explícito, no trabalho, o número de entrevistas, nem o intervalo entre elas, mas a autora coloca que além destes encontros, foram feitas observações da vida cotidiana e entrevistas com quatro, das nove filhas de D. Miúda.

Ao produzir suas análises, Costa (2012) desenvolve debates que relacionam a trajetória da D. Miúda com questões de gênero, relações de trabalho e racismo. A autora finaliza sua dissertação afirmando que buscou interpretar os sentidos atribuídos por D. Miúda às transformações sociais, especialmente no mundo do trabalho, que as envolveram e redefiniram suas vidas.

As contribuições ofertadas por essas produções foram de extrema relevância para o presente estudo. Pude constatar que a metodologia apresentada e fundamentada por Lahire, assim como a sua visão sobre a constituição da rede de relações sociais, é muito mais flexível. Se o primeiro trabalho, foi capaz de atender a um pesquisador que se valeu inclusive de instrumentos etnográficos, para pesquisar um número quase dez vezes superior à obra referência e que corroborou a ideia de que as disposições, acompanham os gestores, independente da estrutura oferecida, o segundo foi hábil em evidenciar transformações sociais, sendo ainda capaz de apreender significados do universo dos pesquisados e de trazer à tona questões como as de gênero.

Tamanha capacidade de abrangência e maleabilidade demonstradas tanto pela metodologia como pelos autores, foram essenciais em meu encorajamento para viabilizar mais uma conexão à metodologia de Lahire. Entendi que, também por esta metodologia, utilizando como instrumentos centrais, as entrevistas e suas interpretações, poderia produzir a identificação e análise das incorporações das disposições específicas para a gestão de academias por professores/as de educação física e gestores/as. Tudo isso mantendo a interlocução com os achados científicos da área, para quem sabe, ampliar os instrumentos de busca e compreensão acerca do perfil, da formação e de situações específicas da gestão das academias. Com a visualização deste propósito, passei a centrar meus esforços em como atingi-lo. Para tanto, prossigo com o capítulo da metodologia, onde descrevo como foi planejada e executada essa caminhada.

4 METODOLOGIA

Uma vez definidos os objetivos e as questões operacionais do estudo, como também delimitada uma obra de referência teórico-conceitual, nesta seção do trabalho procuro contextualizar, descrever e justificar um conjunto de decisões metodológicas que foi colocado em ação no desenvolvimento da pesquisa.

4.1 Pesquisa qualitativa

Início com a demarcação de que a presente pesquisa foi desenvolvida numa abordagem qualitativa. Essa perspectiva corresponde ao entendimento de Creswell (2014), para quem:

[...] a pesquisa qualitativa hoje envolve maior atenção à natureza interpretativa da investigação, situando o estudo dentro do contexto político, social e cultural dos pesquisadores e a reflexão ou “presença” dos pesquisadores nos relatos que apresentam. (CRESWELL, 2014, p. 50)

Essa minha decisão sobre a abordagem qualitativa também me coloca ao lado de Minayo (2006), quando a autora afirma que a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares e que não deveriam ser quantificadas. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. No caso específico desta pesquisa, nessa abordagem, nos propomos a compreender processos de incorporação e de atualização de disposições para a gestão de Academias.

A partir do que foi demarcado e sustentado na seção anterior, a construção da investigação esteve norteada pelos pressupostos e conceitos constantes da sociologia disposicionalista, em especial dos elementos constantes da obra de Bernard Lahire (2004, 2006).

4.2 Interlocutores da pesquisa

Na obra de Lahire (2004) que norteia esta produção são apontados os elementos trabalhados acerca da escolha dos atores a serem entrevistados para a definição de seus retratos sociológicos. Ainda nas primeiras linhas, o autor afirma que sua obra tem “caráter extremamente experimental”, ressaltando que os dados descritos não serão tratados de forma clássica, e sim sob a perspectiva de uma

vontade de testar empiricamente a validade e a pertinência relativas aos conceitos de disposição, competência, apetência, transferibilidade, ou de aplicar um dispositivo metodológico inédito para as necessidades dessa reflexividade.

A ênfase ao protagonismo empírico e inovador, segundo Lahire (2004), podem ser percebidos na descrição de escolha dos interlocutores:

Amiga de uma amiga (encontrada somente em festas), conhecido encontrado em um clube esportivo, de forma irregular, durante as refeições, conhecido de algum parente, irmã de um amigo (encontrada ocasionalmente), amigo de um casal de amigos (encontrado em festas), amiga de um colega de trabalho, médico ocasional dos filhos, estudante e amiga das colegas de trabalho, estes foram os diversos tipos de vínculos que uniram cada pesquisado a seu(sua) pesquisador(a). (LAHIRE, 2004, p.33-34)

Apresentados de maneira sintética, no capítulo anterior, elementos da teoria disposicionalista de Lahire, como também sua presença em pesquisas que olham para empreendedores/gestores de negócios, para entrar na questão da definição dos interlocutores da pesquisa, retomo o objetivo geral: compreender trajetórias de socialização profissional de professores-profissionais de Educação Física que ocupam lugares de gestão de academias e que, para sustentarem seus empreendimentos e se sustentarem como gestores, estiveram empenhados numa corrida pela profissionalização de suas prática.

Baseado nesta decisão, produzi os critérios descritos abaixo para seleção dos interlocutores do estudo que, uma vez aceita a participação, teriam, com este pesquisador, 4 encontros com intervalos de 30 dias entre eles.

- professores e professoras de educação física que atuam como gestores à frente de seus empreendimentos em academias na cidade de Porto Alegre;
- profissionais que manifestem disponibilidade diante das demandas da pesquisa, que, como descrevo mais adiante, envolve a realização de 4 entrevistas;
- entendendo a relevância das questões de gênero ligadas às respostas produzidas na gestão, optei pela seleção de dois homens e duas mulheres.
- na escolha das pessoas, considere ainda uma subdivisão pelo tempo de atuação dos(as) interlocutores(as) nesta posição sobreposta de professor(a)-gestor(a).
- considere um 'prazo de corte' de 5 anos, o que me orientou para a busca e seleção de uma mulher e um homem com mais de 5 anos de atuação como gestor e professor, e, da mesma forma, um homem e uma mulher com experiência inferior há 5 anos.

Considerando esses critérios, mas também as colocações de Lahire (2004) sobre sua seleção de interlocutores, iniciei o processo de negociação da participação dos interlocutores na pesquisa, abordando aqueles professores-gestores que desenvolvi alguma aproximação durante minhas práticas profissionais. Este dispositivo metodológico apresenta desafios peculiares ao pesquisador, como por exemplo, o do tempo disponível. Os interlocutores da pesquisa têm dúbia atuação, tornando suas agendas bastante disputadas por questões técnicas e administrativas. Convencê-los a 'abrirem mão' de uma hora de seus dias, em quatro momentos distintos para auxiliar um pesquisador, dispondo-se a praticamente fazer uma análise, muitas vezes expondo situações íntimas, caras, não foi algo simples.

Minha atuação profissional não foi apenas precursora da problemática desta pesquisa, como demonstrado no prólogo, mas instrumento de aproximação com aos pesquisados. Percebi, durante o processo de apresentação da pesquisa e ao longo dos encontros, que o fato do entrevistador ser alguém que até recentemente vivenciava as mesmas questões dos entrevistados, ofereceu credibilidade a todo o contexto que envolvia cada encontro.

Também não há, na obra tratada como referência teórico-metodológica desta pesquisa, fixação de matrizes socializadoras, ou de número de entrevistados, oferecendo, de alguma forma, autonomia aos que assim como eu, decidirem investir seus esforços na construção de retratos sociológicos. Procurei manejar com este desprovemento de parâmetros mais rígidos, sem me afastar das diretrizes da obra, optando pelas matrizes familiar e de formação, apontadas como 'grandes matrizes socializadoras' pelo autor, mas também pelas do esporte e da gestão, pela clara identificação deste trabalho com professores de educação física, sobretudo por se tratarem de professores que também atuam como gestores de seus empreendimentos

A opção pelos intervalos de 30 dias foi feita a partir do entendimento de que representaria um prazo suficiente tanto para os interlocutores, quanto para o pesquisador assimilarem os elementos trabalhados nos encontros. Uma das preocupações de Lahire é exatamente a oportunidade de possíveis acréscimos ou supressões da realidade dos relatos. Entendi que minha 'moeda de aproximação' — a de representação de uma figura que recentemente realizava atuação similar — deveria ser tratada de forma cuidadosa.

Assim, meus primeiros passos de seleção e de negociação com os 4 interlocutores para a pesquisa estiveram voltados pela proximidade de relação. Minha

trajetória e o conseqüente relacionamento desenvolvido com tantos profissionais ao longo de mais de duas décadas, não foi, no entanto, o suficiente para obter êxito. O desafio da aceitação pela questão do tempo já trazido, assim como outros que procurarei descrever de forma mais detalhada na exposição dos retratos construídos, resultaram, por exemplo, em duas desistências durante o desenrolar dos encontros.

4.3 Realização das entrevistas e questões éticas de pesquisa

Há ainda de se ressaltar, para a exposição da técnica metodológica trabalhada durante esta pesquisa, sobre a forma como foram realizados os encontros. Lahire (2004) traz, por exemplo, a situação de um médico analisado em sua produção. Previamente foram acordados os encontros na casa do interlocutor, mas um deles acabou se concretizando em seu consultório, por questões de disponibilidade.

Menciono essa situação descrita pelo autor porque, depois de iniciada a construção da fundamentação teórica da presente pesquisa, há pouco mais de um ano e até mesmo já tendo sido realizada uma entrevista, questões profissionais de minha esposa fizeram com que toda minha família se mudasse de Porto Alegre, nossa cidade natal, para Florianópolis. Este fato desconstruiu o planejamento inicial de fazer as entrevistas *in loco*. Tal situação foi, portanto, decisiva para que as demais entrevistas fossem realizadas por videochamada, com pequena variação de plataformas (*WhatsApp®* e/ou *Google Meet®*).

Outro momento de desconstrução vivenciado durante a prática da pesquisa se deu em relação aos roteiros pré-estabelecidos de entrevistas. Os primeiros encontros me fizeram entender que, mediante tamanha heterogeneidade dos entrevistados, dar seqüência a opção inicial por um roteiro único, não apenas ofuscaria algumas variações individuais, mas também seria um obstáculo a mais na tentativa de desenvolver uma melhor relação com os entrevistados. A prática de campo (das entrevistas) me mostrou que para este tipo de abordagem, onde se propõe 4 encontros diferentes, todos com mergulho em questões íntimas, muitas vezes caras aos interlocutores, as perguntas feitas de improviso, aproveitando o momento da fala e estabelecendo conexões com discursos anteriores, são mais produtivas, proporcionam maior intimidade e conseqüentemente, maior aprofundamento/entrega do entrevistado.

O processo de convencimento dos interlocutores, já descrito como um dos grandes desafios dessa proposta metodológica, não era visualizado dessa forma inicialmente. À medida que os convites eram feitos, e, com raras exceções, aceitos com entusiasmo, fui sendo convencido de que esse era um daqueles desafios que somente a prática, a atuação em campo do pesquisador é capaz de apresentar. Vivenciei algumas negativas, sempre sob a justificativa de tempo, mas também desistências, sem nenhuma satisfação. Simplesmente minhas mensagens e tentativas de contato não eram mais aceitas, e menos ainda retornadas. Visualizando a complexidade envolvida neste aceite que passa por questões emocionais, mas sobretudo de tempo, fui constituindo aquela que entendia como abordagem mais convincente, e, para tanto, a identificação inicial e formal de pesquisador foram fundamentais. Felipe, o interlocutor com quem possuía o maior vínculo precedente ao momento da pesquisa, foi o único com quem 'queimei' a etapa formal da assinatura do termo de aceite. Com os demais, incluindo aqui os 'desertores', o termo de consentimento foi utilizado como um demonstrador de credibilidade tanto da pesquisa, quanto do pesquisador, numa tentativa de deixar claro que os encontros fazem parte de todo um contexto, e que, uma desistência representaria prejuízos tanto para o pesquisador, que também está disponibilizando seu tempo, como para a Universidade. Procurei demonstrar a responsabilidade do momento e da instituição, que foca boa parte de seus esforços na produção de conhecimentos através da pesquisa e que, naquele momento, ofertara todo o suporte para que aquele encontro não apenas fosse realizado, mas para que dele fossem produzidos os melhores resultados.

Essas informações constavam numa Carta de Apresentação e no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 4), documento este que será desenvolvido de acordo com os elementos definidos nas resoluções mencionadas acima.

Caminhando para a constituição das entrevistas, a pré-definição das matrizes foi adaptada à temática da pesquisa. Lembrando que Lahire (2004) refere-se ao seu modo de pesquisa 'Retratos Sociológicos' como de "caráter extremamente experimental", o que se vê em sua obra é a indicação do que chama de "grandes matrizes socializadoras" como essenciais. Família, escola e atividades de lazer (aqui adaptadas pelo contexto para matriz esporte) são citadas como parte desse conjunto,

como grandes geradoras de inclinações, tendências, enquanto a matriz gestão, foi trabalhada por representar a temática central da pesquisa.

No seguinte trecho, é possível identificar o pensamento de Lahire (2004) em relação à escolha das matrizes:

Entretanto, cada grade não pretende abranger uma matriz socializadora (uma esfera de atividade ou um domínio de práticas) diferente. Embora possamos ter a impressão de lidar com universos relativamente autônomos, que correspondem a espaços-tempos específicos, quando se trata de família, escola ou trabalho, as realizações estão muito mais entrelaçadas do que se imagina, quando se começa a detalhar as práticas. (LAHIRE, 2004, p. 38)

Proponho, ainda, um avanço nesta reflexão, trazendo que percebi ser tão relevante quanto a escolha das matrizes socializadoras, o olhar para as disposições nelas incorporadas, mobilizadas, modificadas, inibidas, etc. Na dissertação de Costa (2012), a opção pelas matrizes: Casamento, família, trabalho em casa, trabalho fora, festas, vida no sítio e cidade, denotam claramente a liberdade de o pesquisador em promover as adaptações que entenda serão capazes de fornecer as informações mais adequadas à análise. Nesta produção, esta liberdade de criação esteve atrelada aos elementos que foram surgindo durante as entrevistas, mas com o cuidado de manutenção da interlocução com os conhecimentos da área já presentes em decorrência dos estudos e análises no primeiro momento desta pesquisa.

Com o intuito de finalizar essas particularidades ligadas à construção e realização das pesquisas, exponho como foram feitas as gravações e posteriores transcrições. Já contextualizada a opção pela forma de abordagem foi a de videochamada, e, para a gravação dos dados, acionava um gravador de voz. Tanto o gravador do *notebook* utilizado para a escrita da pesquisa, quanto o do telefone celular, mostraram-se insatisfatórios na capacidade de gerar um bom áudio, tornando as transcrições, que por si só, já representam um desafio sobretudo pelo tempo demandado, algo ainda mais exigente. Essas transcrições foram feitas e salvas em documentos do aplicativo *Word* da *Microsoft®*, para posterior análise. Carregadas de gírias e abreviações (as quais foram transcritas), fui convencido pelo meu orientador de que o cuidado com as correções de vício de linguagem, não representaria perda de autenticidade caso fossem realizadas em consonância com o significado e o contexto da narrativa, portanto, no texto onde foram expostos os retratos, as falas foram submetidas a esse processo.

A relação com os interlocutores da pesquisa levou em conta as definições e disposições constantes nas resoluções 466/12 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde a respeito da investigação com seres humanos. A realização da pesquisa foi apreciada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e aprovada (CAAE: 56753522.0.0000.5347).

Considerando os cuidados necessários para a realização das entrevistas, tomei o cuidado de, na conversa inicial, observar se havia informações/indícios que indiquem desinteresse ou mesmo constrangimentos do interlocutor, entendendo que, diante disso, não era o caso de insistir no convite e nas negociações. Como a seleção dos interlocutores envolveu a abordagem de pessoas já conhecidas, entre os propósitos dessa conversa inicial esteve a preocupação de deixar claro que se tratava de um convite que elas podiam declinar sem problema ou prejuízo algum, fazendo isso na perspectiva de evitar a situação de que se sentissem coagidos. Mesmo para aqueles que aceitaram e assinaram os termos do consentimento, ao longo do processo de realização das entrevistas (como envolvia várias entrevistas com a mesma pessoa), estive atento a dinâmicas nas quais os interlocutores demonstravam desinteresse ou incômodos. O objetivo disso foi deixar bastante clara a possibilidade de encerramento da relação com a pesquisa, sem prejuízo algum para o interlocutor, visando evitar situações em que eles se sintam coagidos ou constrangidos.

4.4 Produção dos retratos sociológicos

Como o objetivo da pesquisa é compreender singularidade de cada uma das trajetórias investigadas em que pese sua corrida pela profissionalização, não há aqui a predisposição em considerar o indivíduo como representante de uma classe ou instituição, mas de, assim como na obra de Lahire, entendê-lo na relação com múltiplas e complexas experiências socializadoras. Nessa perspectiva é que produzi os retratos sociológicos dos 4 interlocutores que aceitaram fazer parte da pesquisa.

Este aceite em fazer parte da pesquisa pode parecer, num primeiro momento, algo desprovido de qualquer complexidade. No entanto, convencer 4 personagens que, pela característica que os une de uma dupla atuação, têm suas agendas repletas de solicitações familiares e profissionais, sendo esta última ainda dividida entre as de professor e as administrativas foi algo que exigiu alguma capacidade de convencimento. A primeira reação é quase sempre acompanhada de um “veja bem...”

ou “fica complicado para mim 4 encontros...”. Houve ainda duas situações nas quais, depois de já realizadas duas entrevistas, simplesmente não consegui estabelecer nenhum tipo de contato. Neste segundo caso específico, minha experiência, me poupou da transcrição das entrevistas que já havia sido realizada com o interlocutor da primeira desistência.

Para alcançar uma resposta positiva, procurei sempre demonstrar a seriedade da pesquisa, a capacidade de produção de conhecimento a que estava atrelada e que, portanto, os benefícios não seriam proporcionados ‘somente’ para o pesquisador e para a Universidade, mas para todos os que acessassem o material posteriormente. Nesse sentido, além da formalidade/credibilidade atreladas à carta de aceite, minha identificação como gestor e professor, como alguém que até pouco tempo vivia o que os interlocutores ainda estavam vivendo mostrou-se importante.

Acerca da construção dos retratos sociológicos dos entrevistados, começo expondo que a primeira impressão que tive ao ler a obra do autor, foi a de um sentimento difícil de descrever, mas que talvez possa estar próximo da impotência. Observando a abrangência e a profundidade que Lahire foi capaz de proporcionar ao leitor, expondo detalhes minuciosos, pude entender na prática a escolha pelo título do livro. À medida que os retratos eram lidos, instintivamente, imagens ou possíveis ‘retratos’ dos personagens eram construídos em meu imaginário. Como farei para construir e descrever os meus retratos, se não disponho nem da prática de pesquisador e muito menos da bagagem conceitual do autor que construiu a teoria?

Além de referir-se a própria obra como um “dispositivo metodológico inédito”, o autor procura fundamentá-la a partir de uma posição de continuidade crítica, mas também de ruptura, com a noção de *habitus*, formulada por Bourdieu. Em alguns momentos de construção desta pesquisa, como no da construção dos retratos sociológicos, essa foi a estratégia. Entendi não ser necessário aderir por completo ao seu projeto, mantendo incorporação do que há de promissor na sua proposta metodológica. Assim, ao mesmo tempo que tive na sua obra, fonte central de inspiração, reservei um grau de liberdade capaz de auxiliar nos tensionamentos e reflexões específicas desta pesquisa.

Um exemplo de utilização dessa reserva foi a opção pela produção por seções dos retratos, a fim de manter o leitor mais próximo de uma das propostas da pesquisa, a de não perder a interlocução com os achados científicos da garimpagem acadêmica. Para as matrizes da gestão e da formação acadêmica, a relação é quase que

espontânea e imediata com os grupos de trabalhos definidos naquele momento, já que são quase homônimos. Já o terceiro grupo, o do perfil dos gestores, a ideia foi de que por serem professores/as de educação física, uma possível identificação de propensões mais relacionadas ao que constituiria os seus perfis, passaria por vivências atreladas à família e ao esporte. Ainda sustentando a opção de exposição dos retratos através das matrizes, trago o seguinte trecho da obra de Lahire (2004), como fundamento:

Sem título evocador ou atraente, sem conclusão que resuma o personagem, sem violação da coerência global dos comportamentos e das atitudes: um trabalho interpretativo longo sobre aspectos que parecem tanger ao detalhe, passagens aparentemente repetitivas e, se acrescentarmos a isso a ausência de objeto “concreto”, de questão social que englobe todos os retratos e que entusiasme o leitor a concentrar sua atenção sobre ela, estes estudos podem decepcionar uma parte das expectativas comuns do leitor em busca da história de vida, de biografia(e de “moral da história”), assim como do leitor que lê os trabalhos de ciências sociais mais por seus “conteúdos” do que por suas “formas”(ou suas “maneiras”) (LAHIRE, 2004, p. 46, sublinhado meu).

A aleatoriedade utilizada para a escolha dos entrevistados de Lahire(2004), incluía o fato de haver (ou não) vínculo entre eles. Por isso, entendo que a referência na citação anterior à ausência de objeto que funcione como agregador dos retratos, valerá para esta pesquisa como mais um ponto de validação da utilização do formato de matrizes para a exposição dos retratos. Se, em sua produção, não havia um componente agregador proposto, toda esta produção foi planejada, operada e neste momento escrita, com base nas formações e atuações semelhantes dos entrevistados. É este o ponto central de análise dos achados individuais, mas também das comparações produzidas entre eles.

Prossigo, na reflexão sobre a opção de construção e exposição dos retratos sociológicos utilizada nesta pesquisa, trazendo as produções de outros pesquisadores que também se valeram deste recurso metodológico em seus trabalhos. Pares fundamentais no sentido de encorajamento, de reversão ao meu sentimento inicial de impotência ao pensar em produzir um retrato sociológico. Entendi que a leitura de suas produções seria um bom primeiro-passo, uma boa aproximação para compreender por onde, e como, afinal de contas, inicia-se essa construção.

No artigo de Paiva, Sá e Souza (2018), onde são analisadas as disposições de comerciantes do agreste pernambucano, talvez até por tratar-se de um artigo, não houve essa etapa de construção do retrato. As entrevistas foram feitas por questionário e a análise por uso de um aplicativo num primeiro momento. Num

segundo, depois de uma pré-seleção, cinco comerciantes foram acompanhados em caráter etnográfico, e surgiram, da soma desses esforços, as análises de propensões, me fazendo entender que, sob este aspecto, não encontraria recursos para tal especificidade nesta produção.

Em sua tese, Gonzalez (2010) optou pela formulação de dois retratos sociológicos, justificando ter subestimado o tempo necessário para a exposição completa das análises de cada caso. O autor coloca que foi necessário uma reconfiguração de sua pesquisa para que apresentasse dois dos casos que inicialmente achou possível. Mas a opção de Gonzalez, não passou só pelo tempo. A escolha de seus casos teve como base a ideia de que ambos eram oriundos de espaços socioeconômicos e familiares semelhantes, mas com percursos diferentes no que diz respeito ao seu vínculo com as práticas corporais (práticas estas que protagonizaram sua produção). Elementos que levaram o autor a construir os retratos de forma muito similar aos da obra de Lahire.

O trabalho de Costa (2012) ocupou uma espécie de posição intermediária. As entrevistas e as categorias de análise foram feitas com filhas, familiares e outros personagens ligados à personagem central: Dona Miúda, uma lavadeira humilde, com atitude empreendedora na cidade de Parnamirim, interior do Rio Grande do Norte. Dessa forma, a construção do retrato de D. Miúda, passou pela liberdade que a autora se permitiu em utilizar elementos colhidos na entrevista da protagonista do trabalho, mas também por dados coletados junto aos coadjuvantes.

O que procurei trazer à reflexão é que os que se aventurarem na utilização deste instrumento metodológico possuem autonomia para produzir adaptações que atendam aos seus propósitos ou até mesmo, que minimizem alguma dificuldade que o processo de realização imponha, como foi o caso de Gonzalez que, de alguma forma, subestimou a demanda de tempo, e foi obrigado a diminuir o número de interlocutores.

Tomando esses e outros elementos como base, parti para a construção dos retratos. Lembrando que, dentro da especificidade a que esta produção se propôs, a construção deles procurou manter a interlocução com as categorias temáticas dos achados científicos encontrados ainda no momento inicial deste trabalho. Depois de lidas e relidas pelo menos uma vez a transcrição das entrevistas que produzi, procurei pinçar elementos da forma como cada um dos trabalhos citados anteriormente, compôs seus retratos para então, formar o meu próprio modelo. Entendo que transitei

por diferentes posições na construção dos retratos. Em alguns momentos expondo respostas literais, em outros as parafraseando, e, e em meio a tudo isso, narrando algumas situações peculiares ligadas à percepção do momento da entrevista, tive a pretensão de ofertar maior capacidade de aproximação do leitor com o interlocutor.

O que objetivei apresentar ao leitor desta pesquisa, através desse posicionamento, foi uma perspectiva da intimidade que a obra de Lahire produziu em mim, em relação aos seus entrevistados. Me lembro de momentos de alegria, de tristeza, de ter sido impactado e muitas vezes me identificado com situações expostas. Todo esse envolvimento foi fundamental para maior compreensão acerca da análise de cada um dos pesquisados. Nesse sentido, entendo que as transcrições literais são fundamentais. Nelas, suas expressões, referências, foram expressas de maneira muito autêntica nesse momento, e procurei trazê-las por isso, sempre com o cuidado de contextualizá-las com a narrativa e com o momento de composição do retrato,

A opção pela separação das matrizes para a escrita acabou (confesso que, inicialmente, sem essa intenção) servindo como um balizador para as construções. À medida que descrevia as relações familiares, a indissociabilidade já trabalhada nesta pesquisa, me conduzia a contextos sociais, esportivos e/ou escolares, proporcionando a mim, enquanto pesquisador e escritor uma maior lucidez sobre quem eram cada um dos interlocutores, que espero tenha tido capacidade de reproduzir na escrita.

Quero relatar ainda, a opção de expor os retratos na ordem em que foram construídos. Neste aspecto, minha pretensão foi a de mostrar ao leitor o quanto (acredito) fui me tornando menos inseguro para conduzir as entrevistas durante todo esse processo.

Encaminho o detalhamento acerca da construção dos retratos para o final, trazendo o que foi exposto ainda na introdução deste trabalho em relação aos diferentes momentos de sua produção. Se durante os dois anos de construção, diferentes contextos de socialização transformaram um professor com propensões 'cartesianas', em um pesquisador apaixonado pela teoria disposicionalista e por tudo que ela pode propiciar, o decorrer das entrevistas e das construções dos retratos também proporcionaram atualizações, que espero, tenham se traduzido em avanços. Além disso, cabe salientar, os episódios de desistências me fizeram refletir e tentar achar na minha condução, na maneira com que abordava os possíveis novos colaboradores da pesquisa, um equilíbrio entre a relevância do momento, e a descontração necessária para minimizar a chance de desistência. Deriva desse

sentimento também a opção por não seguir um roteiro fixo. Acho que resiliência, permitindo um momento de auto-interpretação, foi uma propensão muito acionada por mim nesses encontros.

4.5 Análises e interpretações

Início a exposição de como foram constituídas as unidades temáticas e suas posteriores análises pelo seguinte trecho da obra de Lahire (2006):

Em vez de pressupor a influência de um passado incorporado necessariamente coerente sobre os comportamentos individuais, mais do que imaginar que todo o nosso passado, como um bloco ou uma síntese homogênea (sob a forma de um sistema de disposições ou valores), pesa a todo momento sobre todas as nossas situações vividas, o sociólogo pode indagar-se sobre o desencadeamento ou não desencadeamento, a implementação ou a estagnação, pelos diversos contexto de ação, de disposições de competências incorporadas. A pluralidade de disposições e de competências, por um lado, a variedade de contextos de sua efetivação, por outro, e que podem explicar sociologicamente a variação de comportamento de um mesmo indivíduo ou de um mesmo grupo de indivíduos, em função de campos de práticas, de propriedades dos contextos ou de circunstâncias mais singulares da prática. (LAHIRE, 2006, p. 19).

Entendo que este trecho ressalta que o esforço despendido nesta produção vai ao encontro aos pensamentos de Lahire, que quer escapar de homogeneizações, de perspectivas que busquem categorizações transferíveis. O desprovimento de pressuposições, e a variedade de contextos na observação, tendem a proporcionar ao pesquisador que busca encontrar disposições em seus pesquisados, elementos com maior credibilidade. Conceitualmente, para que seja considerada uma disposição, se fará necessária a repetição da manifestação de propensões, como destacado pelo autor, ao afirmar que “como uma disposição é o produto incorporado de uma socialização (explícita ou implícita) passada, ela só se constitui através de duração, isto é, mediante a repetição de experiências relativamente semelhantes” (LAHIRE, 2004, p. 28).

Em pouco mais de 4h de encontro com cada um dos entrevistados, passando por 4 diferentes matrizes socializadoras, foi possível captar algumas propensões e suas recorrências. Assim como no subcapítulo anterior, antes de expor as opções de análise utilizadas, procurarei demonstrar como as pesquisas acessadas que também trabalharam com o mesmo instrumento metodológico construíram este momento de suas produções.

Costa (2012) produziu toda essa etapa atrelada a categorias de análise criadas com o objetivo de aproximação com a temática da pesquisa. No início, a autora operou com 20 categorias intuitivas. A partir destas, foram produzidos agrupamentos propiciando conjuntos mais abrangentes, e a partir destes, partiu-se para um fechamento das interpretações. Percebe-se um grande número de esquematizações produzidas, sobretudo para informar ao leitor sobre como foram constituindo-se as relações e seus respectivos significados.

Gonzalez (2010), por sua vez, foi em busca das disposições que embasassem o engajamento dos pesquisados com práticas corporais no tempo livre e, das análises observadas, foi a que operou com maior proximidade em relação a Lahire. Para a identificação partiu das mesmas diretrizes apontadas na obra de Lahire (2004), a saber:

- grau de extensão e heterogeneidade dos universos, grupos ou indivíduos frequentados;
- a variação diacrônica das disposições, em função dos momentos no percurso biográfico, e a variação sincrônica, em função dos contextos (atualização específica ou geral das disposições);
- as crises, grandes ou pequenas.

Identificadas as disposições, Gonzalez (2010) valeu-se de sua autonomia para trabalhar as análises de seus achados. Optou por um texto analítico para cada um dos casos tendo como propósitos balizadores a identificação da existência (ou não) de disposições comuns e sua relação no envolvimento com práticas corporais no tempo livre.

Quanto à produção ligada aos comerciantes de rua (PAIVA; SÁ; SOUZA, 2018) que levaram seu patrimônio disposicional para o interior de um shopping center, os autores criaram dois conjuntos disposicionais, sob os termos (a) “manutenção de práticas próximas à administração-feirante”, e (b) “adaptação ao novo ambiente de negócios”. Orientados por estes eixos de análise, produziram suas interpretações individuais num primeiro momento e comparativas num segundo.

O acesso a essas produções foi relevante no sentido de demonstrar diferentes perspectivas e níveis de autonomia empenhados, para que também por essas referências pudesse iniciar o exercício interpretativo.

A opção aqui foi a de, num primeiro momento, identificar as propensões mais salientes nos entrevistados, e, já num primeiro momento relacioná-las com suas gestões nas/das academias. Num primeiro momento, análises e interpretações ainda individuais, apontando essas propensões através de exemplos, recorrências percebidas pelas diferentes matrizes. Num segundo, foi feito o exercício de busca por possíveis identificações/aproximações e/ou divergências entre os conteúdos analisados dos diferentes entrevistados. A ideia foi a de entender se, dentro dessa amostra, seria possível observar semelhança ou proximidade, tanto entre as propensões, como de seus consequentes acionamentos.

Concluídas essas duas etapas, fui para a terceira, que entendo ser a mais peculiar em relação aos trabalhos acessados, já que procurei manter interlocução de todos esses achados com as categorias temáticas encontradas e desenvolvidas na garimpagem acadêmica. À medida que avançava na escrita, fui produzindo questionamentos como por exemplo: conteúdos disponibilizados em cursos administrativos, seriam capazes de aproximar as respostas dadas por colaboradores portadores de um patrimônio disposicional, e consequente formas de pensar e agir tão distintas? Em caso negativo, deve-se então abandonar a ideia de que essa carga horária é produtiva? Qual seria o 'meio-termo'? Se é possível pensar em um caminho que valorize tanto os ensinamentos da escola, quanto os vividos na escola, estamos próximos dele, em nosso formato atual?

Não há aqui a pretensão de apontar respostas, mas sim de sublinhar, de chamar a atenção para fatores que podem estar sendo tratados como coadjuvantes nas discussões que querem qualificar tanto o ensino como às atuações profissionais, e que, mediante algum protagonismo, podem revelar-se portadores de grandes contribuições na busca por respostas a questionamentos como os anteriores.

5 RETRATOS SOCIOLÓGICOS

O propósito deste capítulo é apresentar a construção dos retratos sociológicos dos interlocutores da pesquisa, professores-gestores, tomando como referência os contextos ou matrizes de socialização e as disposições caras à gestão dos seus empreendimentos.

5.1 Retrato Sociológico 1: Diego

Diego abre as análises dos entrevistados de forma muito peculiar, uma vez que é o comprador da academia deste pesquisador. Nos conhecemos assim. Em meio a uma mudança familiar profissional inesperada, tive que me mudar com toda a família de Porto Alegre para Florianópolis. Com isso, a necessidade de vender minha academia foi iminente. ‘Bati de porta em porta’ nas academias mais próximas, explicando todo o contexto e oferecendo meu empreendimento. Depois de algumas reuniões, Diego, que era proprietário de uma sala de treinamento individualizado estabelecida há treze anos na mesma avenida que a minha academia, acabou fechando negócio.

Desde a assinatura do contrato mantivemos contato, pois procurei cooperar na transição da gestão. Na ocasião de selecionar os/as interlocutores/as para a pesquisa, a possibilidade de entrevistar o Diego me pareceu corresponder com as expectativas e interesses do estudo. Como já trazido anteriormente, na seção de fundamentação teórica e de escolhas metodológicas, a proximidade é um dos quesitos a serem analisados na metodologia proposta por Lahire e reproduzida neste trabalho. Tanto o excesso, quanto uma quase inexistente relação entre o entrevistado e o entrevistador podem afetar a pesquisa. Sendo assim, entendi que a relação prévia estabelecida com Diego se mostrava adequada.

Disposto a contribuir desde a minha primeira solicitação, Diego aceitou os quatro encontros de entrevistas com entusiasmo. O primeiro conseguimos realizar de maneira presencial, pois coincidiu com uma ida minha a Porto Alegre, já os demais fizemos de forma virtual, por aplicativos de videoconferência. Independente da estratégia utilizada, Diego foi sempre muito atencioso, pontual e em nenhum dos encontros se mostrou incomodado pelo fato de as entrevistas serem marcadas entre uma aula e outra. Sua carga horária semanal de trabalho é intensa. Segundo ele

relatou, “minha carga horária oscila, mas dificilmente diminui de 40h semanais, muito difícil”.

Diego faz terapia com psicólogo há mais de dez anos, o que entendo contribuiu para este tipo de entrevista, tendo em vista a perspectiva da sociologia individual. Pude constatar que à medida que as entrevistas iam se desenrolando, um certo entusiasmo surgia, proporcionando profundidade em questões pessoais que outros entrevistados de alguma forma impunham resistência. Esse interlocutor procurava demarcar, nas suas narrativas, autoconhecimento e clareza na detecção de seus pontos fortes e a melhorar.

Família

“Essa corneta eu ouvi a vida inteira. Que eu era o caçula, o único menino, portanto eu era o protegido”. Assim Diego abre seu relato no nosso primeiro encontro. Na ocasião das entrevistas ele tinha 38 anos. Único filho homem, é o caçula, com mais duas irmãs. Paula, a mais velha, tem diferença de dez anos e é irmã apenas por parte de mãe, mas o pai a registrou com um ano de idade, assumindo a paternidade. Lúcia é apenas três anos mais velha que ele. Apesar da diferença maior em relação a primeira, Diego enfatiza sua proximidade maior com Paula. Modo de se vestir, gostos musicais, entre outras preferências, o identificam mais com aquela que apresenta uma maior ‘distância cronológica’.

Casado com Anelise há sete anos, é pai da Júlia de doze anos, de Pedro de nove anos e da Ana que tem quatro anos, sendo os dois mais velhos filhos do primeiro casamento da esposa. Mas, Diego é muito enfático ao dizer nas entrevistas que não os diferencia de forma alguma: “Tenho três filhos!” Anelise, sua companheira, é bancária, com uma longa trajetória. Ela faz o ‘estilo caxias’, afirma Diego. Exerce a profissão na Caixa Federal há mais de 20 anos, tendo conquistado algumas promoções durante este período.

Ao longo das entrevistas não ficou nenhuma dúvida de que Écio, pai de Diego, é uma grande referência para ele. Os elogios são os mais variados e recorrentes, contemplando também diferentes aspectos. O que mais se repete é a menção a sua capacidade intelectual, onde cita, por exemplo, duas aprovações em concursos, em que seu pai alcançou as primeiras colocações entre milhares de concorrentes. Já aposentado como professor de uma escola profissionalizante estadual com a carga

máxima horária da categoria, segue atuando, mas agora com apenas 20 horas semanais. Bem diferente da infância de Diego, quando chegava a cumprir 60 horas para tentar oferecer o melhor conforto possível aos filhos e à família.

A mãe, Vera, também é professora, hoje aposentada e, diferente do pai, não atua mais. Ela construiu toda sua carreira no magistério estadual com ênfase na alfabetização, mas também atuou ensinando língua portuguesa, literatura e religião. A carga horária a que os pais se submeteram enquanto ‘professores do estado’ para atingirem uma renda capaz de proporcionar a criação dos três filhos, muitas vezes impuseram às crianças, os cuidados com a casa. Desde cedo, explicou o interlocutor, ele e suas irmãs entenderam que tinham que contribuir com os afazeres domésticos. À essa dificuldade, soma-se a depressão enfrentada pela mãe, a qual a torna “preguiçosa” – assim adjetivou Diego – sobrecarregando o pai.

É em meio a essa disparidade de atuação junto aos filhos, que as críticas de Diego ganham força em relação a mãe. “Não vou dizer que foi a vida inteira, mas por um período ele foi pai e mãe”. Estão claramente relacionadas ao pai, na narrativa de Diego, o fazer as mamadeiras, vesti-los para a escola, lavar louça, limpar o chão, enfim, tanto as tarefas de manutenção da casa, quanto as associadas aos cuidados com ele e as irmãs. A mãe é lembrada e descrita com muito menos recorrência e entusiasmo. A ela, Diego relaciona preguiça, depressão e uma conseqüente sobrecarga ao pai, sempre salientando que o pai jamais se abatia. Muito pelo contrário, assumia a condição “de pai e mãe”, tentando de alguma forma protegê-la [a mãe], ciente de sua condição psicológica (depressão).

Indago, então, buscando trazer o lugar da mãe para essa reflexão, para tentar entender o espaço que ela ocupa na formação das disposições, com a seguinte pergunta:

Posso estar enganado, mas estou associando essa imagem boa, que nós estamos tratando aqui, de tu tirar de ti para dar para os filhos, com o teu pai. E esse ponto de ser mais ríspido, de ser mais firme, tu achas que de alguma forma tem alguma ligação com a tua mãe?

A resposta mais uma vez pende para o pai:

Não! Ela sempre foi muito molenga, isso é dele, é dele também. O meu pai era muito ríspido, mas eu acho que ele às vezes não tinha coerência então eu procuro fazer as coisas com coerência. Com meu pai não tinha muita explicação, era assim: Faz! Eu estou mandando. A casa é minha, e tu tem que fazer.

Ela [a mãe] é uma pessoa maravilhosa, eu sei que a pauta aqui não é ela, mas se um dia forem investigar ela, só vão encontrar coisas boas. É uma

peessoa maravilhosa. A gente é assim um com o outro e às veze. Isso é uma coisa que eu estou trabalhando também. Eu olho para ela e acho que ela não está dando cem por cento, mas ela pode estar dando cem por cento dela, mas é do jeito dela. É o cem por cento dela.

E segue em outro trecho: “O meu pai botava muito respeito sim só levantando a voz. Claro, ele conversava bastante, mas de uma maneira bem dura, e ao mesmo tempo carinhosa, de quem claramente quer corrigir, educar”. Esta última fala, onde há a referência da rigidez associada ao zelo e ao carinho – marcando uma distância em relação à mãe –, é acionada pelo interlocutor a respeito dos momentos em que ele foi exigido no sentido de se impor, de educar seus filhos, exatamente como vira seu pai agir com ele e suas irmãs.

Essa distinção entre o pai e a mãe também aparece na narrativa do Diego quando se refere a atuação profissional de ambos, mas o faz de maneira diferente. Chamou a atenção deste pesquisador, a maneira como o interlocutor narra a mãe e o pai como professores responsáveis e competentes, demonstrando orgulho a respeito disso. Contudo, quando ele se refere ao profissionalismo do pai na escola técnica, observei elementos adicionais na sustentação de seu orgulho para com ele, em especial as menções sobre como seus colegas de aula/turma elogiavam. Em todo caso, com ênfase do pai, havia uma referência de compromisso, responsabilidade para com o trabalho. A respeito disso, questiono Diego sobre as influências na sua trajetória profissional: “E quanto a essa atuação deles Diego. Tu achas que reproduz esse modelo dos teus pais de ser o primeiro a chegar e o último a sair?” A resposta corrobora minha impressão:

Ah! Com certeza, com toda certeza. Quando eu te disse que eu erro, eu posso me enganar enquanto professor em alguma atividade com o aluno, mas em termos de compromisso jamais. Eu sempre pensei assim: sabe o teu horário é o teu horário que tem que fazer o teu melhor mesmo quando eu não era dono de porra nenhuma. E isso eu tenho bem claro que vem do exemplo dos meus pais.

Intrigado sobre essa tendência de valorização do profissionalismo do pai, pergunto se essa disposição dele pode ser vista em sua relação com seus pais (avós de Diego) ou seus irmãos (tios de Diego). Ele responde:

[...] eu acho que sim. Já parei para pensar nisso. Sim, desde bem jovem e até hoje eu alimento esse raciocínio às vezes. O meu pai, são cinco irmãos, ele é o mais velho, então ele tem essa coisa assim de centralizar tudo nele, de matar no peito o dele e dos outros. Então ele é um cara que, na idade de ser criança, teve que ser adulto sendo criança.

Nesse contexto de valorização do pai, questiono o Diego sobre suas irmãs. “E neste contexto, tuas irmãs não acabaram atuando como mães também, te auxiliando,

já que tu eras o caçula?” A resposta foi a seguinte: “Cara, numa ideia de sinceridade máxima. É bizarro fala isso, mas eu é quem fui crescendo referência para elas. Elas eram muito avoadas, vamos dizer assim”.

A imagem de uma mãe sempre apática, cansada, aparece com frequência durante a entrevista indiretamente fortalecendo a imagem do pai. Somado a essas demandas, o pai, segundo narrou o interlocutor, se destacava na escola como um excelente professor. Era assíduo e cativador pela sua competência e amor demonstrados junto aos alunos. Diego acompanhava de perto a admiração despertada pelo pai. Não seria estranho afirmar que Diego reproduz o pai. Atende alunos desde às 5h da manhã em seus estúdios. Se orgulha em afirmar que “não tem tempo ruim. Quase impossível dizer não a um aluno”. Com três filhos em casa e com a companheira cumprindo pesada carga horária no banco, ele se orgulha em relatar que se desdobra em cumprir os atendimentos, levar as crianças para escola, buscá-las, cuidar das refeições, entre tantas outras demonstrações de zelo e vontade se fazer atuante.

As irmãs referidas como avoadas, não dispõem de um momento profissional tão bom quanto o seu, destaca Diego. Mesmo na escola, elas davam muita alteração, estavam sempre “frequentando a diretoria”. Utilizando as palavras do entrevistado a respeito das irmãs: “Cada um seguiu seu caminho, mas tranquilamente fui o que mais ascendi na questão profissional”. Sempre que elas surgem nos relatos, há uma referência ao que seriam, para ele, características antagônicas ao do pai e dele próprio: “[Elas] Querem tudo de mão beijada”.

Diego vive sua infância e se desenvolve neste contexto, sendo, segundo ele, taxado de superprotegido pelas irmãs, mas faz questão de afirmar que era exatamente o oposto. Buscando afirmações contrárias a esta representação de si, afirma que, desde sempre, foi mais responsável, deu menos trabalho para os pais. Na escola era aprovado com boas notas e não apresentava problemas disciplinares, diferente das irmãs. Busca associação desse comportamento das irmãs, com os tios maternos que eram quatro. Dois faleceram por problemas com álcool e os outros dois também convivem com esta dependência. A mãe, segundo ele, apenas sofre de depressão, mas “desse mal [do alcoolismo] ela não sofre, graças a Deus”.

Querendo aprofundar as questões familiares, durante as entrevistas, questionei o Diego sobre seus avós.

Consigo perceber na tua fala, influências diferentes do teu pai e da tua mãe que se traduzem na tua maneira de agir. E teus avós? Já parou para analisar de que forma te influenciaram, se é que influenciaram na tua atuação como pai? Enfim, me fala um pouquinho dos teus avós.

Na referência aos avós, Diego salienta que tanto o pai quanto a mãe têm mais quatro irmãos. No caso do pai, que era o mais velho, isso resultou numa precoce atuação paterna em relação aos irmãos mais novos. Ouvia muito sua avó se referir a ele como um irmão exemplar, que sempre a ajudou com os mais novos. No lado materno, a mãe era a caçula e tinha quatro irmãos homens, sendo o pai (avô de Diego) militar da Brigada. “Ele [avô por parte de mãe] jogava duro com os quatro filhos e, às vezes, com ela também. Aquela coisa de brigadiano” relatou Diego. Percebi que não fui hábil o bastante para instigar Diego a aprofundar essa questão dos quatro irmãos da mãe.

Quando o entrevistado trata da educação de seus filhos (Júlia, Pedro e Ana), ele afirma que busca equilíbrio entre posições rígidas (que ele classifica como ‘estanques’) e posturas mais empáticas. Segundo ele, “nesses itens de costume e respeito, talvez seja muito estanque, arcaico”. Recebe críticas constantes da companheira por esta postura, mas salienta que sabe ser companheiro e parceiro das crianças e que entende que elas o têm como tal. Nos momentos mais difíceis, tal como o interlocutor narra, é a ele que elas recorrem. Se doa ao máximo, e se orgulha de ter junto delas essa ‘imagem de paizão’. Também ele diz se cobrar muito para equiparar as relações, de maneira que a sua filha receba exatamente o mesmo tratamento que os irmãos, filhos do primeiro casamento. Nas primeiras vezes em que chamava a atenção em voz alta e brava da “Mana”, como se refere à Ana — filha mais nova e única biológica do casal — percebe claramente a surpresa estampada no rosto dos irmãos mais velhos, filhos do primeiro casamento. Segundo Diego, eles tinham no início, a ideia de que a relação com ela poderia ser diferente, privilegiada, mas a atitude equânime para com os três, rapidamente afastou esse pensamento.

Ao questionar, de forma direta, o Diego se ele percebe uma reprodução das relações que observou de seus pais, na forma com que ele e sua companheira interagem com os filhos a resposta é clara:

Não dá para brigar contra números. Eu acabo trabalhando mais que ela e mesmo assim em casa eu abraço muito mais coisas. Eu, seguido, faço combinações com ela, do tipo: eu vou fazer isso e tu faz aquilo. A gente divide as coisas, mas quando vê eu já fiz a minha parte e acabo fazendo dela. E isso é meu pai né. Isso é gritante que é meu pai.

Percebo também essa narrativa na relação de Diego com a companheira, e do casal para com os filhos. Nessa lógica, Anelise, assim como Eva, mãe de Diego, não se engaja com a mesma intensidade do que ele. Ambos tem elevada carga horária, mas sua esposa sentiria mais o cansaço do trabalho, sobrecarregando-o. Diante disso, segundo enfatiza o interlocutor ele a ajuda, protege, poupa, atuando no vai e vem das crianças da escola, cozinhando, lavando a louça e mantendo a casa organizada, em meio a uma agenda bastante carregada de alunos de *personal*.

Num dos momentos da entrevista peço para Diego apontar uma característica positiva e uma negativa desse pai. A resposta dele foi a seguinte: “Eu sei que sou duro. Sei que às vezes eu sou bem ríspido. Já bati copo na mesa várias vezes, já levantei o tom da voz muitas vezes. Já bati a mochila assim na hora de sair para escola. Já bati a mochila no chão na frente deles”. Em que pese a essa noção de rigidez, de força, de imposição da disciplina, em vários momentos da entrevista, Diego, fez questão de sublinhar o esforço de acolhimento, de cuidado e de carinho para com os filhos. Num dos relatos, ele cita uma ida ao zoológico, que além de cansativa, acabou no final da tarde com a temperatura caindo. Neste e em outros momentos, é a ele que as crianças pedem um colo, ‘uma cacunda’. E é ele quem irá tirar seu agasalho para aquecer os filhos, mesmo que para isso, sinta um pouco de frio.

Me encaminhando para um momento final da entrevista onde o foco foi entender de que forma as disposições de Diego são atualizadas com relação a matriz familiar, questiono o entrevistado se, em meio a tantos afazeres profissionais e pessoais, há tempo para o lazer. Pergunto a ele de que forma usufrui de seu tempo livre, se é que ele existe. A resposta foi bastante próxima a esperada, depois de ouvi-lo por quase uma hora. Diego destacou que tinha plena consciência de que sua vida particular está se misturando com a profissional, mas que está tentando amenizar as consequências disso. Relatou-me que o telefone toca em meio a refeições, durante o fim de semana quando está com a família. Os filhos pedem por maior tempo junto a eles. Tentou não trabalhar mais aos sábados, mas a demanda financeira ainda impõe esta atuação.

Ao ressaltar a ciência dessa situação de ausência de lazer, sublinhou que conseguiu encaixar uma aula de violão durante a semana. É, segundo Diego, uma atividade poder parar e se concentrar em algum momento da semana numa atividade somente dele e não para a família ou para seus alunos. Pergunto: “E por que a

música? Alguém na família toca violão ou outro instrumento”? A resposta foi a seguinte: “Não, porque sempre me atraiu mesmo, mas também porque achei que exigiria minha concentração e de alguma forma esqueceria de tudo que estivesse a minha volta”.

Esporte

Diego sempre gostou de praticar esportes, os mais variados. Na escola, adorava as aulas de Educação Física. Sabia os dias e horários das aulas. Eram as suas preferidas. Nelas se destacava em relação aos colegas. Percebendo esse gosto que demonstrava pelas práticas esportivas, os pais o colocam na natação na Associação Cristã de Moços (ACM), por uma questão de proximidade à escola onde lecionavam. Aos dez anos tem seu primeiro contato com as piscinas. Permanece nesta Associação por três anos e, assim como nas outras práticas da Educação Física Escolar, se destaca.

Nos primeiros dois anos, ainda de forma lúdica, relata suas aprendizagens dos quatro estilos da modalidade com maestria. O ensino começa com os estilos ‘crawl’ e ‘costas’. Com Diego não foi diferente, porém, segundo ele, diante da facilidade apresentada na absorção e reprodução das técnicas desses estilos, seus professores estiveram diante da ‘obrigação’ de ensiná-lo, de forma precoce, os nados ‘peito’ e ‘borboleta’. Estes últimos, ainda representavam uma meta a ser alcançada pelas outras crianças e, por isso, Diego passou a ser convidado a integrar a equipe infantil de revezamento.

Conforme relatou Diego, para nadar os dois primeiros estilos “tinha fila”, enquanto para os mais difíceis (nados ‘peito’ e ‘borboleta’), apenas ele e outras duas crianças se apresentavam. Assim, meu interlocutor marca seu espaço nas competições de natação, ainda com onze anos de idade e através dos estilos considerados mais difíceis, mais exigentes tanto pela questão motora, como pela física.

No início de nossa entrevista que visava dar luz aos elementos dessa matriz de socialização (o esporte), a diferença de relacionamento entre ele e o pai em relação ao dele com a mãe já trazida em outros momentos, reaparece. Questiono como se dava toda essa logística, para que uma criança tão pequena pudesse se deslocar até o clube, nadar e retornar para casa. Lembrei-o, ainda na formação da pergunta, que

ele mesmo destacou a pesada carga horária que seus pais tinham enquanto professores de escolas públicas durante toda a sua infância. Sua resposta foi esta:

Era tudo meu pai. Minha mãe não acompanhava. Hoje que dou tantas aulas, olhando para trás, acredito que ele se desdobrava em dois, três, para dar conta. Mas ele me dava o almoço, me levava até a ACM, ia para escola dele e quando terminava meu treino, lá estava ele para me levar para casa. Sinceramente, não sei como ele conseguia, só sei que conseguia.

Esse contato com a natação permanece até os quatorze anos, sendo que quando completou treze, houve uma troca da ACM para o Grêmio Náutico União (GNU). Neste último a rotina de treinos era diária e nos finais de semana havia ainda as competições. Perguntei sobre essa mudança: “E por que essa troca? Foi o pessoal do GNU que te convidou? Como se deu essa mudança”? Diego relata que não houve razões de cunho competitivo nesta transição ACM-GNU, na linha como eu imaginava, de que ele buscaria um ambiente mais competitivo. O que aconteceu, segundo relatou-me o interlocutor, foi que seu pai trocou de escola. Diante disso, logística no GNU seria mais fácil, mas também relembra com bastante ênfase que aquela mudança foi muito positiva, porque tinha muitos amigos que nadavam neste clube.

Em todo seu relato esportivo não aparece o gosto pelo desafio esportivo em si, pelo querer competir, ganhar medalhas, reconhecimento ou prestígio esportivo conferido pelos resultados. O que observei foi a disposição para a prática esportiva, esta atrelada ao convívio proporcionado pelas atividades que desempenhava. Diversos esportes também são apontados a respeito de suas vivências na infância e juventude, mas de maneira mais espontânea, ou, com as suas palavras, “[...] bem recreativo, sem nenhuma instituição [...]”, como vôlei e skate para trazer dois exemplos que demonstram bem a diversidade das práticas experimentadas por Diego.

Ao procurar instigá-lo um pouco mais sobre o caráter competitivo que ele mesmo trouxe a essa mudança de locais de treino, Diego ‘sai pela tangente’, afirmando que isso nunca foi relevante, que o importante era estar com os amigos e fazer algumas viagens para competir, conhecer lugares. Isso sim o atraía. E continua:

Esse tempo no GNU foi rápido. E aí tu vês como é engraçado. Nesse tempo eu larguei a natação e, em seguida, fui para o futebol e também comecei a surfar. Até de curiosidade mesmo. De vez em quando surfar e testar. Mas quando eu larguei o futebol e a natação eu fui surfar. Fui surfar mesmo, me dediquei ao surfe.

Pela primeira vez, a prática do futebol aparece em sua narrativa. Torcedor desde criança do Sport Club Internacional, foi lá que Diego pediu ao pai para colocá-lo ‘na escolinha’. Isso ocorreu e, assim como em outras atividades, conforme relatou-

me o interlocutor, rapidamente ele tem suas habilidades motoras e técnicas percebidas pelos responsáveis e passa a integrar o time que representa o clube nos campeonatos da faixa etária. Diego estava com quatorze anos, no futebol, tinha sua rotina de treino ampliada. Eram quatro vezes por semana em que, após as aulas na escola no turno da manhã, ele se dedica ao clube do coração no turno da tarde. A carga horária dos treinos era maior, assim como a pressão pelos resultados esportivos. Tal exigência diminui o acompanhamento do pai – que sempre fez questão de se mostrar presente. Mas apenas diminui, porque Élcio continuava acompanhando o filho até a parada. Apenas saía para seguir com suas atividades depois que colocava Diego dentro do ônibus.

Na rotina do futebol, Diego relata campeonatos e torneios em quase todos os finais de semana. Diferentemente de outras vivências, pela primeira vez Diego menciona incapacidade técnica, quando comparado a outros colegas. Ele tinha habilidade, capacidade de jogar bem durante uma partida, mas expõe que claramente havia crianças melhores. “E quanto tempo tu ficaste no Inter então?” pergunto. Ele responde que:

Eu joguei duas temporadas. Duas temporadas como jogador do Inter mesmo. Joguei dois Campeonatos Gaúchos. Um como jogador do Inter e depois eu joguei pelo Mon't Serrat que era um clube do Jardim Botânico de Porto Alegre, isso tudo no infantil. Era normal isso na época. Quem não jogava, quem não era aproveitado no Inter ia jogar ou no Mon't Serrat ou no Caxias ou no Juventude. Se não era muito bom, não era aproveitado. Eu acho que eu era bom, mas não muito bom.

Nesta passagem rápida pelo futebol, Diego relata que, durante algum tempo (ele não se recorda exatamente quanto), essas quatro sessões de treino semanais no clube não o satisfaziam. Ele queria mais. Não havendo essa possibilidade na grade normal de treinos das crianças desta faixa etária, Diego pede para o treinador de goleiros para treinar junto com os amigos desta posição, para preencher todas as tardes da semana com atividades. Ele poderia, neste ‘quinto dia’, correr próximo de sua casa, andar de skate ou praticar outra atividade, entre tantas que aparecem em seu relato e que já foram vivenciadas. Não haveria o deslocamento de ônibus para ir e voltar, por exemplo. Mas, diferente disso, ele busca as atividades em grupo, treinando algo que não era sua especificidade. E assim o fez como descreve a seguir:

Posso treinar junto com os goleiros? Daí o treinador falou: Até pode, mas eu não vou te dar um treino diferente. Tu vais fazer o treino dos goleiros. Eu tinha que pular corda, tinha que defender de tudo, todos os tipos de situação. A gente se atirava no chão toda hora. Eram 50 [chutadas] bolas rasteiras e a gente se atirava na lama. Eram [chutadas] 50 bolas no alto, pulávamos por cima dos cones, era foda. Aí tinha o primeiro, o segundo e o terceiro goleiro

e tinha o quarto pangaré. Eu percebo que braçal para mim nunca foi problema. Problema era quando eu tinha que pensar.

Diego enfatiza que não apenas nunca foi problema desempenhar atividades braçais, repetitivas, mas que inclusive elas trariam ‘certa paz’, adotando para este tipo de função uma conotação de ‘relaxamento’. Num dos momentos da entrevista, ao tratar desse tipo de atividades braçais, com menor demanda de raciocínio, assim relata: “Esses trabalhos me trazem uma certa paz sabe, me geram tranquilidade”.

Com quinze anos e resolve se distanciar do futebol e se dedicar ao surfe. Quando questionado do porquê dessa nova mudança de modalidade, ele recorre a uma crítica do que acontecia no seu entorno, no universo do futebol que vivenciava. Segundo contou-me, percebia que garotos que jogam melhor que ele, por vezes estavam no banco de reservas ou que, em um determinado teste, eram reprovados e acabam desistindo. Notava também, nos dois anos de clube, a constituição de ‘jovens promessas’ do futebol, daquelas que todo mundo elogiava e que se destacavam nos treinos e jogos, mas que acabam não obtendo sucesso. Ao perceber recorrência neste tipo de situação com colegas que Diego considerava melhores que ele, conclui que não teria chances de prosseguir no clube e obter um espaço, mais tarde, entre os profissionais. Sendo assim, se distancia desse futebol ‘na escolinha’ e vai dedicar-se ao surfe.

Mais uma vez há uma troca de modalidade, mas não apenas de modalidade, pois o surfe era outro universo. Diego, na entrevista, confirmou o dito popular: “todo menino quer ser jogador de futebol”. Ele experimentou, tentou, sem êxito, mas tentou. No entanto, quando o interlocutor relata essa experiência, não se percebe algo traumático ou uma frustração determinada por incapacidade, quando comparados seus os predicados futebolísticos em relação aos colegas que avançavam nas categorias do clube. Ficou mais claro, nas entrevistas, que esse distanciamento desse futebol se deu por uma avaliação do que ocorria naquele universo. Além disso, assim como na troca da natação para o futebol, deste para o surfe o que aparece é uma empolgação com a ‘nova modalidade’. Um novo desafio que se apresenta para Diego e que proporcionará novas viagens, amigos e lugares a serem conhecidos.

É com esse viés que Diego inicia o relato da experiência que o surfe lhe proporcionou:

Era aquela coisa de adolescente porto-alegrense. Passava a semana contando os dias para o fim de semana e surfar na praia [...] eu não sabia cozinhar nada. Eu comecei a ir para praia só com os meus amigos para surfar,

e, lá, tive que me virar, aprender a fazer arroz, feijão, coisa que eu não sabia. Isso eu tinha dezesseis, dezessete anos e já pegava o ônibus sozinho.

Como nos relatos anteriores, o pai estava sempre presente, indago meu entrevistado a respeito disso; se realmente ele ia sozinho para a rodoviária pegar um ônibus até a praia. E a resposta é bem segura no sentido de que, com essa idade e até pelas vivências que tivera em escola pública – que serão esmiuçadas no relato da matriz da formação de nosso interlocutor –, tanto ele como o pai se sentiam seguros para que Diego fizesse tal deslocamento.

As *trips* (como Diego se referia as viagens para surfar) iniciavam dessa forma. Ainda com dezesseis anos Diego seguia para a rodoviária de Porto Alegre na sexta-feira à noite, pegava um ônibus até a Praia de Imbé, no Litoral Norte Gaúcho (uma viagem de aproximadamente 1h 30min), onde seus pais tinham casa. Seu propósito era surfar e ‘curtir’ o fim de semana com outros amigos surfistas. Na entrevista, o interlocutor relembra que, nestes momentos, diferentemente do que ocorria durante a semana, quando costumava dormir muito tarde em Porto Alegre, ia para a cama cedo, por não ter TV na casa da praia.

“Mas e os amigos, Diego? Vocês não se encontravam, jantavam juntos”?, pergunto a ele. A resposta foi a de que isso dependia sempre das condições do tempo e do mar. A grande expectativa era para qual o horário o mar apresentaria as melhores condições para a prática do surfe. Não havia previsões de tempo e de correntes marítimas, com tanta tecnologia como temos acesso hoje, então os mais antigos – os ‘bicuiras’ como eram chamados – na maioria das vezes ‘locais’ – moradores da praia de Imbé – é quem faziam as previsões pelo seu *feeling*. E Diego lembra que o índice de acerto era impressionante. Por isso, muitas noites que poderiam ser de festas, eram trocadas por horas de sono, para que, na manhã seguinte, muitas vezes às 5h da manhã, já estivessem todos no mar surfando.

Essa fase do surfe no litoral norte gaúcho, em seguida, é substituída por viagens para o estado de Santa Catarina. Diego destaca que o litoral gaúcho, além de não dispor de tanta beleza natural é conhecido por muitos ventos e correntes que não apresentam as melhores condições para o surfe. Ele também relata que era bastante recorrente essa migração dos jovens surfistas gaúchos em busca de melhores praias e condições para a prática do seu esporte. E com Diego não foi diferente. Dos dezessete aos vinte e um Diego ‘pegava carona’ no carro de amigos. O objetivo que era trazido como principal anteriormente, que visava a prática do surfe, nesse tipo de

viagem é somava outros interesses. Ele expõe da seguinte forma: “As *trips* para Santa já eram diferentes. Além de serem de carro, já não era só surf, tinha noite também, começou a ficar diferente”.

Pergunto a ele se, nessa época, ele tinha namorada. A resposta foi não. Além disso, o interlocutor relaciona essa resposta com um dos motivos que ele entende que faz do seu casamento uma relação tão feliz. Na sua lógica argumentativa, tanto para ele como para a esposa, um convite, para não ser aceito, tinha/tem que ter uma justificativa muito forte, porque ambos topam todas. Então para ele, naquela época, claro que era importante essa coisa de tentar namoradas, buscar novas experiências de namoros com meninas nas festas, mas ‘o grande barato da *trip*’ era estar sempre se divertindo junto dos amigos. Essa era a grande atração para Diego.

Em busca de mais detalhes, questiono o Diego sobre “[...] como aconteciam essas viagens Diego? Vocês iam na sexta e voltavam domingo à noite?” A resposta dele foi a seguinte:

Era bem coisa de idade mesmo. Nem botava na balança. Porque chegava lá em Santa meia-noite, às vezes uma hora da manhã, surfava sábados de manhã, depois surfava sábado à tarde de novo. ‘Enchia a cara’ na noite e domingo surfava de manhã e voltava.

Pergunto, ainda, onde especificamente em ‘Santa’? (como ele se refere à Santa Catarina). Ele responde:

Rosa, Ferrugem, Garopaba. Judiava do organismo, não é! Surfava sábado dia inteiro depois de domingo trago sábado à noite depois voltava. Eu sempre fui assim, eu nunca tive muito muita vergonha. Se me convidasse podia até não conhecer muito bem, mas eu ia. Se tem vaga, me convidando eu vou.

Durante este período, Diego se apresenta para o serviço militar, sendo engajado no Curso Preparatório de Oficiais da Reserva (CPOR)⁶. Questiono Diego sobre como ficaram suas atividades, suas práticas esportivas durante o período de serviço militar. E assim ele responde: “Lá era praticamente só a corrida, apoio, e barra, corrida apoio e barra. Tinha um pouco de vôlei, futebol, mas basicamente era isso aí. Corrida, apoio e barra”.

Diante da diversidade, num dos momentos da entrevista, faço junto ao interlocutor, uma breve síntese das relações expostas em seu depoimento desde a natação, passando pelo futebol, indo para o surfe e finalizando com as atividades militares. Pergunto então, se durante essas atividades, Diego se recorda de alguns de

⁶ Mais adiante, quando tratar da matriz de formação, retornarei a essa experiência.

seus técnicos e professores despertarem um sentimento de referência. Se alguma dessas atuações contribuíram de forma mais relevante em sua escolha pela Educação Física. A resposta é negativa:

Eu vou te dizer com toda sinceridade, sem hipocrisia. Eu tive muito mais exemplos negativos. Eu não me lembro de nenhum [professor, treinador] que eu disse assim eu quero ser como ele. Muito pelo contrário, meus professores foram bem ruins eu me lembro de alguns assim que escancaradamente davam atividade para gente, viravam as costas e deixavam a gente lá fazendo, então o exemplo era péssimo.

Mas, em seguida a esse relato, Diego traz sua justificativa para a escolha pela graduação em Educação Física. Segundo ele, apesar da entrevista focar na relação com o esporte, o fator decisivo em sua opção foi o exemplo de seus pais.

Formação

Para tratar da matriz que estou denominando de ‘formação’, iniciei a entrevista com o Diego da seguinte forma:

Hoje nossa meta é conhecer tua trajetória escolar e acadêmica, Diego. Visualizar todo o caminho percorrido até a faculdade e, quem sabe, depois dela, refletindo sobre como cada uma destas instituições de ensino participaram da tua constituição enquanto professor de Educação Física e gestor. Vamos começar pela pré-escola? Fizeste? Aonde? Com quantos anos começaste?

Seguindo na linha de enaltecimento dos sacrifícios – trazida em análises anteriores – Diego lembra que seus pais sempre tiveram elevadas cargas horárias como professores, e que, por isso, foi para a creche com seis meses de idade. O período de maternal e pré-escola é o único em que Diego não estava na mesma instituição que seus pais atuavam. A partir da primeira série do fundamental até o último ano do ensino médio, sempre frequentou escolas tendo o pai ou a mãe como docentes da instituição de ensino. Nesta linha da valorização dos desafios, dos sofrimentos, Diego ressalta que com seus três filhos foi a mesma coisa, a inserção em instituições bastante cedo. Ele faz da seguinte forma seu relato e, durante ele, identifiquei muito orgulho e certeza revestindo a fala:

Eu e minha mulher vamos em encontros de casais e vemos as pessoas com filhos de 3 anos que ainda não vão para escola. Os pais ficam segurando os filhos [...] nossos três filhos também com cinco seis meses já estavam na creche. Nós precisávamos trabalhar, não tem essa de ficar segurando!

Era a pré-escola ‘Sítio do Pica-Pau Amarelo’ no bairro Partenon, em Porto Alegre, próximo de onde moravam. Ali Diego passou por todas as etapas ficando até

os cinco anos de idade. Aos cinco anos, lia com alguma facilidade, mas não escrevia. Aos seis, já lia e escrevia. Exatamente por isso sua mãe gostaria que ele já iniciasse a primeira série escolar. As imposições regulamentares de educação na época, no entanto, não permitiam que as crianças de seis anos que fizessem aniversário no primeiro semestre, se matriculassem. Professora de uma escola municipal em Viamão e confiante da capacidade de seu filho, sua mãe, Vera Lúcia, não contente, vai até a diretora da escola e solicita que se abra uma exceção para que seu filho inicie, ainda que com seis anos, e com sua data de aniversário no mês de março, a primeira série do ensino fundamental. Diego não tem absoluta certeza, mas crê que foi aplicado uma prova, um teste para avaliá-lo e que seu resultado foi positivo.

Dessa forma é que, numa escola Municipal de Viamão, cidade da região metropolitana de Porto Alegre, em que sua mãe atuava como professora de português, ensino religioso e na alfabetização que meu entrevistado inicia sua trajetória no ensino fundamental. A partir deste momento, sempre teve um dos pais como professor(a) das escolas que frequentava. Esse fato específico, a presença de seus pais nas escolas em que estudou, é bastante enfatizado e recorrente durante toda a entrevista. O local era modesto, as crianças humildes. O pátio e as ruas no entorno da escola eram de chão batido, tornando o acesso difícil.

Já que ele mencionou a questão do “chão batido” e do difícil acesso, o questiono sobre “[...] que outras imagens tu consegues acessar, Diego? Tenta trazer para nós as tuas recordações deste período, por favor. O entrevistado assim complementa:

Eu me lembro que a gente cantava o hino sempre e não era só na semana da pátria. Me lembro que acontecia muitas vezes, todo mundo uniformizadinho, bem certinho, cantando o hino. Também me lembro da gente jogando ‘bolita’, porque era chão batido, então o pessoal levava ‘bolita’ e a gente jogava no recreio.

No município de Viamão, assim como em outros da região metropolitana de Porto Alegre, é bastante comum a utilização das paradas de ônibus como referência. Diego lembra que a escola era na parada 41, e que a casa de sua avó materna, era na parada 40. Assim, todas as refeições eram feitas por lá. Diego estudava pela manhã, passava a tarde com a avó enquanto a mãe, que já havia lecionado toda a manhã, também dava aulas à tarde. No final da tarde, sua mãe o pegava e retornavam para Porto Alegre.

Essa foi a rotina dos quatro primeiros anos, até sua mãe ser nomeada professora num colégio do município de Porto Alegre. Naquela época, Diego lembra que o magistério municipal da capital era bastante valorizado em relação aos demais. Uma melhor remuneração dos profissionais e uma boa infraestrutura propiciavam qualidade no ensino e satisfação profissional. As escolas do município de Porto Alegre, segundo explicou-me o interlocutor, caracterizam-se por ocupar a periferia e/ou regiões de baixa renda da cidade, e com a escola em que sua mãe assumiu como professora e o matriculou na quinta série do ensino fundamental não era diferente. Ficava no Morro da Cruz, região conhecida por altos índices de violência e presença forte do tráfico de drogas. Neste lugar Diego prossegue seu processo educacional, ainda sob o olhar próximo da mãe, mas num universo que ele descreve como mais ríspido. Diego relata que, em questão de poder aquisitivo, era muito próximo do pessoal de Viamão, mas que a presença do tráfico deixava as coisas um pouco tensas. “Eles [membros de facções de tráfico de drogas] fechavam as ruas do nada, com fuzil na mão”, lembra Diego.

Essa tensão gerada por um lugar onde traficantes é quem davam as ordens, incomodava Anelise, sua esposa. Diego relata que isso era recorrente nas suas conversas com a companheira. Ela não entendia por que os pais dele o expunham nesses bairros. Eles deveriam, segundo ela, colocá-lo numa escola sem esse tipo de problema, ou pelo menos num bairro tido como menos violento. Mas, Diego não demonstra significar isso como algo negativo. Pelo contrário, ele valoriza aquilo que aprendeu, destacando sua capacidade de transitar em ambientes com valores bastante diferentes, como expressado no seguinte relato:

Eu acabei desenvolvendo um certo jogo de cintura porque, durante a semana, eu convivia com essas crianças bem humildes numa zona bem pobre e, mais para o verão no fim de semana, eu ia para a praia e brincava com as crianças dos colégios Anchieta e Farroupilha. Então, eram duas realidades muito diferentes e eu aprendi a conviver tanto numa como na outra. Se tu me perguntares qual que tu gostavas mais, eu não vou saber te responder. Gostava de brincar com todos. Eu percebia as diferenças, mas me divertia muito nos dois ambientes.

Uma lembrança trazida com bastante intensidade por Diego, foi a da hora da merenda nessa escola do Morro da Cruz. Na metade do turno da manhã, mais precisamente às 10:30, ‘a merendeira’ – como era conhecida a pessoa responsável pela distribuição de fichas para o lanche –, passava pelas salas para que as crianças, com essa identificação em mãos, se dirigissem de maneira ordenada ao refeitório. Não demorou muito para os colegas perceberem que Diego tinha uma condição

financeira diferente. Ser o filho de uma das professoras da escola e ainda por cima vir e voltar de carro para casa, o colocavam em ‘um padrão’ acima de seus colegas de sala. Por isso, relatou o interlocutor, os colegas o pressionavam para que doasse sua ficha.

Diego lembra que, nas primeiras vezes, levou na brincadeira. Achou que era uma espécie de trote ou teste por ele estar chegando como aluno novo na sala. Contudo, em seguida se deu conta que os colegas realmente queriam muito aquela refeição extra. Diferentemente dele, muitos não haviam tomado café antes de ir para a escola e àquela altura da manhã, estavam com muita fome. A partir desta compreensão, Diego descreve que passou a trazer lanche de casa. Menciona que, muitas vezes em quantidade suficiente para repartir com os colegas, juntamente com sua senha para a merenda da escola, que passou a ser compartilhada com os demais, numa espécie de rodízio. Assim ele narra como foi percebendo seu lugar naquela escola:

Então eu acho que isso para mim foi enriquecedor porque desde pequeno já aprendi a valorizar que eu tinha um pai e uma mãe em casa que me davam condições. Ainda piá [com pouca idade], eu vi que fazer as três refeições era um privilégio. Que só o fato de tomar café antes de ir para escola, já me fazia um privilegiado.

Diego segue sua descrição sobre seu lugar na escola em relação aos colegas com outra referência, para além da questão da alimentação:

Às vezes eu dava uma roupa minha já um pouco mais velha, passava adiante ou então por causa do tamanho, acabava dando uma nova ainda e era uma festa. Eles [colegas] não tinham roupa nova assim. Eu também não tinha muita coisa, mas se eu precisasse de uma roupa, minha mãe me levava no *shopping* comprava e pronto. Era totalmente diferente da vida deles.

Percebendo que as nossas interlocuções tendiam para a questão das relações vivenciadas com os colegas de turma, procurei provocar mais o entrevistado a respeito de outros aspectos. Assim me dirijo a ele: “E o ensino Diego? Teus relatos focam nas amizades, nas diferenças sociais que tu percebias. O que tu lembrás sobre as aulas, as provas, o conteúdo? De que forma e com que qualidade isso era passado?” A resposta já introduz o ensino médio em nossa linha do tempo de sua trajetória escolar:

Ah! Isso que eu lembro bem. Era muito diferente do primeiro para o segundo grau. De novo falando aquela questão partidária, não é isso que eu quero trazer, mas realmente a prefeitura naquela época tinha os professores bem valorizados e o ensino era muito bom. Quando eu fui para o estado, já tinha aquela fama das coisas mais difíceis, tudo mais largado e até hoje é assim, infelizmente, não é! E aí eu vi uma grande diferença assim no primeiro grau foi bem melhor o ensino do que no segundo grau.

Diego conclui o ensino fundamental na escola municipal localizada no Morro da Cruz, em região considerada periférica de Porto Alegre. A entrada no ensino médio se dá por concurso público. Diego presta prova de seleção para cursar o ensino técnico em eletrônica da Escola Parobé, uma instituição de ensino estadual. Naquela época, essa escola não oferecia o ensino médio regular, apenas o profissionalizante. O Élcio, pai de Diego lecionava nessa instituição e, segundo descreveu o entrevistado, era um professor muito respeitado na escola. Ele, pai e professor, queria que o filho já tivesse uma profissão e por isso o convence a se inscrever no processo seletivo. Uma vez aprovado, coube ao pai desempenhar o papel que, até então, estava na mão da mãe, o de ter seu filho como aluno da escola em que trabalhava como docente.

Com a espontaneidade que esteve presente em todos os depoimentos, Diego lembra que entrou na escola profissionalizante “pela rabeira”. O concurso oferecia 160 vagas e sua classificação foi a 156°. “O importante é que passei”, brincou ele, dando uma boa gargalhada. E, a respeito de suas vivências nessa escola, algo que também esteve presente foi a tendência de expor as relações estabelecidas nas escolas, e não o ensino (conteúdos, provas, aulas, etc.). Diego assim introduziu sua passagem pelo ensino médio profissionalizante:

Eu me lembro da minha primeira Educação Física no Parobé, quando eu nem pensava em fazer Educação Física na faculdade. Era um campo de futebol de areia e eu tinha 13 anos. Por ter começado o colégio com seis anos eu era sempre o mais novinho, mais franzino. Em determinado momento eu fui dividir uma bola e o colega me jogou na tela. Voei literalmente. Veio um colega meu, que era um negão bem forte, bem alto, e já chegou dando uma bomba na cara do colega que me jogou na grade.

Percebendo essa tendência já no início da descrição de seu ensino médio, procuro novamente puxar a conversa para a qualidade do ensino. Para entender a sua formação: “E a qualidade do ensino Diego? Desculpa ser insistente, mas esse é o nosso foco hoje. Tu já falaste que era tudo mais largado em relação a escola municipal, mas o ensino em si, foi bom?”. Sua resposta, novamente, desvia de conteúdos aprendidos e foca nos comportamentos e nas condições de trabalho:

Eu estudei lá nos três turnos e posso dizer que durante os três anos, mesmo em turnos diferentes, era a mesma coisa. Professor chegava atrasado e depois liberava mais cedo. Era escancarada aquela coisa assim: Ah! Eu ganho mal, então eu vou fazer o quê? Vou fazer meia boca mesmo, era bem claro isso. Eles não queriam nada com nada.

Insisti na questão das aprendizagens que resultaram daquele período de formação. “E esse ensino profissionalizante? De alguma forma deve ter contribuído.

O que tu aprendeste naquele momento que agregou? Que talvez tu tragas até hoje?” A resposta foi a que ele não precisou muito tempo para ter certeza de que não queria trabalhar com eletrônica. Os colegas adoravam as aulas que eram nos laboratórios. Diego torcia para que elas acabassem logo. Por sorte, como mencionou o entrevistado, mesmo tendo sido aprovado para este tipo de curso, já na passagem para o segundo ano, a escola reformulou seu currículo e passou a oferecer a grade regular novamente. Mesmo contrariando a vontade do pai, que queria que “ele “tivesse uma profissão”, Diego solicitou a troca de currículos. Por isso, o interlocutor afirmou que a única contribuição do profissionalizante foi a de proporcionar a certeza de que não era aquilo que ele queria fazer.

Pergunto então, como, neste contexto de “professores largados” e apenas a certeza de que sabia o que não queria fazer, conclui o ‘segundo grau’ pensando em prestar um vestibular para Educação Física. Quando e como a Educação Física entra nessa história? Suas respostas indicaram que a desistência do ensino técnico, indiscutivelmente tem relação com o fato de não ter gostado das aulas e da atividade em si. Mas, mais que isso, Diego começava a consolidar a ideia de que não costumava ter bons resultados em disciplinas de ciências exatas, ao passo que nas matérias de ciências humanas, como história e geografia, não apenas vai muito bem, como gostava e acha fácil.

Suas notas nestas disciplinas estavam entre as melhores da turma. E, Diego, com sua pré-disposição de ajudar os colegas já percebida em outros momentos das entrevistas e de diferentes formas, procurava ensinar, marcava momentos extraclasse para auxiliar os colegas que estavam em perigo de reprovação nestas matérias. Os amigos que se dispunham a estudar e aprender com Diego, se saíam bem, melhoravam suas notas. A partir destas experiências de ensino, o entrevistado narra sua realização por vê-los melhorando suas notas em função de seus auxílios. O entrevistado narra da seguinte forma essa realização:

Eu simplesmente ensinava meus colegas as matérias que eu dominava. Era natural para mim, me reunir com eles e ficar ensinando ali história e geografia. E isso começou a me gerar uma satisfação, comecei a achar aquilo legal, ensinar os amigos. É legal ensinar as pessoas, passar o teu conhecimento.

Na busca de referências da escolha de Diego pela graduação em Educação Física, quando tratávamos da matriz esporte, o questionei se eram as vivências esportivas que lhe tinham encaminhado para tal campo profissional. Ele argumentou

que não. Segundo explicou-me, apesar da entrevista focar na relação com o esporte, o fator decisivo em sua opção foi o exemplo de seus pais. Coloca, com a espontaneidade que o caracteriza, que poderia me passar uma lista de defeitos dos dois como pai e como mãe, mas que enquanto professores, eram os primeiros a chegar e os últimos a sair. Isso lhe inspirava.

Da maneira como descrito acima, estar em uma sala de aula, num momento em que poderia estar desfrutando de qualquer atividade de lazer, não representa um esforço. Aquele momento de ensino era prazeroso. Esta satisfação, que vem sendo atualizada em diferentes contextos e de diferentes formas ao longo da biografia de Diego, somada ao orgulho sempre referido a atuação de seu pai enquanto professor, e a sua paixão pelos esportes, definem a opção da sua inscrição no vestibular para o curso de Educação Física.

Durante o período de formação universitária, Diego se apresenta para o serviço militar. É engajado no Curso Preparatório de Oficiais da Reserva (CPOR), onde há a possibilidade de o aluno, ao concluir o curso, exercer a profissão de militar como oficial temporário por até oito anos. Diego se referiu a esta possibilidade como algo muito bom, uma vez que receberia um salário de tenente somente para ele. Naquela fase da vida, sem esposa ou filhos, representaria uma excelente remuneração, argumentou. Porém, ele não obteve as melhores notas e acabou não tendo acesso a esse tipo de trabalho. Havia uma classificação e essa oportunidade era ofertada a um número limitado de alunos, que segundo Diego, “não cheguei nem perto”.

Sua justificativa para este desempenho se baseou no fato de que os demais alunos deste curso militar, assim como ele, ‘faziam faculdade’ – pré-requisito para cursar esta escola do exército – mas cursavam pouquíssimas disciplinas, dando prioridade à atividade militar. Sabendo de tais regras, seus colegas visavam as melhores notas nas provas para que pudessem usufruir desses oito anos como tenentes e, conseqüentemente, de suas remunerações. Diego explica que não aceitava essa colocação da faculdade em segundo plano. Sabia que seus pais faziam um esforço enorme para pagá-la numa instituição de ensino superior privada e queria retribuir através de um bom desempenho. E assim foi feito. Durante toda a graduação, fez o curso de maneira regular, sem deixar nenhum crédito, o que lhe proporcionou a colação de grau com precoces vinte e um anos.

Pergunto então por que a escolha do Instituto Porto Alegre (IPA) e não uma instituição pública, como a Universidade federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), já

que ele sempre estudou em escolas públicas também por limitações financeiras. Sua resposta foi:

Na escola do município, do Morro da Cruz, eu até tive conteúdo, mas eu tinha certeza de que eu não ia passar na UFRGS, não tinha como. Meu ensino foi muito fraco para eu passar na UFRGS. Eu tinha que fazer cursinho, mas tinha consciência que meu pai não tinha grana para pagar. Então eu fui para fazer o vestibular do IPA, e, graças a Deus, passei no vestibular para ir para a noite e poder trabalhar durante o dia.

Diego coloca que entrou no curso de graduação convicto de que seria um professor de escola, assim como seu pai. O primeiro contato com o curso e principalmente com as disciplinas que tratavam deste tema o seduziam, aumentando ainda mais essa convicção. Pergunto então em que momento se deu a ‘virada de chave’ para o campo de trabalho no mercado *fitness*, uma vez que entrevistei um professor-gestor que, em nenhum momento, trabalhou em escolas. A explicação apresentada pelo interlocutor foi essa:

Isso foi na segunda metade da faculdade. Na primeira metade eu tinha certeza que seria professor de escola. Tanto é que a minha Pós [[especialização *lato sensu*] foi em Educação Física Escolar. Fui direto para a Pós em Educação Física Escolar assim que terminei a faculdade [...] eu adorei fazer o estágio escolar. Foi muito bom trabalhar com as crianças na escola. Fiz o estágio na escola Mauricio Sirotsky Sobrinho ali no [bairro] Partenon [em Porto Alegre]. Eu morava ali perto então falei com a diretora e fiz o estágio nele.

Na segunda metade da graduação, Diego tem seu primeiro contato com outra área de atuação. Se inscreve para um estágio em uma sala de musculação dentro de uma clínica de traumatologia. Esta experiência, que será explorada com mais detalhes na análise da matriz da gestão, a seguir, foi decisiva para a mudança de expectativas e interesses em termos de campo de trabalho. Nela, começou a perceber que tinha facilidade em lidar com as pessoas. Seus alunos/pacientes demonstravam grande aceitação ao seu trabalho, e, mais uma vez, relatava o prazer em ajudar, em propiciar uma boa capacidade de movimentos para pacientes que recém haviam se recuperado de um trauma ósseo ou articular. Isso, afirmou o interlocutor, o seduziu a ponto de promover a escolha por este caminho. Diego também traz que, pela experiência dos pais, sabia que o professor escolar rapidamente atingia um teto remuneratório, teto este que ele imaginava superar se conseguisse que algumas dessas pessoas o contratassem como *personal trainer*.

A partir deste momento, nos conectamos ao ponto da sua narrativa que será explorada na matriz socializadora da gestão. Apenas para dar destaque, ao final desta

descrição da matriz formação, sublinho que Diego obteve grande êxito nesta clínica e depois de alguns anos trabalhando nela, por sentir-se desvalorizado e enganado pelo proprietário, concretiza um sonho que já vinha alimentando, o de abrir seu próprio negócio.

Gestão

O que eu quero te dizer é que é bem mais professor do que gestor.

Eu acabo fazendo as duas coisas ao mesmo tempo [...]

A última coisa que eu imaginaria.

Tu tens que sangrar para fazer o teu dinheiro.

Eu teria que ter uma cabeça muito boa para entender que aquele prazer que eu tinha de dar minha aula e ver o aluno sair realizado vai ficar ofuscado.

Início a descrição de matriz socializadora com esses pequenos excertos pinçados das entrevistas de Diego. No momento das entrevistas ele estava à frente de três empreendimentos, dois de forma individual (como único proprietário) e, no terceiro, com uma sócia com a divisão exata de 50% para cada um. Diego abre seu primeiro empreendimento em outubro de 2009. Ele relatou que seis meses antes, atuava em uma clínica de traumatologia que oferecia, além da atuação médica para os traumas sofridos, serviços de fisioterapia e musculação para o recomeço de uma atividade física saudável, com o zelo necessário para pacientes pós-traumáticos. A esta altura da carreira, ele estava há cinco anos formado. Já tinha vivido outras experiências de empreendedorismo e, apesar de atuar apenas como professor nesta clínica de reconhecida atuação na zona norte da cidade, estava sempre alerta, identificando elementos da gestão do local.

Ele se descreve, nas entrevistas, como prestativo, como alguém que demonstra empatia em função das limitações que tratava, e com excelente conhecimento técnico, para conquistar e manter seus alunos/pacientes. Sua atuação nesta clínica se deu por quase três anos. Nos últimos meses nesse trabalho, era muito claro para Diego a consolidação estabelecida na relação entre ele e seus clientes. A proposta de ser apenas uma atividade de retomada, procurava ensinar aos pacientes cuidados que deveriam ser observados a partir daquele momento (pós-trauma), tanto na realização de suas atividades do dia a dia, quanto na escolha dos movimentos e atividades físicas regulares. O vínculo que Diego estabelecera, no entanto, mantinha seus alunos fiéis, o que, segundo ele, não era observado, pelo menos não de forma

tão recorrente, com os outros dois professores que desempenhavam a mesma função na clínica.

Suas responsabilidades eram divididas por turnos. Na parte da tarde – responsabilidade de Diego – das 13h às 18h, o público era predominantemente de terceira idade, mas com um bom número de pré-adolescentes que estudavam pela manhã e praticavam suas atividades à tarde. O entrevistado destacou que eram dois extremos, pensando não apenas nas demandas técnicas, mas também nas sociais. Segundo ele, “tinha que agradar do mais gurizão a mais velhinha”.

Foi neste cenário de trabalho, com nosso interlocutor em um momento de confiança e realização profissional na clínica, que ocorreu a ‘gota d’água’ que levou Diego a empreender. Em meio a tantas retenções de clientes e *feedbacks* positivos, o gestor da clínica prometeu a Diego um aumento. Seria entre 10 e 20% do seu valor de hora/aula. Isso dependeria de uma análise das finanças da clínica para fechar esse número, mas a valorização ocorreria. Diego sublinhou que o tempo passava, os meses viravam e nada de concretização da promessa de aumento. Ele, então, questionou seu responsável, percebeu que os argumentos apresentados não eram justos. Notava que havia um grande movimento na clínica em seu turno, o que avaliava como resultado do trabalho que realizava. Apesar disso, “[o proprietário] ficou me enrolando” foram as palavras utilizadas para descrever o ocorrido.

Essa situação de ‘ser enrolado’, de ‘não ser trouxa’, surge com recorrência nas entrevistas. Diego argumenta que procura ser sempre muito correto, cumpridor de seus compromissos, independentemente de ter assinado algum documento ou não. Reproduz ou atualiza seu pai: reto, correto, responsável e muito capaz profissionalmente. Tais disposições são acionadas no dia a dia de Diego, toda vez que sente que alguém está querendo enganá-lo, gerando forte reação, indignação. Não aceitação, em hipótese alguma, deste tipo de relação que de certa forma o subestima. Sobre o episódio do aumento, Diego ressalta:

Está com dificuldade financeira, perfeito. Eu entendo, sem problemas. Mas, definitivamente, não era o caso. Claramente estava me enrolando, me desculpa. Não sou o dono da verdade, mas, nesse caso, tenho certeza que estava me enrolando. Só não contava que eu sairia e que levaria muitos alunos comigo.

Ao perceber que sua valorização não viria, Diego, que já mobilizava o interesse de abrir seu negócio, começou a se movimentar nesse sentido. Buscou o imóvel, planejou o que precisava comprar, como conseguiria o capital necessário,

enfim, começou a passar suas ideias do campo do interesse para a prática. Convicto, relatou que começou a abordar os alunos com quem tinha mais intimidade, informando-os de sua opção e de que gostaria de contar com a presença desses em seu empreendimento. Com êxito, mantém sigilo de toda essa movimentação para sair da clínica da melhor forma possível. Os alunos com quem contara para abrir seu empreendimento sabiam, é claro, mas a administração da clínica só ficou sabendo depois que Diego assinou um bom acordo de demissão. Diego lembra que, assim que souberam, o procuraram e fizeram propostas de aumento, o que apenas corroborou segundo ele, sua impressão de que eles poderiam sim tê-lo valorizado conforme haviam prometido.

Dessa situação, nascia assim a 'Abadie Academia', registrada com o sobrenome materno de Diego. Minha primeira abordagem depois de avisá-lo que o gravador estava ligado (assim combinamos em todas as entrevistas), não foi exatamente um questionamento, mas uma provocação. Proponho ao interlocutor um exercício de reflexão: "Estando em frente a um espelho, quantos por cento você enxerga um Diego gestor e qual a porcentagem do Diego professor neste reflexo? Seria possível o isolamento das imagens? Ou elas necessariamente se misturam?". Não houve hesitação. Sua a resposta foi a de que não existia a menor possibilidade de separação. Quanto à dimensão quantitativa da interrogação, Diego traz uma relação de sessenta e cinco à setenta por cento da visualização para a posição do professor, ficando a imagem do gestor com a menor parte dessa relação.

Complemento minhas perguntas com outras na mesma direção: "E há quanto tempo estas posições concorrem? Desde quando você atua como gestor e professor?" Diante dessas interrogações, o entrevistado descreveu que na sua primeira e única oportunidade de empreendedorismo, antecedente à abertura da sua primeira sala própria, onde atua até hoje, sublocou sozinho uma sala de musculação em uma escola de natação. Naquele momento Diego não tinha professores ou outros colaboradores. Ele apenas se reportava ao proprietário da escola. Essa foi uma passagem bem rápida, durou menos de seis meses, mas aguçou a vontade de empreender, mas não mais de sublocar e, sim, de abrir o seu espaço.

Apesar de breve, esta experiência já contribuiu na formação do Diego gestor. O entrevistado relatou que, em alguns momentos, tinha que lidar com questões administrativas, como a limpeza da sala, que conforme combinado com o proprietário da escola, estaria no valor pago pela sublocação, mas que nem sempre era cumprida,

causando alguns constrangimentos juntos aos seus alunos. Ainda sobre essa rápida passagem, ele também ressalta que ali já começou a formar sua carteira de prestadores de serviço. O comportamento relapso do dono da escola, obrigava Diego a solucionar questões de manutenção de aparelhos, de iluminação, que, pelo combinado, não deveriam ser suas preocupações. Tantas insatisfações fizeram desta, uma breve passagem, mas Diego a considera de bastante aprendizado. “Foi ali que comecei a entender o que é ser dono de uma academia”, lembra Diego.

A inauguração do seu primeiro espaço, onde atua até hoje, ocorreu com grande festa em 16 de outubro de 2009, num sábado de muito calor. O espaço físico era enxuto, com cerca de 50m², mas com ótima localização, numa avenida de acesso a um Shopping, um dos maiores da cidade de Porto Alegre. Aquele dia, com tantos amigos e familiares presentes é lembrado com muito orgulho pelo entrevistado. Mas, como minha pergunta foi em relação ao tempo que atuava de forma concomitante como professor e gestor, ele apontou que deveria ser incluído neste período, os dois meses de reformas que antecederam o dia 16 de outubro. Lidar com pedreiros, lojistas, negociar prazos de pagamento, descontos na aquisição dos materiais, já é trazido por Diego como situações de gestão.

O entrevistado destaca que, ali, já vislumbrava que, como dono do seu negócio, somente o professor não seria o suficiente. Caberia a ele, a partir daquele momento ser um gestor. Notava que a atuação frente a uma academia de pequeno porte, onde o investimento financeiro é limitado, o tornava um empreendedor, mas ao mesmo tempo um trabalhador multifuncional, alguém que irá atuar nos mais variados setores. Naquele instante, onde Diego tinha que gerenciar sua reforma, pela primeira vez estava atuando como gestor, mais especificamente como gestor de pessoas. “Treze anos”, foi a primeira resposta, antes de ele fazer referência aos meses em que coordenou a reforma do local de sua sala. Depois reflete, faz contagem com os dedos das mãos e reafirma: “Sim, treze anos que estou nessa vida”.

Coloca ainda que se por um lado, muita coisa mudou, desde a maneira de agir e pensar, por outro manteve algumas atitudes e preferências. Ao escutar essa palavra importante no contexto da pesquisa, aproveitei para indagar: “Preferências? Pode me falar um pouco mais sobre essas preferências Diego?” O interlocutor respondeu que:

Eu sempre me cerco de gente conhecida. Eu peguei meu padrinho e minha madrinha para serem meus contadores para me ajudar na abertura do CNPJ, e isso é uma coisa que eu faço até hoje. Estar em contato direto com pessoas

que me auxiliam, pessoas mais próximas. Se eu preciso de uma arquiteta, eu vou na namorada de um amigo, se eu preciso de uma dentista, vou na namorada de outro amigo. Eu prefiro assim, às vezes é melhor a gente não misturar, sei lá, mas eu acabo sempre agindo assim.

Em seguida, de forma espontânea, coloca que estava refletindo poucos dias antes da entrevista sobre essa minha pergunta referente aos percentuais de gestor e de professor, relacionando com o que é oferecido na faculdade, na formação acadêmica. A partir disso, ele menciona a disparidade que percebe na relação entre disciplinas técnico-pedagógicas e disciplinas que de alguma maneira façam o estudante refletir, pensar sobre possibilidades de atuações empreendedoras ou somente de gestão. Foram apenas dois créditos durante toda sua graduação que o remeteram a este tipo de pensamento, enquanto os créditos de disciplinas biológicas são bem mais trabalhados. De forma crítica coloca:

A faculdade de Educação Física, eu sempre brinco, me ofereceu quatro anatomias, quatro fisiologias, quatro cinesiologias. Então tu vê, que não tem foco nisso. A gente faz anatomia um dois, três, dezessete. Bioquímica um, dois, depois bioquímica nove, mas administração de empresas faz uma disciplina. E sintá-se feliz que tem uma disciplina.

Percebendo sua insatisfação, procuro instigá-lo, solicitando a retomada da reflexão dos percentuais proposta no início: “E como tu fazes então a administração de três espaços atualmente, levando-se em consideração que tua formação, pelas tuas palavras, foi insatisfatória neste sentido e que tu tens pouco tempo de atuação na gestão?” A resposta de Diego vem precedida de suspiros, de mudança de posição na cadeira e de um semblante pensativo que até então não aparecera nas outras entrevistas. Na sequência afirmou que “O que eu quero te dizer é que é bem mais professor do que gestor. Mas o que eu procuro fazer é utilizar esse percentual menor da melhor forma possível”.

Percebendo que a pergunta causou algum constrangimento. E, diante disso, procuro lembrá-lo que, mesmo em meio a todas essas questões, ‘o Diego gestor’ prosperou, adquiriu dois novos empreendimentos. “Contra fatos não há argumentos” eu afirmo e prossigo buscando descontração. O questiono em seguida sobre suas projeções. “Me parece que essa disparidade nas atuações, de alguma forma te incomodam. Como Tu mesmo disseste, hoje tu és bem mais professor do que gestor. Tu pensas em mudar? Tenta refletir comigo o que tu projetas daqui para frente em relação a essas duas posições de gestor e de professor?”

Mais uma vez o semblante fica pensativo, com alguma conotação de insatisfação e a resposta é que ele tem pensado muito nisso ultimamente. Está

preocupado porque percebe que tantas demandas administrativas e deslocamentos por três endereços diferentes, sendo um deles no bairro Menino Deus da cidade de Porto Alegre, dez quilômetros distante de outros empreendimentos, estão afetando a qualidade de suas aulas. É desta resposta que pinço uma das falas expostas no início desta análise: “eu acabo fazendo as duas coisas ao mesmo tempo”, que interpreto como uma autocrítica, permeada por desejo de mudança.

Seguindo na resposta, num primeiro momento, Diego fala em inverter as proporções, o que acarretaria numa significativa diminuição de suas aulas nos empreendimentos, mas em seguida, ele trata de refazer a resposta: “Não, inverter não! Talvez equilibrar. Se chegasse a 50% de cada uma das posições já seria ótimo”. A partir dessa resposta ele argumenta que, com as atuações equilibradas, a gestão receberia maior atenção e a qualidade das aulas não cairia tanto. Relatou ainda que já ocorreram situações nas quais um aparelho estragou, e ele não tomou a providência no tempo necessário, porque eram tantas aulas e trocas de endereço, que aquilo foi sendo esquecido. E isso o incomoda, e o ‘não ser trouxa’ mais uma vez aparece na narrativa do entrevistado:

Eu gostaria de consertar, de fazer a manutenção logo, mas acaba que eu não consigo porque são muitas aulas para dar. Mas é claro, eu não sou burro. As coisas que acabam ficando muito tempo estragadas são coisas que não são tão importantes. As coisas que eu sei que são super importantes, essas eu dou um jeito e arrumo rapidinho. Eu não sou trouxa.

Essa percepção de queda na qualidade de suas aulas, de necessidade de maior espaço em sua agenda especialmente para a gestão, aparece recorrentemente durante todo o encontro que tratamos com mais especificidade da matriz. Procuro, então, provocá-lo a falar sobre esses momentos em que sua atuação é afetada, em que ele gostaria de entregar mais como gestor (que é nossa pauta principal) e não dá conta. Minhas perguntas, nesse sentido, foram: Tu consegues identificar, nas tuas obrigações, nas rotinas enquanto gestor, momentos que percebe que se repetem e te trazem este tipo de pensamento? Tu consegues identificar momentos/situações onde essa dificuldade é escancarada pra ti?

A resposta do interlocutor acionou as demandas de organização financeira e planejamento. Diego entende que essas dificuldades ganham força na primeira quinzena dos meses, quando as contas ainda não foram pagas. Há uma ‘antecipação’ de valores para o pagamento dos professores nos três endereços. Ele se orgulha em afirmar que não mistura os valores, isto é, entradas de receitas de uma academia não

são utilizadas, em hipótese alguma para os compromissos das outras. Por outro lado, para suprir déficits que se repetem mensalmente, Diego utiliza recursos pessoais, para na segunda quinzena, quando todas as entradas de mensalidades já foram efetivadas, haja um ressarcimento dos empreendimentos. À medida em que as mensalidades vão entrando, Diego repõe os valores de recursos pessoais.

Quando Lahire (2004) apresenta a metodologia dos Retratos Sociológicos, que orienta essa pesquisa, entre tantos debates, o autor expõe elementos sobre a escolha dos entrevistados, em especial acerca do tipo de relação este deve ou não possuir com as pessoas selecionadas. O autor acaba concluindo que não pode ser nem um estranho (sem qualquer tipo de vínculo antes da entrevista), nem um amigo muito próximo (que poderia constranger determinadas exposições). Retomo isso porque à medida em que vamos aprofundando questões que expõe fragilidades de Diego enquanto gestor, nossa relação influi cada vez mais nas respostas. Explico isso porque, Diego hoje lidera profissionais que até bem pouco tempo estavam sob minha responsabilidade. Em reuniões realizadas para transição da gestão academia, constatou grande respeito da equipe em relação a minha pessoa, e reciprocidade de minha parte. Existia e ainda existe uma mútua admiração. E cabe lembrar que isto tudo ocorreu há menos de um ano. É um curto espaço de tempo.

Antes de adquirir o terceiro empreendimento, Diego já gerenciava dois empreendimentos. O segundo, situado no bairro Menino Deus, também com espaço reduzido (54m²), foi inaugurado em maio de 2017, um ano após seu casamento. Anelise, sua esposa morava no Menino Deus, por isso começou a frequentar muito a região. Como sempre, comentava suas movimentações com alunos da sala da zona norte, e começou a perceber recorrentes solicitações para que abrisse outra sala, no bairro de sua então noiva. Depois de se certificar que um número considerável de pessoas realmente se matricularia na sua nova empreitada, efetivou sua nova inauguração. Essa trajetória já com dois negócios anteriores em andamento lhe dá muitos elementos para gerir suas salas, mas assumir um empreendimento em andamento representa um novo desafio para Diego.

Retomamos o problema já exposto da divisão financeira do mês em duas quinzenas de pagamento. Esse assunto ganha força quando Diego efetiva matrículas e cobra a mensalidade integral do seu aluno, independentemente do dia em que ele está começando as atividades. O entrevistado lança mão de um exemplo: uma pessoa que inicia a academia no dia 12 de setembro efetuará o pagamento integral da

mensalidade. Dessa forma, seu próximo vencimento ocorreria no dia 12 de outubro. No entanto, seus compromissos de aluguel, salários de colaboradores, entre tantos outros, vencem no máximo no dia 10. Muitas vezes essa pessoa frequenta a academia duas vezes por semana, podendo ser terças e quintas, por exemplo. O que pode ocorrer é que este dia 12 caia numa sexta-feira. Assim, essa pessoa fez a aula no dia 11 (quinta-feira) e não fez o pagamento que venceria apenas no dia seguinte. O resultado é que essa mensalidade só será recebida – se tudo correr bem – no dia 16 (4 dias após o vencimento). Isso ocorrendo com mais e mais alunos, será um fator bem importante para a geração do déficit relatado e que resulta num aporte financeiro particular de Diego.

Aqui aparece novamente a visão de gestor de Diego. Ainda numa perspectiva de provocá-lo para que prossiga nas respostas com a maior detalhamento possível de suas ações, ressalto que podemos olhar esse copo ‘meio cheio’. Enfatizo a importância de ele ter tal consciência. De que para resolvermos um problema, precisamos, antes de mais nada, conhecê-lo, e Diego demonstra total consciência sobre a questão. Isso porque ele descreve o problema com autoridade, apontando detalhadamente um fator negativo em sua gestão.

Para tentar entender a abrangência especificamente dessa questão financeira trazida, questiono se isso ocorre todos os meses ou se fatores, como a sazonalidade resultante do nosso clima, geram maior tranquilidade em alguns meses. A resposta foi breve: “É assim de janeiro a janeiro”. Mas, Diego prossegue, expondo fragilidades, trazendo agora que entende que para responder minha pergunta anterior dos percentuais de atuação, ele deveria saber exatamente os custos de seus estabelecimentos. A quantidade de aulas ministradas por ele, deveria, pela sua exposição, ter este número como balizador. Afinal de contas, exatamente quantas aulas e quantos alunos preciso ter para atingir um ponto de equilíbrio? Assim Diego coloca essa questão:

Eu deveria conseguir mapear esse número, só que mapear esse número dá muito trabalho. Tu podes me dizer, mas e o sábado e domingo. Por que tu não corres atrás desse número sábado e domingo? Eu vou te dizer: sou uma pessoa, sou casado eu tenho filhos. Eu preciso ir no super. Se eu ficar trabalhando também sábado e domingo meus filhos daqui a pouco vão querer outro pai. A minha esposa vai querer outro marido.

Esse trecho do depoimento, especialmente quando coloca que “mapear este número dá muito trabalho”, ganha protagonismo. Sua carga horária elevadíssima desde às 5h da manhã, os afazeres de pai, como o leva e traz dos filhos da escola

que concentra entre uma aula e outra e tantos outros compromissos pessoais que se misturam com os profissionais são frequentemente lembrados em diferentes trechos tanto desta como das outras entrevistas. Começo a enxergar um certo orgulho nessas colocações, e que aqui o pincel que determinará os contornos de Diego percorrerá os traços que o definem quando a matriz socializadora é a família. Esse orgulho remete a uma repetição da atuação de seu pai. Sua grande referência, elogiada por questões intelectuais, de caráter e principalmente por sempre ser capaz de absorver todas as demandas.

É como se seus méritos em triplicar seus empreendimentos em pouco mais de dez anos, mesmo sem o acesso a uma formação mais capacitadora no sentido da gestão, não pudessem ser gozados da mesma forma, se, para tanto, Diego não acordasse às 4h da manhã e tivesse todas as dificuldades em conciliar família e trabalho. Em outro trecho de sua fala, que também citei no início desta descrição, especificamente, ele coloca: “tu tens que sangrar pra fazer teu dinheiro”. Quando ouvi, confesso que não dei a importância devida, mas ao ler com calma toda a entrevista, essa colocação ganhou representatividade.

Por que, em suas narrativas, ele refere um maior tempo na gestão como um avanço, mas na prática são assumidas mais e mais turmas? Por que trabalhar para visualizar este número “dá trabalho”? Ao ouvir que, é necessário ‘sangrar’, para se conquistar um ganho financeiro, não há como imaginar Diego delegando, planejando, criando estratégias para traçar os caminhos mais curtos. Vou aprendendo na entrevista com esse interlocutor que ele acorda mais cedo e vai dormir mais tarde que os demais, que testa seus limites físicos e emocionais diariamente e que se multiplica como pai, marido, gestor, professor de Educação Física, entre outras funções.

Dando continuidade aos questionamentos, entramos agora no período de enfrentamento da pandemia, procuro apresentar questões sobre suas ações durante esse momento, principalmente a respeito de elementos que foram utilizados e que contribuíram para sua permanência no mercado. Sua resposta inicia lembrando a sua breve passagem como sublocador da sala de musculação na escola de natação. O responsável pelo local (administrador), já referido por sua atuação relapsa, deixou também ensinamentos. Diego lembra que, nas poucas conversas em bom tom que tiveram, o administrador insistia muito na importância da relação próxima com o aluno.

Numa possível dificuldade da empresa, como uma demora para reposição de algum item, por exemplo, essa proximidade poderia gerar empatia nos clientes,

amenizando o impacto. Mesmo percebendo que essa proximidade acaba sendo gerada de forma espontânea entre ele e seus alunos, Diego traz no depoimento que sempre se lembra dessas colocações do administrador. A partir dessa empatia, dessa relação estabelecida, é que Diego visualiza que boa parte de seus problemas foram resolvidos durante todo o processo de abertura e fechamento das academias imposto pela pandemia. Nos seus empreendimentos, o entrevistado explica que não opera com planos a médio ou longo prazo, apenas mensalidades. Como seus horários atendem no máximo 4 pessoas simultaneamente, durante períodos mais críticos da pandemia, propôs uma redução no valor. Dessa forma, por exemplo, com o pagamento de 60% o aluno poderia manter-se frequentando a academia. Isso, é claro, para os momentos em que era permitido recebê-los.

Era uma ideia de incentivo ao retorno dos alunos, porque muitos não se sentiam à vontade para praticar atividades em ambientes fechados. Essa oferta teve alguma aceitação, mas muito inferior a esperada, sendo classificada por Diego como algo que “não deu muito certo”. A questão da empatia se concretizou efetivamente quando Diego percebeu que precisava de maior fluxo de entradas. Os pagamentos referentes a redução de valor para os atendimentos na academia eram insuficientes. Sentindo-se ameaçado e constrangido por não ter condições de honrar seus compromissos (algo inaceitável para Diego), ele recorreu aos clientes ‘mais íntimos’. Pediu para que efetuassem o pagamento de uma anuidade de maneira adiantada, ofertando um bom desconto e se orgulha em lembrar que houve 100% de aceitação das propostas. Dessa forma, Diego gerou caixa e foi capaz de cumprir suas obrigações financeiras.

A grande reflexão é trazida por ele logo após toda essa exposição. Algumas destas pessoas que estenderam a mão e o ajudaram, eram frequentemente lembradas por Diego em conversas mais particulares, como inconvenientes. Devido a essa proximidade da relação construída, inúmeras vezes o chamavam para remarcar, desmarcar aulas em pleno domingo ou feriado. Isso incomodava e ainda o incomoda muito. Assim relata:

Então eu brinco assim às vezes os alunos me chamam domingo ao meio-dia, na hora do almoço para me dizer que querem trocar uma aula de terça-feira, por exemplo. Aí eu estou almoçando, paro o meu almoço e ofereço as alternativas? Aí o aluno diz: Ah! Ok! Então terça-feira eu estou aí! Eu penso: Está aí aonde? Eu estou em casa! Tu pensas que eu estou na academia? Eu estou num momento de lazer com minha família. Às vezes dá vontade de dar nos dedos, assim, para o aluno entender que uma coisa é academia, outra coisa, sou eu.

Mas Diego, no decorrer dos argumentos das entrevistas, demonstra ter convicção em afirmar que foi este tipo de vínculo, de intimidade oferecida aos seus alunos, que tanto o incomoda pela falta de privacidade gerada em alguns momentos, acabou sendo sua ‘grande arma’ para sobreviver àquele período tão complicado. Segundo o interlocutor, “por ironia do destino, naquele momento esses alunos que me incomodavam entre aspas, que me chamavam nos meus momentos de lazer, foram os que mais eu contei para me pagar mesmo estando com academia fechada.”

Essas foram suas atitudes, tomadas de decisões para suportar o momento pandêmico quando falamos de suas entradas, dos pagamentos absorvidos. Mas Diego, sempre narrando seu comportamento proativo, não parou por aí. Assim que foi determinado o primeiro momento de fechamento, entrou em contato com as duas imobiliárias responsáveis. A do endereço mais antigo foi flexível e cedeu em 50%, mas a do mais recente não aceitou qualquer tipo de desconto. Esse comportamento rígido da imobiliária gera indignação em Diego. Ele se preocupa, percebe que será muito difícil honrar os pagamentos. Pensa em fechar, desistir e divide este problema com sua tia, que também é sua madrinha. Esta imediatamente quer ajudá-lo e propõe a compra do imóvel. Assim Diego narra essa situação:

Me recordo que no momento da pandemia eu estava tentando negociar o aluguel com o proprietário e não estava conseguindo, e a minha tia que é minha madrinha, me falou: por que tu não compras essa sala Diego? Daí eu dei risada. Falei: eu não consigo nem pagar o aluguel, e tu quer que eu compre, tia? Te empresto o dinheiro! E aí, através de empréstimo que eu fiz com ela eu comprei a sala e o que eu pagava de aluguel hoje eu pago eu pago um pouco mais, mas a prestação é para mim [...]. Exatamente no momento difícil da pandemia onde eu estava tentando negociar o valor do aluguel, surgiu esse momento de compra da sala. A última coisa que eu imaginaria.

Mais adiante Diego vai concluir que acabou saindo da pandemia mais forte. As coisas aconteceram sem muito planejamento, sem deliberações, mas fato é que nenhum boleto deixou de ser pago, a retenção de seus alunos foi boa e ele relata seu processo de passagem por todo esse período de forma positiva. As narrativas do entrevistado surpreendem por sua positividade, por seus destaques aos avanços, num período em que a maioria dos relatos é repleto de pessimismo e até mesmo duras consequências como fechamentos ou pelo menos, grandes endividamentos. Pergunto, então, se todas as suas estratégias deram certo, se há algum ponto que ele possa dividir comigo que não teve o retorno esperado: “Tu consegues lembrar de coisas que tu tentaste fazer ou até mesmo fizeste e deu errado”?

Para responder a essa questão, ele traz uma situação específica envolvendo uma mãe e filha que treinavam com ele no mesmo horário – às 7h da manhã. Com a academia fechada, elas propuseram que Diego as atendesse em casa. Ficou perfeito para ele. Manteve o horário que não coincidia com o de trabalho da sua esposa (ela poderia ficar com as crianças em casa), e aumentou o valor por ser um atendimento domiciliar. Porém, com a retomada dos serviços, a academia reabre e os alunos que dividiam horário com as duas querem voltar.

Daí eu comecei a fazer ‘gambiarra’. Disse para elas que eu não tinha como manter esse horário, e ofereci o horário do meio-dia [...]. O tempo foi passando e elas quiseram voltar para o horário da academia da manhã, mas eu não tinha como segurar aquele horário sem colocar nenhum outro aluno. Daí foi complicado, eu comecei a fazer algumas combinações que eu nunca faço. [...] daí ela se sentiram traídas, ficaram ofendidas e eu perdi as duas.

Nossa conversa continua, mas fica transparente o incômodo causado em Diego por toda essa situação. A perda das alunas provoca um sentimento que o incomoda. Além disso, não apenas perdeu as alunas, mas as decepcionou. Isso o atinge de maneira muito intensa.

Proponho, encaminhando o encerramento de nosso encontro, mais um exercício de imaginação ao entrevistado. Peço para se imaginar exatamente à frente dos mesmos empreendimentos, com as mesmas pessoas, estruturas, mas não mais como professor de Educação Física. Agora ele seria exclusivamente, e inclusive por formação, um administrador. Neste exercício pergunto: “O que tu entendes que faria diferente”? Assim o interlocutor inicia sua resposta:

Eu acho que eu teria que fazer no meu negócio uma mudança. No curto prazo eu teria que ganhar menos, para ganhar um grande volume de dinheiro no médio e longo prazo. Só que para tu conseguir fazer esse montante de dinheiro no médio e longo prazo, tu tens que sofrer nesse curto prazo. Tens que saber que tu vais ganhar menos nesse curto prazo. Só que eu sou teimoso e acabo não fazendo [...], tem que ‘abrir mão’ de cem reais agora com a possibilidade de ganhar quinhentos lá na frente. Mas quem garante que eu vou ganhar na frente. Esse é o problema. Eu acho que eu vou ganhar, mas eu não teria certeza. Então, é complicado. Quando eu vejo, estou na minha rotina acordando às 5 horas da manhã trabalhando doze, quatorze horas por dia.

O que extraio dessa fala é que, nesta situação hipotética onde ele é exclusivamente administrador, automaticamente é visualizada uma significativa perda de alunos por não dar mais aulas. É uma certeza que move Diego diariamente e que o faz ter uma carga horária tão elevada como professor. Ele fala ainda que investiria na capacitação dos professores, como um de seus pontos a melhorar e que estando somente como gestor daria prioridade a este treinamento. Desta forma, no curto prazo

diminuiria o número de alunos, mas possivelmente novos apareceriam e estes não viriam mais pelo Diego professor e sim pela academia do Diego. É totalmente diferente e percebo alguma dificuldade de aceitação deste tipo de visão por parte dele.

Por isso, mesmo percebendo o desconforto causado pelo prolongamento de nossa conversa, trago esse ponto para a entrevista. Diego já está olhando no relógio e fazendo sinal de que tem que sair. Prometo ser a última pergunta e o questiono sobre esse sentimento, sobre essa relação que desde os tempos da clínica de ortopedia sempre foi sua marca registrada: “Como é que tu te enxergas administrando uma academia em que o perfil dos alunos não tem esse vínculo tão forte contigo? Pelo menos não pelo Diego professor. De que maneira isso te afetaria”? Sua resposta foi a seguinte:

Eu teria que ter uma cabeça muito boa para entender que aquele prazer que eu tinha de dar minha aula e ver o aluno sair realizado, ele vai ficar ofuscado [...], eu teria que ter essa maturidade de entender que esse prazer que eu tenho hoje de bater no peito e dizer que eu dou doze aulas por dia, eu vou ter que trocar pelo prazer de ver a minha academia talvez com mais esteiras, com um material melhor. Começar a ver prazer em outras coisas

Esta fala corrobora o sentimento despertado em respostas (‘sangrar para fazer dinheiro’). Sua atuação nos diferentes endereços muito mais como professor do que como gestor é o ‘retrato’ de Diego (aproveitando a analogia) da metodologia desta pesquisa. Sua disposição para ser professor, estar com os alunos, dar bons treinamentos, perceber resultados em seus clientes é bastante saliente e presente. É isso que lhe move, não o sentar na frente de um computador e analisar planilhas.

Outra confirmação de impressões anteriores explícita nessa fala é a de que se ele trabalhasse muito menos e tivesse um ganho pelo menos bem próximo, ‘não teria graça’. Quando ele diz: “prazer de bater no peito e dizer que dou doze aulas por dia” essa maneira de avaliar fica escancarada. Ele gera conflitos internos entre o ser professor e o ser gestor, que querem ser reconhecidos pelos resultados físicos proporcionados aos seus alunos pelo treinamento, mas também querem os aplausos pelo crescimento ou consolidação do seu negócio. No caso de Diego isso é claro e transparente.

Na 6ª série, passou por um episódio de total foco em uma competição sul-brasileira, onde estariam atletas dos 3 estados da região sul e que, em caso de vitória, ganharia um patrocínio, que na época pouquíssimos nadadores tinham acesso. Preparou-se como nunca, e para orgulho do pai e satisfação dela, sagrou-se campeão.

Alcançou o sonhado patrocínio da marca 'All-Star', ganhando uma série de roupas e tênis da empresa. Saiu em muitas edições dos jornais locais da cidade, destacando-se não apenas entre os atletas, mas também entre os colegas do colégio. O problema é que para alcançar tais marcas, teve que fazer escolhas, e o estudo que já não era seu forte, ficou bastante prejudicado. Alana conta então que, depois de algumas provas e testes de recuperação sua professora a reprovou. Foi um duro golpe, mas ela afirma que foi por perseguição da professora, que não soube entender o momento. Diz que ouviu muitas vezes da professora que ela não era melhor que nenhum outro colega e que se tinha tempo para treinar, poderia muito bem arrumar tempo para estudar. Sempre com um tom atribuído por Alana como irônico, de alguém que queria prejudicá-la. Neste relato especificamente Alana foi longe na história, colocou os estudos do filho, o pai do filho, voltou pra suas aulas...Enfim, fui obrigado a 'freá-la' e pedir que neste momento, focasse na sua história apenas.

“E além desta reprovação, mais alguma? Pergunto.

Sim, teve sim. No primeiro ano do segundo grau. Foi daí que meu pai decidiu que seria melhor um curso profissionalizante. Viu que era melhor focar logo e ter uma profissão. Dessa vez, rodei por causa de uma prova de brasileiro, onde bati o recorde na minha faixa etária. Imagina minha alegria. Recordista brasileira e ainda teria o patrocínio da Kibon, que era somente dos atletas nível olímpico. Mas nesse ano teve também uma greve de mais de 7 meses. Foi bem difícil. Era ótimo pra mim, porque pude me dedicar exclusivamente aos treinos, mas quando voltaram as aulas, foi tudo muito corrido e mais uma vez rodei.

Tomada a decisão de matriculá-la em um curso profissionalizante de enfermagem, Alana conta que por um lado a cobrança dos estudos ficou bem mais tranquila, desde que é claro, não fosse reprovada, já que essa escola era paga, coisa que o colégio estadual não era. Entraram então duas novas pressões no dia a dia da Alana estudante/atleta. Em primeiro lugar, a opção de não concluir o curso o mais rapidamente possível não poderia nem ser cogitada. Era uma obrigação sempre lembrada. Além disso, já que foi promovida de certa forma uma facilitação com o estudo, os compromissos com a escola de seus pais aumentaram. Ela passou a dar mais aulas e absorveu outras demandas administrativas. Dessa forma, a escola aliviava seu custo com o quadro de professores e funcionários. Essa ideia nunca foi aceita por Alana, que diz que nesse ponto há incompreensão de seus pais. Eles não entenderam, na sua opinião, que ela e sua irmã ajudaram muito a levantar a escola exatamente por terem trabalhado tanto. Mas seus pais acham que apenas fizeram a

obrigação de filhas com uma empresa familiar e então não precisavam absorver as remunerações dos funcionários que estavam substituindo.

Trabalhando como professora, recepcionista e tudo mais que o Fernando solicitava, Alana tem uma discussão forte com uma professora do curso de enfermagem, que segundo ela não entendia nada de nutrição e ela, por sua vivência como atleta, foi obrigada a ensiná-la. Com este episódio, as coisas ficaram insustentáveis nesta escola, e então seus pais decidem colocá-la em um curso supletivo. E assim, Alana conclui seu segundo grau, e entra na Feevale, uma universidade situada na mesma cidade da escola Golfinho, na faculdade de educação física aos 18 anos.

5.2 Retrato Sociológico 2: Felipe

A construção de um retrato sociológico representa um desafio para mim, como pesquisador. Essa metodologia exige perícia, capacidade de observação, de interpretação da situação, e de encontrar o exato *timing* da relação pesquisador-pesquisado, de forma que não aproxime a ponto de causar possível constrangimento, mas também não afaste dando margem a possíveis ampliações e abreviações de fatos importantes. Todos esses elementos, de certa forma, se potencializam quando decido construir o retrato de um gestor-professor sobre o qual já imaginava ter exercido alguma influência na escolha profissional, mas que os relatos não apenas confirmaram, mas deram contornos de uma relevância acima do que imaginava.

Felipe, hoje com 37 anos, aprendeu a nadar aos 14 com este pesquisador-professor. Ainda me lembro daquele menino 'desengonçado' em sua fase pré-adolescente, retratando que nunca havia entrado numa piscina. Sua experiência com atividades aquáticas limitava-se a brincadeiras em rios e açudes do estado do Mato Grosso do Sul. Seu relacionamento com o esporte, que será tratado na matriz socializadora específica com maior detalhamento, foi o pontapé inicial da relação de amizade que desenvolvemos e que foi bastante próxima entre os anos de 2001 a 2005.

A partir daí me torno empreendedor, mergulho na gestão de minha academia e nossa relação passa a ser de amigos que eventualmente se encontram, mas que mantêm sempre um mútuo respeito. Os anos vão passando, raramente nos falamos e há 4 anos, em 2018, ele me procura anunciando que está abrindo o seu negócio e

que gostaria de conversar para trocar experiências. Desde então, nos encontramos 2 ou 3 vezes, por coincidências do cotidiano, nada mais.

Com esta breve introdução, anuncio que Felipe representará o interlocutor que concilia as funções de gestor e professor de educação física há menos de 5 anos.

Família

Felipe, no momento da entrevista, tinha 37 anos, filho de Maria de 68 anos e José de 66. Assim que perguntado sobre sua filiação, espontaneamente Felipe faz referência a sua avó materna, D. Beatriz, que faleceu há menos de um ano, aos 97 anos. Natural de Campo Grande, Mato Grosso do Sul (MS), Felipe passa a residir na capital gaúcha aos 12 anos, onde vive até hoje.

A referência a avó materna me instiga, e o questiono sobre essa menção. “Você citou apenas sua avó materna. Algum motivo especial?” Diante dessa pergunta, sua explicação foi a seguinte:

Minha avó sempre foi muito presente na minha vida. Meus pais se separaram quando eu ainda era bebê, lá em Campo Grande, e meus avós sempre ajudaram muito. Meu avô tinha a saúde debilitada, então minha avó cuidava dele, dificultando um pouco cuidar de mim também. Minha mãe era concursada lá e não queria perder o cargo, então ela lutou o quanto deu para permanecerem por lá. Nos meus 12 anos, o câncer do meu avô se agravou e tivemos que vir para Porto Alegre, por ter mais recursos para o tratamento. Largamos tudo e viemos. E desde que chegamos, sempre moramos juntos. Minha avó foi fundamental durante toda minha vida. Sempre moramos juntos aqui em Porto Alegre, desde que chegamos. Por isso sempre falo dela.

A mãe é natural de Campo Grande, MS, tem formação em economia e o pai é engenheiro mecânico, natural de São Luiz Gonzaga, Rio Grande do Sul. Se conheceram em Porto Alegre e José a acompanhou para o centro do país, onde se casaram. Como exposto na citação anterior, seus pais se separaram quando Felipe ainda era bebê. Seu pai conheceu outra companheira lá mesmo em Campo Grande e, com esta, constituiu família. Felipe tem, assim, dois irmãos paternos (Guilherme - que ele acredita ter em torno de 25 anos - e Aline - que ele acredita ter em torno de 30 anos), ambos formados em direito.

A relação com o pai limita-se ao respeito. Em nenhum momento percebe-se admiração, mas também não há menção ou citações pesadas, carregadas de rancor ou qualquer sentimento pejorativo. Felipe coloca que há cerca de anos teve uma franca conversa com o pai e deixou bem claro esse sentimento. Segundo ele, suas

palavras foram as seguintes: “Te respeito, acho que tu perdeste uma grande mulher, mas daqui para frente sem mágoas. Quero que vocês sejam felizes e que nos respeitemos”.

A ausência do pai amadurece Felipe precocemente, segundo ele argumenta, além de se referir à mãe, carinhosamente, como ‘pãe’, pois ela assumiu os papéis de pai e mãe. Entendendo que este ‘apelido’ podia ter mais significados e elementos que poderiam auxiliar na construção de seu retrato e o questiono: “E o que tu entendes que poderia ser diferente na tua criação, se ao invés de uma figura única representando pai e mãe você tivesse os dois, um pai e uma mãe?”

É o tipo de pergunta que causa incômodo, sem dúvidas. Felipe que é sempre muito assertivo, seguro em suas respostas, tem um momento de reflexão, se reorganiza na cadeira e então responde — enaltecendo o papel da mãe — que acredita que pouca coisa mudaria. Sua mãe foi “nota 10”. Ela nunca deixou faltar nada e sempre fez questão de estar presente, conversar muito. A única referência trazida por Felipe em relação à figura paterna é que ele, assim como o pai, gosta muito de pescar e viajar para o interior, em lugares mais tranquilos. Já sua mãe, gosta das capitais, *shoppings*, de “cidade grande”. Nessa conversa o interlocutor assume que talvez poderia ter tido mais momentos de pescaria ou coisas do gênero com o pai enquanto criança. Fora isso, todas as respostas giram em torno do fortalecimento do papel desempenhado por sua mãe.

Ela nunca deixou faltar nada. Como tínhamos pouca grana, nem tudo que eu pedia, ela me dava. Mas sempre me explicava, conversava. E mesmo com pouco dinheiro, acabava fazendo alguns sacrifícios para satisfazer minhas vontades. Mas sempre foi tudo muito conversado e explicado.

Ainda sobre a figura do pai, Felipe ressalta que tem os seus “segundos pais”, como ele se referiu. Trata-se de um casal da cidade de Campo Grande, que morava em frente à sua casa: Sr. Pedro e D. Leonita. Com 3 filhas pequenas, ao perceberem a situação difícil em que a mãe de Felipe ficou após sua separação, o ‘adotaram’ e Felipe lembra principalmente de seu Pedro como se fosse um pai. “Inclusive nos momentos ruins”, lembra sorrindo. Ele me batia, quando eu aprontava. “Nada que machucasse. Aqueles tapas e chineladas de pai, sabe...”. Felipe ressalta, inclusive, que sua relação com as filhas do casal é muito mais próxima de uma relação de irmãos, do que a de seus irmãos Aline e Guilherme. Felipe é inclusive o padrinho do filho único de uma das filhas de Pedro.

Com o pai, Sr. José, eventualmente continua realizando videochamadas, mas estas são muito esporádicas e com objetivo específico de alguma demanda. Nada que remeta a afetos ou atualizações de conquistas, divisão de questões profissionais ou pessoais. Diferente disso, a relevância do Sr. Pedro, seu "segundo pai", também aparecerá na vida escolar de Felipe. Por ser maçom, coloca Felipe em uma das melhores escolas de Campo Grande restrita a pessoas com este vínculo, mesmo seus pais biológicos ou qualquer outro familiar não possuindo qualquer aproximação com tal grupo.

A mãe de Felipe, Dona Maria, possui dois irmãos. O mais velho, Joaquim, não aparece em nenhum outro momento da fala de Felipe. Já o mais novo, Heitor, é o seu padrinho, e Felipe demonstra grande afeto e admiração.

Questiono o entrevistado sobre essa divisão de sua infância. Até os doze anos, viveu em Campo Grande, que apesar de ser capital, é retratada por ele como uma cidade mais tranquila, com ares de interior. Quando se refere a Porto Alegre, é como se tivesse chegado na 'cidade grande'. Sendo assim, peço que procure trazer momentos que marcaram sua infância lá em Campo Grande e por que marcaram.

[...] o que eu posso te falar é que eu às vezes penso na seguinte questão: se eu não tivesse vindo para Porto Alegre, será que eu me tornaria professor de educação física e atleta? Porque lá em Campo Grande eu participava de corridas de práticas esportivas, mas era no centro-oeste numa fazenda no meio do mato. Será que, se eu tivesse ficado lá, teria acesso a tudo que eu tive depois que eu vim para Porto Alegre? Eu acho que se eu tivesse ficado lá seria muito mais propício eu acabar trabalhando em alguma coisa do agronegócio ou pecuária não sei.

São essas falas de Felipe que me permitem interpretar sua visão de Campo Grande como algo diferente, por vezes menor, isto no sentido de ser capaz de propiciar oportunidades mais restritas, uma vez que Porto Alegre ofereceria um leque bem mais amplo. A recorrência em sua fala é a desta ampliação de possibilidades que sua mudança proporcionou.

Procuro trazer a pauta para a sua família. Com de Liane, de 26 anos, Felipe constituiu a 'sua família', no momento da entrevista com duas filhas: Jussara de 6 anos e Márcia, de 4 anos. Pergunto ao interlocutor como é sua relação com a esposa. Como se conheceram? Enfim, peço que fale sobre sua vida com a Liane.

Felipe relatou que conheceu sua esposa na igreja católica de Nossa Senhora de Fátima, localizada no bairro IAPI, zona norte de Porto Alegre, onde participavam de um grupo de jovens todos os sábados à tarde. Na época, com 26 anos, explicou

que se sentiu atraído pela linda jovem, mas não imaginava ser tão grande sua diferença de idade. Tomou conhecimento dos dez anos que os separavam depois de três semanas de namoro e lembrou - com boas gargalhadas - que teve sério medo de ser preso. Ficou receoso também pela reação que os pais de Liane teriam ao saber sua idade.

Ainda em tom bastante descontraído, lembra que recorreu a internet para saber se tamanha diferença de idade com uma menina menor de idade poderia lhe trazer consequências criminais. Descobriu em sua pesquisa que o grande divisor de águas, nestes casos, é o consentimento dos pais. Sendo assim, rapidamente marcou um encontro com seus atuais sogros. Tudo correu da melhor forma possível e até hoje sua relação com os pais de Liane é a melhor possível, especialmente com a sua sogra. Felipe se refere a ela como mãe e diz que adora “afofá-la”, encher de beijos e abraços. Além da relação de muito afeto, também ressalta a importância da mãe de Liane no suporte a suas filhas. Nas suas palavras “Ela [sogra] é uma guerreira, nunca diz não. Procuramos não abusar, mas sempre que preciso, podemos contar com ela”.

Quanto ao questionamento específico, sobre como é sua vida com Liane, Felipe ressalta 'ser um homem de sorte', narrando ser muito feliz por sua escolha e pela vida que divide com Liane. Coloca em seu relato, no entanto, uma diferença de visões que por vezes o incomoda e gera algumas discussões.

A mãe de Felipe, como já colocado, é economista e sempre fez ‘milagre’ com recursos escassos. O ensinou a ser seguro, fazer reservas para situações imprevisíveis. Tais noções, ao que transparece nas entrevistas, foram absorvidos e hoje norteiam sua vida financeira. O interlocutor destaca que tem muito claro seus ganhos, o quanto precisa para honrar seus custos profissionais e familiares. Enfim, afirma-se claramente como alguém muito organizado e seguro financeiramente. No sentido oposto, sua esposa, segundo ele, “[...] vive como se não houvesse amanhã”. Frequentemente faz compras que ele julga excessivas, desnecessárias e que acabam afetando o teto de gastos proposto em sua organização financeira.

Nas entrevistas sempre se referiu à esposa com elogios, admiração, grande afeto, mas fez questão de pontuar essa diferença que não apenas o incomoda, mas por vezes traz problemas financeiros ao casal. Assim, percebendo que, mais uma vez, sua mãe é trazida nas respostas como uma referência positiva, o provocou em relação ao seu pai: “Você trouxe a sua organização financeira como um legado da tua mãe.

Consegue trazer um aprendizado, que tenha vindo do teu pai e que faz parte também do teu dia a dia?”

A insistência no pai claramente o incomoda, produz ‘caras e bocas’ diferentes de todos os olhares ou gestos observados não apenas nessa, mas nas demais entrevistas também. Por já conhecê-lo e também um pouco de suas relações familiares, sabia que esse seria um tema caro, mas resolvi instigá-lo, para quem sabe, ter acesso a elementos importantes. Minha insistência provocativa foi seguida de uma resposta positiva.

Pela primeira vez, notava admiração nas palavras que descreviam o pai. O Sr. José foi, então, apontado como um empreendedor. Mais detalhes são explicitados por Felipe, que até então não aprofundava relações ou referências paternas. “Ele atua como professor do SENAC [Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial], faz consertos/manutenção de ar condicionado. É um faz-tudo. Ele se vira” Felipe se refere com escancarada e até então surpreendente admiração. Lembra de um episódio ocorrido há cerca de 5 anos, aproximadamente, quando seu pai foi comprar uma caminhonete em uma cidade bem longe de Campo Grande, por considerá-la com um bom preço. E esse veículo seria o ideal para vender gelo em uma outra cidade, que também não era vizinha, mas que, segundo Felipe, havia demanda para esse tipo de comércio.

Essa referência ao olhar atento, à busca de oportunidades de negócios remete a muitas atitudes empreendedoras de Felipe que aparecerão com maior detalhamento quando da exposição de sua matriz gestão. Felipe coloca que, senão todos, boa parte dos equipamentos que dispõe em sua sala de treinamento foram adquiridos pela OLX (*website/aplicativo de compra e venda online*), ou por anúncios de academias que estavam negociando seus equipamentos e acessórios usados. A fala prossegue de maneira positiva quando ele coloca que admira essas atitudes do pai, que poderia ser apenas professor, ou apenas um técnico de aparelhos de ar condicionado, mas que está sempre buscando novas fontes de renda, sempre atento a novas oportunidades.

Aproveito o momento que me surpreendeu positivamente em relação ao pai, e o questiono sobre essa visão de buscar fontes alternativas de renda. “E você Felipe? Foca toda sua vida financeira na sua academia ou tem outras fontes?”

Mesmo nosso encontro sendo por videochamada, me sinto um pouco mais capacitado por já ter realizado outras entrevistas para esta pesquisa e ter percebido alguns pontos a melhorar. A primeira entrevista com Diego — outro interlocutor deste

trabalho — que foi realizada ‘in loco’, me demonstrou claramente a importância da linguagem corporal. Nos outros encontros, senti falta desse recurso e procurei dar mais atenção dentro dos limites ofertados pelo vídeo. Não há de se comparar, mas é possível sim a percepção de alguns gestos, semblantes e respirações que se repetem.

Procurei, dessa forma - e acredito que obtive algum êxito -, observar as atitudes corporais de Felipe. E, em momentos como esse, em que ele se referiu ao seu pai e, mais especificamente, à sua dedicação que vem tendo nos últimos meses para tentar construir uma fonte extra de rendas, ‘seu corpo falava’, tamanha a empolgação presente. Felipe estava absolutamente mergulhado neste mundo dos investimentos e colocou que estava valendo muito a pena essa dedicação. Ele emendou sua interpretação sustentando que, infelizmente, o brasileiro de forma geral não tem essa cultura da educação financeira, assim acaba perdendo boas oportunidades de fazer seu dinheiro render. Ainda entusiasmado, me falou que depois da entrevista me passaria todas as dicas e algumas recomendações de leitura a respeito de tal temática.

Nesse ponto da entrevista nos restavam pouco mais de dez minutos, conforme combinado em relação ao tempo total dos encontros. Por um lado, fiquei satisfeito em despertar no entrevistado tamanha empolgação, porque, de alguma forma demonstrou que ele não estava ‘louco para que acabasse’ a entrevista, mas por outro ainda tinha pontos importantes a serem abordados quando falamos dessa matriz tratada com “grande matriz socializadora” por Lahire que é a família.

Mudando o enfoque, passo a abordar, a partir deste momento, sua relação com as filhas. Com certo receio de sua reação indago: “Como você se vê como pai, uma vez que você não teve essa referência em sua criação, pelo menos não a do seu pai biológico?” A resposta vem bem segura e assertiva:

Eu falo para Liane que eu quero ser o pai que eu não tive. Que é aquele cara presente, amigo, brincalhão. Eu não quero ser o pai como o meu pai foi para mim, só a partir de determinada idade. Eu quero criar laços afetivos desde sempre. E é isso que eu tenho procurado fazer. Laços afetivos se criam na base e a base é agora. Então eu penso muito nessa coisa de ser afetivo, de desenvolver uma relação com elas, mas também quando tem que ser durão, tem que ser durão. Eu quero ser o mais presente possível. Nem sempre eu consigo ser. Às vezes elas me chamam para brincar e eu falo que não, o pai está cansado agora, não consigo ir. Eu fico me sentindo culpado, mas de maneira geral eu quero ser um pai que vai dizer mais sim do que não.

Sou insistente nessa relação de pai com as filhas, isso porque tal questão me parece ser relevante, e que no caso deste interlocutor, por não ter tido essa figura

específica do pai na infância, pode fornecer mais elementos quando queremos entender quais são e como se formam suas disposições. Assim o questiono: “Se tu não te importares, fala um pouquinho mais para mim sobre essa questão de querer ser o que tu não tiveste. Se tu não tiveste, como se dá então a construção dessa referência junto a elas?”

Diante dessa questão, mais uma vez a figura de seu ‘segundo pai’, o Sr. Pedro, vem à tona. Felipe lembra que se refere a sua mãe com “pãe”, por ter cumprido dentro de suas possibilidades os dois papéis, mas que, respondendo a minha pergunta, ele entende que muitas vezes observou as atitudes de Pedro com as suas filhas e mesmo com ele, como um filho que olha e quer aprender com o pai. Ele foi sempre muito afetuoso, brincalhão e Felipe afirmou acreditar que, por entender a situação, procurava mesmo intervir como seu pai. Segundo o interlocutor narrou, a dedicação e o carinho eram tão espontâneos e verdadeiros que Felipe se sentia acolhido não como filho, porque, agora como pai, entende que este sentimento é único, mas como uma espécie de tio muito próximo que ele podia contar sempre, e que sim, lhe ofertou grandes referências, tanto quanto atuava com as próprias filhas, quanto no trato com Felipe.

Quando sua mãe o deixava na casa de Pedro e Leonita, o tratamento que tinha com as filhas do casal era de irmãs mais velhas. Lembra que brincava e aprontava bastante junto com elas, e que, em nenhum momento, se sentia “uma visita”. Era realmente como estar em casa. E é daí, dessa vivência, mas também do que acredita ser o ideal em termos de relação pai e filha, como já colocado anteriormente, que Felipe procura forjar sua intervenção como pai de duas meninas que pelo que pode perceber: “Adoram estar comigo e eu com elas. É sempre muito bom”.

Ainda com alguns minutinhos, concluo nosso encontro o questionando sobre a relação de sua esposa com a sua mãe. Pergunto com muita cautela:

Para finalizar, já apareceu na nossa conversa a tua relação com os pais da Liane. Tu és filho único e a admiração que tu tens pela tua mãe é recíproca. Ela que sempre te acompanhou em competições, que foi tão presente em todas as tuas conquistas e dificuldades, não é ciumenta em relação à nora?

“Bah..., suspira e dá uma boa gargalhada”. Isso é um problema que sempre tive com a minha mãe. Ela sempre implicou com minhas namoradas.” Ele acredita que, com a Liane, essa questão é de certa forma mais branda, até mesmo por ser mãe de suas netas e pelo tempo e tipo de relação que o casal constituiu. Salieta que

muitas vezes pede para a esposa dar uma atenção a mais, procurar ser mais carinhosa, nem que seja só para fazer um agrado mesmo. Liane, no entanto, não cede. Diz que não fará nada se não for verdadeiro e que este é o jeito dela. Sempre a cumprimenta com educação, por vezes demonstra um sorriso ou um carinho a mais, mas não se compara a relação que Felipe conseguiu estabelecer com sua sogra, explicou-me ele.

Esporte

Começo nosso encontro tentando entender se a ideia que tenho pré-estabelecida de início, a respeito de suas atividades esportivas está correta. Pergunto a ele se seu primeiro contato com o esporte foi quando procurou a escola em que eu trabalhava para aprender a nadar. Felipe responde que, em Porto Alegre sim, mas que sua infância em Campo Grande foi bastante ativa, com muitas vivências tanto no campo lúdico, quanto em escolas de modalidades esportivas.

Peço então para que tente colocar todas essas atividades em uma espécie de linha do tempo, para que possamos entender como se forjou o Felipe que previamente sabia que era um atleta de triathlon.

Acho que eu mencionei para ti, nas outras entrevistas, sobre as escolinhas lá na escola da Maçonaria. É a primeira lembrança que eu tenho, assim, de práticas esportivas, fora as brincadeiras de infância. Sempre gostei de correr, andar de bicicleta, mas o esporte mesmo foi lá na escolinha do Colégio [nome do Colégio], da maçonaria. Teve escolinha de Futsal, Judô e Karatê.

“Que idade tu tinhas quando frequentou essas escolinhas?”, eu pergunto. Sua resposta foi:

Acho que uns 9 talvez 10 anos. E sempre foi por iniciativa minha, porque eu só queria praticar esportes. O Judô e o Karatê foi por causa daquela situação onde o cara me bateu lá na escola. E, aí, a minha mãe achou melhor eu fazer esses esportes. Eu avancei até a primeira faixa, tanto no Judô, como no Karatê. Mas, depois, não quis dar continuidade, e no Futsal eu cheguei a jogar um campeonato só. Mas, na infância, assim, em relação à prática esportiva que eu mais lembro, era andar de bicicleta. Eu gostava muito de andar de bicicleta, até quando eu estava de castigo às vezes eu dava uma escapada e andava de bicicleta.

“E esse andar de bicicleta? Era para brincar, andar com amigos, ou tu fazias deslocamentos para as escolinhas ou para a escola mesmo de bicicleta?” “As duas coisas”, afirmou Felipe. Contou-me que a região onde ele morava era bastante plana e a bicicleta era muito utilizada pela população para deslocamentos. Sempre muito

ativo, gostava das brincadeiras que exigiam competição e corrida. Pega-pegas, esconde-esconde eram as preferidas, recordou. Lembrou e contou com orgulho que sempre ganhava dos amiguinhos no quesito velocidade. Corrida, franqueou-me, é a sua grande paixão, e esse sentimento permeia toda nossa entrevista da matriz socializadora esporte.

Felipe lembra que, ainda criança em Campo Grande, assistia a corrida de São Silvestre na televisão e dizia para sua mãe que era isso que ele ia fazer um dia. Assim que chegou em Porto Alegre, no final dos anos 90 [1990], ficou sabendo da Maratona Internacional de Porto Alegre, e não teve dúvidas, se inscreveu na rústica de 5km que também integrava o grande evento da maratona. Relatou que, confiante pelos seus parâmetros junto aos amiguinhos de Campo Grande, esperava, na pior das hipóteses, um segundo ou terceiro lugar. Por ser uma cidade maior imaginava que era possível ter outros meninos tão rápidos, mas não muitos, pois se considerava muito veloz.

Ele, então, cai na risada ao tentar reviver o sentimento que descreve como frustração, cansaço, pernas pesadas e por aí vai. “Não devo ter chegado nem entre os mil primeiros”, lembrou ainda com boas gargalhadas. Segundo explicou-me, o choque de realidade foi tanto no sentido da quantidade de corredores, quanto na qualidade deles. Relatou ainda que pensou em parar e desistir muitas vezes, mas lutou contra esse sentimento e chegou até o final. Chegar até o fim em sua primeira corrida ‘oficial’ foi a melhor coisa que poderia ter acontecido. Mesmo com o sentimento de estar entre os últimos, de ser recebido sob tantos aplausos - entre eles o de D. Maria, sua mãe - foi uma experiência única: “Sentimento de missão cumprida”, ressaltou.

Essa participação foi muito marcante em sua vida esportiva e ele segue fazendo o relato desse momento:

[...] eu treinei muito pouco para essa corrida e 'tomei um pau'. Sofri muito e me dei conta que não era só chegar e correr. Tinha que treinar. Eu comecei a treinar sozinho, fazer uma preparação para corrida. Daí me inscrevi em mais algumas corridas que eu não vou me lembrar exatamente quais são. Daí eu comecei a pegar gosto pela corrida. Treinava e gostava de treinar e percebi que eu estava melhorando a minha corrida.

Percebo muita empolgação no relato, e como a ideia implícita no roteiro das perguntas era criar uma cronologia de suas vivências esportivas, sigo tentando extrair mais elementos desse episódio.

E tu consegues entender porque esse resultado inesperado com alguma frustração que você relatou te gerou essa vontade de treinar mais, de evoluir na corrida e não simplesmente desistir? Por que com as outras modalidades praticadas anteriormente este sentimento de 'dar a volta por cima' não apareceu?

A resposta vem num sentido difuso. Felipe apenas coloca que não sabe dizer. Nunca parou para pensar nisso, argumentou, mas, refletindo no momento da entrevista, acredita que as trocas de modalidade eram muito em função do que os amigos mais próximos faziam. Queria estar sempre com os amigos de maior identificação e que, por isso, acabava acompanhando um ou outro colega em suas trocas. Quanto às vivências de artes marciais, relata que só ocorreram por causa de um episódio de briga na escola em que acabou apanhando de um menino e, por isso, sua mãe quis que ele aprendesse a se defender. Mas ele nunca demonstrou maiores interesses por esse tipo de atividade.

Sabendo, de antemão, que ele começou a nadar aos 14 anos e que essa corrida de 5km ocorreu em seguida da sua chegada em Porto Alegre, procuro buscar informações sobre como a natação entrou na vida de um jovem que estava tão interessado em evoluir sua corrida. Faço então esse questionamento ao interlocutor.

Confirmando o que recém havia dito sobre acompanhar os amigos, Felipe me pergunta se eu me recordo do Bruno, aluno que começou a nadar junto com ele na escola em que eu era o professor e que inclusive já nadava bem melhor que Felipe. "Sim, claro, era o teu melhor amigo na época. Vocês estavam sempre juntos, né!" Afirmo. Felipe concorda e diz que foi por influência dele. Explicou-me que ainda estava se adaptando a nova cidade, e Bruno estava preocupado em "ganhar massa, ficar forte" e sugeriu que nadassem para ficarem mais fortes. Felipe lembra que na época foi difícil pedir mais um valor para sua mãe. A natação tinha um custo alto para o seu orçamento familiar, mas D. Maria não quis decepcioná-lo, vendo que estava muito empolgado com o convite do amigo. Bruno o acolheu no colégio, no ensino médio e moravam no mesmo condomínio. Iam e viam juntos do colégio, saíam algumas noites com outros amigos, jogavam futebol e, a partir de determinado momento, começaram a nadar juntos. Assim a natação entrou na vida de Felipe, sem maiores pretensões, apenas para acompanhar seu melhor amigo e para 'ficar forte'.

Como já referi, esse é o ponto que nos conecta. Era este pesquisador o professor de natação que recebera ele e seu amigo para o primeiro dia em uma piscina. Até então, segundo relatou Felipe, suas vivências aquáticas eram de rios e

açudes no verão mato-grossense. Com boa consciência corporal e muita ênfase em competitividade, ele não aceitava de forma passiva, o fato de o amigo Bruno ser mais rápido e habilidoso na água. Não apenas aprendeu, mas começou a se destacar tanto perante Bruno - seu primeiro objetivo, tal como narrou-me - mas também em relação aos demais colegas da turma.

Reconheço aqui alguma relevância na minha intervenção profissional. Na época eu respirava triathlon e meu entusiasmo acabava persuadindo muitos alunos e amigos. Imerso nesse universo, nem que fosse para ir lá e experimentar uma prova, eu conseguia que muitos cedessem e topassem participar de um evento. E assim foi com Felipe. Ao perceber sua evolução na natação e empolgação ao ouvir meus relatos de competição, o convidei para participar de uma prova de Aquathlon — onde se praticam as modalidades de natação e corrida.

Felipe lembrou com empolgação desta participação e que foi ela, sem dúvida (afirmou), que o fez querer ser o triatleta que foi. A partir dali, comecei a treiná-lo, mas ele ainda não possuía 'a *bike*'. Pela minha experiência e conhecimento, a bicicleta sempre é um divisor de águas no triathlon devido ao alto custo. Nossa relação treinador-atleta permaneceu por 3 ou 4 anos, como já expus na apresentação deste interlocutor. A partir do momento em que abri minha academia, que era pequena e não possuía piscina, fomos nos afastando, mas Felipe seguiu cada vez mais engajado no triathlon.

Obteve destaque nos campeonatos gaúchos, chegando a participar de algumas provas na categoria elite, onde estão os melhores e onde há também premiação em dinheiro. Nacionalmente participou de competições, dentre as quais ele cita os campeonatos brasileiros disputados em Aracaju e Vitória, onde obteve resultado significativo, que o classificou para a disputa do campeonato mundial em Cancún, no México. Narrou que muitas rifas e movimentações foram desenvolvidas para arrecadar o investimento necessário, as quais levaram nosso entrevistado até esse pórtico de largada, que é lembrado com grande orgulho por Felipe. Confesso que esse relato despertou o mesmo sentimento neste pesquisador, que ficou sabendo desses feitos grandes durante a entrevista.

Talvez pela empolgação recíproca, não percebi que a 'transição' do Felipe, que nunca tinha entrado numa piscina até o atleta disputando uma prova de Campeonato Mundial, se deu em dois ou três parágrafos no máximo e que, portanto, precisava esmiuçar mais essa evolução. Peço, então, para retornarmos juntos nessa linha do

tempo que estamos tentando construir e pergunto em que ponto ele começou a se destacar. Sabia que ele tinha um bom potencial e que era disciplinado, focado nas solicitações de treinamento. Mas daí a participar de eventos internacionais que exigem pré-classificação, tem uma longa distância.

Felipe traz então que logo que ‘nos separamos’ da relação treinador-atleta ele conseguiu comprar uma bicicleta, bem simples, mas que já proporcionou que ele participasse de competições completas de triathlon. Fazia sentido o interesse pela bicicleta no contexto de sua infância muito ativa e com grandes referências às atividades de bike, inclusive a facilidade relatada nesta modalidade. Como já tinha uma boa corrida pelo tempo que vinha treinando, as coisas se conectaram da melhor forma possível. Nas palavras do interlocutor,

[...] as primeiras subidas no pódio foram fáceis, porque eram poucas pessoas. E eram sempre categorias de iniciantes, inclusive porque comecei com Mountain Bike. Depois que eu passei para as bicicletas tipo *Speed*, nas provas completas mesmo, aí começou a ficar um pouco mais difícil. Além dos competidores terem mais experiência, serem melhores, ainda tinha essa questão de ter que conciliar tudo, estudo, trabalho, treino. Então, eu acordava às 5 horas da manhã para poder treinar e depois ir trabalhar.

Rotina dura, exigente, mas que a disciplina e o foco de Felipe suportaram e acabaram o conduzindo para uma posição de destaque. Ele lembrou e ressaltou que as coisas foram acontecendo naturalmente, pois, no seu entendimento, à medida que dava continuidade aos treinamentos e competições, percebia sua evolução.

Pergunto então, de forma mais específica, como se dava esse planejamento para vivenciar treinos e competições. Como conciliar trabalho, faculdade e esporte? “Tu objetivavas determinado tempo nas provas, ou vencer determinado atleta? Quais os parâmetros tu identificavas para entender que estava evoluindo?” Sua resposta destacou o seguinte:

Às vezes era por tempo e às vezes era por competidor [adversário]. Mirava em alguém e eu queria ganhar daquela pessoa que eu sabia que eu tinha condições de ganhar. Seria difícil, mas eu tinha condições e uma coisa que me chamou atenção é que, sem eu imaginar, em alguns momentos eu passei a ser referência para outros também. Outros atletas, eu percebi, que miravam em mim assim como eu também tinha os meus que eu mirava. Eu percebi que em alguns eventos eu chegava e as pessoas me cumprimentavam, mas eu não sabia quem eram essas pessoas. Eu comecei a me dar conta que eu estava começando a ficar conhecido no meio. Algumas pessoas queriam me vencer, queriam atingir o meu nível.

Felipe fez questão de salientar que esse processo de competitividade e de referência para outros não se deu em evolução constante. Teve muitos altos e baixos

nessa trajetória. Relatou momentos em que se sentiu cansado de tanto treinar, momentos em que tinha vontade de se dedicar mais a namorada e, depois, esposa, e vivia um conflito por ter que estar sempre acordando muito cedo para poder cumprir suas planilhas de treino. O que ele traz é que, mesmo com essas alternâncias, parava em alguns momentos e visualizava crescimento. Se via melhor e conseqüentemente atingia melhores resultados nas competições.

Entendendo isso, procuro saber até onde toda essa dedicação o levou. Para tanto, faço os seguintes questionamentos:

Passamos rapidamente por citações tuas que, confesso, me surpreenderam, e que te levaram até o México em um Campeonato Mundial. Esse foi o teu auge? Podemos dizer que esse foi o teu melhor momento? Caso contrário, me diga por favor qual tu consideras o teu ápice no triathlon?

Felipe é muito seguro em afirmar que sim, que nesses momentos em que teve participações nacionais e essa internacional foram seus melhores. A questão que entramos a seguir, não é nada incomum para os atletas amadores (tal como aprendi como esportista), sobretudo para aqueles que praticam atividades, onde o material utilizado é muito caro. Felipe me relata que, a partir deste momento de auge, claramente para prosseguir evoluindo e tendo alguma chance de competir com atletas desse nível, necessitaria de mais tempo para treinar, o que envolveria mais dinheiro, mais tempo treinando, materiais melhores e menos tempo trabalhando e conseqüentemente. Aliás, o interlocutor asseverou que valores dos materiais que o ciclismo demandava eram e cada vez mais são estratosféricos, tanto para aquisição, quanto para manutenção.

Felipe, durante a entrevista, reflexivamente faz associações e percebe que os outros atletas, alguns inclusive em nível melhor, não tem/tinham qualquer tipo de suporte ou patrocínio e isso, somado a todo o esforço que manter-se em alto nível demanda, produz frustração. Assume, então, a compreensão de que o esporte talvez já tenha lhe propiciado grandes amigos, grandes viagens e que estava na hora de ganhar dinheiro, de focar na sua vida profissional. E, dessa forma, relata que aos poucos foi se desestimulando e se afastando do esporte competitivo.

Pergunto então quanto tempo durou essa trajetória toda? Ele respondeu que pode-se dizer que fora o tempo em que convivemos juntos no esporte, mais uns dez anos dedicados ao triathlon, mas uns 2 ou 3 apenas, em que a dedicação era extrema, onde focava nessas provas em nível nacional e internacional. Questiono então

tentando conectar suas relações familiares com toda essa trajetória: “E teus pais em meio a toda essa movimentação? Em campeonatos, viagens? Como teus pais participaram de tudo isso?”

Minha mãe como sempre, muito ativa. Vendeu rifas, produtos, pediu ajudas, fez de tudo para colaborar. Se deixasse e pudesse, viajaria junto. Meu pai, acredito que nem ficou sabendo. Pelo menos de mim não ficou. Talvez minha mãe tenha falado para ele, mas eu não falei.

Percebo em suas últimas respostas, um certo tom nostálgico. Aproveito para perguntar como estão hoje suas atividades esportivas. “Hoje tu ainda participas de competições? Pelas tuas falas, me parece que não. Se realmente não fizeste mais provas, tens vontade de voltar a competir?”

[...] tenho vontade de voltar, não com aquele espírito competitivo. Só para participar e me manter bem fisicamente. Sinto falta disso, da convivência, dos amigos, mas não da rotina de treino pesada. Essa não quero mais e nem posso por causa das minhas filhas e da minha sala. Nem conseguiria conciliar tudo.

Como nosso trabalho visa a compreensão dos elementos que constituem o professor-gestor Felipe, encaminho para finalizar a entrevista, a questão de como ele estabelece relação entre toda essa vida esportiva competitiva com a atuação específica de gestor. Quero entender de que forma ele enxerga que o esporte o influenciou ou ainda influencia suas escolhas.

De certa forma tem tudo a ver porque eu trabalhava na [nome do centro de treinamento especializado em práticas aquáticas] como eu já te falei. Quando eu abri o [meu] primeiro Estúdio, essa oportunidade só aconteceu por causa do triathlon, por eu conhecer as pessoas do meio. Eu trabalhava lá na [nome do centro de treinamento], que é no centro da cidade, morando na zona norte. Eu tinha que fazer esse deslocamento e, muitas vezes, eu fazia de bicicleta. Chega um momento que fica cansativo e, com essa oportunidade da sala que apareceu, eu me dei conta de que eu poderia trabalhar menos e ganhar bem mais.

Procuro aprofundar um pouco mais a questão para tentar captar mais elementos que conectem essas matrizes: esporte e trabalho. Apresento as seguintes interrogações ao interlocutor:

Então tu estabelececes relação mais pelo fato de esse meio ter te oferecido uma oportunidade? Mas e quantos às tuas decisões, métodos de trabalho, perspectivas? Tu entendes que tua vida de atleta faz parte do teu dia a dia profissional enquanto dono de uma sala de treinamento individualizado de alguma forma?

“Sem dúvidas, faz”, Felipe começa assim a resposta. Com muito orgulho coloca que inclusive expõe no seu espaço troféus e medalhas e que isso inspira alguns de seus alunos e ajuda a passar credibilidade. Hoje em dia, não chega a trazer novos alunos, mas já aconteceu de ser procurado pela sua representatividade no esporte. Mesmo que não tenha sido esse o objetivo, a visibilidade conquistada no meio do triathlon gerava um forte 'boca a boca' que, por vezes, lhe trazia novos alunos para sua sala. Além disso, argumentou Felipe, foram muitas as dificuldades para empreender e manter um negócio financeiramente saudável. E, nos momentos de dificuldade, explicou-me que procura se lembrar dos feitos esportivos e do esforço e determinação que já demonstrou nesses momentos, para se inspirar e superar os obstáculos do empreendedorismo.

Formação

O primeiro contato de Felipe com a instituição escolar ocorreu na cidade de Campo Grande, MS, sua cidade natal. Sua mãe concursada no município e recém separada de seu pai, tem que voltar ao trabalho e precisa deixá-lo em alguma creche ou pré-escola. O órgão que D. Maria trabalhava oferecia esse tipo de serviço aos seus conveniados, portanto Felipe fica nesta instituição conveniada com o trabalho de sua mãe ainda bebê. A ideia era deixá-lo o dia inteiro nesta instituição, mas pelos relatos de sua mãe, soube que foi um período bem difícil, pois muitas vezes não ia para a escola e acabava ficando na casa de D. Leonita e do Sr Pedro, a quem chama de 'segundos pais'. As filhas do casal já eram um pouco maiores e iam para a escola sozinhas, facilitando um pouco para que acolhessem Felipe ainda muito novo.

O respeito e a gratidão de Felipe pelo casal estão presentes em todas as vezes que são citados, mas, durante as entrevistas percebo isso especialmente neste momento em que reporta o quão importantes foram em um momento tão delicado para sua mãe. Ele relata que foi delicado para ele também, pois não tinha nenhum controle ou discernimento naquele momento, que este sentimento o transborda.

Apesar de não estar tratando especificamente da matriz familiar, a ideia das entrevistas separadas não foi, em nenhum momento, de total dissociação da socialização. A metodologia reconhece e se vale desses entrelaces, conexões que são esperadas nos diferentes encontros. Exatamente por isso, percebendo a

relevância, procuro aproveitar seu momento de emoção e o questiono: “Às vezes lembrar desse papel deles, te emociona, não?”

Mesmo por vídeo, percebo seus olhos marejados e ele então os limpa e diz que sim. “São como digo, meus segundos pais. Sou muito grato por tudo que fizeram por mim e pela minha mãe”. Eu emendo mais duas questões: “Conseguirias me dizer até que idade tu ficaste nesta situação de às vezes na casa deles e às vezes na escola? A partir de que momento tu vais definitivamente para a escola?”

O interlocutor menciona não tem certeza, mas acredita que a partir dos 4, talvez 5 anos passou então a frequentar a escola regularmente sem recorrer aos vizinhos. Tentando seguir na lógica de construir cronologicamente sua formação escolar, pergunto a ele se foi nessa instituição, então, que ficou até terminar a pré-escola e iniciar o fundamental. Mais uma vez Felipe se mostra inseguro em relação as datas de troca ou permanência em escolas neste período. Afirma apenas que passou por mais duas, antes de entrar na FUNLEC, que é a escola de maçons, que o Sr. Pedro articulou para colocá-lo como seu dependente.

Essa escola já havia sido trazida nas entrevistas com grande nostalgia por Felipe. O questiono então sobre esse período: Quais as principais lembranças que ele mantém do período em que frequentou essa escola da maçonaria? Se há poucos minutos, nossa pauta causou emoção que calou o entrevistado, agora o que se vê é um grande e espontâneo sorriso. Mesmo sem expressar uma sílaba, claramente percebe-se que a resposta virá repleta de alegria, de boas recordações.

Felipe começa se referindo a estrutura, ao espaço físico. As escolas que até então ele tinha acesso eram públicas, com tamanhos e instalações simples ou até mesmo precárias como se referiu a uma delas. Nesta, Felipe diz que não sabe o número exato de quadras poliesportivas, mas eram muitas. Praças, parquinhos, uma estrutura impecável para as crianças, sobretudo àquelas que como ele, adoravam correr e tinham necessidade de se movimentar. Lembra ainda que ali teve as primeiras paqueras. Aqueles namoros inocentes de tentar andar um pouquinho de mãos dadas com a menina.

Antes de dar continuidade no nosso roteiro sobre o ensino fundamental, procuro instigá-lo a trazer mais elementos da pré-escola. Me parece que esse momento foi bem difícil para todos e quem sabe dali, poderiam aparecer mais dados.

Eu me lembro da primeira [Pré-Escola], por exemplo, de trabalhos que eu fazia e que eu gostava quando eu sentia que tinha feito um trabalho muito

bom. E, ainda por cima, recebia elogios dos professores e da minha mãe. Eu me lembro também que teve uma disputa entre as creches do município e o meu desenho ficou em terceiro lugar [...]. Já, na segunda [Pré-Escola], era uma casa no meio da cidade, adaptada para uma creche. Aí eu me lembro que era não era tão legal era muito mais restrito.

Fechado ‘esse capítulo’, retomo o ensino fundamental e a escola maçom, referida sempre com muito entusiasmo. Falaste sempre de coisas positivas do tempo da FUNLEC. Tem algum fato não tão bom que tu te recordes e que também tenha ocorrido durante o período dessa escola?”

Lembro de uma briga de um cara, que ficou com ciúmes de mim por causa de uma namoradinha e me bateu na quadra esportiva. Eu caí e ele me chutou, e eu fui para casa todo machucado e chorando. Me lembro que a minha mãe falou para mim que a próxima vez que voltasse para casa naquele estado eu iria apanhar, mas era dela. Ela não queria que eu batesse em ninguém, mas que eu me defendesse. E foi aí que ela me colocou nas escolinhas que judô karatê.

“E até quando tu ficas nessa escola? Até o momento da mudança para Porto Alegre?” Pergunto a ele. “Exato”, responde de forma assertiva. Felipe fica na escola dos maçons até a metade da sexta série do ensino fundamental quando então vem para Porto Alegre. Naquele momento, o tratamento do câncer de seu avô inspirava cuidados e Porto Alegre oferecia mais recursos técnico-hospitalares, fazendo com que sua mãe abandonasse toda sua vida profissional, pessoal, e inclusive trocasse a escola de Felipe em meio ao ano letivo.

Procuro, então, produzir mais informações sobre essa mudança. Quero entender como foi sua percepção, quais foram suas reações ao vir de Campo Grande para Porto Alegre. Felipe me relatou que:

Foi bem difícil, porque eu morava em Campo Grande, que é uma cidade menor. Eu vim com um sotaque bem carregado e isso gerou algumas situações de *bullying*. Eu sofri um pouco com isso, porque a turma não me aceitou muito bem. Eu tinha dificuldade de fazer amigos, então, eu detestei na época, a situação da mudança. Deixei todos os meus amigos lá e deixei também os meus laços de infância. Então, saí de uma cidade e de uma escola particular para outra cidade e para uma escola estadual. Foi bem difícil. Naquela época acho que tinha uma novela que falava dos cortadores de cana, dos boias-frias. E aí eles [colegas] ficavam me tachando como se eu fosse boia-fria.

Felipe é transferido para a Escola João Batista de Lacerda, na zona norte da capital gaúcha, onde permanece até encerrar o ensino fundamental. Entendendo que essa situação de *bullying* deva ter sido bastante delicada, procuro instigá-lo a falar mais sobre o assunto. Pergunto se houve episódios de agressão física ou se ficou mais na questão emocional, psicológica.

A questão era toda emocional, explicou-me Felipe. Segundo ele, seu comportamento introvertido de alguma forma contribuiu, por não revidar as brincadeiras. Mas, por outro lado, alguns colegas o acolheram e passaram a defendê-lo, pedindo o respeito dos demais. Esses colegas diziam, lembrou Felipe, que deveriam se colocar no lugar dele. Será que gostariam que fizessem o mesmo caso um deles fosse para Campo Grande? Dessa forma, com a atitude de Felipe em não reagir agressivamente e de alguns colegas ao solicitarem empatia, Felipe entende que aos poucos foi quebrando a distância e se estabelecendo como integrante da turma.

Nesta escola não havia a possibilidade de continuidade, uma vez concluído o ensino fundamental. Para cursar o ensino médio, Felipe é matriculado na Escola Gomes Carneiro, também na zona norte de Porto Alegre. Apesar de representar uma nova mudança, dessa vez ele argumentou já estar mais adaptado à cidade e, além disso, muitos colegas do ensino fundamental o acompanham nessa troca, tornando-a bem mais amena em relação a que vivenciara quando chegou de Campo Grande. Brinca que até mesmo seu sotaque já estava mais “agauchado”.

“Que idade tu tens nesse momento?” Pergunto. Ele não consegue precisar, mas julgou que em torno de 14, talvez 15 anos. Coloca que foi um momento muito agradável. A turma era muito unida. Relata que quase todos trabalhavam, além de estudar. Lembra que se encontravam nas casas dos colegas para churrascos, festas de aniversário, mas também havia uma preocupação em se ajudarem com as questões do ensino. Formavam grupos de estudo para auxiliar os que apresentavam dificuldades em algumas matérias, principalmente matemática e física.

Pergunto então sobre essa relação de trabalho trazida. “E você, trabalhava?” Felipe pede desculpas por não lembrar exatamente os turnos, mas trabalhou durante quase dois anos. A questão dos turnos é trazida porque sua matrícula era para as aulas da manhã na escola, mas assim que conseguiu o trabalho com vínculo formal de carteira assinada, lembra que precisava, às vezes, faltar às aulas para não perder o emprego e as recuperava no turno da noite. Isso ocorreu durante aproximadamente dois anos e, neste período, trabalhou primeiramente nas Lojas Tumelero, uma grande rede de Porto Alegre especializada em materiais de construção, onde desempenhava a função pesada de auxiliar do estoque. Lidava com materiais pesados e algumas vezes de alto valor financeiro, o que tornava o ofício cansativo e ao mesmo tempo tenso. Nessa empresa, o vínculo se dava pelo Centro de Integração Empresa Estudante (CIEE) e Felipe ficou por menos de seis meses.

Sempre atento ao mercado e querendo melhores oportunidades, conseguiu uma vaga não mais como estagiário, mas com carteira assinada. Era numa empresa especializada no segmento de borrachas, principalmente automotivas, chamada Borrachas Farrapos. Neste segundo emprego, contou-me que passou a desempenhar multifunções. Começou numa parte mais de almoxarifado, como fazia na loja anterior, mas em seguida foi chamado para outros afazeres, incluindo serviços bancários e de escritório. Na entrevista disse que compreendeu essa situação ocorreu por ter demonstrado alguma habilidade e confiança aos superiores. Assim, passou do depósito para uma espécie de *office-boy* naquele momento.

O vínculo formal, via Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) era algo muito valorizado por Felipe, que tinha na época dezesseis anos, e, por isso, a escola acabou sendo sacrificada. Por vezes o seu turno regular da manhã era cumprido, por vezes não. Nesse período, Felipe explicou também que estava começando a se destacar nos seus treinos de corrida e natação. Tudo isso acontecendo de forma simultânea, o que representou um grande desafio, mas que ele entende que conseguiu superar. Disse que se precisasse, acordava mais cedo, ia dormir mais tarde, ou aumentava seus períodos de treino no final de semana. Mas mantinha o esporte, o trabalho e a escola em bom nível.

Ainda nessa empresa e com sua carteira de trabalho ativa, chega à faculdade. Pergunto então de onde veio a escolha da Educação Física. Se basicamente por esse vínculo que ele desenvolveu com o esporte ou se apareceram outros motivos. Para minha alegria e realização, Felipe coloca que seu começo na escola de natação, a maneira como foi recebido e apresentado ao esporte foi bastante importante nessa escolha. A partir dali foi amadurecendo, teve as experiências de trabalho citadas anteriormente que ratificaram que o que ele queria mesmo fazer era trabalhar com o esporte. Esses empregos foram importantes financeiramente para ajudar em casa, com os custos de sua mãe avó, mas lhe deram o empurrãozinho final para que escolhesse viver através da Educação Física. Franqueou-me que era essa sua paixão.

“E como se deu essa entrada na faculdade? Falamos anteriormente da tua vivência em uma escola estadual com dificuldades impostas pelo turno do trabalho. Em qual faculdade você fez o curso? Entrou de que forma? Pergunto.

Eu me lembro que no condomínio que eu morava alguns amigos estudavam em colégio particular e também fizeram cursinho pré-vestibular. Então, eu

tentei pegar com eles o material desses cursinhos pelo menos para estudar. Eu não aprendi quase nada na escola e sentia claramente que só com a escola pública eu não ia conseguir se aprovado. Eu tinha acesso a provas anteriores da UFRGS [Universidade Federal do Rio Grande do Sul] e eu via que eu não tinha condições de passar. Então, o que eu fiz foi buscar ajuda com esses amigos através dos materiais. Já que eu não tinha acesso às aulas do cursinho, [pois] era muito caro, eu tentei estudar com os materiais deles. Mesmo assim não consegui e acabei entrando na ULBRA [Universidade Luterana do Brasil].

Durante os primeiros semestres da faculdade ele ainda está na empresa de borrachas, então o questiono quando se dá o primeiro contato com estágio ou trabalho como professor de Educação Física mesmo? “Qual foi teu primeiro contato como profissional de Educação Física? Lembra como e aonde? Antes de falar de sua primeira intervenção profissional na área, Felipe lembra que passou, durante a graduação, pelo processo de escolha licenciatura/bacharelado e que isso foi um pouco complicado para ele. Tinha dificuldade em cursar todas as disciplinas pela questão financeira e, por ter que conciliar com o trabalho e, ‘de repente’, ainda teve que fazer esta opção durante o curso, o que classifica como “palhaçada”.

Acho importante eu falar que quando eu entrei era o currículo da licenciatura plena e depois quando eu estava lá dentro veio aquela palhaçada, aquela divisão. Eu nunca me vi como professor de escola. Acho que professor de escola tem que ter um dom, tem que ter uma capacidade de se comunicar, de aguentar as crianças, coisa que eu acho que eu não tenho. Acho que tem as crianças e os adolescentes do bem e os do mal. Então eu sempre falei que se tiver que ter paciência, eu vou ter paciência com os meus filhos não com os dos outros. Eu não queria ter que fazer essa opção no meio do curso, porque acabava excluindo algumas disciplinas que eu gostaria de fazer também, mas já que tive que escolher escolhi o bacharel [habilitação em bacharelado].

Retomando à pergunta sobre seu primeiro contato com a profissão, aquele efetivamente como professor de Educação Física. Com Felipe, segundo ele mesmo menciona, se deu de forma bastante peculiar para um estudante tão jovem e que possuía um emprego formal. Isso porque, a primeira oportunidade ocorreu através de seus contatos das competições de Triathlon. Ficou sabendo de uma oportunidade na prefeitura de Saquarema, na região dos lagos no Rio de Janeiro, onde trabalharia em um projeto financiado pelo poder público municipal, para incentivar as crianças e adolescentes à prática do triathlon. Diante de tal oportunidade, Felipe contou-me que abriu mão de seu emprego, trancou a matrícula na faculdade e foi viver esse desafio/experiência. Infelizmente, mencionou ele, já no decorrer do semestre em que atuou, as coisas não ocorreram exatamente como combinado, com atrasos de pagamento e oferecimento de estrutura aquém do necessário. Não bastasse tudo

isso, na eleição a gestão que promovia tal projeto foi vencida e a que assumiu não deu continuidade. Dessa forma, Felipe retornou para Porto Alegre e para a faculdade.

“E agora? Como foi esse retorno? Estava sem emprego e acabou ficando um pouco mais para trás na faculdade. Conta um pouquinho de como foi esse processo?” Nesta resposta, mais uma vez aparece uma posição importante de nosso interlocutor, principalmente quando estamos falando de uma pesquisa que pretende elencar quais são e como se forjaram suas possíveis disposições. Ao perceber que as coisas não estavam boas no Rio de Janeiro e que existia a possibilidade, inclusive, de o projeto ser cortado, Felipe já passou a manter contato com o proprietário da escola de natação que passou a treinar depois que saiu da escola em que nos conhecemos. Nadou e representou este local por alguns anos nas suas competições, desenvolvendo assim uma boa rela o com o gestor da escola e procurou deixar essa possibilidade em aberto caso sua aventura/experiência em Saquarema não obtivesse o resultado esperado.

Ainda estagiário nas Lojas Tumelero, Felipe relatou que já buscava um vínculo formal nesta  rea. Não abandonou tal conquista, mesmo ao saber que não era o que queria. Que queria a Educa o Física. Em nenhum momento ficou sem trabalho. Explicou que se percebia que o atual vínculo estava sob algum tipo de risco, antecipava novas possibilidades para que, em caso de concretiza o desses riscos, não ficasse desempregado. Neste caso relatado da prefeitura, havia indícios, pelo seu relato, de uma não continuidade, mas enquanto estagiário, poderia ter se acomodado, uma vez que ainda era estudante e era seu primeiro emprego.

Como nosso foco da entrevista está na sua forma o, para finalizar o questiono sobre a contribui o que não apenas seu curso de gradua o, mas toda sua vida escolar contribuiu para sua op o de empreender. A resposta para tal interroga o vem com um espectro mais amplo, ressaltando a importância de todas as vivências que teve, tanto escolares, de trabalho, como as dificuldades que enfrentou na vida pessoal.

Desde o meu pr  [Pré-Escola] até a minha faculdade, como eu te falei, eu sempre tive um suporte muito grande da minha mãe. Como a minha mãe sempre foi sozinha e a grana sempre foi curta, ela me ensinou muito. Eu via como ela lidava com os desafios, com as dificuldades e acho que isso me ajuda muito até hoje. Acho não, tenho certeza que isso me ajuda muito! O que eu quero te dizer   que cada um, de alguma forma, contribuiu para minha forma o, tanto as escolas que eu passei, quanto as situa es de vida que eu vivi junto com a minha mãe. Cada um foi contribuindo para que eu entendesse como as coisas são no mundo real, na vida real. E, aí a gente vai

ficando calejado, vai aprendendo que não adianta chorar, que ninguém vai te ajudar, ou seja, se tu estás a fim de chorar, chora fazendo. Vamos lá! Tem que se mexer porque se ficar esperando, as coisas não vão acontecer.

Gestão

Sua vida empreendedora começa por acaso. Isso porque uma amiga triatleta lhe comentou em um dos eventos em que estavam participando, que ela estava de malas prontas para os Estados Unidos. Inesperadamente, surgiu, para essa amiga, uma oportunidade, oferecendo bolsa para estudar e treinar em uma universidade americana, o que a deixou extremamente feliz. Acontece que ela estava prestes a concluir o sonho de inaugurar sua sala de treinamento individualizado. Era um espaço pequeno, de pouco mais de 30m², que estava praticamente pronto para funcionar, mas que ela teria que se desfazer da noite para o dia, tendo em vista tal situação.

Ao ouvir a amiga, Felipe franqueou-me a informação de que já tinha feito cálculos de suas horas de trabalho, de como estavam difíceis seus longos deslocamentos pela cidade e que começava a pensar na hipótese de ter seu próprio espaço, mas não avançava muito pela dificuldade financeira. Ele percebeu que estava ali sua grande chance. Relatou que que era uma oportunidade que estava “caindo em seu colo”, para usar suas palavras exatas. Dessa forma, acordaram de uma forma que se tornou viável financeiramente. Ambos cederam de maneira que nenhum dos dois saíram prejudicados. Assim começa a vida do Felipe professor-gestor na Educação Física.

Nesta época Felipe não atua mais na Academia Center, por onde competiu e trabalhou alguns anos. Estava trabalhando como professor da Raiasul, uma escola e assessoria esportiva que tinha e ainda tem um nome bem forte no meio do triathlon. Desempenhava a função de treinador da natação. Ele, aliás, narrou-me que sempre gostou dessa atuação à beira da piscina, incentivando, corrigindo e tomando tempos de seus atletas.

Nutrindo a noção já trazida, da segurança, isto é, de não ‘trocar o certo pelo incerto’ que sempre acompanhou sua vida profissional, Felipe começa a realizar alguns atendimentos em sua sala, mas não pede demissão da Raiasul. Explicou-me que, caso a sala não evoluísse, não trouxesse os resultados que ele imaginava que poderia trazer, ele manteria algo seguro.

Questiono Felipe do porque da colega ter lhe oferecido o empreendimento. Meu questionamento foi para saber se foi acaso ou se ele já havia mencionado alguma vontade de abrir seu próprio empreendimento e por isso ela lhe ofereceu. Sua resposta foi esta:

Acho que foi um pouco de cada. A gente se conhecia, eu sabia que ela estava empreendendo e devo ter dito em algum momento que também gostaria, mas não tinha condições financeiras. Conversávamos bastante durante as provas e os treinos do triathlon e quando aconteceu tudo isso, ela me ofereceu.

Consegue nos trazer os primeiros passos? Como foram teus primeiros dias de 'dono da tua academia'? Felipe aqui já entra em questões bem administrativas, especialmente as tributárias. Inicia a resposta dizendo que no início optou por não abrir um CNPJ. Preferiu trabalhar como se fosse um *personal trainer* que tem um espaço próprio para atender seus alunos. O fato de ter pouquíssimos alunos (começou com 2 pessoas) e a insegurança em não saber se iria ou não dar certo, o mantiveram na escola Raiasul. A ideia, segundo ele, era não fazer nenhum grande investimento de marketing, nem de infraestrutura. Atuaria com o que a amiga lhe passou e confiaria na estratégia do 'boca a boca' para captar mais alunos. Ao que parece, sempre preferindo minimizar os riscos de suas decisões profissionais e valorizando seu vínculo empregatício formalizado, a segurança que tinha na escola de triathlon que lhe vinculava assinando sua carteira, só seria largada em um momento de muita convicção em relação a sua sala. E isso só viria quando percebesse um bom número de alunos, pelo menos o suficiente para honrar seus custos.

"E como isso era tratado lá na Raiasul? Pergunto. Você foi transparente com eles? Ou preferiu omitir com medo de alguma reação? Felipe é muito assertivo em suas posições e coloca com muita naturalidade que não seria justo. Que não se sentiria à vontade caso tivesse omitido. Afirma que sempre jogou muito limpo, e que isso nunca fez com que eles mudassem a forma de tratamento. Deixou bem claro que jamais seria antiético a ponto de forçar algum aluno a treinar em seu espaço, mas que se isso ocorresse de forma espontânea, reportaria aos seus superiores naquele momento. Havia também a questão geográfica que amenizava essa possível migração. A escola Raiasul era no bairro Menino Deus, próximo ao centro de Porto Alegre, enquanto a sala de Felipe ficava na zona norte, a cerca de 10 km.

Pergunto, então, levando a conversa para questões de planejamento estratégico, quais foram os parâmetros/indicadores (se é que existiam) para que ele deixasse a escola e mergulhasse em seu empreendimento. “Como se deu a transição definitiva para a tua sala? Estipulaste um número de alunos, um faturamento? Tinham metas que a partir do momento que fossem alcançadas, tu te sentirias seguro em sair da escola e se dedicar exclusivamente à tua sala?”

Não. As coisas foram acontecendo e quando eu percebi que eu já tinha um número suficiente de alunos, daí, então, eu saí da Raiasul. A partir daí, sim. Eu comecei a me dedicar mais para essa parte de planejamento e entender o número de alunos que eu precisava, porque ficava um pouco tensa situação, já que eu não tinha mais aquela segurança da carteira assinada da RaiaSul. [...] 70 80% [dos alunos] era no boca-a-boca, eu nem fazia nada de redes sociais. Não tinha grana para colocar uma placa ou uma faixa lá na frente. Então, foi só questão de falando para os alunos mais chegados, realizando bons trabalhos para que lhe trouxessem amigos familiares.

Percebendo a recorrência do comportamento vinculado à existência de segurança, procuro aprofundar um pouco mais sobre como, financeiramente, se deu essa transição. “Ao entrar em um novo empreendimento, por mais que este, pelo que tu trouxeste, já estava pronto, a gente sempre tem que investir de alguma forma. Tu fizeste melhorias? Como tu as viabilizou financeiramente já que tudo ocorreu de forma abrupta?”

Felipe mencionou que a saída da escola Raiasul se deu de uma forma bastante tranquila, relacionando isso a uma boa relação empregado/empregador. Ele explicou-me que foi demitido para que tivesse acesso a valores rescisórios e com esses valores, organizado como sempre foi, foi dosando e investindo quando entendia que alguma demanda se mostrava fundamental e inadiável. Destacou que segurava o quanto podia, mas, se percebia que aquilo estava prejudicando a retenção ou a possível captação de novos alunos, o investimento era realizado. Lembrou, sobre isso, que basicamente colocou um ar-condicionado (comprado na OLX) e investiu em um chuveiro novo. Os outros itens, disse não se recordar, mas afirma que devem ter sido muito pequenos e financeiramente bem acessíveis. “Fui com o que tinha”. Acho que esse trecho de sua fala sintetiza bem seu espírito.

Além de todos esses cuidados, Felipe também expôs que aprendeu com a sua mãe a fazer reserva sempre, mesmo ganhando pouco, e que por isso, tinha sua reserva para alguma emergência, independente do valor recebido pela demissão.

A saída definitiva da escola de natação e respectiva entrada em sua sala se deu em 2018, dois anos antes da pandemia da COVID-19. Para surpresa dele, e confesso para deste pesquisador também, Felipe relatou que, ainda quando estava tentando entender de que forma conseguiria sobreviver aos movimentos de abre e fecha das academias e a insegurança toda gerada por questões sanitárias que afastou boa parte de seus alunos, em plena pandemia, a proprietária de sua sala – do imóvel – pediu que ele saísse. Num momento em que a maioria dos proprietários de um imóvel comercial renegociavam valores, prazos, faziam de tudo para não perderem seus locatários, Felipe foi surpreendido com esse pedido.

“Ali, sim, foi um desafio para mim! Achei que não conseguiria.” Assim Felipe começou a me contar sobre esse momento. Tentou ampliar o prazo de entrega explicando todo o contexto, mas nenhum argumento foi capaz de convencer a proprietária. Mais tarde, ele descobriu que ela – a proprietária do imóvel – estava com problemas financeiros e já tinha um comprador certo com dinheiro na mão para fechar a negociação. Em todo caso, Felipe, neste momento sublinhou que ali, sim, teve que ter resiliência - palavra que está sendo muito utilizada na entrevista sobre gestão. Em 30 dias, e, em plena pandemia, teve que encontrar outra sala, que não fosse tão longe, que o preço não fosse tão distante e que comportasse a sua estrutura de aparelhos e acessórios.

Para tanto, relatou, saiu desesperadamente procurando um novo local, mas que tudo era difícil. Corretores, imobiliárias querendo trabalhar, mas ao mesmo tempo cheio de restrições. “Tudo jogava contra”, afirmou. Até que Felipe encontrou um novo local, com praticamente o dobro da metragem e com um valor acessível. Isso aumentou, ainda por cima, a visibilidade do seu empreendimento já que não era mais uma sala em um prédio e sim uma loja, com frente para a rua e com uma boa vitrine.

Felipe, sempre destacando a sua atitude astuta em suas negociações, contou-me que acessou a loja pela imobiliária, mas que descobriu o contato do proprietário e conseguiu, depois de muita conversa com ele, fazer um contrato direto, reduzindo, assim, 10% do valor que teria que pagar mensalmente, além da exigência de seguro-fiança que representaria um custo bem elevado também. Para isentar tais garantias, Felipe ofereceu três meses de aluguel antecipado, em dinheiro, à vista, para que o proprietário recebesse como caução e ficasse tranquilo quanto a sua capacidade de honrar seus compromissos.

Questionei, então, sobre essa questão do espaço, pois se havia o crescimento em metragem, haveria também uma demanda por melhor e maior quantidade de aparelhos. “E como tu fizeste essa troca? Teus aparelhos que compunham uma sala que tinha a metade do tamanho foram suficientes para essa transição?”

Eu continuei atendendo os mesmos três alunos por horário, mas agora o espaço me proporcionava muito mais conforto. Passei a me sentir muito mais à vontade para dar aula para os alunos. Lá no espaço menor era muito apertado, eu ficava constrangido em alguns momentos, porque eram três pessoas suando, se movimentando. Ficava muito quente desagradável. Me obrigava em alguns momentos a estabelecer uma espécie de circuito para evitar que as pessoas se batessem.

“E o valor das mensalidades? Mantiveste ou em função desse conforto que o espaço maior proporcionava, tu procuraste aumentá-lo?”

Sim. Eu fiz um reajuste, mas acho que ainda posso aumentar mais. Só quero fazer algumas melhorias primeiro, no estúdio, para então promover esse aumento. Eu estipulei um ganho de R\$ 500 por dia como o ideal e estou bem próximo disso.

Quando questiono de forma mais técnica sobre qual o parâmetro para esse aumento e o porquê, mais uma vez percebo um constrangimento muito próximo que senti quando questionei o primeiro interlocutor da presente pesquisa, o Diego. Notei uma espécie de insegurança, receio e até mesmo vergonha em admitir que as coisas são feitas sem um planejamento, sem parâmetros. As decisões de ambos se desenvolviam muito ou praticamente baseadas no *feeling*. Entendo perfeitamente e confesso que muitas vezes, enquanto gestor também tomei muitas decisões financeiras somente com o *feeling*. Eu entenderia perfeitamente este tipo de resposta, mas os interlocutores, ao que parece, preferem vestir uma máscara de gestor, numa perspectiva de mostrar que sabem exatamente o percentual que atribuem e o porquê desse incremento.

Exemplifico o que trouxe no parágrafo anterior com alguns números que solicitei e percebi que Felipe me respondeu de forma muito insegura, ao pensar, refletir e até mesmo dar uma gaguejada. Coisas que até então não compunham sua fala sempre muito segura e assertiva. Mesmo quando falou de suas restrições do pai, a reação foi diferente. Remetia a dúvidas, a não querer tocar no assunto, mas foi diferente. Entendi que meu interlocutor se esquivava ou procurava esconder o fato de não ter, como gestor, indicadores/parâmetros aos quais fosse fiel, como resultado de um planejamento deliberado. Ao ser solicitado os valores concretos desse reajuste,

ele me passou que 2x por semana subiu de R\$ 145,00 para R\$ 155,00 e que 3x por semana teria aumentado de 185,00 para R\$ 245,00. Claramente não houve um percentual de reajuste. Mas, em sua afirmação, colocou que em torno de 15% foi o aumento proposto.

Nesse quesito de proximidade do pesquisador com o pesquisado tão trabalhado na apresentação da metodologia por Lahire (2004), existe a referência do constrangimento pessoal, mas aqui o que relato é um elemento diferente. Quando a entrevista é profissional e o entrevistador é, de alguma forma, um concorrente no mercado ou o entrevistado quer mostrar que domina conceitos em determinado assunto, a relação entre os dois também é suscetível de promover abreviações ou modificações nas respostas.

Sigo nossa entrevista querendo entender elementos específicos de sua gestão administrativa. Pergunto então:

Sei que na sala menor, tu fazias desde a limpeza até o atendimento técnico do aluno. E agora, nesse novo espaço? Como estão as questões administrativas como recepção, controle de material, agendamentos? Ainda és tu que concentra todas essas demandas?

Segue parte de sua resposta:

Eu procuro trazer os alunos para mim. O que eu quero dizer com isso é que eu produzo uma relação muito próxima com os alunos, então, eles entendem que eu sou proprietário de um estúdio pequeno e que eu faço tudo. Quando tem esses momentos em que toca o telefone e acontece alguma outra coisa ao mesmo tempo da aula, acaba que a grande maioria compreende, leva numa boa. Eu procuro não atender telefone, não trocar as mensagens pelo *WhatsApp* enquanto eu estou dando aula. Se por acaso eu vejo que tem alguém procurando, eu só peço licença para o aluno e coloco no *WhatsApp* que, assim que eu terminar a aula, que eu estou dando eu chamo a pessoa e tem funcionado bem assim. Claro que, em alguns momentos, tem uns apertos. Mas, como eu disse, como eu tenho os alunos muito próximos comigo a imensa maioria compreende bem [...].

Sigo aprofundando, tentando produzir elementos específicos de gestão e o questiono sobre estabelecimento de rotinas. Quero entender se há demarcação de dias e horários para que, por exemplo, a limpeza seja executada. Como são feitos os agendamentos das aulas? Ele atende as chamadas 24h por dia, 7 dias por semana? Ou há algum momento específico?

A resposta mais uma vez é menos precisa e assertiva, percepção que, como entrevistador, eu não nutria até então em nossos encontros, muito pelo contrário. Essa resposta foi bastante longa. Começou dizendo que sim, que em determinados dias vai até o estúdio para realizar a limpeza e organizar os materiais, passando uma ideia de

que era uma rotina pré-estipulada e assim executada. Depois de algumas falas, no entanto, colocou que fica complicado lidar com tudo e que, muitas vezes, ou não faz esse tipo de serviço de higienização ou aproveita algum intervalo entre as aulas. Da mesma forma quanto aos atendimentos, houve momentos em que era passada muita segurança quanto a não querer e não precisar de outros professores atuando junto, já outros deu a entender que seria bom ter outros profissionais, que ampliaria seus ganhos, mas que não o fazia por falta de confiança.

Trago esses exemplos para entendermos como Felipe desenvolve sua gestão, não para constituir juízos de valor. A perspectiva foi a de produzir questões que colocassem o interlocutor na situação de apresentar as suas decisões, compreendendo que este interlocutor, como os demais, sabe o que faz, que pensa antes de formular algumas respostas, no sentido de querer demonstrar ou sustentar algo que faça sentido na situação.

Pergunto, ainda, nessa abordagem administrativa, quanto aos materiais de limpeza e possíveis materiais de escritório. Aqui, a respeito dessas demandas, percebo uma exposição bem típica dele. Segura e sem 'muitas voltas'.

Isso é bem do dia a dia. Conforme eu vou percebendo que determinado material vai acabar ou que a vassoura está velha, coisas do gênero aí eu vou repondo. Não tem assim nada tal dia vou olhar. Eu vou observando diariamente E conforme os produtos os materiais vão acabando eu vou comprando, mas acho que nesse ponto eu sou organizado, pois nunca aconteceu de eu precisar sair correndo para comprar alguma coisa porque não tinha.

Em seguida, Felipe traz um elemento importante. Ele se organizou de maneira que terças e quintas não trabalha. Só faz seus atendimentos no estúdio nos demais dias. Sábados e domingos também não. Relatou que conseguiu fazer isso desde que entrou no espaço novo e diz que foi a melhor coisa que poderia ter feito, sustentando que, dessa forma, tem mais tempo para a família e mais qualidade de vida de forma geral. Quando pergunto se pretende continuar assim, ou acha que vai voltar a atender todos os dias sua resposta vem bem segura e tranquila. Tão cedo não pretende. Está muito bem assim. Lembrou, neste momento, que está bastante focado nos estudos de investimentos. Então, nesses dias que não realiza seus atendimentos, consegue se dedicar um pouco mais aos estudos de possibilidades de negócios.

Procuro aproveitar esse momento e estabelecer conexão com a referência positiva que ele havia mencionado em relação ao seu pai.

Lembra que tu falaste que era uma qualidade do teu pai, estar sempre buscando mais, fazendo novos negócios? Nunca pensaste em utilizar de outra forma essas terças e quintas? Podes contratar alguém para atuar lá. Tu ganharias menos, mas entraria uma receita. Apenas um exemplo que estou te dando, mas tu estás bem tranquilo quanto ao fato do estúdio ficar fechado terças e quintas? Pretendes mantê-lo assim?

Mais uma vez sua resposta me lembra a de Diego, primeiro interlocutor da pesquisa. Agora, pelo fato de que colocar como fundamental o seu vínculo com os alunos, argumenta que a entrada de outro professor geraria insegurança a ele. Relata que não ficaria tranquilo sabendo que talvez os alunos não estivessem sendo atendidos da melhor forma. Além do tratamento com os alunos, menciona que há, também, a questão tributária. Felipe coloca que não gostaria de contratar alguém sem assinar sua carteira, e que neste momento seria inviável financeiramente.

Assim como Diego, esse tratamento recíproco de admiração e respeito é de grande valor, algo como 'Academia é minha, e os alunos são meus'. Difícil classificar esse modo de agir, mas vejo isso como uma disposição a esse comportamento possessivo a respeito de considerar o grupo de alunos como o próprio empreendimento. Ambos os interlocutores têm a possibilidade de ampliar seus ganhos, de delegar, de trabalhar menos, mas há um custo emocional que entendo ser preponderante ao financeiro e até mesmo ao receio de uma possível ação trabalhista.

Seguimos nossa entrevista e o questiono sobre o seu número de alunos. Quantos possui neste momento e se há algum planejamento no sentido de que a partir de determinada quantidade, essa possibilidade de contratação de um outro profissional seria repensada. Avanço um pouco na questão dos indicadores e pergunto se é feito um controle mensal de indicadores relacionados ao número de alunos como novas matrículas, desistências, percentual de retenção.

Eu não tenho esse número certo, mas eu tenho certeza que está sempre numa crescente[...] A minha referência é o dia então eu pego todos os ganhos que eu vou ter no dia e vou acompanhando os alunos da academia. Se me paga mensal, eu divido esse valor pelo número de aulas dele, então eu sei qual ganho eu vou ter naquele horário. Em outro horário eu posso estar com alunos de personal na rua, não na sala. mas para mim eu somo tudo e vejo o quanto eu ganho por dia.

Quero aqui também trabalhar no sentido de desenvolver minhas percepções enquanto pesquisador. Por um lado, há uma resposta muito clara e objetiva no sentido de demonstrar como realiza seus controles financeiros, mas por outro me chamou a atenção dessa referência diária utilizada. Não há a intenção de julgar no sentido de estar certo ou errado. Apenas saliento que com alguma trajetória neste ramo, este

pesquisador ainda não havia se defrontado com tal particularidade. Entendo que é mais um, entre tantos elementos que estão sendo levantados por esta série de entrevistas que não apenas oferecem novas opções, mas sobretudo, grifam a importância e o grande leque que podemos encontrar quando nos debruçamos sobre cada um de nossos interlocutores buscando suas variações em formas de agir e pensar em função dos contextos que estão inseridos.

Encaminho nosso encontro para o final solicitando que Felipe faça um exercício de planejamento estratégico. Pergunto onde ele enxerga o professor de educação física e gestor Felipe daqui a 5 anos. “Existem metas, quer seja em número de alunos, ampliação do estúdio. Como tu gostarias de te ver neste espaço de tempo?”

Bom, sinceramente eu nunca penso assim. Nunca pensei assim, mas a minha ideia é me aposentar o quanto antes, então daqui a 5 anos eu acho que eu vou estar no mesmo estúdio, mas cobrando um valor maior e com um número maior de alunos. Isso vai me aproximar mais da concretização do meu sonho de ter uma renda para que eu não precise mais trabalhar o quanto antes

5.3 Retrato Sociológico 3: Gabriela

Gabriela representa nesta pesquisa a gestora-professora de Educação Física com menos tempo à frente do seu negócio. O vínculo deste pesquisador com a interlocutora surge, assim como o de Diego, durante o processo de venda da então minha academia. Nos conhecemos assim, em meio a assinatura de contratos, reuniões de transição, onde os números eram expostos, informações eram trocadas para que conhecessem bem os ativos e passivos, tornado toda a transação o mais transparente e segura para ambos os lados que estavam adquirindo.

Em oportunidade anterior, Gabriela foi professora contratada por Diego em uma de suas salas, desempenhando, segundo ela, um bom trabalho e, dessa forma, conquistando sua confiança. No primeiro contato de oferta de meu empreendimento, ainda somente para Diego, não chegamos a um acordo e tudo indicava que o negócio não sairia. Quase 30 dias depois desse encontro, recebo uma ligação de Diego perguntando se ainda existia a possibilidade da venda da academia. Havia duas pessoas bastante interessadas, fazendo propostas, mas nada concretizado. Quando dei esse retorno, ele me solicitou um novo encontro, dizendo que sozinho não conseguiria chegar ao valor que estávamos tratando, mas que tinha encontrado uma sócia, e esta estaria disposta a investir com ele.

Foi neste encontro com os dois que conheci Gabriela, uma jovem de 25 anos de idade, com aquele brilho no olhar de quem está começando e quer muito 'fazer acontecer'. A juventude contrastava com seus posicionamentos, sua atitude. Pareceu bastante madura e segura em relação não apenas ao negócio que estava prestes a realizar, mas a tudo que envolvia ser proprietária de uma academia. A confiança que Diego tinha me passado em nossas reuniões se fortaleceu quando a conheci, fazendo que ficasse mais seguro para vender a minha academia. O vínculo com os alunos, tão recorrente neste trabalho na construção dos outros retratos sociológicos, também fez e ainda faz parte da vida deste pesquisador, mesmo um ano após a concretização da venda da academia

Este aspecto, ao que transparece na minha experiência empírica e se reforçam nos retratos sociológicos da presente pesquisa, em que pese a gestão das academias de pequeno e médio porte, transcende os conceitos da gestão, permeando nossa vida pessoal, fazendo com que claramente passasse a ser uma de minhas grandes preocupações no momento da venda. Uma das coisas que fui muito repetitivo durante os encontros de negociação, foi que seria um golpe muito duro para mim, passar ali pouco tempo depois e ver a academia fechada ou em situação difícil. Não me sentiria nada bem em ter o dinheiro da venda, sabendo que tanto os professores como os alunos foram prejudicados por uma escolha equivocada de minha parte.

Conhecer a Gabriela, então, foi uma experiência vivida e significada como duplamente satisfatório. Satisfação em ver que os dois tinham um ótimo relacionamento, entendiam bem 'a linguagem' da academia, mas também a satisfação de perceber que estava lidando com pessoas íntegras, que honrariam nosso contrato.

Quando se vende uma academia de pequeno e médio porte, na maioria das vezes o grande ativo é a carteira de clientes. A infraestrutura pode inclusive representar um montante inferior, quando comparado a rentabilidade oferecida pelo número de alunos ativos e pelo *ticket* médio representativo. E isso foi assimilado de maneira muito rápida pelos dois. Esse entendimento - que mantém o negócio robusto até hoje - era fundamental para a negociação. Pois, se Diego cumpria os pré-requisitos tão trabalhados por Lahire (2004) a respeito da relação pesquisador-pesquisado, entendi que Gabriela também os atendia, e se encaixaria perfeitamente nos indicadores pré-estabelecido de ser uma mulher, gestora e professora de Educação Física. No seu caso, a intenção da pesquisa foi ter acesso a disposições de uma gestora com pouca experiência, apenas 9 meses à frente do seu negócio.

Família

Gabriela tem 25 anos, filha de Jorge e de Mercedes. Ela pede desculpas por não saber a idade exata dos pais, mas afirma eles têm um pouco mais de 50 anos. Irmã de Gustavo, 4 anos mais velho. Segundo essa interlocutora, seu pai, trabalhou a vida inteira em oficinas de chapeação e pintura. Chegou a ser gerente de duas empresas grandes nesse ramo, mas por sentir-se muito estressado pelas demandas desse serviço, há 5 anos optou por dirigir Uber. Ela o descreve como uma pessoa extremamente organizada, que se adaptou muito bem a esse novo trabalho por aplicativo. Comenta que ele estipula uma meta diária, organiza seus horários e cumpre rigorosamente. A mãe sempre trabalhou em clínicas médicas, como administradora e gerente. Na maioria das vezes, clínicas de exames de imagem. Ela trabalhou desde muito cedo e sempre com vínculo regular, por isso já goza de aposentadoria. Atualmente eles vivem no litoral, onde compraram dois terrenos, um ao lado do outro. Construíram sua casa em um deles e, no outro, duas cabanas para locação.

Gabriela menciona que sua primeira infância tem forte ligação com a creche em que sua mãe a deixou assim que foi encerrada sua licença maternidade. Com a mãe administrando a clínica de radiologia e o pai trabalhando na oficina o dia inteiro, a interlocutora mencionou que só ficava com os pais na parte da noite, quando, antes de voltarem para casa, a pegavam na escola. Foi a mesma rotina de Gustavo, que também passou pelo mesmo processo. Assim que nasceu, seguiu para a mesma pré-escola em que Gabriela estava.

Uma peculiaridade que favorecia muito o casal. A referida creche (ora a interlocutora menciona creche, ora pré-escola) ficava dentro do condomínio fechado, onde moravam, em Esteio, cidade da região metropolitana de Porto Alegre, oferecendo praticidade.

A respeito desse momento, peço que Gabriela tente acessar e trazer recordações, ou se não for possível, histórias que tenha escutado sobre seus primeiros anos de vida. Ela rapidamente mencionou que a imagem que guarda com carinho é a de muitas crianças correndo soltas pelo condomínio. Por ser um empreendimento fechado, recordou que a situação proporcionava grande liberdade às crianças, com tranquilidade para os pais. Explicou que tinha aquela coisa de entrar

e sair da casa dos amigos, sem nem precisar avisar os pais. Assim como, sem avisar, também aparecia em casa com muitas crianças querendo brincar e lanchar. Suas reminiscências apontam para uma infância muito ativa, livre e com muitas outras crianças.

Outra memória que a interlocutora mobiliza é a de uma babá que começou a cuidar dela e de seu irmão a partir de uma idade que não consegue precisar, mas acredita ser em torno de 3 ou 4 anos, a qual, tal como lembrou, fazia todas as suas vontades. Poderia pedir 5 vezes ‘nescau’ para ela, que ela fazia as 5 vezes, bem diferente da mãe, que regraria a alimentação. Ela avalia que esses comportamentos considerados sem regras, afetavam todas suas refeições, porque no horário em que deveria almoçar para ir para a escola, não tinha fome, é claro. Mas, segundo Gabriela, “ela [a babá] não estava nem aí”, queria fazer todas as nossas vontades.

Ainda sobre essa fase e sobre a babá, Gabriela se recorda de ter ido algumas vezes para escola com a roupa absolutamente inadequada. Ou roupas demais em dias quentes, ou com pouca roupa em pleno inverno, uma vez que era ela quem escolhia. Segundo sua narrativa, ela ‘mandava’ e a babá simplesmente obedecia, não questionava, nessa perspectiva de que queria fazer as vontades das duas crianças.

Em seguida se mudam para um loteamento na cidade de Canoas. Era um bairro planejado, mas que, pelos relatos da interlocutora, não teria mais a segurança de um condomínio fechado. Isso porque, as recomendações para quando saíssem para rua para brincar com os amigos eram bem exigentes. Havia uma espécie de limite de segurança, devido as ruas serem mais ou menos movimentadas. Apesar de não ser mais um local fechado, este loteamento era grande, possuía seguranças que ficavam fazendo ronda de moto, e nas ruas, Gabriela e seu irmão tinham muitos amigos. Lembra de jogar vôlei, ‘taco’. Brincavam de pega-pega. Enfim, descreveu uma infância muito ativa, com muitas crianças e com muita liberdade, apesar de não ser mais apenas dentro do condomínio.

Tentando provocar de Gabriela no sentido de fazer emergir propensões, pergunto sobre essas determinações dos pais quanto à segurança e limites estabelecidos.

O fato de não ser mais um condomínio fechado preocupa os teus pais, que dão fortes recomendações a ti e teu irmão. E como tu lembras que normalmente tu recebias esse tipo de intervenção dos teus pais? Tu eras obediente? Cumpria o que era passado à risca ou tentava burlar um pouco?

Diante dessas interrogações, Gabriela inicia a resposta com um sorriso, algumas frases que iniciam, mas não terminam, ajeita o cabelo para lá, para cá e diz que mais ou menos. Franqueou-me a informação de que nunca foi de aprontar muito ou simplesmente não estar nem aí para as orientações dos pais, mas também não era exatamente uma menina obediente. Lembrou que rompia um pouquinho as fronteiras impostas pelos pais. Tinha seus 'namoricos' escondidos, mas parava por aí. Na sua avaliação durante a entrevista, afirmou que sempre soube bem diferenciar o que seria uma fugidinha de algo incorreto e que realmente pudesse trazer consequências mais sérias. Mencionou que o mais perigoso que fazia e que não podia, pela recomendação expressa dos pais, era brincar nas obras. Sua casa foi uma das primeiras a ser construída neste loteamento que era bem grande. Por consequência, muitas outras construções iniciavam a cada ano, tornando o bairro um canteiro de obras, o que, para as crianças, se transformava num parquinho. Relatou um lugar cheio de opções para se esconder, materiais para pegar, experimentar, enfim, curiosidades de criança. Hoje Gabriela menciona que tem a plena noção do perigo que representa uma criança solta em uma obra, mas na época era divertido e representava a sensação de 'testar o proibido'.

A partir de agora, tento focar mais nas relações familiares. Primeiramente, peço para Gabriela falar de seus avós. Aldo e Gertrudes são seus avós maternos. Aldo, segundo ela, era comerciante. Com sua Kombi, vendia de tudo pelos bairros da cidade de Gravataí, onde moravam. Ele faleceu quando Gabriela ainda era muito nova devido a um câncer de pulmão. A imagem que ela narra ter na sua cabeça é a de um avô muito doente, que tinha em sua casa um quarto que era como se fosse um 'mini-hospital'. Lembra de ajudá-lo com o respirador, segurando para ele, mas por esse quadro que o levou a morte em seguida, Gabriela acabou não tendo oportunidade de desenvolver laços com esse avô. Assim, ela me contou que as recordações de Aldo vêm mais pelas histórias contadas pelos tios e pelos primos mais velhos que tiveram maior convivência e que se referem sempre como uma pessoa muito divertida, que brincava muito com os netos e animava os encontros familiares. Gabriela lamenta não poder ter tido mais tempo com ele.

D. Gertrudes é viva, extremamente lúcida e hoje mora em um lar geriátrico por pedido próprio. Pela narrativa da interlocutora, a avó foi muito presente, por ter morado em sua casa, assim que perdeu o marido. Relatou que ela declinou muito física e emocionalmente, quadro esse que fez com que seus pais a acolhessem. Depois de

um tempo, os irmãos de Mercedes (mãe de Gabriela) passaram a se revezar e prestavam todos os cuidados necessários, além de sempre levá-la para algum tipo de compromisso nos fins de semana para que pudesse sair da rotina de casa e sentir-se bem. Ela, no entanto, começou a reclamar que estava muito difícil toda essa função de estar sempre se deslocando e que não queria mais incomodar os filhos. Segundo explicou Gabriela, a própria avó entendia que todos estavam em fases difíceis da vida, criando seus netos e por isso, para ela também seria melhor ir para um local, onde além de receber os cuidados necessários teria convívio com pessoas da mesma idade. Assim foi feito pelos filhos, que seguem visitando D. Gertrudes. Gabriela diz que vai visitá-la, mas que sente que deveria ir mais.

Pergunto então como foram as suas relações desenvolvidas com D. Gertrudes, já que teve oportunidade inclusive de morar junto. “Com teu avô, infelizmente tu não tiveste muita oportunidade de convívio. Mas e com a tua avó? Conviveram bastante? Como foi esse período em que moraram junto? Me conta um pouco mais dela, qual era a profissão dela e como tu enxergastes ela como avó?”

Ela foi professora, aquelas de magistério, sabe? Acho que era um segundo grau profissionalizante em magistério. Tipo isso... Foi morar com a gente pouco depois do meu vô falecer. Ela começou a ‘ficar meio pancada’ com a perda dele. Foi assaltada duas vezes. Uma porque esqueceu o portão aberto e outra porque o assaltante tocou a campainha, pediu para entrar e ela simplesmente deixou. Graças a Deus, não acabou em tragédia, mas meus pais entenderam que seria melhor ficar com ela por um tempo. Durante esse período, lembro dela muito querida, sempre querendo agradar. A comida que ela fazia era maravilhosa. Meu prato predileto sempre foi panqueca e a da avó Gertrudes era a melhor. Pelo menos uma vez por semana, ela fazia só para me agradar.

Quanto aos avós paternos, Lauro e Leni, Gabriela descreve uma relação bem diferente. Eles sempre moraram em Porto Alegre. Leni faleceu há dois anos, ou seja, Gabriela teve a oportunidade de conviver com ela até seus 23 anos. D. Leni foi mencionada como muito diferente de Gertrudes, a avó materna. Gabriela conta que tem certeza de que a avó gosta dela, mas que a relação nunca teve abraços, beijos, o que principalmente com a outra avó eram demonstrações de carinho bem comuns. Mencionou que respeita, dizendo que “era o jeito dela”, mas, segundo sua avaliação, isso acabou não permitindo muito carinho e conseqüentemente convívio entre elas. Já o avô Lauro, foi descrito como muito durão e alcoólatra, mas que sempre ‘se derretia’ e ainda ‘se desmancha todo’ por Gabriela, a neta ‘preferida’. Sobre essa preferência, a interlocutora mencionou que sua prima Jéssica, que sempre morou com

esses avós, tinha muito ciúme da relação com ele, porque a dela com o Sr. Lauro era repleta de brigas e conflitos, sobretudo por causa do álcool. Gabriela relatou-me que tem uma ótima relação com essa prima e tenta explicar para ela que se fosse ao contrário, se ela morasse com o avô, muito provavelmente a sua relação seria desgastada com ele e Jéssica teria essa fama de neta mais querida. Atribui essa situação ao dia a dia, ao convívio e seu desgaste.

Percebendo que esse problema com alcoolismo do avô paterno deva ser algo de muita relevância para a família, tento explorá-lo no sentido de fazer a interlocutora produzir reflexões e avaliações a respeito. Peço para que Gabriela tente lembrar de episódios desencadeados pela embriaguez, e quero saber se algum dos filhos, sobretudo seu pai, sofreram também com essa doença.

De acontecimentos, eu nunca presenciei, mas sei que quando ele bebia, ele brigava muito na rua e chegava todo machucado. Também sei que na minha avó ele nunca bateu. E quanto a alguém herdar o vício, sim, e o pior que foi meu pai. Ele e minha mãe já chegaram a ficar separados por alguns dias, porque a minha mãe se esgotou. Ela já passou muita vergonha pelos fiascos que ele fazia. Ficava desesperada, não dormia, tentava nos esconder, nos proteger de tudo aquilo. Até que teve um dia que brigaram e se separaram. Mas durou poucos dias. Desde então, de vez em quando ele bebe, mas nunca mais se alterou.

Depois desse relato, onde fica claro uma aprendizagem que ‘foi passada’ de seu avô para seu pai, procuro entender melhor como isso se dava. Entendendo que esse deva ser um assunto de difícil acesso para Gabriela, emocionalmente falando, dentro do que foi possível, procuro ter muito cuidado com as palavras e pergunto:

Desculpa explorar esse ponto que deve ser pesado para ti não é Gabriela, mas se tu não te incomodares, gostaria de ouvir de ti um pouco mais sobre a relação do álcool do teu vô e do teu pai. Tu entendes que isso tinha o mesmo motivo? Quero te perguntar se, na tua opinião, as causas que os levavam a buscar o álcool eram senão as mesmas, pelo menos próximas?

Gabriela, muito gentil e sempre preocupada em cooperar da melhor forma com a pesquisa, responde que não se incomoda em ser perguntada, e que sim, que percebe claramente os mesmos motivos. Relatou-me que quando o trabalho os exigia muito, muitos problemas com clientes, prazos que não eram cumpridos, ou o que ganhavam acabava não sendo o suficiente para pagarem suas contas, entrava esse problema do alcoolismo. Isso, segundo ela, foi um dos motivos de seu pai deixar as oficinas e assumir o trabalho por aplicativo com Uber. Dessa forma, o próprio exercício da profissão de motorista seria um obstáculo em caso de recaída e novos desejos de beber. Ela mencionou que quando seu avô vendia bem, tinha um bom dia de trabalho,

era um ótimo marido, chegava em casa e era um anjo com a avó. Assim, em síntese, Gabriela me define que quando os dois tinham momentos difíceis profissionais, buscavam a bebida. Também salienta que seu pai nunca ficou agressivo. Ficava conforme ela menciona, “insuportável” e muitas vezes dizia coisas bem desagradáveis para sua mãe. Mas, assim como o avô, nunca agrediu a esposa.

Pelo relato, fui construindo o entendimento de que ambos conseguiram superar esse problema. Então a questiono nesse sentido. “E os dois pararam pelo visto então Gabriela? Ou ainda eventualmente ficam embriagados? Ela diz que parar, na opinião dela, seria não terem mais bebido nada. Acha que esse, sim, seria o ideal, porque entende ser difícil saber até onde podem ou não beber, explicando que é difícil determinar a quantidade que faz passar dos limites. Mas, o lado bom, conforme sua narrativa, é que nenhum dos dois bebeu até incomodar as pessoas. Seu pai, com quem tem mais contato, ingere ‘uma que outra’ cerveja de vez em quando. Não há uma frequência certa. Mas, mesmo sendo pouco, de certa forma, menciona que desagrada a mãe, que também preferiria que ele não tivesse mais nenhum contato. Relatou que o avô, depois que a esposa faleceu, também ficou mais tranquilo em relação a bebida e até mesmo na sua relação com a prima Jéssica, com quem ainda mora. Então, Gabriela diz que até onde ela pode avaliar, o problema foi superado pelos dois.

Prossigo tentando entender as relações familiares e agora peço que Gabriela me fale sobre como é a relação entre seus pais. “Como tu vê a relação do casamento deles? São carinhosos? Há respeito? De maneira geral, a tua percepção é de que é uma boa relação?” Gabriela já inicia fazendo conexão com o episódio onde ficaram poucos dias separados, dizendo que seu pai é extremamente dependente da mãe. Na sua avaliação, esta expressada durante a entrevista, a mãe, em uma possível separação, viveria bem, teria sua autonomia. Diferente disso o pai, provavelmente não suportaria. Contudo, entende que é uma boa relação. O pai é carinhoso, apaixonado. Narrou que ele leva café na cama, faz bilhetes, envia flores. Acha que cuida muito bem e ‘dá muito amor’ à mãe. A mãe também, de maneira diferente, cuida dele. Gabriela menciona que sua mãe sabe dessa dependência dele para com ela, mas lida muito bem com isso. Diz que acha inclusive que ela, a mãe, gosta disso. Entende que é aquela relação de pai e mãe. Tem seus altos e baixos, mas sobretudo depois que ele não ficou mais alcoolizado, ela vê como uma relação bem sadia. Afirmou que gosta de vê-los juntos.

“E quanto a tua relação com eles? Como é a Gabriela com o pai e com a mãe?”

Minha mãe sempre foi e acho que sempre será minha melhor amiga. É para ela que conto tudo primeiro. Para ela que eu levo os problemas, que eu peço opinião. A gente tem uma relação maravilhosa e muito próxima. Mesmo agora morando na praia, nos mantemos nos falando todos os dias. Com meu pai é um *mix* de emoções. Eu sou uma pessoa muito sensível a como tu falas as coisas para mim. Então, se for agressivo ou mal-educado, me atinge muito. Eu nem ouço. Só me agride. Então, eu tenho essas lembranças dele muito estressado e bebendo e sendo grosso. Ao mesmo tempo, quando não bebia, era um ‘pai babão’, muito carinhoso e compreensivo. Quando fiz todas aquelas mudanças, ele sempre ajudou. Agora que está bem há bastante tempo, posso dizer que a relação com ele é muito boa também. Mas sempre fui mais próxima da minha mãe.

Encaminho a última pergunta, na qual peço para que ela me relate se há reproduções do que ela viu e vê na relação dos seus pais, com a relação que ela tem com seu esposo. Gabriela sorri e diz que acredita muito quando dizem que a gente procura no marido, a figura do pai. Sergio – seu companheiro –, segundo ela, tem muitos pontos semelhantes ao do sogro. Ainda brincando, como denunciavam os sorrisos, diz que ele se ofende com essa comparação, mas ela diz que é sim, muito real a proximidade. Sergio também se estressa muito no trabalho. Não há o problema da bebida, mas Gabriela lembra que por exemplo, quando trocaram muitas vezes de cidade em curto espaço de tempo para acompanhar as demandas profissionais de Sergio, Gabriela muitas vezes ficava em casa o dia inteiro e isso a angustiava. Quando ele chegava, ela precisava de alguém para conversar, já que tinha passado o dia todo em casa com o cachorro. Às vezes Sergio ouvia e conversavam, mas muitas vezes chegava muito estressado e pedia apenas silêncio. E, menciona ela, pedir silêncio para alguém que passou o dia em casa sozinha era muito complicado. Além disso, assim como seu pai, Sergio é muito metódico e não pode ter nada fora da sua organização. Gosta que tudo permaneça conforme ele entende que é a melhor forma, o que também é característico de seu pai.

Para terminar, Gabriela diz que tenta tirar o lado positivo e o negativo dessa semelhança. Pela proximidade que tem com a mãe e por Sergio ser tão parecido em alguns aspectos, muitas vezes recorreu à D. Mercedes, para perguntar o que fazer nesses momentos de estresse de Sergio. E as falas da mãe normalmente ajudavam. Mas há também o que ela tira de aprendizado e que não quer reproduzir. Coloca que essa atitude da mãe de ser dura com o pai e se separar por alguns dias, que acabou resolvendo seu problema com álcool pelo medo de perdê-la, deveria ter sido tomada antes. Gabriela manifesta o entendimento de que ela aguentou muita coisa, que

esperou demais e que isso, no seu casamento, não ocorrerá. Mencionou que se entender que a coisa está se repetindo demais, ela se posicionará, e se for o melhor para ela, se divorciará.

Esporte

Gabriela narrou que sua grande paixão é o *ballet* e, é através dele, ocorreu o seu primeiro contato com o esporte. Contou-me que aos 3 anos de idade, ainda na creche Castelinho Encantado, que ficava dentro do condomínio onde morava, teve seu primeiro contato com a dança que protagonizaria boa parte de sua trajetória esportiva. A escolha da mãe se dá pelo entendimento que esta modalidade proporcionaria disciplina, flexibilidade e uma boa postura para a filha. Gabriela diz que sua mãe lembra que os dias de *ballet* eram os mais fáceis de convencê-la a ir para a escola. Neles acordava já solicitando que sua mãe prendesse seu cabelo da forma como a professora solicitava. Pegar a bolsa do *ballet*, com as roupas e a sapatilha era motivo de muito orgulho e Gabriela literalmente desfilava, sustentando o material.

A interlocutora segue acompanhando a trajetória de sua professora de *ballet*, dizendo que a professora se chama Sabine e, até hoje, passados mais de 20 anos, segue atuando, mas agora tem sua própria escola. Quando Gabriela sai da creche e vai para outra escola, no ensino fundamental, menciona que tem a sorte de permanecer com Sabine, que trabalhava dessa forma, indo até as escolas da região dando aulas de *ballet*. A descreve como uma profissional muito envolvida com a dança, que inclusive promovia apresentações nos finais de ano com todas as suas turmas. A forma leve como, na relação da entrevista, Gabriela lembra dessa experiência expressa a positividade com que a avalia.

Na sua primeira apresentação lembrou que ‘congelou’. Explicou-me que acredita que deva ter se assustado, ainda aos 5 anos de idade, quando subiu no palco e viu a plateia lotada, luzes, música alta, e os relatos são de que ela simplesmente não se mexeu. Disse que ficou ali, no palco, só observando tudo, de olhos arregalados. A segunda recordação é a de um outro evento no qual, quando começou a dançar no palco junto com as outras crianças, sua saia caiu. Provavelmente, disse ela, foram feitas adaptações ao figurino, e no caso dela, simplesmente a saia rompeu e foi ao chão. Este segundo relato é trazido, no entanto, com um tom de orgulho e

satisfação, pois diz que mesmo com esse problema da roupa, não parou e fez toda a coreografia, o que deixou sua mãe muito orgulhosa.

Com esta professora dançou até os 8 anos de idade, quando machucou o pé e precisou parar. Gabriela atribui a lesão a uma precoce utilização da sapatilha de ponta, que segundo ela, exige que a bailarina tenha uma estrutura mais formada para sua utilização, o que talvez ainda não possuísse. Além disso, o período coincide com toda a solicitação emocional envolvida durante a primeira troca de escolas de Gabriela, ainda no ensino fundamental, fazendo com que sua parada no *ballet* fosse prolongada.

Ali eu tinha tipo 9 anos. Depois dessa lesão no pé, eu me lembro que demorei para sentir firmeza, para poder dançar sem sentir nada de dor. Então, como a gente acabou mudando de escola, tudo isso junto, me fez dar um tempo no *ballet*.

Pergunto se ela consegue lembrar especificamente o sentimento em relação ao *ballet*, por ter que parar uma atividade que vinha fazendo desde tão nova. Como foi para você ter que deixar de dançar, depois de tantos anos seguidos?

Sinceramente, não consigo me lembrar, assim, do que eu sentia por não poder dançar. Acho que é bem o que te falei, naquele momento o que estava mais me pegando era deixar minhas amigas da escola, do colégio mesmo. Eu não queria mudar e, isso sim, me lembro que me deixava bem triste. Quanto a dança, acho que nessa época, eu não devo ter sentido tanto.

Nesse período, que a interlocutora diz não ter muita certeza se foram 2 ou 3 anos, ela dançou na modalidade *street dance* que era oferecida por sua escola. Narrou que algumas amigas da mesma sala faziam parte do grupo, e ela, por sua paixão pela dança, e por estar afastada do *ballet*, entendeu que seria ótimo praticar outra modalidade. Gabriela mencionou que não era nada comparado ao *ballet*, mas houve um envolvimento com a modalidade e, principalmente, com o grupo. Participou de algumas apresentações e campeonatos entre escolas. Nunca foram campeãs, mas Gabriela disse que foi um período muito agradável, deixou boas lembranças e que mais tarde, quando retornou para o *ballet*, acabou aproveitando algumas habilidades desenvolvidas na nova modalidade.

Além do *street*, Gabriela também se aventurou na modalidade de handebol. A interlocutora contou que havia uma certa febre entre as meninas, por ser um esporte muito dinâmico, de equipe, mas também por questões financeiras. O colégio frequentado por Gabriela, neste momento, é o da Universidade Luterana do Brasil

(ULBRA), em Canoas, que, na época, era conhecido estadual e nacionalmente por ser uma potência no esporte. Incentivava seus alunos desde o ensino fundamental até os da graduação com bolsas para os que integrassem as equipes de variadas modalidades.

O handebol era uma dessas modalidades, e Gabriela explicou que tentou ajudar seus pais em relação ao pagamento da mensalidade, tentando conquistar uma bolsa, mas não obteve êxito. Ela narrou que a competitividade gerada pelo fato de haver um interesse financeiro, gerava agressividade durante as partidas, o que não fazia parte da maneira como gostaria de experimentar o esporte. Relatou, inclusive, um episódio de fratura de um dedo da mão, devido ao impacto de um arremesso e outro, no qual seu joelho foi deslocado por um chute de outra menina. Gabriela, que vinha da experiência do *ballet*, não teve dificuldade em entender que aquele tipo de esporte não era para ela.

Situações como essas, segundo ela, a fazem manifestar para sua mãe a vontade de retornar para a sua dança, especificamente para o *ballet*. Adaptada a nova escola e a nova rotina, entendia que poderia voltar. Nesse momento sua mãe estava trabalhando na cidade de Cachoeirinha – cidade da Grande Porto Alegre - e diz para Gabriela que poderia voltar a dançar, desde que fosse em uma escola próxima ao seu trabalho, para facilitar o retorno para casa. Dessa forma, ela faria o deslocamento até a escola sozinha, mas durante o retorno, estaria acompanhada de sua mãe. Diante desses relatos que demarcavam o *ballet* como sua grande paixão, pergunto como foi sua reaproximação com tal modalidade, tão marcante na sua vida.

Eu digo que ali eu comecei a dançar *ballet*. A professora nasceu para dançar *ballet*. O jeito de caminhar, de tocar na gente, de dar aula, tudo era perfeito. Eu me lembro que a primeira vez que a vi, pensei: quero ser assim! Ela tinha toda uma metodologia, que era maravilhosa. Mas, além disso, ela não só levava a gente para os espetáculos todo fim de ano, como escrevia as peças. Ela era perfeita. Nossa, era surreal...

Pergunto se ela lembra o nome da escola e da professora. Com muita empolgação diz que “com certeza”. O nome da Escola era Abagio e a professora era a Maria Angélica, mas diz que todos a chamavam de ‘Geca’. Gabriela relata que as referências que a sua mãe tinha foram ao encontro de toda essa percepção positiva e empolgada da filha. Ademais, outras mães indicaram a escola citando a professora como seu grande diferencial.

Há um dado trazido por Gabriela referente a essas transições e a todo o período em que esteve envolvida com o *ballet* que, segundo ela, reflete o posicionamento adotado por sua mãe. Nunca houve qualquer tipo de pressão ou obrigação, tanto para que deixasse ou para que retornasse por qualquer motivo. O que havia, segundo ela, era uma mãe atenta a tudo o que acontecia e que conversava, orientando a filha e mostrando que poderia deixar ou continuar a dança sem qualquer tipo de pressão. As narrativas apresentadas apontam para uma mãe que a apoiou, independente da decisão, afinal o *ballet* deveria ser algo prazeroso, sempre.

E assim foi, por muitos anos, ao lado de Geca. A intervenção dessa professora, no entanto, mostra uma outra face do *ballet* à Gabriela. Conforme sublinhado pela interlocutora, agora havia todo um envolvimento cultural, de compreensão não apenas das técnicas, mas do porquê delas. A metodologia, tão elogiada, tinha suas raízes na escola russa, e toda a vestimenta, o tamanho e a disposição da sala, dos espelhos, tudo era pensado conforme essa vertente, em práticas de dança localizadas culturalmente. Todo esse contexto passaria a assumir um papel muito importante na relação de Gabriela com o *ballet*.

Os desafios propostos, cada vez mais exigentes pela modalidade, tiveram que vir com um propósito, segundo Gabriela, para que ela continuasse. As aulas não apenas foram maiores, passando a ter 1h30min de duração (o dobro do que ela fazia anteriormente), mas também ocorreram 3 vezes por semana, e não mais apenas uma ou duas como sempre fizera. Mas, ela lembra que da forma como era conduzida por Geca, a aula passava rápido, era muito agradável. A lesão anterior sofrida no pé foi trabalhada com muita propriedade pela professora, fazendo com que Gabriela nem mesmo se lembrasse depois de algumas aulas.

Gabriela menciona, então, que as apresentações começaram a representar maior responsabilidade, tanto por serem escritas e conduzidas de uma forma muito profissional pela professora, mas também porque ela já está numa idade de maior entendimento de tudo o que representava aquele evento. Sabia que, para a professora era um momento de divulgação de seu trabalho, de promover satisfação aos pais e alunos, e para ela e as outras meninas, a hora de mostrarem toda sua evolução, de mostrar que eram bailarinas. Recordou-se que os meses que antecediam as apresentações eram tomados por ansiedade, por muita dedicação aos ensaios, para que tudo ocorresse da melhor forma durante o espetáculo. Rifas e um número determinado de ingressos eram distribuídos para que fossem vendidos a fim de

arrecadar o valor necessário para o aluguel do teatro da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (FIERGS) - um dos maiores da cidade de Porto Alegre.

Eu me lembro que era bem sofrido para a minha mãe. Tinha que me aguentar, toda ansiosa para não faltar nenhuma aula e, ainda por cima, gastar uma grana comprando rifa, roupas, maquiagens, ingressos. Só minha mãe mesmo para aguentar. Mas ela adorava. Eram apresentações muito lindas e todo o evento era bem legal. Acho que no final das contas, o saldo era bem positivo.

Todo esse contexto cheio de significados incorpora um novo significado do *ballet* para Gabriela. Ela relata que os treinamentos, os movimentos cada vez mais complexos e exigentes de precisão não eram tidos como algo monótono, uma vez que tinham um propósito. Lembra, durante a entrevista, especificamente que para o movimento de ‘espacate’, onde há exigência de uma abertura total das pernas, ela tinha que sentar em um aparelho, que classificou como “medieval”, onde girava uma roldana e cada vez mais forçava sua abertura. Era dolorido, sofrido, mas Gabriela entende que fazia porque tinha uma razão. Um objetivo específico dentro de todo um contexto cultural que exigia aquele sacrifício, e que, uma vez alcançado, trazia uma satisfação que compensava todos os momentos difíceis.

Assim Gabriela passa a encarar o *ballet*, como uma modalidade que constantemente a desafiava, mas que também era transparente no sentido de mostrar a ela o porquê de cada novo passo, que na maioria das vezes, vinha cheio de novos desafios. Diante disso, aproveito o momento do relato, percebendo a forma com que essa nova abordagem a atingiu e pergunto se ela procura fazer algum tipo de associação de suas vivências no *ballet*, especificamente com a sua gestão.

Tu acabaste de dizer que, uma vez tendo um porquê, era mais interessante ou mais atrativo dançar e atingir as metas, correto? E com a tua equipe? Tu procuras também demonstrar o motivo das tuas solicitações para quem sabe, as tarefas possam ser solicitadas com uma visualização como tu tinhas no *ballet*?

Antes de trazer a resposta constituída pela interlocutora, lembro que Gabriela é a pessoa escolhida, nesta pesquisa, por ser a que tem menos experiência em termos de gestão. Claramente minha pergunta a pegou um pouco desprevenida. Ficou pensativa, arrumou o cabelo, pensou, e iniciou a resposta de forma bastante insegura. “Olha, eu tento ser clara, mas nunca tinha feito essa relação. Não tinha pensado dessa forma”.

Seguimos nossa conversa, tentando visualizar toda sua trajetória na dança, e pergunto até onde foi sua evolução enquanto bailarina. De forma mais específica,

quero entender se há, no *ballet*, assim como nas artes marciais por exemplo, uma distinção através de cores de faixa, e se há, até onde a dedicação de Gabriela a levou. Sorridente, ela diz que essa pergunta é bem comum, e que ela se graduou bailarina clássica. Explicou-me que é uma forma de graduação e que ela atingira esse posto. Nele, uma vez formada, poderia dar aula de *ballet*. E essa conquista, se deu enquanto ela já estava no curso de graduação. Foi, segundo ela, um momento de muita alegria, de grande orgulho. Mencionou, colocando ênfase, que foi a coroação de tantos anos de dedicação.

Quero entender agora, como se dá essa mudança de perspectiva, de aluna, dançarina, para a possibilidade de ser professora. Quando ou se ela começa a pensar em dar aulas? “E tu já vinhas com essa meta? A busca dessa diplomação, passava pela vontade de dar aula, ou não? Tu chegaste a dar algumas aulas, correto? Podes me falar um pouco mais sobre isso”?

Acho que não queria me formar especificamente para dar aula, mas era legal saber que eu teria também essa possibilidade. Eu admirava, como já te falei a Geca, mas tinha dúvida se seria professora. Tanto é que já estava na faculdade de Educação Física, para não ficar presa somente a possibilidade de ser professora de dança. Como Educadora Física, eu poderia dar aulas de muito mais coisas, se ampliariam as possibilidades, inclusive de dança. Acho que isso já mostra, por si só, que eu não tinha tanta convicção de ser professora de *ballet*.

Quanto às aulas já ‘dadas’, Gabriela disse que essa experiência foi fundamental para ela ter certeza de que “gostava mais de dançar, do que dar aula”. Essa frase foi repetida algumas vezes durante esta entrevista sobre o/a esporte/dança, mas também apareceu nas outras entrevistas quando o *ballet* aparecia como assunto. Isso porque, ainda antes da sua diplomação de bailarina clássica, o que é muito comum segundo Gabriela, foi convidada a assumir uma turma de *babys*. Eram crianças de 3 a 4 anos, mas que diferentemente do vivenciado por Gabriela nessa idade, teriam aulas com uma metodologia bem definida. Segundo ela, havia ‘a parte lúdica’, que era predominante, mas também um propósito definido nas brincadeiras. Era tudo pensado de forma a proporcionar e despertar habilidades específicas para o *ballet*.

É esse momento que Gabriela entende que se dá conta de sua frase tão recorrente: “gosto mais de dançar do que dar aula”. Ela afirma que não se vê professora. Menciona, sobretudo, que tinha muita dificuldade em ‘passar o conhecimento’. Mesmo assim, narra que superou a dificuldade inicial e começou a perceber que suas aulas estavam melhorando, que as crianças estavam se apegando

mais a ela e às atividades propostas. Entre suas dúvidas e altos e baixos em relação ao sentimento de querer dar aula, de ser professora, ocorre um episódio que seria definitivo em afastá-la da carreira de professora de *ballet*.

Como mencionado, ela assumiu essas turmas *babys*, que frequentavam a escola duas vezes por semana, de maneira a evitar mais um deslocamento, já que morava longe e tinha toda a logística já definida pela mãe que queria que voltassem sempre juntas para casa. Por isso, explicou Gabriela, assumiu essas turmas em horários que antecedem a sua aula, isto é, o seu treinamento. Ela treinava nas segundas, quartas e sextas-feiras, e as aulas como professora seriam nas segundas e quartas-feiras. Relata que, numa sexta-feira (dia em que apenas treinava), quando terminou a sua aula, Geca lhe chama para conversar e comunica que a partir de segunda-feira ela não seria mais a professora dos pequenos, então poderia vir somente para o treino.

Foi uma notícia que além de pegá-la desprevenida, lhe deixou sem chão. Foi para casa chorando e assim passou todo o fim de semana.

Hoje, como gestora, eu entendo que, às vezes, podem ocorrer problemas técnicos, de falta de capacidade, financeiros, sei lá. Muita coisa pode acontecer, eu realmente entendo. Só que não explicar por que e nem me deixar despedir e explicar para as crianças que a 'tia Gabriela' não cuidaria mais delas, que teria uma outra "profe" no lugar, aquilo acabou comigo. Não esperava. Muito menos da Geca, que era toda certinha.

Foi notório o incômodo que tal atitude ainda impacta em Gabriela. Ao conta-lo, a interlocutora mudou o tom de voz, ficou mais vermelha, se movimentou bastante para dar esse depoimento. Não foi uma decepção qualquer, foi com aquela pessoa que, durante anos, foi sua grande referência. Pergunto então, como ficou essa situação: "E depois disso, como tu ficaste? Seguiste treinando normal na escola? Ela te explicou o porquê mais tarde? Se puderes dar mais detalhe desse desfecho, te agradeço.

Já na segunda-feira eu nem fui dançar. Aquilo acabou comigo. Como te disse, não por não ser mais professora, mas pela forma, sabe? O tempo foi passando e cada vez eu tinha menos vontade de ir para a escola. Acabei não indo mais. Como a gente tinha uma relação de muitos anos e ela também morava em Canoas, ela sabia onde era minha casa. No meu aniversário, tipo uns 3 meses depois dessa conversa de demissão, ela apareceu lá em casa. Conversamos, ela me pediu desculpas, mas ali já tinha acabado toda a relação, sabe?

A atmosfera segue ainda um pouco pesada nesse momento da entrevista, mas estou claramente diante de um momento marcante para a interlocutora, porém

importante para a pesquisa. Peço desculpas, se o assunto é incômodo, mas preciso explorá-lo e sigo:

Tu não achas que esse episódio pode ter sido decisivo na tua fala 'gosto mais de dançar que dar aula'? Será que não foi essa a razão de tu entenderes que era melhor dançar. Ou se não foi essa a razão, não te parece que de alguma forma houve uma contribuição na tua decisão? Sendo atleta/dançarina, tu estarias imune a uma nova situação como essas, não é mesmo?

Gabriela, em resposta, disse que entende que não. Salientou que houve, sim, uma grande decepção, algo que a marcou negativamente, mas em relação à atitude da professora, e não diretamente ao *ballet*. Essa percepção, afirma Gabriela, já vinha desde as primeiras aulas com as crianças. Nas suas análises, percebia que realmente não era para ela. Não por acaso, ela faz questão de sublinhar que até hoje não buscou mais nenhuma atividade com crianças. Entende que não é para ela.

Questiono a interlocutora, quando ela diz que a decepção não teria sido em relação ao *ballet*, e somente à professora. "Então tu voltaste a dançar *ballet*?"

Sim, sim. Tinha uma escola bem conhecida em Canoas que ficava grudada na ULBRA. Do lado mesmo, tipo 5 minutos caminhando. Era bem conhecida por premiações em festivais de dança. Fui ali, me inscrevi e comecei a dançar. O problema [nessa outra escola] foi a professora. Ela não levava jeito nenhum para coisa. Eu fazia melhor que ela quase todos, senão todos os movimentos. Era esforçada, sabe? Mas era fraquinha. Daí acabei não ficando muito tempo.

E essa tua percepção, era das demais colegas também, ou tu vinhas de uma referência que para ti representava 'a perfeição', e que, portanto, dificilmente seria superada? Gabriela disse que chegou a pensar nisso na época e que, por isso, mesmo não tendo uma boa impressão inicial, resolveu continuar entendendo que poderia se adaptar à nova professora. Mas infelizmente não conseguiu.

E a saída dessa escola, representaria seu último contato com o *ballet*. A partir daquele momento estágios da faculdade, necessidade financeira, fizeram com que aceitasse outras oportunidades. Pergunto então se ela ainda pretende dançar, voltar a praticar a modalidade que durante tantos anos a moveu. A resposta vem com uma associação muito interessante.

Assim como no *ballet*, quando eu comecei a entender o porquê das coisas, de certa forma ficou melhor de treinar, porque eu tinha um objetivo, eu sabia aonde queria chegar com todo aquele esforço. Eu, hoje, procuro ver que toda essa loucura que estou vivendo será passageira e tem uma boa razão. Quando eu tiver mais domínio sobre a academia, sobre a equipe e tiver menos boletos para pagar, eu pretendo sim, de uma forma bem recreativa,

achar aula de dança ou *ballet*. Acho que agora tenho que focar em fazer o meu negócio crescer. Minha energia tem que estar toda aqui sabe?

Formação

A entrada de Gabriela na vida escolar, ou na instituição escola, não por acaso, coincide com o fim da licença maternidade de sua mãe, D. Mercedes, que precisava voltar a trabalhar. Seu pai também trabalhava fora o dia todo e, não tendo outra opção, a colocaram em uma creche que funcionava dentro do condomínio onde moravam em Esteio, cidade da Região Metropolitana de Porto Alegre, onde seu irmão também já frequentava, pelos mesmos motivos. O nome da instituição, como já mencionado anteriormente, era Castelinho Encantado e teve grande relevância na sua formação já que permaneceu lá até, inclusive, os primeiros quatro anos do ensino fundamental.

Entre várias lembranças que foram trazidas deste momento 'no Castelinho', Gabriela destaca que a estrutura era muito boa, que adorava um parquinho, que mesmo sem certeza, imagina que deveria ser algo bem simples, mas que ela e outras crianças brincavam por horas e que, portanto, lembra com muito carinho destes momentos. Além desse, há um outro ponto importante da lembrança. Gabriela, que concluiria toda a formação em *ballet* clássico, foi apresentada à essa prática corporal nesta pré-escola, aos 3 anos de idade. Ela lembrou que adorava as aulas, que ficava triste por não serem todos os dias e que, portanto, essa apresentação deve ter sido conduzida da melhor forma, a ponto de então criança se apaixonar e querer seguir dançando por muitos anos.

Procuro aprofundar suas experiências desse período, pedindo para que ela faça um esforço e tente produzir mais relatos ou, quem sabe, apresente mais detalhes das aulas de *ballet* e/ou das horas de parquinho.

Eu lembro de muita coisa que era desenvolvida em cima de motricidade fina. Tinha coisa do tipo pinça, mas claro, era tudo voltado para criança, era sempre de uma maneira bem lúdica. Mas lembro que eles cobravam bastante essa questão da motricidade fina. Lembro de uns prendedores que a gente pintava, decorava e depois usava nas atividades que eram desenvolvidas. Mas claro, era tudo muito simples, sem muita cobrança [...]. Em seguida vinha o almoço e depois a hora do soninho. A hora do soninho ficou registrada para mim, porque até hoje eu gosto muito de dormir um pouquinho depois do almoço. Eu me lembro que as outras crianças choravam, ninguém queria ir para o soninho e eu ia bem feliz. Para mim era a melhor hora do dia, eu adorava.

Quero produzir um pouco mais de informações sobre esse período de pré-escola da Gabriela e, então, pergunto até quando foi essa rotina de passar o dia inteiro na creche. A resposta é que foi assim até o segundo ano do ensino fundamental. Mesmo no primeiro ano, ela continuou matriculada em período integral. Somente em seu segundo ano, seus pais conseguiram contratar uma pessoa que ficava com ela e seu irmão no período da manhã, em casa. A partir de então, os dois iam para a escola no período da tarde.

A matriz objeto da descrição, em que pese as disposições, é a da escola, mas Lahire (2004) adverte em sua obra que não há em nenhum momento a intenção de dissociação das matrizes, muito pelo contrário, assume o entendimento de que elas se entrelaçam e essas convergências são também forjadoras de disposições. Baseado nesse entendimento, procuro estabelecer conexão de seus sentimentos em relação aos pais, por passar tanto tempo longe deles, já que viveu boa parte da infância dentro da escola, em contato com professores e outras crianças.

Gabriela, a partir dessa minha provocação, disse entender que exatamente por ter começado tão pequenina, talvez tenha sido mais fácil para ela. Mencionou acreditar que sempre lidou muito bem com isso e que nunca foi para escola chorando, fazendo aquela cena que muitas crianças fazem do tipo 'quero ficar em casa, não quero ir pra escola'. Aquela rotina era a vida dela, e ela simplesmente realizava, sem problemas, segundo as lembranças que mobiliza.

Essa questão de preferir ficar em casa, lembra, só vai aparecer quando tinha 10 ou 11 anos. Naquele momento, sua rotina era ir para a escola na parte da manhã, e à tarde, juntamente com seu irmão mais velho iam para o Serviço Social da Indústria (SESI) para a prática de esportes. Ali, narrou a interlocutora, tinha uma preguiça, mas nada demais. Também atribui tal desmobilização ao fato de que, nessa época, uma prima da mesma idade veio morar com sua família, e, então, queria ficar com ela no contraturno da escola para brincarem e ficarem juntas. Sempre foram e, até hoje, são muito próximas. Inclusive, no momento das entrevistas, essa prima, a Sabrina estava trabalhando na academia de Gabriela e Diego, como recepcionista. Ainda sobre este período no SESI, descreve que foi breve, porque em seguida pediu para sua mãe recolocá-la no *ballet*, e como estudava pela manhã, as aulas de *ballet* tinham que ser à tarde.

Percebendo a importância sobre este momento, tento entender como era a atuação e o sentimento que ela nutria dos pais em meio a tantos compromissos e dificuldades em estar com os filhos.

Acho que minha mãe sentia um pouco mais, porque quando ela deixou meu irmão na creche bem pequeno ela trabalhava perto e conseguia sair para 'dar o peito' para ele. E não teve isso comigo. Foi assim, já deixou na creche em uma cidade e ela trabalhava na outra. Então, não tive isso que meu irmão teve. Acho que comigo foi mais difícil para ela, porque passava o dia inteiro comigo durante a licença maternidade e, quando voltou a trabalhar, passava o dia inteiro longe de mim. Então, foi um pouco mais complicado. Já o meu pai tinha muito mais a preocupação de se a gente se alimentava bem, se a gente estava bem agasalhado, mas acho que levou tranquilo também à medida que ele ficou seguro, que a escola cuidava bem da gente.

Isso é uma percepção tua? Ou isso foi passado por eles para ti? Pergunto. Gabriela afirma ser sua percepção, já que nunca conversaram explicitamente sobre isso. O que já foi falado por sua mãe e a faz fortalecer essa percepção, é que quando Gabriela tiver seus filhos, ela verá como é difícil ficar longe deles, especialmente nos primeiros meses e anos de vida. Essa fala surge exatamente quando Gabriela afirma que não consegue se imaginar parando de trabalhar por causa da maternidade. Que quer, sim, ter filhos, pelo menos dois, mas que não teria o perfil daquela mãe que fica em casa 'só' cuidando dos filhos.

Mas, como colocado anteriormente, a matriz em pauta agora é a da vida escolar de Gabriela. Assim, procuro voltar ao assunto para a escola e, de maneira mais específica, questionando: "Te lembrás como foi teu processo de alfabetização? Tem lembranças de dificuldade ou facilidade em relação as outras crianças?"

Gabriela, mais uma vez, salienta a relevância de sua vivência na pré-escola, respondendo que acredita que esse processo provavelmente foi facilitado pelos aprendizados que foram obtidos naquele período. Disse que não se lembra de nenhuma dificuldade, muito pelo contrário, se recorda de que achava tudo bem fácil. Lembrou, neste momento, da sua chegada no primeiro dia de ensino fundamental, quando sua mãe foi junto preocupada com a reação que Gabriela teria, e que ao começar a conversar com a professora, a própria Gabriela se aproximou e disse que ela tinha que ir embora, que ela queria ficar sozinha, como os outros colegas. Não precisava da presença da mãe. Lembrou disso sorrindo, descrevendo que sua mãe ficou com vergonha e provavelmente chateada por ter sido 'expulsa' da sala pela própria filha. Argumentou que sempre foi para a escola, desde bebê, então, porque, agora, sua mãe queria tratar aquele momento como se fosse algo diferente. Não fazia

sentido. Para Gabriela, apesar de ser um novo ambiente, era escola, assim como sempre foi em sua vida.

Assim como solicitei relatos do período pré-escolar, o fiz a respeito de seus anos de ensino fundamental. Quais seriam essas as experiências? O que a teria marcado a ponto de trazer para a entrevista, era o meu propósito. Ela disse o seguinte:

Eu tenho lembranças muito boas. Era no período do Colégio La Salle, em Esteio, e eles tinham uma estrutura excelente. Tinha um parque com muitos brinquedos, tinha uma área verde e muitas aulas eram nessa área. Então, tem uma imagem muito boa, lembranças muito boas desse período. Eu me lembro que tinha até um campo de futebol tamanho oficial. Então, a área verde era muito grande. Lembro com muito carinho desse período. Até disse para minha prima que a gente precisa ir lá de novo, para ver como é que está, em algum evento do colégio, como uma festa junina. E acaba que esse período também é um período de que não tem muita cobrança na escola, não tem provas difíceis, então realmente é um período que eu lembro com muito carinho.

Mais uma vez provooco a conexão desse período escolar, quando a idade é muito precoce, com o fato de os pais estarem sempre trabalhando. Exponho a minha percepção, pelo que ela esteve relatando, de que, se ela ficou até a quarta série nessa escola, isso já representava um período no qual certamente havia solicitações de trabalhos para serem feitos em casa, de alguns aprendizados que, muitas vezes, demandam o acompanhamento dos pais ou algum adulto para a assimilação de conceitos. Pergunto, então, como foi, se é que houve a participação dos pais nessas atividades extracurriculares?

Gabriela, ao responder tal provocação, traz que isso foi um dos tantos bons exemplos que ela colhe de seus pais. Relatou que lembra dos dois conversando, tentando entender qual seria o mais apto para ajudar em quais conteúdos e atividades da escola. Ambos, pelo que ela descreveu, organizavam uma espécie de divisão desses acompanhamentos, considerando suas habilidades. Mas, a resposta ao questionamento é afirmativa. “Sim, eles olhavam os cadernos e sentavam para ajudar a mim e ao meu irmão”.

Entramos agora na fase em que há uma transição, uma troca de uma escola para outra durante o quarto ano do ensino fundamental. Nesse momento, Gabriela e seu irmão saem da escola que ficava dentro do condomínio onde moravam e que frequentavam desde o berçário. Procuo instiga-la a falar sobre suas aprendizagens e percepções a respeito do que aconteceu para que tal mudança acontecesse,

sobretudo antes do final do ano escolar, já que as referências à escola anterior se mostraram sempre positivas durante a entrevista

Ela explicou-me que sua mãe estava trabalhando em Canoas já há dois anos e que esse deslocamento, sobretudo pelo trânsito, que é notoriamente complicado na BR-116, vinha cansando muito e tornando a situação muito desgastante. Gabriela disse que D. Mercedes tentou, por um tempo, porque as crianças gostavam muito da escola, mas não suportou. Diante disso, se viu obrigada a matriculá-los na escola onde trabalhava para facilitar sua logística. Quanto ao fato de seus pais não terem esperado o encerramento do ano letivo, ela diz que não faz a menor ideia, mas como sempre se lembra de sua mãe se queixando do trânsito e do tempo ‘perdido’ no deslocamento até a escola, acredita que tenha sido isso.

Pergunto então como foi essa mudança. Quais as lembranças que Gabriela tem desse período?

O que eu me lembro muito dessa época da mudança são das aulas de inglês. Eu acho que lá na ULBRA era muito mais avançado. No colégio que eu estava antes em Esteio era mais fraco e até hoje eu tenho dificuldade no inglês. Acho que esse tipo de coisa tem que ser muito bem trabalhado desde cedo, na infância. Acho que pelo fato de ser bem no final do ano - entrei já no último bimestre - eles pegaram leve comigo. Então, meio que relevaram algumas coisas e eu acabei sendo aprovada, mas realmente foi e é uma dificuldade que eu tenho até hoje [no inglês].

Depois dessa mudança, ainda haveria outra, já no final do ensino fundamental. Quando cursava a sétima série do fundamental, depois de já passarem por muitas situações, entre as quais o questionamento de seus pais em relação à metodologia de ensino da escola da ULBRA, eles optam por mais uma troca. Sobre isso, na entrevista, Gabriela sublinhou ter receio em não estar descrevendo a informação com precisão, mas lembra que ela mesmo questionava o fato de que poderia tirar notas baixas durante o ano inteiro, desde que obtivesse um bom resultado nas provas de fim de ano. Menciona que viu muitos colegas “extremamente fracos” serem aprovados não soube como isso pode ocorrer. Então, disse-me que tem quase certeza que foi por isso que, mais uma vez, foi trocada de escola.

“Mais uma mudança... Como foi essa? De alguma forma tu já estavas mais preparada por já ter passado pela anterior?” a questiono. A resposta, no entanto, vem no sentido contrário à pergunta. Gabriela relatou que foi emocionalmente bem mais difícil. Explicou que foi um período que traz lembranças pesadas, bem difíceis. Falou que era um período em que estava consolidando amizades e até mesmo tendo uns

“namorinhos”, e que deixar tudo isso para trás foi muito marcante. Descreveu, ainda, do dia em que foi conhecer a nova escola, que era uma ‘escola de freiras’ - Escola Espírito Santo - e que, durante o ‘tour’ com a freira, chorava desesperadamente. Afirmou que precisou ser acalmada por uma das irmãs. Não queria, não aceitava aquela mudança.

“E no final das contas, como foi? Quais as lembranças desse período de escola nova mais uma vez? Ficaste ali até a conclusão do ensino médio?” Pergunto.

Teve aquele período sofrido, ali, de adaptação, mas, logo em seguida eu comecei a fazer muitas amizades. Porque que Canoas é uma cidade muito pequena e eu já conhecia algumas pessoas ali do colégio. Além disso, no primeiro ano do ensino médio foi assim também, eu fiz muitos amigos. Já no segundo ano do ensino médio, tinha aquela coisa do vestibular, de fazer cursinho, e tive o azar que justamente as minhas melhores amigas foram para esse colégio que era o Unificado, onde fazia o cursinho e o ensino médio ao mesmo tempo. Aí no segundo e no terceiro ano foi mais difícil com as amizades. Eu sempre tive dificuldade com essas amizades a partir desse período. Sempre dava algum ‘B.O.’.

Quanto ao ensino, Gabriela referiu que essa escola era ainda mais forte em termos de exigência, afinal de contas era por isso que seus pais haviam promovido a última troca. Ela narrou que a dificuldade com a língua inglesa tomou maiores proporções. A cada ano um desafio maior. Mas, traz também de maneira muito espontânea que percebia que no colégio Unificado, para onde algumas de suas amigas foram, o estudo era ainda mais exigente e mais direcionado para o vestibular. O custo era mais alto e seus pais não dispunham dos recursos. Quando Gabriela se dá conta disso, principalmente pela chegada do vestibular, busca ajuda com essas amigas, e com os materiais que elas possuíam para minimizar essa diferença e quem sabe, aumentar suas chances de aprovação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Seguindo uma linha de raciocínio, peço para que ela descreva momentos marcantes de seu ensino médio, assim como fizemos pra a pré-escola e para o ensino fundamental. Sua resposta gira em torno do vestibular:

O que eu me lembro é que tinha uma pressão muito grande por causa do vestibular. A gente fazia bastante teste de vocação e eu nunca tive dúvida. Sempre quis ser professora de dança. Então, para mim isso não foi problema. Mas era chato, repetitivo e principalmente para os meus colegas que ainda tinham dúvidas, incomodava, era uma pressão muito grande para definir logo.

Pela primeira vez, nas entrevistas, Gabriela traz que já tinha a convicção quanto a escolha profissional. Pergunto, então, se ela se recorda desde quando vem essa

certeza, que me pareceu ser traduzida naquele momento em que seus colegas precisavam dar uma resposta e não tinham, em uma tranquilidade. Questiono ainda se essa segurança foi sempre plena ou se houve momentos de instabilidade, de abertura para outras carreiras.

Ela relatou-me que se deu conta dessa escolha exatamente no ensino médio, e por terem feito esses testes de aptidão profissional. Quando lhe apresentaram, entre outras, a possibilidade de ser professora de dança, não teve a menor dúvida, era isso que queria. Menciona, em tom descontraído, que sempre teve colegas que ainda muito pequenos já diziam convictos a escolha profissional, e que não entendia como é que eles se preocupavam com isso. Ela só queria brincar e dançar. No entanto, a partir do momento em que se deu conta de que o que mais amava fazer poderia ser sua profissão, tudo ficou claro e tranquilo na sua cabeça. Afirmou que não teve dúvidas, seria professora de dança.

Trago a pauta a Educação Física, pois sei que ela é formada - um dos pré-requisitos dos entrevistados - que até agora não apareceu em suas respostas, nem mesmo como brincadeiras na infância ou qualquer outro tipo de citação. Procuo saber dela, quando a Educação Física entrou em na história de uma adolescente que está às vésperas de prestar o vestibular e parece muito convicta com a escolha da dança.

Eu sempre tive professores de Educação Física muito ruins, mesmo em escola particular. Toda Educação Física era só aquela coisa de futebol. Muito raramente vôlei. Mas ninguém ensinava a gente e eu tinha dificuldade. Então, comecei a pensar que não podia ser professora de Educação Física porque eu não sabia fazer nada. Como é que eu vou ensinar? Acho que foi por aí, como eu sempre tive exemplos muito ruins de professores de Educação Física, não se passava pela minha cabeça essa possibilidade.

Esses entendimentos, disse Gabriela, começam a sofrer interferências quando ela se dá conta de que sendo professora de dança 'apenas', sua possibilidade de atuação seria muito abreviada. E que, como professora de Educação Física, poderia também dar aulas de dança. Daí surge a opção que se concretiza no vestibular prestado por Gabriela com essa intenção e abrir possibilidades de um campo de trabalho com práticas corporais.

Gestão

Gabriela está atuando nas duas funções (professora e gestora) há apenas 9 meses. Sabendo disso, inicio seguindo o meu roteiro planejado, sugerindo aquele

exercício de imaginação, onde ela estaria se olhando em frente ao espelho. “Nessa situação, olhando para a sua atuação nesse período, você enxerga a Gabriela mais gestora ou mais professora?”

Gabriela é sempre muito comedida em suas respostas. Quer passar a informação mais precisa possível, sem aumentos ou diminuições. Assim, responde que considera o prazo muito pequeno para conseguir fazer uma boa avaliação, mas que, principalmente nos últimos dois meses, se sente mais capacitada, mais segura como gestora. Talvez por essa segurança que sente estar sendo incorporada, vem abraçando mais demandas relativas à gestão. Coloca que nas primeiras semanas e até nos primeiros meses dividia tudo com Diego, seu sócio, e hoje percebe que muitas situações podem ser resolvidas por ela sem uma consulta.

Ainda sobre este aspecto, afirma que Diego é uma grande referência, que confia, o admira e que poderia dar dezenas de elogios, mas que, às vezes, aprende com os erros dele também. Mencionado isso, ela afirma que tem se policiado para que não faça o que presencia muitas vezes ele fazendo, principalmente querer fazer tudo ao mesmo tempo.

Pergunto se ela pode ser mais específica. “O que seria esse tudo ao mesmo tempo? Consegue exemplificar de maneira mais concreta para que eu possa visualizar?” Sua especificação foi essa:

Sei que ele não faz por mal, muito pelo contrário. Já conversamos sobre isso e ele quer mesmo que eu ajude a corrigir quando eu perceber. Ele está dando aula e responde *WattsApp*, fala com outro professor que o chama, e ‘se bobear’ está apertando um parafuso na parede. Tudo junto! Acho que não passa uma imagem boa.

Ainda nessa fala, Gabriela trouxe mais um elemento para ajudar na construção da resposta à pergunta específica. Se referindo ao exercício de entender se ela se enxerga mais gestora ou professora, lembrou que é necessário também levar em consideração as horas em que não está atuando diretamente tanto em uma como em outra função. Como professora, menciona que, talvez pela sua experiência maior e até mesmo pela sua formação, essas horas não ‘pesam tanto’. Planejar aulas, entender determinadas restrições de exercícios para os alunos, acaba sendo algo mais natural. O problema maior, segundo ela, é a cabeça da gestão que está sempre ‘funcionando’ no sentido de demandar deliberações e racionalização. São reclamações de alunos, problemas com os professores, preocupações com questões financeiras, que ela percebe estar sempre pensando. Às vezes até mesmo em casa,

quando se dá conta, está tentando solucionar questões de cunho administrativo. Por tudo isso, diz que se veria mais como gestora, mas que também dá muitas aulas, então na verdade, atua fortemente nas duas posições.

Cabe aqui, antes de dar continuidade a exposição dos elementos de sua entrevista, mais uma vez a ressalva de que se trata de uma interlocutora, falando sobre a gestão de um negócio que há pouco tempo pertencia a este pesquisador. Assim como nos encontros com Diego, é muito evidente o incômodo causado em algumas falas pelo fato de ser o entrevistador não apenas amigo dos professores e de boa parte da equipe que permaneceu trabalhando depois da troca da gestão, mas também conhecedor de alguns dos problemas que ela está relatando.

Ainda no começo de nossa entrevista, valendo-me da experiência anterior com Diego, coloquei a ela que entenderia perfeitamente caso não quisesse responder a todas as perguntas. Expliquei a ela que poderia ficar bem à vontade para me pedir para evitar determinados assuntos. Lembrei ainda que não me interessaria de forma alguma por nomes específicos. Entendo que foram positivas essas colocações, mas não o suficiente para deixá-la tão à vontade, quanto nos momentos em que falamos das outras matrizes.

Consideração feita, volto para a entrevista propriamente dita, perguntando para a Gabriela, depois de ouvi-la sobre ser mais gestora ou professora, se era isso mesmo que ela esperava. Se quando pensava ainda em comprar a academia, a ideia que tinha em relação a gestão está se concretizando ou se tem sido diferente.

É bem interessante isso, porque a gente sempre trabalhou com pessoas né. Na Educação Física, a gente tem muito contato com as pessoas, então eu achava que essa relação seria mais fácil e que a parte de contabilidade, de planilhas, mais administrativa mesmo, seria mais difícil. No entanto, eu estou sentindo exatamente o contrário. Está mais difícil é fazer a gestão das pessoas. Mas eu tinha expectativa de que ser proprietária e ser professora não seria fácil, então quanto a isso está se concretizando. Eu só imaginava o inverso. Que seria mais fácil lidar com as pessoas e mais difícil com as planilhas.

A entrevista estava sendo realizada por videochamada, mas claramente essa referência a gestão de pessoas, veio acompanhada de respirações, sobretudo expirações profundas, e desabafos. O tema a incomodou. Percebendo a mudança no seu semblante, respiração e atitude, com muita delicadeza, reconhecendo a relevância para pesquisa, peço para que se possível, descreva alguns exemplos, algumas situações nas quais a gestão de pessoas foi ou está sendo complicada. Faço questão de lembrá-la nesse momento que a pesquisa quer levantar

elementos/situações de gestão, portanto não me interessa em saber o nome dos envolvidos. Mais uma vez percebo que se trata de uma resposta que vale a pena ser transcrita de forma integral:

A primeira coisa que me incomoda é a gente estabelecer regras juntos, onde todo mundo participa, todo mundo concorda e depois começam a pedir exceções. Toda hora tem que abrir uma exceção e isso me incomoda bastante. Acho que eu tenho dificuldade de dizer não, e eles sabem disso e acabam explorando. Isso me incomoda. Eu já fui professora, já estive no lugar deles, então eu procuro ajudar, mas fica demais e isso me incomoda.

Peço para que dê mais exemplos, se possível, para facilitar a visualização tanto minha quanto dos futuros leitores do trabalho. Gabriela aprofunda um pouco mais a fala anterior dizendo que, durante as reuniões, é assinada uma ata, e que antes dessa assinatura, é dado espaço para que haja pedidos de ajustes ou novas solicitações. Esse momento é oferecido exatamente para evitar problemas como esses das exceções. Altera seu tom de voz e diz: “Poxa, por que não falou na hora então!”. “E isso não é só com um profissional”. Fala ainda com muita indignação.

Outra situação que ela diz que a incomoda é quando um professor pede para dar mais aulas, normalmente porque está precisando aumentar seu ganho. Sensível à situação que ela diz já ter vivido, promove todo um ajuste nas cargas horárias, que muitas vezes acaba envolvendo outros professores também, e, passa-se um ou dois meses, esse mesmo profissional, diz que não está se adaptando a nova rotina e quer voltar a grade anterior de aulas. Mesmo que tivesse alterado apenas as aulas dela (Gabriela), já seria ruim, mas querendo ajudá-lo, ela ‘abriu mão’ de dar aulas, e, conseqüentemente do seu ganho também. Adicionalmente, conversou com outro colega, expôs a situação e pediu sua colaboração. Tudo isso para que em pouquíssimo tempo, “a criatura” – como ela mencionou – se arrependa e peça pra voltar atrás.

Complementa com uma fala que percebo de grande relevância pelo conteúdo em si, mas também pela forma com que ela demonstra estar adquirindo mesmo com tão pouco tempo como gestora:

[...] e acho que essa é uma grande diferença dos problemas que são da gestão de pessoas dos problemas da academia, porque quando a academia está organizada é difícil surgir coisas novas, assim, que te peguem de forma inesperada. Já os professores, é isso: uma hora está tudo bem de um jeito, amanhã querem de outro, depois de amanhã eu quero mudar de novo. Isso cansa!”

Depois da exemplificação muito transparente das situações que estão lhe incomodando, quero entender como ela, como gestora, está lidando com tudo isso. Assim pergunto: “E o que você está fazendo ou pretende fazer para que esses fatos não ocorram mais ou pelo menos diminuam a frequência? Essas situações são divididas com o sócio?”

Gabriela coloca que essas situações estão “tirando seu sono”, que ainda não sabe bem como reagir nesses episódios. Acredita que o ideal seria chamar esses profissionais e ter uma boa e direta conversa com eles. Mas que ainda não teve essa atitude. Diz que fica complicado chamar a atenção a todo momento do professor e depois ter um convívio saudável, tranquilo. Quanto à divisão das situações com o Diego, ela diz que está mais que na hora de sentarem e definirem as divisões de tarefas. Que até agora tem sido tudo acordado de maneira informal, onde cada um sempre se dispõe a resolver os problemas, tentando poupar o sócio. Mas que essas situações de gestão de pessoas, precisa ser bem definida, pois está sendo o maior desafio para ela.

Sinto nosso encontro fluindo de maneira muito tranquila, mesmo com respostas que entendo, incomodam a interlocutora. Por isso prossigo a provocando, tentando identificar como suas possíveis disposições são acionadas ou inibidas perante essas situações. Pergunto de que forma ela entende que poderia prejudicar o convívio, como foi referido, se ela fosse talvez mais rígida e não abrisse essas exceções que a incomodam ou que não permitisse a troca de horários em determinados momentos por entender que a grade está bem como está, e que outros profissionais não devam ter suas rotinas alteradas.

Eu acho que seria mais organizado. As coisas ficariam mais arrumadas porque se fica dando exceção da exceção, da exceção então vira regra na verdade. Não vai ter regra se vai ficar toda hora mudando. A única regra seria que para mudar, precisa pedir para mim. Então é isso, acho que as coisas ficariam mais organizadas. Mas, por outro lado, os professores não estariam trabalhando tão satisfeitos, ficariam menos à vontade trabalhando. Então, é isso. A gente acaba tendo que ceder tentando achar esse equilíbrio.

Especificamente essa resposta toca muito a esse pesquisador. Por mais de 10 anos estive nessa posição e meu sentimento era muito próximo ao relatado por Gabriela. Assim como ela, me sentia um ‘equilibrista’. Como gestor investi muito tempo e esforço trabalhando de forma a agradar a equipe, no entanto, muitas vezes, para agradar um, desagradar o outro ou abre uma exceção que ali na frente será lembrada

pelo restante da equipe. É uma equação desgastante, por isso me identifiquei muito com a interlocutora nesse momento da entrevista.

Procuro fazê-la pensar novamente criando uma situação hipotética.

Agora tu és gestora, com formação em administração de empresas. Não passaste pela faculdade de Educação Física e, enquanto proprietária de sua academia, está passando por esse tipo de situação com a equipe. Troca de horários, pedidos e mais pedidos de exceções... Como você Gabriela, exclusivamente administradora, lidaria com tais questões?

Gabriela pela primeira vez não tem uma resposta rápida. Para, reflete, duas vezes inicia uma resposta e para. Somente depois das tentativas anteriores, começa a expressar suas ideias, demonstrando que, de certa forma, é difícil esse entendimento para nós, professores de Educação Física, do que seria a diferença de um administrador por formação. Tentar visualizar de que forma seriam tomadas as decisões, uma vez que não tivéssemos a ‘carga’ que a formação em Educação Física oferece.

Sua resposta mais uma vez é permeada pela gestão de pessoas. Relata que imagina que, talvez, como administradora, não teria tanta empatia em determinadas situações como a das trocas de horários solicitadas. Como já foi professora e fez solicitações semelhantes, fica mais difícil negar, mesmo sabendo que possivelmente essa concessão trará consequências negativas para a equipe (lembrando a exceção, da exceção, da exceção). Pensa e explicita em seu relato que, talvez, uma administradora priorizaria o “bem-estar das planilhas e não dos professores”.

A partir deste momento de nosso encontro, conduzo a entrevista para visualizar mais elementos relativos à sociedade. Por imperícia deste pesquisador, tal tema tão recorrente nos pequenos e médios negócios do segmento do *fitness*, não foi explorado quando do encontro com seu sócio, Diego. Início questionando se há uma programação entre eles no sentido de reuniões, de encontros específicos com dias e horários pré-definidos para dividirem questões administrativas. Gabriela responde que eles “tentam”, mas nem sempre conseguem. Estipularam um encontro semanal, mas as demandas com aulas e outras questões, muitas vezes, consomem e inviabilizam. A consequência, diz ela, é que fatos de uma semana acabam se acumulando com os das seguintes. Quando percebem, estão resolvendo problemas imediatos, sem ter resolvido questões que já foram levantadas há mais tempo.

Quanto a gestão em si, quando solicitada para trazer situações para que possam auxiliar na compreensão da possível divisão de tarefas entre eles, a primeira situação trazida é negativa e percebo que a incomoda bastante.

Gabriela é sempre muito polida, tanto para procurar boas menções ao sócio quanto na cordialidade de buscar uma qualidade antes da crítica. Desta vez já se refere a uma diferença entre eles que tem dificuldade de lidar. Segundo a interlocutora, Diego, sempre que pode, protela decisões ou resolução de problemas. Gabriela diz que não consegue agir assim. Que gosta de resolver tudo o quanto antes, exatamente para não acontecer de problemas ficarem acumulando, como colocado anteriormente. Ressalta ainda que isso, segundo sua avaliação, passa uma imagem ruim para a equipe. Entende, portanto, que se as demandas fossem resolvidas com maior agilidade, ganhariam credibilidade enquanto gestores. Essa demora para tomar determinadas decisões, faz com que Diego - na visão de Gabriela -, muitas vezes, venha para conversar com ela com a cabeça cheia. Ela entende que por deixar passar demais o tempo, quando ele a procura o problema simples ganhou proporção, até mesmo na maneira como Diego o traz. “Essa coisa de ficar acumulando faz mal” diz Gabriela.

Mas, como dito antes, sempre com muita lealdade na sua fala, Gabriela finaliza dizendo que percebe que isso vem melhorando. Que Diego tem procurado dividir mais as questões num espaço de tempo mais curto e que, portanto, vê que estão progredindo nesse aspecto. Ainda na linha de ser muito cuidadosa com as palavras, ressalta que leva muito em consideração o fato de Diego ser mais experiente, tanto por já ter outros empreendimentos, mas também pela idade, por ter mais trajetória de vida.

5.4 Retrato Sociológico 4: Alana

O sentimento repetido atualmente no cotidiano das pessoas é o de que precisariam de mais horas nos seus dias para darem conta de seus compromissos. Neste contexto, encontrar 4 interlocutores que atendiam aos pré-requisitos da pesquisa e que se dispuseram a encontrar-se em 4 momentos diferentes por uma hora, e ainda por cima, para mergulharem em questões íntimas com um entrevistador, representou um dos maiores desafios da pesquisa.

Para sublinhar esta afirmação, a definição da quarta pessoa entrevistada foi posterior a duas desistências. Uma delas, logo depois do primeiro encontro, e a outra após o segundo. Esta última, mais uma vez trazendo a inexperiência deste autor, teve suas duas entrevistas de pouco mais de uma hora transcritas, o que além de ser um trabalho minucioso, demanda bastante tempo.

Ocorridas as desistências citadas, preocupado em não dar conta de realizar a pesquisa, recorri a um amigo gestor que trabalha como consultor em muitas academias do Estado, explicando a situação e solicitando que me indicasse alguém que ele entendesse que fosse firmar o compromisso e honrá-lo até o fim. Assim conheci Alana, 58 anos, professora de Educação Física e gestora da Escola de Natação Golfinho, em Novo Hamburgo.

Antes de nossa primeira entrevista, fizemos uma videochamada para nos conhecermos, e para que eu pudesse apresentar a pesquisa e sua metodologia. Desenvolvemos uma ótima relação nesse contato, o que durou cerca de 30 minutos, o suficiente para me tranquilizar quanto ao seu comprometimento. Além de já ter contribuído em muitos testes e pesquisas desenvolvidas no laboratório da UFRGS, enquanto era atleta, Alana é escritora, possuindo 3 livros publicados. A construção dessas obras envolveu pesquisa e, em alguns momentos, a colaboração de algumas pessoas, foi fundamental.

Ela representa, nesta pesquisa, a gestora mulher com experiência na atuação, concomitante à de professora há mais de 5 anos. No caso dela, pode se dizer há mais de 30 anos. Prossigo, então, com as análises de suas matrizes socializadoras, a começar pela família, tentando elucidar quais as disposições forjadas nesta longa trajetória e de que forma são atualizadas ou não durante sua gestão.

Família

Alana, filha de Fernando e de **XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX**, divorciados desde 1994, tem uma irmã 3 anos mais nova, Bruna. Seu pai, também professor de Educação Física, acumula os lugares de ídolo e referência para ela. Ao longo dos 4 encontros, são incontáveis o número de elogios e demonstrações de admiração que são expressados ao longo de suas falas. Fernando é figura muito respeitada no meio da natação e do esporte gaúcho. Participou tecnicamente de forma muito ativa na construção do Laboratório de Pesquisa do Exercício (LAPEX) da Escola de Educação

Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

A escola golfinho, onde Alana atua como gestora, sob o olhar atento e bastante crítico do pai, foi inaugurada há 46 anos, em 8 de outubro de 1976. Além dos desafios financeiros, Fernando teve que vencer o negativismo de amigos e empresários que diziam que uma escola de modalidades aquáticas em uma cidade pequena como Novo Hamburgo e sujeita a um inverno tão rigoroso como o gaúcho, não prosperaria. ‘Contra tudo e todos’, relatou Alana, a paixão de seu pai pela natação e a confiança dele na capacidade de desenvolver um bom trabalho iniciaram e, até hoje, contribuem para a construção dessa história de quase meio século.

Trago a seguir uma colocação de Alana em relação ao pai que entendo ilustrar bem seu sentimento em relação ao pai. Ainda criança, muitas vezes enquanto Fernando ‘dava aula’ para outras turmas infantis, ela conta que precisava colocar dois bancos no vestiário, para poder subir e espiar pela janela. Tudo isso porque ela não queria que o pai soubesse que ela estava acompanhando a aula. Diz que era um sentimento muito intenso e difícil de explicar. Sabia que aquela relação de adoração das crianças era natural e até mesmo saudável, já que a escola de seu pai dependia desse bom relacionamento para prosperar, mas o sentimento de ciúmes, segundo a interlocutora, era muito intenso.

A questão financeira também atravessa os 4 encontros com Alana. Há uma constante referência às dificuldades financeiras vividas na infância e adolescência.

Segundo o relato de Alana, a escola de natação do pai levou quase três anos para ser construída. Tudo inicia quando ela ainda tinha 6 anos. Seus avós paternos, Leopoldo e Débora, possuíam uma boa condição financeira, mas não foi com eles que Fernando encontrou apoio para empreender. Leopoldo, homem muito culto, poliglota que dominava 5 idiomas — inglês, francês, alemão, espanhol e o português — dizia que escola de natação e Educação Física era “coisa de vagabundo”. E, por isso, não o apoiou. Os avós maternos de Alana, Juana e Vitor não dispunham da mesma condição financeira, mas um coração “indescritivelmente bondoso” nas palavras de Alana. Ele era caminhoneiro. Transportava sapatos de Novo Hamburgo para São Paulo. Sua esposa costurava. Fazia coisas ‘na mão’ que as máquinas da época não conseguiam reproduzir, tamanha habilidade. Costurava em casa o que facilitava para ajudar com as netas enquanto não estavam na escola.

Entre tantas boas lembranças que esse avô ‘de coração imenso’ deixou para Alana, ela descreve com muita emoção em suas palavras, que foi ele, com muito menos poder aquisitivo, que hipotecou sua casa e único patrimônio para que o genro construísse a escola Golfinho. Ao lembrar dessa atitude, Alana enche seus olhos de lágrimas e ‘tranca a voz’. Pergunto, então, a ela se conseguiria descrever momentos ou diálogos que tenha ouvido nessa ou sobre essa fase difícil financeira e de buscas por investidores. Quero entender o que ficou marcado em sua trajetória sobre esse período e sobre essa atitude do avô. Sua resposta é conduzida pela questão emocional do período.

Em função dessa obra que levou quase 4 anos para ser concluída, eu e a Bruna [irmã], ficávamos muito na casa dos outros. Éramos deixadas com muitas recomendações de comportamento, principalmente em relação a não parecermos “mortas de fome”. Minha mãe tinha muito esse medo de que fossem falar que as filhas não tinham comida em casa. Como a gente estava sempre na casa de alguém, e esse alguém poderia ser a vó [materna] ou até amigos, desenvolvemos um sentimento de querer estar sempre agradando, de querer ser acolhida nas diferentes famílias. Tudo naquela época era feito para que nossos pais pudessem trabalhar e levantar a escola. Fomos privadas de muitas coisas para que a escola se tornasse realidade.

Acredito que as experiências anteriores com os demais entrevistados, fizeram com que me sentisse mais à vontade, não apenas para tocar em alguns temas, mas também para aprofundá-los. Realizadas as entrevistas, no momento em que eu me dedicava a produção dos retratos, me dava conta de que poderia ter explorado e sido mais incisivo em alguns momentos. Por tudo isso, tento com Alana me valer dessas experiências. Pergunto então:

Tenho escutado até agora tua referência a duas pessoas que estão sempre trabalhando para construir uma escola, e, portanto, têm que deixar tu e tua irmã em casa de parentes, amigos. Mas eles são teus pais! Como era a relação específica de pai e mãe contigo e com tua irmã nesse período?

A resposta vem salientando outra característica de Alana: sua forte crença na astrologia. Frequentemente se refere às pessoas, anunciando antes seu signo.

O pai era 10! Ele fez tudo o que ele podia, tudo que estava no alcance dele, dentro do escopo dele. Já com a minha mãe, eu tenho algumas restrições. Eu sei que ela também fazia tudo que ela podia, do jeito dela, mas com a minha mãe eu não consegui desenvolver carinho, afeto. A gente não tem a questão do toque. Ela é muito rígida. Ela é capricórnio, eu sou libra. Não rola!

A relação com a mãe é repleta de restrições, como narrado acima. “Ela não me queria. Era só para prender meu pai. Me teve porque sabia que minha vó me cuidaria”. Assim começam as referências à mãe. As lembranças e os adjetivos são

negativos, e fazem muita conexão com a questão da alimentação, ou da falta de alimentação. D. XXXXXXXX era e ainda é magérrima, e muito contida em sua alimentação. Alana menciona que pães, bolos, e outros itens que boa parte das crianças adora, não entravam em sua casa. Se ela, a mãe, não comia, as filhas também não precisavam comer. O problema é que Alana era submetida a uma rotina de treinos duríssima e precisava de uma boa alimentação para suportá-la. A interlocutora lembra de muitos episódios em que realmente sentiu fome, a ponto de se sentir fraca e achar que desmaiaria. Relata que festas de aniversários de amigos era um castigo para ela e a irmã, pois chegavam no local cheias de recomendações e ficavam apenas olhando as outras crianças se deliciarem com brigadeiros, tortas, refrigerantes, etc. “Nossa cota era baixa e restrita. Não podíamos extrapolar a recomendação que sempre era muito aquém do que queríamos”.

Pergunto então como o pai via tudo isso. “Por mais que talvez entendesse as restrições impostas pela tua mãe, ele era teu treinador também, logo, sabia da importância de tu teres uma boa alimentação. Como ele via tudo isso?”

‘Sabonetão!’ Ele é de gêmeos, sabe? Então aquela coisa: faz que não vê às vezes, outras fala alguma coisa e vai levando. Hoje, quando eu e a Bruna brigamos com minha mãe por tudo isso desse período, ela diz que é tudo culpa do Fernando [seu pai]. Ele que mandava eu não deixar vocês comerem as coisas e agora vocês acham que era coisa minha. E, muitas vezes, acho que era ‘pouca grana’ mesmo, porque todo dinheiro era sempre para a [escola de natação] Golfinho. A gente tinha que entender que era um período difícil, mas por uma boa causa.

Todas essas vivências deixaram marcas que permeiam os argumentos de Alana. Num deles, ela narra que foi designada para um tratamento psiquiátrico aos 12, talvez 13 anos, não se recorda bem. Depois de algum tempo de acompanhamento, este profissional sugeriu que a família comprasse um *trailer* e fossem viajar juntos. Era, segundo ela, um momento em que a construção da escola estava concretizada e começava a aparecer o retorno financeiro. E assim seus pais fizeram, disse ela. Compraram o *trailer* e, a partir daquele momento, passavam férias em *campings* tentando estreitar suas relações familiares e, ao mesmo tempo, ‘curtir a natureza’.

“A ideia talvez fosse boa, mas não rolou ...”, sublinhou Alana. Nas suas narrativas para sustentar que “não rolou”, descreveu que sua mãe dormia até às 11h da manhã e o *trailer* era compacto. A recomendação era que acordassem, tomassem um copo de ‘Nescau’ e saíssem para não fazer barulho e não incomodá-la. Dessa forma, explicou-me que ela e a irmã acordavam cedo, cheias de vontade de brincar

com as outras crianças e usufruir da estrutura dos *campings*. Tomavam o recomendado copo de leite, cheias de medo de fazer barulho e saíam. Alana, então, salienta que uma criança que está em atividade ao ar livre, com outras se desgasta, corre, sua. Ela e a irmã acabavam tendo fome na metade da manhã, pelas 10h. Contudo, não poderiam de forma alguma entrar no *trailer* e incomodar o sono da mãe, então esperavam. Alana lembra disso e qualifica que era muito difícil.

A respeito dessa situação a interlocutora mencionou ainda que as demais famílias começaram a se dar conta da condição e ofereciam às irmãs um lanche, mas se elas aceitassem, as consequências com a mãe seriam piores, então preferiam ficar com fome.

Imagina tu, criança. Morrendo de fome e tu vês teus amigos comendo uma coisa. A mãe deles te oferece, tu estás louca para aceitar, mas tem que ficar quietinha e dizer: não, muito obrigada [...]. Depois de um tempo, eu sei que eu e a Bruna não aguentamos. Tinha uma tia muito querida que, acho que entendeu bem a situação, e nos dava um lanche escondida. Garantia que não ia contar para ninguém. E acho que minha mãe nunca ficou sabendo.

Para explorar um pouco mais essa condição pergunto sobre as consequências tão temidas. Se a mãe ou o pai batiam nela e na irmã. Alana respondeu-me que “a gente primeiro apanhava, para depois nos dizerem porque ou perguntarem se realmente a gente tinha feito aquilo ou não”. Apesar dessa colocação sobre o apanhar, ela afirmou que o que mais incomodava era a pressão psicológica, relatando que a imposição do que era certo e o que era errado se colocava com uma cobrança muito forte e constante.

Pergunto, então, se, baseado em tudo o que relatou, ela traz lembranças mais positivas ou negativas desse período. Confesso que esperava que a resposta viria dando ênfase ao lado negativo, mas para minha surpresa, Alana afirmou que “tem muito mais recordações boas”. Ela argumenta que essa questão da alimentação, sem dúvida, foi muito marcante, mas que as brincadeiras com os amigos, a relação que desenvolvia cada vez mais estreita com o pai-treinador superam todos esses episódios.

A partir disso, faço um exercício de aproximação da nossa conversa sobre os avós para tentar, em especial para buscar elementos sobre as restrições alimentares.

Estou aqui te ouvindo Alana, e pensando que minha avó, assim como muitas outras tem fama de querer ‘engordar’ os netos. Achar que estão sempre magrinhos, que tem que se alimentar melhor... Pelo menos eu vivi isso e já vi essa situação ser retratada de forma irônica até mesmo em filmes. Como teus avós viam tudo isso? Intervinham? Quando vocês ficavam com a tua vó, que

era costureira, também tinha essa coisa de não poder comer muito? Será que é de algum deles que tua mãe herdou isso?

Alana disse que não se recordava como era na casa da avó quanto à alimentação, mas que gostava de ficar lá. D. Juana, assim como seu marido, descreveu ela, eram pessoas de um coração imenso e supriam um pouco do carinho que não desenvolveu com a mãe. Ela contou-me ainda, que essa avó ficou órfã aos 12 anos e criou os doze irmãos. Tinha irmão gêmeos e ela absorveu a criação de todos. Faleceu aos 99, tendo perdido antes muitos desses irmãos-filhos.

A juventude e início da vida adulta de Alana são marcadas por uma intensa rotina de treinos que acabava lhe afastando de amigos e festas comuns nessa faixa etária. Ela relata que que se considerava um E.T. (extraterrestre), porque não acompanhava as amigas e os eventos do colégio. Lembra de um episódio que a marcou de forma muito negativa, e esse foi com o Fernando (assim se refere ao pai na maioria das vezes). Ela relata que não tem certeza do que foi o fato em si, mas explicou que chegou aos ouvidos de seu pai que ela tinha aprontado determinada situação na escola. Acontece que isso foi numa sexta-feira e, à noite, teria uma reunião dançante daquelas que ninguém da turma quer ficar de fora, nem mesmo o 'E.T.', brincou. Alana novamente sublinhou seu argumento de que não tinha feito nada e nem sabia do que se tratava a questão trazida pelo pai aos berros, pegando-a completamente despreparada. Tentou negar, mas Fernando não acreditou e a proibiu de sair naquela noite e durante todo o final de semana. Alana disse que que "desidratou" de tanto chorar durante todo o fim de semana. Isso ocorreu, segundo ela, por perder a festa, é claro, mas principalmente pela dor que seu pai causou quando não acreditou. Na segunda-feira, a mãe da colega que havia 'aprontado na escola' se dirigiu ao Fernando, pois ficou sabendo do castigo imposto à Alana e relatou que ele estava equivocado. Fernando, então, entra no quarto de Alana, na segunda-feira à noite, e pede desculpas. Alana disse que, naquele momento, expulsou o pai do quarto aos gritos, mencionando que ainda precisou de uns dias para voltar a falar com ele.

Alana chega à vida adulta como atleta dedicada e com rotina de treino pesada, não tinha tempo para namorar, mas conheceu um tenista aos 19 anos e, quando fez 21, casaram-se. Aos 22 Alana tem Leonardo, seu filho, que hoje tem 26 anos. Ela descreve isso na perspectiva de que o que poderia ser um começo feliz, tornou-se sua maior dor, sua maior decepção.

Dizem que o atleta morre 2 vezes. Quando para de competir, e quando efetivamente morre. Eu não senti isso quando parei de nadar. Mas aqui sim, quando fui mãe sozinha e com todo o episódio da traição, posso dizer que morri. Foi horrível.

Ela afirmou isso porque, segundo franqueou-me, faltando 2 semanas para o nascimento do Adriano (seu filho), ela descobre que estava sendo traída. A partir disso, descreve que foi “mãe sozinha”, e não podia contar muito com a sua mãe para ajudar, pelos motivos já trazidos de uma difícil relação. Pergunto, diante dessa narrativa, com muito cuidado, percebendo a alteração na sua voz pela emoção do assunto, sobre como foi lidar com tudo isso, sobretudo com a questão emocional.

Hoje eu agradeço, mas na época foi muito, muito difícil mesmo. Tinha que me dedicar para o Adriano, mas estava sofrendo muito por tudo que tinha acontecido. A Bruna me ajudou muito, mas foi o momento mais difícil da minha vida. Digo que eu agradeço, porque hoje eu sou uma mulher forte e consegui criar o Adriano sozinha, evitando que ele passasse por tudo que eu passei na infância. A questão financeira também pegou, porque o pai do Adriano tinha uma condição excelente e fiquei sem nada praticamente. Toda a pensão, que sempre foi muito boa, eu fazia questão de investir absolutamente no Adriano. Não colocava a mão em nada dele.

Este momento da entrevista foi muito difícil para mim. Não soube lidar bem com a situação. Provavelmente mudei o semblante e respirei fundo naquele momento. Entendo, no entanto, que esse momento no qual as emoções estavam ‘na flor da pele’ pudesse ser importante para a pesquisa, a questiono se consegue estabelecer uma relação da sua separação com a já relatada de seus pais. “Passado tanto tempo, tu vê situações que tu vias acontecer no casamento dos teus pais, que se repetiram no teu casamento e contribuíram para o fim?”

É muito difícil estabelecer essa relação, exatamente porque sempre procurei fazer o oposto do que vi na minha casa, sobretudo do comportamento e jeito de ser da minha mãe em relação ao Fernando. O que aconteceu foi que ele conheceu essa pessoa mais velha e com muito mais experiência sexual, então, se apaixonou. Eu trazia muito o conceito que minha mãe batia muito, da mulher decente, então qualquer coisa fora do convencional, eu me consideraria uma prostituta.

Depois de ouvi-la relatar sobre a separação e os motivos, questiono sobre a relação do filho com o pai. Se o Adriano soube dessa situação e como ela enxerga a relação entre os dois. Com muita tranquilidade, Alana responde, dizendo que o Adriano sabe de tudo, que não teria como esconder dele uma coisa, segundo sua classificação, foi “tão grave” e que toda família sabia. Disse ainda que fica muito feliz em saber que os dois tem uma ótima relação, e que, hoje, passados tantos anos, ela tem coisas a agradecer ao ex-marido, como, por exemplo, por ele ter batido com a

mãe dela de frente, o que acabou lhe ajudando na percepção de alguns pontos que relatou como “ruins” de sua mãe. E finaliza: “É um ótimo pai e acho importante terem uma boa relação”.

Peço, então, para que ela fale mais sobre esses “pontos ruins” de sua mãe.

Ela é muito negativa. Para tu teres uma ideia, o Adriano se refere a avó como o polo negativo da família. Sempre o pior, sempre uma visão pessimista. Me lembro quando eu, e, em seguida a Bruna, escolhemos Educação Física, ao invés dela achar bom que toda família pegaria junto, e poderia fazer a escola crescer, o primeiro pensamento foi de que, se a escola quebrar, não temos nenhuma alternativa. “Todo mundo come no mesmo prato”, ela dizia de forma negativa. Também sempre foi muito julgadora, ficava analisando e falando das pessoas.

Aproveito a narrativa em que a interlocutora afirma que procurou fazer sempre o oposto no casamento dela, em relação ao que observou entre os pais, e pergunto como ela criou, educou e convive com o Adriano? Quero produzir mais informações agora sobre a Alana-mãe. Com muita convicção ela diz que tem os pais como referências, contudo as da mãe para evitá-las e as do pai para serem seguidas em sua grande maioria. Diante disso, coloco a ela que temos muitos elementos que permitem compreender o que ela procura evitar e que gostaria de ouvi-la de forma mais específica sobre as referências tidas como positivas que vêm do pai.

Foi visível sua mudança de comportamento quando o pai entrou em pauta, sobretudo para elogiá-lo. Ela diz que o Fernando foi seu pai e treinador, e, como treinador, aí sim ele foi impecável, não há o que reparar. A partir daí ela estabelece conexões de atitudes que o Fernando-treinador teve e que foram fundamentais para sua evolução como nadadora e, conseqüentemente, como sua filha e mulher. O grande mérito, segundo ela, é o da relação de compreensão do Fernando-treinador. Nesse sentido ela explicou-me que era surpreendente como a mesma pessoa que, poucos minutos antes lhe causou um grande trauma como pai, por não ter confiado na palavra da filha, era exaltado por sua capacidade de entender exatamente o que o atleta precisa emocionalmente. “Tecnicamente todo mundo pode se preparar e ser bom, mas no trato com o atleta, que é o grande diferencial de um treinador, o Fernando foi perfeito.”

E é dessa relação descrita como perfeita, que Alana mobiliza conceitos que procurou e procura reproduzir na educação de seu filho. Ela se apresenta, na argumentação da entrevista, como uma grande parceira do filho. Nessa linha, menciona que procura passar confiança e liberdade para que ele divida todo e

qualquer assunto. Sabe exatamente onde ele está em cada momento do dia e participa das rotinas dele dentro do possível. Às vezes “freteando”, como ela se refere aos deslocamentos que faz com o filho, outras conversando e ouvindo para tentar entender de que forma pode ajudá-lo. Mas no quesito mãe, trazendo sua religiosidade à pauta, ela afirma que seu maior mérito foi ter promovido a aproximação entre seu filho e o pai dele. Segundo a interlocutora, Rodrigo (ex-marido) não teve a maturidade suficiente para separar as questões do relacionamento entre eles que levaram ao divórcio, do fato do Adriano ser seu filho e não ter culpa de nada. Relatou que foi muito difícil, por sua separação ter sido traumática, mas que por ser da religião espírita, acredita que temos uma missão enquanto “encarnados” e, quando ela vê hoje o relacionamento entre o pai e o filho tão bem e sabe que foi ela quem promoveu, se sente realizada, com sentimento de “missão cumprida”.

Na minha busca pela identificação de disposições e dos processos de incorporação, insisto para que a interlocutora mobilize mais elementos de influência do pai, que na sua perspectiva estariam presentes no seu trato de mãe com o Adriano. Mais uma vez, pelo que notei, universos profissionais e familiares se misturam em sua resposta. Ela narra que Fernando desenvolveu uma metodologia que, na sua avaliação, é a “melhor do mundo” para ensinar a nadar, pois ela abrange questões técnicas bem específicas, mas que passa também por entendimentos do comportamento dos alunos, de como assimilam os conhecimentos e de como o professor deve fazer a melhor abordagem. Alana é enfática em dizer que transpõe isso tudo para a educação do filho, e se sente feliz porque acha que assimilou toda essa metodologia, mas que depois de muitos anos, promoveu alguns ajustes e que avançou, conseguindo hoje resultados melhores dos que o pai alcançou enquanto dava as aulas. Esses progressos, assim qualificados por ela, passam muito por questões comportamentais, que ela incorporou em cursos de gestão de pessoas e *coaching*, e utiliza toda essa gama de conhecimentos enquanto mãe, para proporcionar a melhor relação com o filho.

Eu pergunto a ela sobre esse fato peculiar dela não chamar ele de pai e sim pelo nome. O por que disso e se isso acontece também com a mãe? Sua resposta foi a seguinte:

Isso ocorreu a partir de uma situação quando eu tinha 13 anos e estava no [campeonato] brasileiro de natação, no Rio de Janeiro. Ele me pediu para nadar uma determinada série antes da prova. Terminei o aquecimento e fiquei na borda da piscina esperando uma nova ordem. Chamei umas mil vezes:

Pai! Pai! Pai! E ele não olhava. Daí gritei: Fernando! E ele olhou. A partir daquele momento eu disse que não chamaria mais ele de pai, e desenvolvi uma espécie de bloqueio na minha cabeça. Quando é questão mais profissional, eu chamo de Fernando, quando é pessoal, chamo de pai. Mas a verdade é que chamo muito mais de Fernando.

Sua separação ocorreu há bastante tempo, então pergunto se Alana está casada novamente? Quero explorar um pouco mais essa dificuldade que ela aponta nos relacionamentos. Ao responder, para minha surpresa, ela aciona uma informação financeira. Introduce o relato do segundo casamento já informando que foi com um corretor de imóveis que tinha seus ganhos muito instáveis e isso prejudicou a relação. Feita essa introdução, menciona que se casou novamente aos 29 quando o filho tinha 6 anos. A relação durou 6 anos, mas teve o tempo todo a interferência dos pais sinalizando que era inconcebível ela sustentá-lo. Que não poderia ficar com alguém que ora tinha dinheiro, ora não.

Diante dessa resposta, peço que ela compreenda que, para os fins desta pesquisa, são fundamentais os detalhes e as relações estabelecidas pelo mesmo entrevistado em diferentes contextos e momentos da vida. Assim, solicito que, caso isso não represente nenhum constrangimento, poderia trazer mais informações sobre esta separação. Ela sorri e educadamente pede para que eu fique tranquilo, que ela não tem nenhum problema em tocar nesses assuntos e me diz que com o segundo marido o que prejudicou foram essas questões financeiras, além de perceber nos últimos anos em que estavam juntos, uma agressividade dele que a incomodava. Ela destaca que não eram práticas de agressividade física, mas diz que começaram a ocorrer xingamentos, com palavras agressivas e mal-educadas.

Concomitante a esses acontecimentos, Alana explicou que praticamente assumiu a gestão da escola Golfinho, atividade/função que, até então, era dividida com o pai. Aí, segundo ela, se vê obrigada a buscar cursos de qualificação. Sobre isso, narrou que quanto mais aprendia, estudava, mais foi se sentindo melhor e compreendendo que não precisava mais passar por determinadas situações com o marido. Por todo esse somatório de fatores, ela entende que a segunda separação foi a melhor opção.

Para finalizar, pergunto a Alana sobre a irmã, Bruna, que apareceu em poucos momentos na entrevista, mas sempre de forma positiva. Bruna não foi nadadora de destaque como Alana, que chegou a obter recorde brasileiro com apenas 13 anos de idade. Sua irmã, conforme a avaliação que produziu na ocasião, nadou, se envolveu

com a escola, assim como toda família, mas sempre de forma menos intensa. Na matriz gestão, terei oportunidade de expor mais detalhes sobre a relação que a família teve durante muitos anos conduzindo seu negócio, mas tratando aqui da família, pelas descrições da Alana, a Bruna contempla um temperamento bem diferente. De acordo com a interlocutora, sua irmã, quando entendeu que o seu pai estaria sempre junto na gestão e, na maioria das vezes criticando suas ideias e atitudes, sobretudo por questões de gênero, entendeu que deveria sair. Hoje mora nos Estados Unidos, está casada há mais de 10 anos e possui um estúdio de pilates que segundo Alana, “vai muito bem, obrigada”.

Formação

Alana tem seu primeiro contato com a instituição escolar aos 3 anos de idade. Descreveu que era a Pré-Escola ‘Zé Carioca’, em Novo Hamburgo e que foi essa a escolhida porque pertencia a ‘Tia Elba’, uma pedagoga muito conhecida de seus pais. Até onde consegue lembrar, ressaltou a interlocutora, sua adaptação foi tranquila. Destacou que a tia Elba já frequentava sua casa, então, acredita que, de alguma forma, essa relação deva ter contribuído em sua adaptação. Como já colocado, as matrizes não são analisadas de forma dissociativa. A análise se vale inclusive da interpretação de convergências e divergências observadas. No caso de Alana, por exemplo, ao descrevermos situações relativas à sua vida escolar e acadêmica, não surpreende re-aparecerem os relatos de problemas financeiros. O próprio discurso e a maneira como se refere a essa escola, dizendo antes de mais nada, que era uma instituição privada, vem revestida de um tom de empoderamento, uma necessidade de frisar esse fato.

Na escola da ‘tia Elba’, Alana permanece até sua entrada no ensino fundamental, onde, segundo relatou, pela primeira vez, teve problemas de adaptação. Os pais tentam matriculá-la na Escola Osvaldo Cruz, que além de ser privada, tinha como um de seus grandes atrativos o fato de ser bilíngue. Novo Hamburgo é uma cidade constituída por fortes laços da imigração alemã e se orgulha disso. Assim, seus pais optaram por essa escola para que Alana dominasse também o idioma germânico. Percebo, aqui, na fala de Alana, a importância associada ao *status* que determinadas escolhas remetem. Nas narrativas dela, a escola frequentada, o clube, os locais onde

passaram as férias e até mesmo os sobrenomes das pessoas são trazidos como informações.

Retomando sua dificuldade de adaptação, Alana relatou que o que ela queria era estudar na escola onde sua mãe era professora. Era a Escola 25 de Julho, localizada em Hamburgo Velho e até hoje mantém-se forte como uma instituição de ensino estadual. Sua mãe, até então trazida em suas falas de forma negativa, aqui é lembrada por possuir 3 formações e ser uma excelente profissional. História, geografia e sociologia são suas graduações, mas atua na 25 de Julho apenas como professora de geografia. Alana não sabe dizer o porquê, mas franqueou-me a informação de que chorou duas semanas, faz questão de frisar que realmente chorou praticamente duas semanas sem parar, enquanto seus pais tentavam adaptá-la na escola Osvaldo Cruz, onde os colegas com sobrenome tidos como os mais conhecidos e influentes na cidade estudavam.

Depois de tantas tentativas traumáticas, mencionou que foi sugerido aos seus pais para que esperassem mais uma ou duas semanas, e novamente a trouxessem para uma nova oportunidade de adaptação. Assim foi feito, mas, segundo Alana, mais uma vez o resultado não foi o esperado pelos pais. Ela definitivamente não ficaria naquela escola. Por todo o trauma causado, os pais resolveram esperar mais um pouco antes de colocá-la na escola de sua mãe, e quando então a levaram até lá para efetivar sua matrícula, foram surpreendidos por não haver mais disponibilidade de vagas. Assim, Alana explicou que perdeu um ano letivo, tendo que esperar o início do próximo para iniciar o ensino fundamental. Foi um ano em que, segundo ela, passou praticamente todo com D. Juana, sua avó materna que costurava em casa e que ficou marcada para a neta por sua generosidade.

Este é o nosso segundo encontro e muitas questões sobre a matriz familiar reaparecem. Não vou descrevê-los detalhadamente aqui, mas vale enfatizar que essas sobreposições, idas e vindas são muito presentes na conversa com a Alana. A partir desta constatação, procuro conduzir nosso encontro de maneira mais focada, pedindo desculpas, mas mostrando a ela a importância de nos mantermos dentro de alguns limites nas respostas. Seguindo na produção de informações acerca da sua vida escolar, pergunto a Alana como foi, então, o início e o período na escola estadual onde sua mãe trabalhava.

Uma vez entrando na escola, depois desse ano todo afastada, lembrás como foi? E gostaria de te questionar sobre esse interesse pela escola da tua mãe.

Tu mesmo já dissestes que a relação entre vocês sempre foi difícil e suas falas em relação a ela me parecem ressaltar mais as questões de atrito entre vocês. Consegues entender o porquê de tanta convicção para uma criança de 7 anos em querer estudar com a mãe, com quem tem tantos conflitos?

Pela recorrência, as reações corporais de Alana me causavam a impressão de que, talvez, nunca tenha pensado nessa escolha sob essa perspectiva. Alguns segundos de silêncio com essa interlocutora foi algo inédito. Depois de mexidas no cabelo e olhares para cima e para baixo, a resposta é que não sabe dizer exatamente. “Sei lá, mãe é mãe né. Talvez seja isso” é sua resposta. Depois disso, ela rapidamente muda o foco para algumas boas referências que têm da escola e desse momento. Passou a narrar sobre a merenda, que era, segundo ela, uma delícia, feita com muito carinho sob a supervisão de nutricionistas. Ao falar a respeito, diz que lembra do cheirinho que tomava conta dos corredores minutos antes de serem autorizados para sair da sala e irem até o refeitório. Não deixa de destacar que o refeitório era lindo, limpo e muito aconchegante. Entretanto, também menciona que para a merenda da escola, as recomendações de sua mãe eram as mesmas. Deveria comer única e exclusivamente o que fosse oferecido a cada uma das filhas. Nada de ficar pedindo repetições ou porções de colegas que por acaso não quisessem comer.

Saliento, aqui, mais uma vez, as convergências que são percebidas em análises das diferentes matrizes. E, reconhecendo isso, passo a desenvolver perguntas sobre a Alana aluna estudante do ensino fundamental. “E como tu eras enquanto estudante? Boas notas? Gostava de estudar? Mantinha boas relações com os colegas?”

A resposta é bem firme, no sentido de que não, não era uma boa aluna e não apresentava bons resultados nas provas. Ressaltou que conseguia o necessário para aprovação e nada mais. A relação com os colegas foi mencionada e qualificada como “sempre foi difícil”. A sua rotina de treinos acabou a afastando. Por isso a autodenominação ‘E.T.’(extraterrestre), trazida na matriz familiar. Explicou Alana que não participava da maioria das festinhas, dos aniversários, que mais tarde viraram reuniões dançantes com o surgimento dos primeiros namorinhos. Nada disso. Seu foco era treinar e treinar.

A interlocutora, nesse momento da entrevista, destaca um fato relacionado a essa falta de entrosamento constante com as turmas durante todo o período escolar. A natação praticada em alto nível, com uma carga de treinamentos exigente, muitas vezes molda o corpo de seus praticantes, sejam homens ou mulheres. Sobre isso

Alana diz que, assim como o pai, sempre teve uma estrutura esquelética grande. Quando passava a nadar, fazer musculação e correr horas por dia, seu corpo se desenvolvia e, em meio a crianças de 12 ou 13 anos que não praticam nenhuma atividade ou praticam apenas de forma convencional, isso acabava destoando dos demais. Segundo ela, seu corpo forte, maior que o das outras meninas, associado a não fazer parte dos ciclos de namoros da turma, fizeram com que algumas colegas a tivessem como homossexual. Esse fato, Alana relatou como algo que foi muito sofrido, salientando que chorou muito e que isso a acompanhou por um bom tempo na escola.

Mais uma vez direcionei a pergunta para o estudo propriamente dito. Quero entender a sua relação com as matérias, com as aulas e conseqüentemente com o ensino escolar. Antes de responder, Alana mencionou outros assuntos, sobrepondo as matrizes como já destacado. Mas ela mesmo percebeu isso, dizendo: “Ah, sim, foi isso que tu me perguntaste né. Desculpa, eu falo muito, às vezes me perco”. Assume essa representação com uma boa gargalhada. Respondendo à pergunta, ela diz que nunca foi boa nas ciências exatas, nas quais argumenta que teve muita dificuldade. No início achava que era porque estava sempre cansada por causa dos treinos, mas depois de um tempo, ficou claro que realmente não tinha intimidade com essas disciplinas. Lidava melhor com as disciplinas atreladas às ciências humanas, mas também nada demais. Confessou que o estudo escolar em si, nunca foi seu foco. Não por acaso, as narrativas dela sobre a relação com a escola confunde-se com a preocupação em ter bons resultados nos treinamentos e conseqüentemente nas competições.

Na escola 25 de Julho, onde sua mãe lecionava, Alana ficou até o primeiro ano do então segundo grau, mantendo durante todo esse período as rotinas de atleta. Alana analisa e afirma que seria hipocrisia da parte dela computar todas as dificuldades, períodos de recuperação e até mesmo repetições de ano ao esporte, mas também salienta que não há como não entender que as exigências da Alana-nadadora, muitas vezes, tiraram seu foco ou a colocaram em um estado de cansaço ou de desinteresse que era difícil estudar ou acompanhar as aulas como as outras crianças.

Frente a esse enfoque nos treinamentos e competições, pergunto se foi sempre essa a opção, ou se mesmo com essa herança do pai e com toda sua vivência no esporte, foi cogitado outro curso.

Não, naquela coisa de adolescente que acha que pode fazer tudo, eu queria fazer 3 faculdades: medicina, psicologia e educação física. Aí quando eu comecei a entender que só a medicina levaria 5 anos depois a psicologia, mais 5 anos, eu achei melhor a fazer educação física que era só 4 e pronto!

“E como essa opção é vista pelos teus pais?” pergunto.

Minha mãe, tu sabes né... Capricorniana, sempre no polo negativo. Disse debochando: que coisa boa, agora vamos ter aqui em casa quatro bocas para comer do mesmo prato. Se alguma coisa der errado, passamos fome juntos. Meu pai super apoiou. Claro, não é, [ele] teria uma professora de confiança pagando muito pouco.

Durante a faculdade de Educação Física não existiam os compromissos da Alana-atleta. Na matriz esporte, esse episódio será mais detalhado, mas depois de alcançado o recorde brasileiro, ela não teve o retorno prometido do patrocínio da Kibon. Isso gerou uma imensa frustração por toda a representatividade que possuía e que ela já estava contando como certo. Menos exigida fisicamente, entende que a faculdade fluiu de uma maneira mais tranquila. Também atribui ao fato de que se encontrou no curso. Que efetivamente queria aprender para colocar em prática em seu dia a dia como professora na escola de seus pais.

Relatou ainda que, mesmo não concluindo um curso técnico de enfermagem, teve nele alguns aprendizados, sobretudo de como lidar com pessoas em situações de emergência e de conhecimentos de anatomia. Fez questão de mencionar que em alguns momentos esses conhecimentos a beneficiaram, tanto na faculdade, quanto na sua atuação profissional.

No total, Alana atuou por 24 anos como professora da Golfinho. Hoje, sua carga horária de professora é muito inferior. Mas ainda atua nessa função pedagógica e não pretende parar. Depois de alguns desentendimentos com o Fernando por questões administrativas, buscou qualificação realizando um curso de gestão oferecido pela prefeitura de Novo Hamburgo que a interlocutora classificou como “bem básico”, mas que, segundo ela, foi ótimo para fazê-la entender que precisava buscar muito mais entendimento para administrar a escola.

A partir disso, relata que buscou alguns cursos ministrados em congressos da área, sempre sobre gestão e, não satisfeita, fez também um MBA em gestão de negócios, além de cursos de *coaching*, uma verdadeira paixão. Essa formação lhe possibilitou e rendeu a autoria de 3 livros que transitam entre conceitos do *coaching* propriamente dito e sua biografia, procurando estabelecer relações de vivências como atleta e gestora. Hoje, com todo esse arcabouço teórico e com tantos anos de prática,

Alana ainda divide a gestão com Fernando. Ele participa muito menos, mas o suficiente para incomodá-la em alguns momentos. Alana manifesta ainda seu desejo de profissionalizar, informatizar, aderir a mecanismos de gestão praticados por outras empresas, mas enfrenta forte resistência de Fernando, que quer administrar 'à moda antiga'.

Para concluir, peço que Alana procure me sinalizar exemplos do que seriam as diferenças entre administração que ela quer e está implementando e essa administração classificada por ela como obsoleta defendida por Fernando. Sua resposta segue na direção de enfatizar que Fernando não vê a necessidade de implantação de um sistema de gerenciamento. Ele sabe o nome de todos, conhece todo mundo, então vê essa compra como desnecessária. Além disso, o sistema de planos, que visa a fidelização dos alunos com pagamentos antecipados por cartão de crédito ou cheques pré-datados, também não é visto com bons olhos por ele. Sua ideia é a de cobrar as mensalidades até o dia 5 de cada mês, como sempre foi feito. Acontece que, segundo Alana, está comprovado que esse sistema diminui um dos maiores problemas de academias da região sul, que é a sazonalidade em função do clima. E o sistema de gerenciamento faz isso tudo de forma automatizada, além dos controles de frequência dos alunos, dos professores, enfim, segundo ela, tudo fica mais fácil.

Esporte

O primeiro contato de Alana com o esporte em uma instituição, de maneira formal ocorre por intermédio de sua escola. A instituição estadual em que sua mãe era professora de geografia possuía um convênio com um grande clube poliesportivo da cidade. A proposta era de formação de atletas, e, portanto, somente os que se destacavam nas aulas de Educação Física escolares, eram convidados a integrar as equipes. Estes, então, passavam a vivenciar as rotinas de treinamentos e de competições das modalidades. Alana, segundo ela se apresentou, dotada de boas habilidades físicas e motoras, foi convidada a participar das equipes de vôlei, ginástica rítmica e natação. A inclusão da natação (modalidade não oferecida na escola), se dá por influência de seu pai. Fernando, ex-nadador, utilizava o clube nas temporadas de verão para ensiná-las a nadar.

Alana, como de costume, elogia o pai: "Na verdade ele nos ensinava com muito jeitinho, muita brincadeira. Não digo que ele não queria brincar, mas com certeza o objetivo dele era nos ensinar. Aquele ali não 'dá ponto sem nó'." A interlocutora ressaltou que, através dessas brincadeiras/aulas, Fernando observava grande facilidade e propensão nas duas filhas para a natação, sobretudo em Alana, que sempre se mostrou competitiva.

Assim, Alana começa, na primeira série, com apenas 7 anos, a ter uma rotina de atleta. Ainda dividida com outras modalidades, sem objetivos nacionais e muito menos internacionais. Ela explicou que a modalidade de voleibol rapidamente foi abandonada. Através da ginástica, modalidade em que se manteve por dois anos, participa de seu primeiro evento competitivo e consegue "nota 9,0". Este foi um resultado trazido com grande orgulho na entrevista, porque Alana afirmou ser difícil de ser alcançada. Mas sua grande paixão, confessou, era a natação. Ela menciona que "era um peixinho". A ginástica, passadas algumas semanas dessa competição, também foi abandonada, mas Alana diz que até hoje possui um grupo de *WhatsApp* com amigas que frequentavam a equipe e com a professora, e que diariamente trocam mensagens. "Ficou uma amizade muito bacana daquele tempo", argumentou.

Uma vez distanciada da ginástica, seu foco a partir daquele momento passou a ser exclusivamente a natação. Alana estava com 9 anos de idade e a escola de seu pai ainda não estava concluída. Por isso, conforme seus relatos, Fernando interfere em seu treinamento, conversando com o treinador do clube e oferecendo os cuidados necessários à filha, mas ainda o seu pai não é o seu treinador. Quando Alana está próximo de completar 10 anos, finalmente a Escola Golfinho é inaugurada. A partir daquele momento, Fernando passa a dividir as atuações de pai e treinador com Alana. Segundo ela, a admiração pelo pai ganha muita força a partir dessa nova relação. Exponho algumas citações que entendo, ilustram esse sentimento:

Meu pai tinha que escrever um livro de como um técnico deve treinar seus atletas [...]
 Parece falta de modéstia, mas não é. Ele é o melhor treinador do mundo [...]
 Duvido que haja no mundo alguma metodologia que se compare à que ele desenvolveu.

Como Alana relatou anteriormente, Fernando não dava 'ponto sem nó'. Quando a escola foi concluída e ele passa a ter a estrutura necessária para acompanhar os treinamentos da filha, o primeiro passo é uma longa e séria conversa. Conforme narrou a interlocutora, Fernando explicou que, na sua concepção, o ideal é que ela

prolongasse um pouco mais seu período multiesportivo, para que, a partir dos 12 anos, caso mantivesse a escolha pela natação, partisse para um momento de dedicação exclusiva. Alana, no entanto, mostra-se muito decidida e pede para o pai começar a treiná-la. Ela explicou que surpreendeu o pai afirmando que queria ser campeã brasileira.

Reconhecendo o interesse competitivo da filha e percebendo a convicção da menina de apenas 10 anos, Fernando iniciou seus treinamentos. Pergunto se Alana visualiza, depois de tantos anos, o porquê de tanta firmeza na escolha da natação.

Já parei para pensar nisso muitas vezes. Acho que o maior motivo era a admiração que eu tinha pelo Fernando. Por ele ter sido atleta e ganhado tantas competições. Aquela coisa de filha que quer ser igual ao pai. Tinha também a coisa da natação ser individual. Nos esportes que tentei, mesmo na ginástica, acabava tendo a dependência das colegas para treinar ou para algumas apresentações. Acabava que eu levava a sério, mas as colegas não. Então, eu era sempre prejudicada. Com a natação não tinha isso. Eu e o Fernando éramos muito dedicados.

Aos doze anos, depois de ter ganho competições e destaque estadual na modalidade, Alana descreve que vai para seu primeiro campeonato brasileiro, em Vitória, Espírito Santo. Ela contou-me com muito orgulho que, por ter feito a melhor marca no estado, ganhou a passagem de avião para ela e para o pai. Não deixou de destacar que fazer sua primeira viagem de avião ao lado de seu 'pai-herói', sendo ela a provedora da passagem, era um fato para ser lembrado com muito orgulho. Orgulho esse que toma proporções muito maiores ao sagrar-se campeã brasileira nos 100m costas nesta competição.

A partir dessa conquista, disse a interlocutora, surgem apoiadores (fornecedores de materiais esportivos), mas também patrocinadores. Alana passa a receber da marca 'All-Star', um salário mínimo mensal, além de grande quantidade de roupas e calçados. Segundo ela, essas conquistas fortalecem a relação com Fernando e o orgulho é recíproco. Alana que já tinha Fernando como grande referência paterna, amplia sua admiração também para a qualificação profissional de Fernando.

A fim de entender de forma mais específica a prática esportiva de Alana, pergunto sobre a prova nadada e a marca alcançada.

Por que 100m costas? Sempre foi sua principal modalidade na natação? Como era o teu treino em relação aos estilos? O Fernando distribuía igualmente? Havia um foco no nado costas desde o início? Conte-me mais sobre essas especificidades.

A resposta, mais uma vez, não poupa elogios ao Fernando-treinador.

Como te disse, ele era perfeito. Tinha um olho clínico não só para identificar o que os atletas faziam de melhor, mas também para identificar qual seria o melhor estilo em cada competição, em função das outras competidoras. Eu nadava os quatro estilos muito bem. Tenho 5'12" nos 400m Medley (prova onde se nada 100m de cada estilo), o que é uma `puta marca`! Mas o costas sempre foi o que dominava mais, mesmo. Era o que eu mais gostava de treinar e foi o estilo que me proporcionou as melhores marcas.

Alana prossegue seu relato dizendo que, naquela época, possuía muita confiança e que poderia ter nadado outras provas, nas quais, sem dúvida, teria ido muito bem, mas sempre cumpriu as orientações de Fernando. Era, segundo ela, uma atleta cumpridora de suas obrigações. Não aparece em nenhum momento, e aqui estendo as outras matrizes, alguém disposto a burlar regras, fazer diferente do que foi mandado ou combinado. Menciona que toda a sessão de treino era executada nos intervalos, distâncias e com os acessórios prescritos exatamente conforme as determinações.

Ainda na fala sobre seus treinos e prioridades nas competições, aparece um depoimento bastante peculiar e que ajuda a destacar as qualidades técnicas de Alana e de seu pai. Ela contou-me que assistiu uma prova de 400m Medley do atleta Ricardo Prado, nas olimpíadas de Los Angeles, 1984, onde sagrou-se vice-campeão olímpico. Na época, a transmissão de provas de natação era algo raro e não havia tantos recursos de transmissão como câmeras subaquáticas com tanta definição. Mesmo assim, Alana narrou que observou que Ricardo fez um movimento diferente na transição do nado borboleta para o nado costas, do que ela aprendera. Fernando lhe explicou que era uma inovação. Se chamava 'reverse' e vinha ganhando cada vez mais espaço na natação. Alana disse que se empolgou e pediu para que o pai a ensinasse. Fernando a advertiu que era um movimento de exigência técnica e respiratória bastante complexo, e que se ela realmente quisesse colocá-lo em prática, teria que treinar bastante. Segundo Alana, em apenas dois dias tinha dominado a técnica e, poucas semanas mais tarde, a executava em competições, baixando ainda mais seus tempos.

Na busca de informações que conectem ainda mais as relações esportivas com as familiares, e a maneira como se teciam essas relações, coloco sua irmã Bruna no contexto. Pergunto:

Estamos em um cenário onde tua dedicação rendeu frutos e muito orgulho, estreitando sua relação com o Fernando. Viagens, competições... Como ficava tua irmã em meio a tudo isso? Havia ciúme por parte dela? Fernando conseguia distribuir suas atenções enquanto pai, mesmo com tantas horas ao teu lado na piscina?

“A Bruna sempre foi muito diferente de mim”. Ela começa assim a resposta e salienta que tanto é verdade, que na gestão da academia da família, diferentemente de Alana, quando percebeu que não teria quase nenhuma autonomia na administração, por ter que sempre pedir ‘a benção’ de Fernando, ela se afastou de uma maneira muito tranquila, sem gerar maiores atritos. Ainda na resposta da pergunta que visava produzir maiores detalhes das adaptações que todo esse envolvimento do esporte gerava no ambiente familiar, Alana coloca, com certa indignação, que “[...] o que as pessoas não entendem é que o atleta não é atleta só na hora do treino”. Descreve, a partir disso, que o fato de sempre dormir cedo e ter a alimentação absolutamente regrada, impactavam sua irmã, que acabava se adaptando, não integralmente, mas em muitas situações à rotina da irmã atleta.

Nesse aspecto Fernando também foi impecável, segundo Alana. Sempre teve e ainda tem uma ótima relação com a irmã, que atualmente vive no exterior e diz com convicção que se houvesse ciúme ou alguma diferença no sentimento de Bruna, certamente ela teria manifestado. Mas nunca representou tema relevante ou capaz de gerar conflitos.

Cabe salientar, aqui nessa etapa do depoimento, as referências positivas e de agradecimento à atuação da mãe. Na maioria das vezes tida como o "polo negativo", sua mãe, em relação à filha-atleta, é descrita como uma admiradora de todo o esforço e dedicação. E não somente isso, mas também muito ativa no cozinhar dos alimentos indicados por Fernando e no provimento de cuidados como na preparação dos maiôs, toalhas de banho, e toda a logística que envolvia os treinamentos da filha. Alana destacou que havia um cuidado, um aceno da mãe que observava todo o destaque alcançado por ela e o conseqüente orgulho gerado no marido, e que queria contribuir e participar de tudo aquilo.

Ainda buscando explorar como era administrada toda essa rotina e como Alana lidava com tudo isso em plena adolescência, lembro a interlocutora daquele momento difícil em que algumas colegas a chamavam de homossexual, das dificuldades para conviver com amigas e desenvolver namoros. Seu relato sobre esse assunto inicia

com todo o conservadorismo da época, que reveste as questões de gênero que aparecem em toda sua trajetória.

Bom, naquela época tu sabe né. Só podia sair depois do baile de debutante. Antes, nem pensar! Mas o Fernando era tão sacana, que uma vez, depois de [eu] ter debutado, óbvio, pedi a ele com uma super antecedência que queria ir em um baile onde todos meus amigos do colégio iriam. Eu não pedi para não treinar, pedi apenas para ele adaptar o treino de maneira que não prejudicasse minha performance e que eu pudesse ir no evento. Ele não gostou, mas acabou permitindo. No dia seguinte do baile, ele mudou o treino programado, coisa que raramente fazia, para me 'quebrar'. Eu quase morri! Foi a maneira dele me dizer que não queria mais que eu saísse, porque perderia o foco nos treinos.

Alana narra que só vai ter seu primeiro namorado, que tornou-se seu marido e pai de seu filho, aos 19 anos. Rodrigo, era um tenista com destaque nos rankings estaduais e nacionais, e que, segundo a interlocutora, me entendia como atleta. Era o único jeito de estabelecer uma relação, com alguém que também fosse atleta, avaliou ela. Somente alguém que vivesse o que ela vivia, entenderia todas as restrições e abdições envolvidas na rotina de uma atleta.

Estamos chegando na fase adulta de Alana e, nesse momento da entrevista, procuro provocar o assunto da parada como atleta de alto rendimento. Como e porque Alana resolve parar de nadar com tanta dedicação. Ela coloca que mesmo antes do casamento, ainda com 17 anos, teve sua grande decepção no esporte. Explicou que, na época, havia dois grandes patrocinadores ligados à natação. A marca que todo atleta gostaria de representar era a Kibon, indústria de sorvetes. Mas para isso, os feitos tinham que ser bastante significativos. Sempre em busca de novas marcas e desafios, Alana entra em contato com o departamento de marketing da empresa a fim de entender o que precisava fazer para ganhar tal apoio. Relatou que precisaria ser recordista brasileira como a resposta obtida da empresa. Nesse ponto da carreira, Alana estava nadando em nível altíssimo, disputando provas com nadadoras que tinham inclusive marcas olímpicas.

Depois de meses de dedicação, Alana descreve que foi ao Rio de Janeiro e, em uma prova de campeonato brasileiro, não apenas venceu, mas superou o recorde nacional, seu grande objetivo para a conquista do tão sonhado patrocínio. A partir daquele momento, conforme narrou, o que viveu foi uma sequência desanimadora de desculpas, protelações que nunca lhe retribuíram o acordado. Alana, em meio a toda emoção que tal episódio reveste, salienta que uma de suas maiores tristezas é que o acertado envolvia também uma remuneração ao treinador, o que seria uma enorme

alegria e forma de retribuir tudo o que Fernando havia feito por ela, por todos os anos de treinamentos.

Essa situação com a Kibon foi a primeira grande decepção de Alana, mas em seguida, disse ela, outro golpe definitivamente a afastaria dos treinamentos de alto rendimento. Com marcas tão expressivas e às vésperas dos Jogos Olímpicos de Seul, em 1988, Alana está entre as nadadoras que, uma vez atingido o índice olímpico estipulado pela confederação brasileira, teria vaga garantida na delegação que representaria o país na Coreia do Sul.

Nesse momento, Alana traz componentes políticos ao depoimento, colocando que, mesmo atingindo os índices, a confederação não a confirmava como atleta integrante da seleção brasileira. Reviam as marcas, colocavam algum problema na piscina em que havia nadado, diziam que talvez não dispusessem dos recursos necessários, fato é que, segundo ela avaliou, sempre a “sabotavam”. No entendimento que ela expressou, o problema é que havia uma pressão para que ela nadasse pelo Minas Tênis Clube. Isso porque, os grandes investimentos estavam concentrados nesta instituição e Alana diz que quem não nadasse ali, naquela época não tinha chance. Mas, ela comenta que sua extrema fidelidade ao pai não permitia essa situação. Ela tinha conquistado e atingido os índices, treinando em Novo Hamburgo, sob a orientação de Fernando, tornando inadmissível, na sua concepção, nadar sem ter o seu pai ao lado como técnico responsável. Simplesmente não há essa possibilidade. Sua fala é a seguinte:” Eu não conseguiria me imaginar nadando escutando um grito de outra pessoa que não fosse do meu pai”.

Depois de muitas tentativas, mesmo atingindo todas as marcas que eram impostas, Alana desiste ao constatar que não poderia representar Novo Hamburgo, e nem mesmo viajar com o seu pai. Me surpreendi com sua resposta colocando a atitude de desistência. Sabia que Alana tinha sido atleta de destaque, mas daí a atingir índices olímpicos, há uma distância. Pergunto a ela como foi o papel de Fernando, em meio a toda essa situação. Imagino que seria um orgulho indescritível proporcionar à própria filha uma participação em Jogos Olímpicos.

A sua resposta contém um pouco de decepção em relação a ‘não atitude’ de seu pai, mas também com o pensamento permeado pelas lições que os cursos de *coaching* lhe proporcionaram.

Acho que já usei esse termo contigo em outra resposta né: Sabonetão!
Entendo que o contexto político era bem complicado na época, e que tem

muito dinheiro por trás de todas essas decisões que envolvem as olimpíadas, mas acho que ele deveria ter brigado mais. Não poderia ter aceitado tão passivamente [...]. E aqui, eu me incluo nessa crítica. A gente não pode sempre querer botar a culpa nos outros. Eu também deveria ter feito mais barulho, sabe Felipe. Poderia ter ido a jornais, pedido ajuda de gente influente aqui de NH, mas acabei aceitando também.

Mais uma vez passamos por um momento da entrevista onde os nervos estavam 'à flor da pele'. Todo o contexto de conquistar a vaga numa olimpíada e não poder desfrutar da competição por questões políticas, desequilibraram e ainda incomodam Alana, trazendo alguns palavrões, gestos incisivos e até mesmo uma ruborizada na pele de Alana que é loira, bem clara. Outro ponto importante de análise, é que, em situações como estas, onde a emoção potencializa o discurso, não há a menção ao Fernando, e sim ao 'pai'.

O relógio a essas alturas, foi desrespeitado. Passamos do período de uma hora protocolar, mas entendo que não posso deixar de questioná-la a respeito desse 'fim de carreira'.

Dizem que o atleta morre duas vezes. Quando para de competir e quando morre naturalmente. Como foi esse período pra ti? Duas decepções intensas em um curto espaço de tempo trouxeram que tipo de consequências? Tu paraste da noite para o dia? Como se deu esse processo?

Alana responde de forma muito assertiva que isso não representou grandes problemas para ela. Ela já vinha cansada de tantos anos de rotina e exigências. Salientou que foi mais difícil para Fernando, que supostamente entendia que ainda teria alguns anos de treino ao lado de sua filha-atleta. Pergunto, me desculpando pelo passar da hora, se isso foi uma manifestação clara dele, ou uma dedução/interpretação de Alana.

Ah, não! Interpretação minha. Ele jamais admitiria. O Fernando não demonstra esse tipo de sentimento. Depois de muito me preparar, tentando achar a melhor forma de falar pra ele que eu não queria mais nadar, criei coragem e falei, num sábado à tarde em casa. Me lembro que eu tremia que nem vara verde. Não sabia o que esperar dele. Ele mal me olhou e disse que tudo bem. Nunca mais tocou no assunto! Assim é o Fernando. Se corrói de raiva por dentro, mas não dá o braço a torcer. Tenho certeza que ele não esperava por aquela decisão, não naquele momento.

Gestão

Aos 4 anos de idade de Alana, a Escola de Natação Golfinho começa a ser construída por seus pais, graças ao financiamento liberado pela hipoteca da casa de

Vitor, seu avô materno. Começo a descrição dos elementos produzidos nessa entrevista para pontuar que a interlocutora, hoje gestora da escola, literalmente viu a escola ser construída e cresceu vendo todo o esforço de Fernando (seu pai), para prosperá-la. Alana, no momento da entrevista, é responsável por uma escola de natação, da qual já foi atleta, recordista brasileira, recepcionista, ajudou na limpeza, fez serviços bancários, enfim, já atuou em todas as posições e funções que fazem sentido no empreendimento. Com essa trajetória, conhece a estrutura física, a metodologia, os clientes e a equipe. Ela, nas narrativas, soma a toda essa trajetória, a seriedade e o respeito com que trata sua equipe e os problemas da escola, o que lhe faz gozar de alta credibilidade.

No momento em que Alana se decepciona com o esporte competitivo, se distancia deste e começa a vislumbrar a Educação Física como sua formação profissional, as horas passadas na escola, dentro d'água nadando, passam a ser disponibilizadas para as mais variadas solicitações de Fernando. No total, foram 24 anos como professora. Ela se orgulha em narrar que promoveu saúde nas mais variadas formas e para as mais diferentes idades. Desde o primeiro contato entre bebês e seus pais em meio aquático, até o cuidado e melhoria de movimentações articulares para 'atletas' com mais de 90 anos. Sua paixão e engajamento pela escola e por fazer a sua gestão inundam sua fala.

Fernando até bem pouco tempo esteve à frente do empreendimento. Faz o gênero "old school", declarou Alana. Isso porque, como já mencionado acima, ele tem resistência aos recursos informatizados, desde a máquina de cartão de crédito e débito até os sistemas de gerenciamento. Alana ainda descreveu que ele passou por duas situações nas quais foi enganado por funcionários que "exploraram seu bom coração e ingenuidade" para fiscalizar algumas questões administrativas. Isso, entre outros fatores, explicou Alana, a fizeram intervir no sentido também de colocar um basta a esse tipo de situação.

Essa situação e atitude ocorreram em janeiro de 2019, mas Alana adianta que não é para "colocar flores e confetes" na sua iniciativa. Fez isso por questões jurídico-tributárias, e não por amor à escola, segundo ela. Ela aprofundou o caso, narrando que, no final de 2018, um dos professores da escola, que foi atleta de Fernando por muitos anos, conquistando sua confiança e com ele mantendo ótimo relacionamento, começou a efetuar desvios de mensalidades e cometendo alguns outros atos ilícitos. Ao detectar isso, Alana entra em contato com o profissional responsável pela

contabilidade da escola antes de tomar qualquer atitude, para ter certeza de sua constatação, mas também para que, quando levasse o ocorrido à Fernando, não houvesse nenhuma dúvida. Ela disse que fez isso porque sabia que Fernando não acreditaria, pela relação de confiança construída por tantos anos.

A questão é que a escola possuía um contrato social onde os dois sócios proprietários eram ela e sua irmã Bruna. Por isso, ela afirma que interveio. Não queria que, no final das contas, ela e a irmã pagassem essa conta. Ela declarou que esse foi seu grande fator motivador para assumir o protagonismo da gestão. Bruna, depois de alguns desentendimentos com o pai, mas sobretudo por ter casado com um norteamericano, mora nos Estados Unidos, onde administra seu estúdio de pilates.

Alana disse que entendeu que, no final das contas, todo o problema jurídico, que poderia até mesmo virar policial, cairia sobre ela. Ela atribuiu essa atitude de ficar atenta e seu conhecimento jurídico para enfrentar a situação às duas especializações em gestão que cursou. Além disso, a atenção às relações humanas que apareceu na gestão dos demais interlocutores, como essencial em seus negócios também recebe especial cuidado de sua parte. Segundo ela, após convencer Fernando dos problemas, chama para si a responsabilidade da escola, tornando o papel do pai que já era bem menos protagonista em relação a anos anteriores, ainda mais coadjuvante.

Importante salientar, mais uma vez, que, conforme os dados produzidos nas entrevistas, Alana já atuava na gestão muito antes disso. Por se tratar de uma empresa familiar, com algumas relações difíceis, como já exposto em matrizes anteriores, e com a perspectiva patriarcal de Fernando, que em alguns momentos coloca com todas as letras que por ser mulher, Alana não teria capacidade para gerenciar, essa transição teve que ser feita de maneira a não ofendê-lo, e com o cuidado de mostrar sempre que, apesar de a gestão não estar sob seu comando, a Escola Golfinho continua sendo e sempre será sua.

Apresentada a transição da gestão de pai para filha, entramos, a partir de agora, nas escolhas de Alana como gestora propriamente dita. Ela narrou que assumiu a gestão com 'o financeiro' arrasado pelos desvios do então professor, mas soube fazê-lo se retirar com muito cuidado, pagando uma rescisão muito abaixo do que poderia ter sido. Fernando faz o gênero 'sovino', mas na opinião de Alana, em muitas oportunidades, a compra de materiais de qualidade questionável ou apenas a promoção de reparos quando algo maior seria o ideal, não é uma economia e sim "jogar dinheiro fora", já que, em seguida, novos gastos terão que ser realizados. Essa,

segundo ela, é a sua grande marca da chegada na gestão da escola. Fez questão de contar que, tanto os professores, quanto os alunos recebem a mensagem - através de suas atitudes - que a fase do 'tapa-buraco' acabou. Declarou para todos que, a partir de agora, serão feitos investimentos em estrutura que demandarão maior investimento financeiro, que além de mais duradouros, acabarão com problemas recorrentes da escola.

Solicito alguns exemplos e Alana descreve a troca de um encanamento que com frequência transbordava, permitindo a entrada de ratos na sala das máquinas. Ela explicou que foi um investimento alto, que deu muito trabalho pela forte e antiga estrutura da escola, mas que hoje faz com que não tenha a menor preocupação com dias de chuva forte. Cita ainda uma escada construída em 1982, com cerca de 5m de altura e que era motivo de reclamações de todos da equipe quando precisavam acessá-la, pelo perigo de sua estrutura fragilizada. Investiu e, agora, sua escada não apenas é segura, mas também possui as certificações necessárias do corpo de bombeiros.

Na perspectiva declaradas pela gestora, atitudes como essas trazem implícita a mensagem de que, a partir desse momento, não há mais margem para remendos. Ela menciona que enfatiza para os professores a ideia de que terão que acompanhar toda essa mudança de atitude, num sentido de que a equipe era muito boa, mas poderia melhorar. E melhorou, afirma Alana. Ela relaciona isso com a matriz formação, citando seus dois MBAs relacionados à gestão e um curso de *coaching* – “no tempo que o *coaching* era sério” - ressalta em tom irônico.

Essa é uma outra área de trabalho da interlocutora. Atuava quando assumiu a gestão da escola e ainda atua *como* coach, outra paixão, afirma ela. Se refere com grande entusiasmo e orgulho aos seus sucessos com dezenas de pessoas que ajudou a evoluir em quesitos pessoais e profissionais, sobretudo com um grupo de pessoas que trabalha na Caixa Econômica Federal. Essa visão de *coaching*, segundo Alana, muito ligada à gestão de pessoas, foi fundamental para ela assumir o controle da equipe da escola valorizando as qualidades e apontando pontos a melhorar de cada um de seus integrantes, fazendo isso sem parecer algo impositivo ou agressivo.

Faço uma intervenção na fala de Alana e pergunto:

Tu tens tido muito cuidado ao falar desse momento de transição, sobretudo pelo respeito que tu tens pelo teu pai e por todo o trabalho que ele desenvolveu durante todos esses anos. Consegue me apontar um exemplo

positivo e um negativo que tu ‘herdaste’ do Fernando e que se mantém na tua administração?

“Claro!” Alana começa a resposta com muita empolgação. O ponto que gostaria de melhorar é que, assim como o Fernando, delega tudo o que pode. Pergunto, surpreso, se ela vê isso realmente como algo a evoluir, já que normalmente a capacidade de delegar é tida como uma virtude dos gestores. A resposta vem com um sorriso afirmando que sim, seguida da explicação de que normalmente as pessoas não entendem essa colocação, mas o que ela quer dizer é que quando tu delegas demais, comesas a ficar menos tempo na escola. E esse tempo menor, implica em ouvir menos os alunos, os professores e a equipe.

Acho que isso é fundamental para uma boa gestão, e me cobro muito em relação a isso. Tem muita gente hoje que frequenta a escola, e que nem sabe quem eu sou. Isso não é legal. Mas não tenho conseguido ficar mais tempo lá. Delego tudo para o Juliano, meu afilhado e gerente. Era bem isso que o Fernando fazia, e eu o criticava. Pois estou fazendo igual.

Alana, portanto, percebe esse como o seu ponto a evoluir, pois tem como objetivo ser mais presente na escola. Pergunto então sobre o ponto positivo. “O que tu entendes que repetes da gestão do teu pai e que é algo bom, positivo?”

A credibilidade, a seriedade. O Fernando nunca, em todos esses anos de escola, atrasou um dia o salário deles. Isso demonstra respeito pelo profissional que está trabalhando para ti. E eu valorizo muito essa visão do meu pai. Muitas e muitas vezes sei que ele entrou no negativo, pegou emprestado aqui e ali, mas nunca deixou suas dificuldades financeiras atingirem a equipe. Ele blindava. E eu faço exatamente a mesma coisa. Neste momento estou R\$ 40mil negativa, porque ainda estamos vivendo os efeitos da pandemia, e vai ver se tem alguém que está com o seu salário atrasado. Jamais!

A admiração por Fernando, em poucos segundos vira decepção e, em seguida, há uma referência positiva, depois uma negativa. A relação que oscila na fala, indica que Fernando, embora menos protagonista, está bastante presente como referência na gestão. Mas, Alana faz questão de apontar que quer deixar a sua marca. Sobre isso questiono: “E para além das questões estruturais, dos investimentos por melhor escadas, esgotos, que tu já trouxeste, qual tu entendes que é a grande marca da tua gestão?”

Acredito que tive a coragem de ‘esquentar’ tudo. O Fernando tinha mais ou menos 30% regularizado com os professores. O resto era tudo por fora. Aí quando acontece esse tipo de coisa como foi com esse professor que roubou, a gente sente o tamanho do estrago. Agora não tem mais isso. Pago um absurdo de impostos, mas fico bem tranquila quanto a qualquer tipo de

fiscalização ou possível ação trabalhista. Está tudo muito bem discriminado para o contador e para a receita federal.

A interlocutora afirma que Fernando mantém-se atento, observando que todo o esforço dela tem trazido ótimos resultados. Vinha fazendo uma boa gestão, e os números mostravam isso antes da pandemia. Contou-me que 6 meses após sua chegada, ou seja, junho de 2019, já estavam com uma boa reserva monetária, mesmo tendo feito todos esses investimentos iniciais e assumido logo após desvios de dinheiro. Concluíram o ano com uma reserva de R\$50 mil.

Alana narrou, que mesmo com todas as dificuldades, muito em breve a escola passará dos 500 alunos, que é a meta estabelecida para que possa honrar seus compromissos e obter uma boa margem de lucro. Essa visão positiva contrasta com uma resposta anterior, quando Alana mencionou estar com um saldo de R\$ 40 mil negativo no banco, transparecendo um esforço de construir uma representação, para o pesquisador, a respeito de uma trajetória de sucesso ou, pelo menos, que valoriza os sucessos e as competências para tanto. Me recordo, neste momento da entrevista, do interlocutor Diego, que sempre abordou os assuntos com naturalidade, mas se incomodou ou pelo menos pensou duas vezes antes de abordar números de sua gestão que poderiam revelar alguma fraqueza ou insucesso. Notei um esforço nesse sentido na narrativa de Alana.

Mudando de assunto (mas me recordando da questão da busca de *status*), faço um movimento de inserir a mãe de Alana nas questões e desafios da gestão da academia. Pergunto, se ela associa também atitudes da mãe na sua atuação enquanto gestora. Mais uma vez a primeira fala é no sentido de que sim, pelo fato de evitar os exemplos e coisas que já viu enquanto sua mãe era presente na escola. Diz isso porque relata que o trato de sua mãe com a equipe era terrível, extremamente grosseiro. Alana menciona que a mãe não tinha o menor jeito para falar com as pessoas, então, qualquer solicitação feita, acabava gerando uma ofensa, um sentimento pesado que acabava contaminando a todos. Por isso, mas, sobretudo pelos seus conhecimentos de *coaching* afirmou ela, procura lidar com as pessoas com muito respeito, fazendo o exercício da empatia e tentando entender qual a melhor forma de abordar a cada um dos integrantes da equipe.

Para entender um pouco mais de como faz sua gestão, pergunto a Alana sobre planejamento. Minhas perguntas seguem na direção de produzir informações sobre

se ela faz projeções de médio ou longo prazo, se trabalha com metas. Pergunto ainda se usa indicadores, quais são os que considera mais importantes e por que?

Ainda não consegui. Estou sempre apagando incêndios. É a bomba da piscina, é a escada, professor que falta, que chega atrasado, não dou conta. Depois do último roubo do professor que te falei, tive que refazer o cadastro de cada um dos alunos para realmente ter confiança nos números de pagamentos, dias de vencimentos das mensalidades, porque ele manipulava tudo. Eu tenho números que eu imagino que seriam bons, de número de alunos, de faturamento, mas tudo na minha cabeça. Não consegui parar ainda e organizar isso como deveria.

Respostas como essa e como a próxima, que estará especificamente ligada ao financeiro da escola, colocam em dúvida a postura da interlocutora em narrar que está tudo sob controle. A posição de estar sempre 'apagando incêndios' está alinhada com a constatação dos R\$ 40 mil negativos do que com a projeção de em seguida atingirem um número de alunos ideal. A segunda parte do excerto da entrevista transcrito acima, aponta a imagem de que está tudo certo, na cabeça. Se sua resposta encerrasse na questão da manipulação dos números pelo professor que estava enganando, ressaltaria a ideia de desorganização, mas opta - em seu modo de articular e narrar - em colocar que sabe bem os números que têm que ser atingidos. Apenas não os colocou em prática ainda. Lembrando que Alana está à frente da escola há 4 anos.

Quando pergunto de forma específica como é feita e como ela organiza toda a contabilidade da escola, me surpreendo com a resposta, tendo em vista suas formações em gestão e todo aquele contexto trazido anteriormente em que, com um ano de administração em 2019, tinha R\$ 50 mil de sobra em caixa. A resposta de Alana sobre 'o financeiro' destaca que está muito difícil de organizar, porque ainda não conseguiu separar as movimentações empresariais das suas.

A escola paga as minhas contas, então eu tenho uma ideia do meu *pró-labore*. Mas ainda está tudo junto, e sei que isso não é bom. O Fernando fez isso a vida toda e deu no que deu. Tu me perguntaste sobre metas antes, acho que essa é uma grande meta nesse momento. Sei que em seguida consigo. Está tudo na minha cabeça. Sei o que tenho que fazer, só preciso de um pouco mais de tempo.

Novamente Alana procura sustentar de que estará, logo em seguida, tudo sob controle, em que pese o reconhecimento da presença de dificuldades ou de carências. Aproveito esse enredo da conversa para propor – como fiz com os/as demais entrevistados/as, nos finais dos encontros - o exercício de se imaginarem administradores e não professores, tentando visualizar o que fariam diferente.

Entendendo, entretanto, que para Alana, por ela ter longa trajetória, mas, mais do que isso, ter cursado duas especializações em gestão, essa colocação não traria a mesma reflexão. Assim, o que proponho a ela, numa tentativa de provocá-la a pensar sobre decisões, foi o exercício de imaginar que o empreendimento estivesse com saúde financeira sustentável.

Vamos imaginar que hoje fizeste o teu controle financeiro e essa fase de restrições que tu entendes que acabará em seguida, na verdade acabou. Aliás, sobrou um bom volume para investir. Qual ou quais seriam os investimentos que tu farias?

Sua resposta vai ao encontro do que eu esperaria, tendo em vista aquilo que pude aprender com ela no decorrer das entrevistas, como um desejo de mostrar força, imponência, sucesso.

Pintaria toda a fachada, porque está muito feia. Tenho essa intenção e assim que puder, vou fazer isso. Deixar mais moderna, *clean*. Colocar aquelas letras-caixa, sabe? As pessoas não podem olhar de fora e ter uma impressão ruim. A gente tem que passar uma boa imagem.

Chama minha atenção que, entre as tantas possibilidades de resposta, aquela que vem rapidamente a sua cabeça remete a melhorar a imagem perante os que podem estar olhando e criticando.

Finalizo a matriz gestão de Alana, apontando entre tantas falas e colocações nas muitas horas de conversas, Alana expôs que atualmente está sem carro, mas que isso não é problema. Ela se desloca bem, argumenta que “sempre ‘dá um jeito’”. Os valores de algumas melhorias que foram passados demonstram claramente que ela empenha toda sua capacidade financeira na escola. Poderia talvez esperar um pouco mais para promover as modificações, o que lhe proporcionaria alguma sobra e, conseqüentemente, possibilidade de comprar um carro. No entanto, o que se vê é o esforço de uma filha-professora-gestora que, mesmo dizendo que não merece flores e confetes, porque não faz as coisas por amor a escola, e sim por uma questão de defesa de seu CPF, empenhando toda sua dedicação, tanto intelectual, quanto financeira na escola da família.

6 ANÁLISES DAS DISPOSIÇÕES CARAS À GESTÃO

O presente capítulo tem o propósito de apresentar uma análise e interpretações acerca dos retratos sociológicos descritos anteriormente. Para tanto, num primeiro momento descrevo as disposições emergentes dos retratos que guardam relações com a gestão das academias e, depois, procuro desenvolver aproximações e distanciamentos delas com os pontos de passagem da literatura da área.

6.1 Descrição das disposições caras à gestão

O primeiro movimento de análise, tendo em vista o que foi constituído na forma de retratos sociológicos, foi o de descrever o que observamos em termos de disposições caras à gestão, especificamente aquelas que compreendi que forjavam os/as professores/as gestores/as.

6.1.1 Disposições que forjam o professor-gestor Diego

Quando se trata olhar para princípios geradores de práticas, de ver, sentir e agir, no sentido de figurarem como propensão, tendência, inclinação de maneiras de ser (em especial ser gestor de academia), minhas análises a respeito das matrizes de socialização (família, esporte, formação e gestão) me levaram a identificar e compreender que, no caso de Diego, seu modo de ser gestor envolve de maneira muito persistente e potente 3 disposições que passamos apontar alguns contornos e exemplos.

Propensão para o trabalho em núcleo patriarcal

Uma primeira disposição persistente que apreendi no retrato sociológico de Diego, envolve a forte incorporação de uma ética de trabalho responsável, comprometida, intensa, capaz de frequentemente se sobrepor a outras questões, no sentido de fazê-lo interromper outras práticas do cotidiano para resolver, não para a busca de lucro exacerbado, mas para que as coisas aconteçam, dando conta de tudo. Isso não é vivido como um fardo, mas como algo que remete a orgulho, a

engrandecimento pessoal e social, o que se dá atravessado por relações de gênero, na medida em que o lugar do trabalhador Diego é fortemente tributário de uma família patriarcal que coloca o pai-homem como provedor, protetor, disciplinador, por vezes rígido, mas ao mesmo tempo acolhedor e carinhoso, àquele que as pessoas recorrem quando se deparam com situações de indeterminação.

Tal disposição, em termos de gênese, é forjada a partir do contexto familiar. Os relatos ligados ao seu pai vêm sempre carregados de admiração e aplausos, alguém que deve ser imitado pela referência e dedicação à família e ao trabalho, ao contrário das narrativas relacionadas à mãe, que, embora reconhecida pelo seu trabalho, não era valorizada no que diz respeito à organização familiar.

Para além da gênese, percebemos, na análise de sua matriz familiar, constante atualização dessa disposição. Mesmo em uma agenda repleta desde as primeiras horas da madrugada com alunos de *personal* e demandas administrativas de seus empreendimentos, Diego reproduz seu pai 'dando conta de tudo'. Entre encontros com o eletricista, com a equipe de manutenção dos aparelhos, leva e traz os filhos da escola, faz o almoço, a janta, lavando as respectivas louças, mantendo a casa limpa e organizada. A atualização dessa disposição é percebida por Diego — que possui anos de análise — gerando um conflito interno. Por um lado, ele reconhece essa tentativa de onipresença como desgastante, mas por outro, isso lhe oferta um sentimento de orgulho tanto pessoal, como perante sua família, de alguém que é capaz de superar e atender a todas as demandas. Associa-se aqui as questões de gênero, quando constrói uma imagem de 'pai poderoso', capaz de proporcionar o ambiente ideal para seus filhos.

Não mais na gênese, mas como uma atualização, essa disposição será observada também na análise da matriz de formação, quando Diego, diferentemente dos colegas do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR), não estabelece prioridades. A opção por diminuição de disciplinas da faculdade a fim de maior foco no curso militar, assimilada por alguns de seus pares, traz a ideia da preguiça, ou da incapacidade de absorver tudo ao mesmo tempo, impermeáveis nas decisões e atitudes de Diego. Assim, sua graduação é realizada no prazo proposto pela faculdade. Cursada sempre no turno da noite, durante seu primeiro ano, Diego procurou dedicar igual intensidade à graduação e ao serviço militar, que o absorvia o dia inteiro. Concluído o período de praça, o dia passa a ser completamente ocupado

por estágios e trabalhos em academias. Assim como na agenda de seu pai, na de Diego, não há espaço para o ócio.

Na matriz gestão, tal disposição protagoniza as ações de Diego. O posicionamento responsável – numa postura paterna – perante sua equipe é tratado em primeiro plano. Compromisso assumido é compromisso cumprido. Segundo seus relatos não existe meia verdade, ou adaptações, sobretudo se ferirem questões éticas. As coisas tem que acontecer, e para isso, não há medição de esforços. Absorve juro de cheque especial, pagamentos atrasados de alunos, mas jamais falha com ‘seus comandados’. No quinto dia útil, todos recebem por suas horas trabalhadas, exatamente conforme o acordado. Tudo é operado sem que seus profissionais percebam as possíveis dificuldades que o contexto econômico impõe. Além da ética, aparece na gestão também o papel de Diego ‘paizão’. Cobre faltas de seus professores para que possam aproveitar um feriado. Procura fazer doações aos que entende, pode ajudar, e sempre que possível atende às solicitações de trocas de turno ou adequações salariais.

Ainda na matriz gestão, também identificamos, assim como na matriz familiar, o conflito interno gerado a partir desse comportamento de que a tudo suporta. A posição de ser ‘a quem se recorre’ em situações de indeterminação, sem qualquer demonstração de limites, faz com que Diego seja solicitado em feriados, finais de semana, por questões profissionais. Tais chamamentos, referidos em seus relatos como algo bastante incômodo, demonstram uma relação próxima com seus alunos, que entendem poder chamá-lo a qualquer dia e horário. O confronto interno aparece quando Diego é questionado sobre como lidaria com um comportamento mais formal com seus alunos, estipulando por exemplo horários ideais para contatos profissionais. Sua resposta, repleta de suspiros que remetem a dúvidas. Entende que não saberia lidar com seus alunos de outra forma. Ao mesmo tempo que o incomoda, sabe que essa relação estreita também é motivo de orgulho, o fortalece.

Propensão para as relações de cuidado e ensino

A tendência de engajamento de Diego em relações de cuidado e ensino é igualmente persistente, nos fazendo crer que a perspectiva de ser e expressar-se como professor é significativa. Mas, os seus relatos são bastante mobilizados – no

sentido de uma mola propulsora – pelos contextos de cuidado e de ensino. Isso quer dizer que cuidar e ensinar envolvem, para o nosso interlocutor, estar atento às dinâmicas de empatia, intimidade, conteúdos, técnicas, procedimentos, contudo eles não ocorrem fora de relações e de contextos nos quais as pessoas estão juntas apesar, de muitas vezes, serem muito diferentes e até mesmo estigmatizadas ou discriminadas. Quando Diego olha para o/a professor/a ele não o faz sem considerar a escola; quando ele olha para o/a aluno/a absorve sua trajetória, contexto e classe social; quando ele olha para o/a cliente não deixa de se impregnar do que é a academia e o contexto de negócios. A própria experiência de empreender, de atender, reter, fidelizar, no caso de Diego, é persistentemente atrelada a essa disposição que articula relações de cuidado e ensino.

Entendemos que para esta análise, cabe a ideia de ‘repetição relativa’, que Lahire (2004) adverte contemplar a noção de disposição. A constatação de uma disposição passará pela recorrência, por uma série de práticas e acontecimentos, e que por essa ideia de repetição relativa será afetada pelas diferentes matrizes, simultaneamente ou não. Analisar disposições em diferentes contextos, é compreender de que forma estes ambientes e tudo o que os envolve, atuaram/atuam na sua gênese e em suas possíveis atualizações. Diferentemente da disposição anterior, onde entendemos haver protagonismo do convívio familiar em sua formação, aqui nos parece difícil apontar predominâncias. Percebemos o protagonismo sendo dividido entre a escola e a família, uma vez que as escolhas das instituições de ensino que Diego frequentaria, estavam atreladas a um cuidado peculiar de seus pais: o de se manterem próximos. Desde a pré-escola, pela localização geográfica, e depois durante todo o ensino fundamental, na docência de suas escolas, Diego visualiza que os critérios de definição utilizados por seus pais, contemplavam cuidados extracurriculares.

À medida que nosso interlocutor cresce, essa disposição é fomentada por vivências proporcionadas durante o ensino, mas que contemplam questões sociais e contextuais. Ainda na infância, entende a difícil situação de seus colegas que não desfrutavam do mesmo privilégio de ter acesso a três refeições diárias, e não apenas doava a sua parcela da merenda, como sempre que possível trazia de casa algo para os que entendia precisavam mais. O que tentamos apontar, é que, na análise dessa disposição, talvez por se manifestar de forma tão intensa e recorrente, observamos uma tendência de pensar e agir em constante desenvolvimento a respeito dos

contextos em que as coisas acontecem. Por exemplo, quando Diego era questionado sobre os conteúdos e aprendizagens ao longo dos espaços de formação, sua resposta sempre valorizava o contexto (a escola, o bairro, o universo esportivo, etc.).

Encontramos a incorporação dessa disposição especialmente na matriz formação, imbricada com a familiar, por seus pais serem docentes descritos como engajados nos dramas dos cotidianos escolares. Na matriz de formação, podemos constatar, para além do exemplo da merenda já trazido, Diego ofertando seu apoio em aulas no turno inverso ao da escola para os colegas que apresentavam dificuldade, sobretudo nas disciplinas de ciências humanas. Seus relatos sublinham que tão relevante quanto absorver o conhecimento passado, sempre foi o cuidado com seus colegas.

Essa propensão para o zelo das pessoas em face dos contextos está bastante presente nos relatos e, pelo que notamos, se atualiza nas práticas de trabalho na academia. O zelo para com seus alunos, extrapola a questão física. De forma muito espontânea se aproxima dos clientes, absorvendo elementos emocionais, sociais, profissionais. Para prescrever determinada série de exercícios ou ensinar algum movimento, relata preocupações a respeito do que seu aluno comeu, se vem de uma noite bem dormida ou de um dia pesado de trabalho, e até mesmo se está ali na academia por prazer ou não.

Nesse sentido, as suas atuações de professor e gestor são inextricáveis. O 'Diego-professor-gestor' se valerá dessas disposições para conhecer seus clientes, desenvolver relações mais íntimas, para trabalhar sua retenção. Não é incomum o gestor de uma academia de pequeno e médio porte, variar os dias de cobrança, a forma de pagamento e o desconto oferecido. O que torna essas flexibilizações peculiares em Diego, é que são impulsionadas por um sentimento de compreensão, de querer ajudar o seu cliente/aluno que está fazendo uma solicitação por alguma dificuldade. Não por acaso, Diego expõe, em seu relato, que luta contra esse excesso de informalidades e permissões. De uma maneira paradoxal, por vezes contraditória, menciona a intimidade como algo que o incomoda, como algo que gostaria de superar. Especialmente na matriz gestão vivencia um conflito interno, que se expressa intensamente como professor, cuidadoso e preocupado com as limitações de cada um de seus clientes, um grande protagonista.

Propensão para mediação de distintas realidades

Por último, mas não menos relevante em relação às outras, apreendemos do retrato sociológico de Diego uma forte propensão – nas práticas de ser gestor – para buscar novas experiências, emoções, incorporar novos conhecimentos, não sentir vergonha de participar de algo por carências ou desconhecimentos iniciais, com a certeza de que aprendizagens ocorreriam. As novidades não parecem lhe assustar, pelo contrário, são elementos de cooptação, de imanência, de curiosidade, o que faz de Diego, um mediador de diferentes realidades ao colocar-se na relação com outras pessoas, aliando, nos seus empreendimentos pessoas com trajetórias, histórias e interesses muito diversos, fazendo-os conviver. Diego aprendeu a transitar em diversas realidades (familiares, esportivas, de formação e de gestão) e, com isso, persiste nos seus modos de ver, ser e sentir, a possibilidade de mediações.

Uma questão que atravessa a trajetória de vida de Diego a respeito das distintas matrizes de socialização investigadas, é a pluralidade de lugares e universos simbólicos vivenciados. Nas narrativas sobre a matriz formação, Diego descreve várias escolhas, cada uma com suas peculiaridades; quando tratou da matriz esporte, foram várias modalidades, cada uma delas constituída por distintos universos simbólicos; ao tratar da matriz da gestão, novamente uma diversidade de organizações nas quais vivenciou a experiência de empreender foi trazida.

Em que pese essa diversidade de contextos numa mesma matriz, se destaca o esporte. As práticas corporais escolhidas pelo interlocutor visavam sempre o convívio, o desejo de formar novas amizades. A natação, o skate e o futebol são exemplos de modalidades escolhidas e que costumam absorver praticantes de diferentes origens sociais. Mas as diferenças que atraíam Diego eram as das novas experiências, desafiadoras e que proporcionariam novos amigos. O momento em que escolhe treinar junto com os goleiros do futebol, para ocupar os dias vagos, nos parece ilustrar bem o fato de não haver em suas escolhas, a preocupação em passar vergonha por desconhecimentos iniciais, falta de vivências. Tecnicamente não haveria nenhum ganho para um garoto que visava jogar ‘na linha’, no entanto Diego se aproxima dos goleiros, e se dispõe a passar a tarde pulando, se jogando no barro, realizando defesas, por entender que de alguma forma aquele momento acrescentaria.

Na adolescência, durante a semana estuda com colegas que talvez nem mesmo conheçam o litoral, que disputam sua merenda e aceitam com muita alegria roupas doadas por Diego. Já nos finais de semana, por possuir casa na praia, Diego surfava ao lado de amigos que estudavam nos melhores e mais caros colégios de Porto Alegre. Em distintas realidades, um só Diego. Sempre procurando estabelecer relações, se aproximar e fortalecer suas amizades, independente do contexto social em que estava inserido.

Ao analisamos o relato do Diego gestor, à frente de seus empreendimentos, tal disposição é presente quando negocia de forma franca e transparente, com clientes/alunos das mais variadas condições financeiras. E, para além dessas negociações, Diego ministra uma mesma sessão de treinos, para estas mesmas pessoas, de posições sociais distintas, num ambiente único, agradável, onde tais condições são ofuscadas. Naquele momento, a disposição de Diego de mediar e de transitar por diferentes realidades, proporciona a todos, um ambiente agradável e de grande entrosamento.

6.1.2 Disposições que forjam o professor-gestor Felipe

Felipe representa, na presente pesquisa, o interlocutor com menos tempo de trajetória na gestão de empreendimentos. Ele se mostrou bastante reservado, fazendo com que garimpar elementos de suas entrevistas representasse um esforço específico, assim como o dos demais, cada um dentro de suas singularidades. A fim de fazer emergir, através do retrato sociológico descrito no capítulo anterior, disposições constituídas e acionados por este interlocutor em momentos de sua gestão, que o deixarão mais propenso a determinadas atitudes/decisões, foram listadas e exploradas 4 propensões.

Propensão a desenvolver e manter ‘portos seguros’

Sua mãe vem para Porto Alegre no ímpeto de proporcionar o melhor para o pai (avô de Felipe), que luta contra um câncer, mas, para tanto, ‘abre mão’ de seu emprego e todas as referências profissionais. Porto Alegre, naquele momento, ofereceria recursos mais sofisticados para o tratamento. Em Campo Grande, ela

gozava de estabilidade por ser funcionária pública da prefeitura. E em Porto Alegre, como seria? Antes disso, Felipe já havia percebido que, sem o marido, sua mãe precisaria de uma compreensão do filho dos desafios que o contexto impunha.

Felipe visualiza que sua mãe não estava preparada para a separação, e muito menos para o enfrentamento de uma doença grave de seu pai. Entendo que começa a ser incorporada, a partir de situações como as descritas, uma propensão ao que estou chamando de não apenas desenvolver ‘portos seguros’, mas só trocá-los com representativa segurança de para onde e por que está sendo realizado aquele movimento. Quais os prós e os contras? Felipe, diferente de outros empreendedores analisados, não alça voos muito altos, pelo contrário, faz questão de manter seus pés bem fixos e seguros. Entendeu, de forma precoce, que rapidamente as coisas podem mudar, e em caso de mudança, há de se ter um ‘plano B’.

Dos 4 interlocutores, ele é o único que não apresentou uma data fixa de inauguração de seu empreendimento. Sua atuação em seu estúdio se deu de forma gradual. À medida em que conquistava mais alunos, foi entendendo ser possível deixar a escola em que trabalhava. E, mesmo assim, não a deixou completamente, uma vez que manteve um bom número de alunos que realizava prescrição de treinamento de triathlon. Uma propensão recorrente e forte em Felipe.

Ainda antes da aquisição do seu espaço de trabalho, lembro a passagem dele pela prefeitura de Saquarema, quando, acionando essa disposição para a segurança, entendendo que em função de movimentos políticos, seu contrato poderia não ser prorrogado, já produziu movimentos de aproximação com escolas/amigos conhecidos em Porto Alegre, para que, numa possível volta, não ficasse sem trabalho. Suas movimentações, ainda como estagiário, buscando valorização de sua hora de trabalho, também nunca se deram de forma brusca. Para que deixasse aquele que estava insatisfeito, primeiro se cercava de todas as formalidades que lhe proporcionariam segurança, para então produzir a troca.

Um movimento peculiar na trajetória de Felipe como gestor foi o episódio da troca de salas. É claro que todo o contexto geraria insegurança a qualquer um, mas entendo que, especialmente no caso dele, que precisa planejar, se sentir seguro de suas ações, o impacto se intensifica. Destaco aqui algumas narrativas de Felipe referente ao momento: “Ali sim ficou ruim para mim. Achei que não conseguiria”. Ele procura elementos de segurança. Ouvir essa fala de alguém com uma propensão para a segurança denotou instabilidade. Destaco, ainda, a expressão “desesperadamente”,

referindo-se a busca de um novo espaço. Esse tipo de expressão que remete a desorganização não costuma compor suas falas. Contudo, se reorganizou, e demonstrou capacidade de, mesmo em situações de instabilidade maior, encontrar soluções.

Propensão para a segurança financeira

As propensões funcionam dentro de um contexto, que se retroalimenta também pela influência de outras tendências. Não há, como já foi dito, de se pensar em estruturas ou acionamentos isolados. Além da diversidade de contextos, quando focamos nossos esforços na identificação de disposições, convém lembrar que, para que seja considerada conceitualmente uma disposição, o pesquisador terá de defrontá-la por repetidas vezes, caracterizando constantes atualizações. A rotina de um gestor, invariavelmente, estará atrelada a sua capacidade financeira e ao modo como gerencia seus recursos. Diariamente tomará decisões que envolvem este aspecto. A propensão identificada em Juliano, de caráter multir-referencial, se manifesta por comportamentos de muito zelo, segurança. Nenhum investimento é feito sem uma análise prévia muito rigorosa.

Quando perguntado sobre o seu casamento, a única ponderação feita, após uma série de referências positivas, é a que a esposa, em muitos momentos, efetua gastos que além de serem altos, no entendimento de Felipe não são relevantes. Ainda na família, dentre os inúmeros elogios feitos a sua mãe, está o de como lida com essas questões. Mesmo tendo o orçamento sempre justo, conseguiu e ainda consegue auxiliar Felipe sempre que precisa. Para finalizar o apontamento de algumas conexões entre essa propensão e a matriz familiar, há de se valorizar também a detecção de uma influência que me pareceu ter boa contribuição de seu pai, tão pouco referido durante os encontros. Os equipamentos de seu estúdio atual, e o do primeiro têm em comum o fato de serem 100% comprados 'de segunda mão'. Felipe se diz fã do site OLX, onde é possível a compra de itens usados. Ali, Felipe encontrou boa parte de sua aparelhagem e ainda hoje, se vale dessa ferramenta. Relembro a passagem onde o interlocutor conta que o pai, vislumbrando uma oportunidade de trabalhar com gelo, foi até uma outra cidade comprar um carro usado que valeria muito a pena para o empreendimento.

Quando olhamos para a vida escolar de Felipe, vemos uma trajetória praticamente toda realizada em bancos públicos, onde não há, diretamente, a cobrança de mensalidades. Mesmo sem esse custo, Felipe trabalha desde o final do ensino fundamental, para contribuir com o orçamento familiar. Contexto e situação que não apenas reforça ao jovem a necessidade de sua parcela de contribuição, mas também produz ensinamentos de todo um contexto capitalista, quando como, por exemplo, Felipe retrata sua luta por uma vaga em uma empresa que assine sua carteira de maneira formal e correta. Sempre salientando que estamos falando de um pré-adolescente. Experiências, que produzirão inclusive empatia em Felipe, quando relata que prefere não contratar nenhum professor pois não poderia fazê-lo da forma juridicamente correta.

O exemplo de toda a aparelhagem comprada usada e conseqüentemente por um custo menor, é apenas um dos que se referem com maior especificidade à relação entre sua gestão e sua propensão a uma segurança financeira em suas ações. Felipe, aos 37 anos, fala no seu desejo de aposentar-se o quanto antes. Sua vida regrada financeiramente, faz com que busque cursos, conversas com investidores, e mesmo não dispondo de grande montante, faça aplicações visando esta meta. Não há a intenção de se analisar os números, mas sim a representatividade que trazem. Felipe trabalha com uma meta de R\$ 500,00 diários e não trabalha terças e quintas para poder descansar, se recuperar e ser pai. Situações que denotam o quão relevante é sua propensão para essa segurança financeira em todas as ações de seu dia, e antes mesmo, em todo seu planejamento, suas prospecções.

Propensão a ser movido por desafios e resiliência

Em que pese a propensão para a segurança, para o cultivo de 'portos seguros' e 'segurança financeira', não é possível entender Felipe como alguém que fique no mesmo lugar, pois ao que parece, ele se organiza, nas suas decisões, por novos desafios e comportamentos resilientes. Esta propensão foi identificada ainda na entrevista da matriz familiar, quando o interlocutor produziu uma narrativa muito detalhada da sua primeira experiência em um grande evento de corrida, pouco depois de se mudar, com sua mãe, para a capital gaúcha. Em seu relato, fica claro o quão difícil foi para ele terminar aquela corrida. Quando contextualizamos que toda essa dificuldade foi vivenciada por uma criança/pré-adolescente de apenas 13 anos de

idade, nascida e criada em uma cidade bem menor, e que estava ali, correndo em meio a uma multidão, talvez o mais esperado fosse a ideia de desistência, de não querer mais passar por aquele tipo de experiência. Felipe, no entanto, apegou-se ao momento da chegada, descrito com uma emoção bastante positiva e transformou toda a dificuldade imposta pelo percurso, em motivação para treinar, voltar e fazer melhor.

Foi possível encontrar outros exemplos em seus relatos que remetem a essa disposição resiliente de, ao sentir-se desafiado, transformar o que para muitos seria uma dificuldade, e, portanto, algo a ser evitado, em motivação para evoluir/avançar a ponto de superá-la. Como atleta, trouxe que, muitas vezes, sua estratégia durante uma competição era estabelecer referências a serem alcançadas. Outros atletas que corriam, ou nadavam melhor, e que aos poucos, acabavam ficando cada vez mais ao alcance de Felipe. Compreendi que Felipe não nutria uma percepção de inferioridade, da aceitação passiva de que determinados concorrentes eram melhores. Estes passavam a se constituir referências quanto às formas de fazer e como metas a serem alcançadas.

O próprio movimento migratório dele e de sua família foi trazido por Felipe como uma oportunidade, representada pela necessidade de resistir. Todo o *bullying* sofrido na escola, as dificuldades como as de todos os sofrimentos vividos pelo avô e, conseqüentemente, pela sua mãe, são colocados em 'segundo plano', quando Felipe agradece muito a sua vinda para Porto Alegre. No entendimento explicitado no decorrer das entrevistas, o interlocutor desenvolve a compreensão de que, se tivesse ficado em Campo Grande, provavelmente não teria nem mesmo tido acesso a uma universidade. Os contextos de socialização família, esporte e escola, ao que parece, contribuíram na incorporação e atualização dessa propensão que o fez e ainda o faz olhar para os desafios e encará-los de forma resiliente.

É importante salientar, dentro dessa tendência (pré-disposição), que Felipe opera desenvolvendo e analisando indicadores em meio a essa evolução. Nas corridas, por tempos que iam melhorando a cada evento. Em suas conquistas materiais, a aquisição de seu apartamento. Profissionalmente, observando o crescimento do seu número de alunos. Independente do desafio proposto, esses indicadores o fortalecem e o motivam a continuar até o alcance da meta.

Propensão para entender a relação com os alunos como o empreendimento

No capítulo subsequente, procurarei expor uma análise específica produzindo comparações, análises de possíveis convergências e/ou divergências encontradas, sobretudo nas práticas gestoras dos entrevistados. Saliento, no entanto, que a quarta propensão identificada no retrato de Felipe guarda estreita relação com uma das apontadas no retrato de Diego, onde este produz e se alimenta de uma relação muito próxima com seus alunos.

A prática de ambas as gestões é protagonizada pela estreita relação com seus alunos, pela forma como produzem e lutam para manter-se próximos destes. Ilustro essa constatação com pequeno trecho de uma fala:

Eu procuro trazer os alunos para mim. O que eu quero dizer com isso é que eu produzo uma relação muito próxima com os alunos então eles entendem que eu sou proprietário de um estúdio pequeno e que eu faço tudo[...]. Claro que em alguns momentos tem uns apertos, mas como eu disse como eu tenho os alunos muito próximos comigo a imensa maioria compreende bem...”

As distinções são verificadas nas gêneses, e nos processos que desencadeiam as atualizações. No caso de Felipe, entendo que a propensão em pauta, é fomentada por outra disposição: a de desenvolver e manter portos seguros. Oscilações são recorrentes e de certa forma, porque não dizer, esperadas em uma sala de pequeno porte, inserida em um contexto que apresenta, entre tantos desafios, o da sazonalidade ligada diretamente ao clima da cidade de Porto Alegre. Para Felipe, no entanto, estes momentos podem e devem ser evitados. Variações em seu número de clientes, acionarão esta disposição forjada e atualizada por diferentes matrizes durante sua biografia. Não quer repetir exposições como as que viu sua mãe sofrer durante a separação conjugal, ou durante o período de apoio ao seu avô, em que a viu abrir mão de toda a sua construção profissional.

Desenvolve, portanto, a partir dessa propensão, uma espécie de ‘círculo virtuoso’. À medida que se mantém próximo de seus alunos, percebe que estes, também se sentem mais seguros, não apenas permanecendo como seus clientes, mas produzindo aproximações de familiares e amigos. Intrínseca às propensões anteriores, este mecanismo de proximidade com seus clientes, lhe oferecerá:

- desenvolvimento e manutenção de porto seguro: uma vez que um bom número de alunos é importante indicador para uma academia;

- segurança financeira: a retenção e possível aumento de número de alunos passam a tranquilidade de que seus compromissos serão honrados sem qualquer surpresa,
- desafio e a resiliência: essa proximidade exige de Felipe muito mais que o compromisso de estar presente nos dias e horários marcados. Representam um desafio constante de entender, a cada dia, de que forma terá que abordar, motivar seus alunos, para que essa fidelização/satisfação se concretize.

6.1.3 Disposições que forjam a professora-gestora Gabriela

Gabriela representa, na presente pesquisa, a professora de Educação Física com menos tempo no lugar de gestora. São apenas 9 meses de experiência. A escolha dessa interlocutora cumpriu um interesse do estudo em investigar pessoas com trajetórias diferentes. Nesse sentido, a entrevistada em análise confirmou as expectativas da investigação, contribuindo com suas especificidades, assim como os demais colaboradores. Da mesma forma que apresentei em relação ao Diego e ao Felipe, passo a tratar das propensões que, pela experiência de construção do retrato sociológico de Gabriela, são bastante importantes em que pese a sua atuação na gestão.

Propensão de organização e aprendizagem institucional

O casal Mercedes e Jorge, pais de Gabriela, sempre estiveram muito engajados em seus trabalhos, acordavam muito cedo, dividiam as tarefas na preparação das crianças, os deixavam na escola e seguiam para seus respectivos empregos. Assim Gabriela se desenvolve, com a vida dentro de instituições responsáveis pela educação, sejam elas escolares ou da dança. Desde muito cedo experimentando e produzindo as instituições, ela entende que, para que todas as atividades do dia sejam contempladas, há de se fazer e cumprir rigorosamente um planejamento, em consonância com as regras e acordos estabelecidos, muitos deles formalizados. Qualquer intercorrência, produzirá um efeito cascata em toda a programação, pois envolve outras pessoas e instituições.

Assim, essa propensão foi sendo forjada durante a trajetória de Gabriela. Na figura da mãe, uma gerente de clínicas médicas que absorvia as mais diversas demandas, sempre correspondendo à altura, e na do pai, onde entendi se destacar esse comportamento, a ratificação vem pela observação de como Jorge cumpre rigorosamente o horário estipulado por ele mesmo para dirigir seu UBER, de como fica incomodado quando alguém mexe em suas coisas e não as deixa exatamente como estavam.

A vida escolar também contribuirá para a formação e atualização desta propensão para a organização e aprendizagem institucional. E, como vivenciou várias mudanças entre instituições escolares, foi percebendo as distintas formas de organização. Não menos importante, nesse sentido, foi a experiência no universo do ballet, inicialmente mais atrelado aos movimentos e comportamentos, depois incorporando as questões culturais que conferem sentido aos elementos da dança, das roupas e das relações entre professores e escolas. Entendi, desenvolvendo o retrato de Gabriela, que ela incorporou essa propensão para uma organização fundamentada nas perspectivas das instituições que ela vivencia e produz.

Toda essa tendência a agir, pensar e atuar de forma metódica em relação ao cumprimento de suas agendas, reflete na sua gestão. Até mesmo para a marcação de nossas entrevistas, foi a interlocutora que, claramente, sempre solicitou um tempo maior para me oferecer algumas alternativas. Primeiro verificava com minúcia seus compromissos, para depois então sugerir possibilidades. O cuidado com o tempo solicitado para analisar e marcar melhor dia e horário, mostravam a convicção de que ela cumpriria o acordado, e, conseqüentemente, não atrapalharia a pesquisa e nem seus afazeres.

O sentimento de não atrapalhar, unido ao da aprendizagem organizacional institucionalizada, emerge na indignação de Gabriela quando alguém de sua equipe solicita alteração em sua grade de horários, e, pouco tempo mais tarde, diz que não se adaptou ou está arrependido. Não deixava de buscar empatia para com seus professores, queria ajudar, mas foi muito atingida, quando depois de toda uma realocação, que muitas vezes envolve pedidos e trocas a outros professores também, o precursor de toda a movimentação diz que 'não quer mais'. Na sua perspectiva - entendida como uma propensão para sentir, agir e pensar - quando a academia estiver organizada institucionalmente, será mais difícil das exceções virarem a regra, não por acaso a formalização das reuniões em atas e registros de assinaturas.

Propensão para nutrir relacionamentos com vistas à segurança e autonomia

A construção do retrato sociológico de Gabriela me fez compreender que ela, desde muito cedo (pela necessidade e situação dos pais, trabalhadores), incorporou aquilo que estou denominando de uma propensão para desenvolver e nutrir relacionamentos importantes na condução de uma experiência de segurança e autonomia nos afazeres do cotidiano. Não foram poucos os momentos em que a interlocutora narrou e até mesmo demonstrou seus sentimentos de perda atrelados ao afastamento dos grupos, das amigas e dos professores, que sentia esses afastamentos muito mais do que das práticas e instituições propriamente ditas. A questão que impactava não era afastar-se do *ballet*, mas dos relacionamentos ali construídos ao longo do tempo, como também o choro de mudança de escola se dava pelo distanciamento das amigadas.

Nas entrevistas onde a pauta era a família e mais tarde a escola, há duas referências que entendo relevantes para o apontamento desta propensão. Ainda bebê, diferentemente das outras crianças, não chorava, segundo relatos de sua mãe, no momento em que era deixada na creche, situação recorrente entre os recém-nascidos. Em conexão com a propensão anterior, aquele momento era entendido como mais um compromisso de sua agenda já pré-programada e assimilada. Sendo assim, não haveria porque gerar maiores dificuldades de aceitação. Fazia parte de sua rotina desenvolver e nutrir relacionamentos para propor situações de segurança e autonomia. Pouco mais à frente, quando inicia o ensino fundamental, Gabriela surpreende sua mãe ao 'expulsá-la' da sala de aula em seu primeiro dia, seu primeiro contato com uma nova turma, um novo ambiente e uma nova professora. A mãe quer mostrar-se presente para a filha que estaria enfrentando um novo momento, mas para Gabriela, não havia a menor diferença. Ir para a escola, independente de qual fosse, já estava programado em sua rotina.

As mudanças foram sempre presentes na vida de Gabriela, inclusive geograficamente falando. Primeiramente, no âmbito familiar, quando toda sua família se muda do município de Esteio para o de Canoas, e, um pouco mais adiante, quando, por dois momentos do ensino fundamental, troca de escola. O ensino médio também não a pouparia nesse sentido, pois nesse período vivenciou outra troca. Isso foi ainda descrito a respeito das escolas de dança, com situações de trocas. Em que pese

essas mudanças, Gabriela dá conta da complexidade envolvida, incorporando esse modo de desenvolver e nutrir as relações de amizades e de grupos para garantir sua segurança e autonomia. Isso, pode ser percebido, por exemplo, quando ela, ao perceber a proximidade do vestibular, e por saber que não estuda na escola que mais proporciona as aprovações, toma a iniciativa de mobilizar os/as colegas que frequentavam os colégios que apresentavam os melhores índices neste concurso.

Pensar, portanto, a Gabriela como gestora, envolve observar como ela, aos poucos, irá constituir-se, na medida em que desenvolve e nutre as redes de relações (algo não que não está pronto, não está dado, mas precisa ser desenvolvido), o que lhe possibilitará, cada vez mais condições de protagonismos. Fica mais fácil compreender, assim, porque essa interlocutora presta atenção e sente bastante a gestão de pessoas e seus desafios, algo que lhe cria demandas de pensar, raciocinar, planejar.

Há uma referência em suas entrevistas, de que quando gritam com ela, falam de forma grosseira, ela não consegue nem ouvir. Isso lhe remete a uma agressão aos seus sentimentos, fazendo com que ela precise de um tempo, para depois voltar e tentar resolver o conflito. Noutra passagem, quando a 'Geca', sua professora de *ballet* e grande referência a decepciona, Gabriela não retorna às aulas, nem mesmo à escola. Trago esses dois exemplos para, na perspectiva da propensão aqui destacada, há uma clara necessidade de, inicialmente, escapar dos confrontos, mas depois, trabalhar para promover mudanças e possibilidades de enfrentamentos.

Propensão em pensar como professora e nos outros

Na última entrevista, quando solicitei para Gabriela realizar um exercício hipotético para imaginar-se como gestora formada em administração, ela logo acusou que ficava muito difícil pensar a sua atuação sem fazê-lo como professora, como alguém que incorporou, ao longo de sua trajetória, especialmente nas matrizes de socialização estudadas, disposições para o ensino, para o cuidado com os outros, para evitar conflitos ou, pelo menos, para encará-los como oportunidades pedagógicas.

No contexto de socialização da família, a relação com a mãe, D. Mercedes, se destaca, estando essa bastante presente nos relatos, sobretudo para apontar como ela lhe ofereceu referências de, apesar dos desafios vivenciados (de trabalho, de

doenças, de mudanças, do alcoolismo), sempre ficar atenta aos filhos e resolver os problemas, inclusive numa perspectiva de preservá-los ou distanciá-los daquilo que ela considerava não adequado. A relação com o pai é também descrita como cuidadosa e atenciosa, mas isso dependia da situação e dos momentos de vida dele (se estava ou não com algum problema).

Essa disposição para o cuidado se atualiza nas escolas de dança, especialmente nas vivências construídas com a D Geca, sua professora de *ballet*, onde e quando percebe que as situações de ensino-aprendizagem significativas demandam a compreensão do contexto cultural daquilo que está na cena das práticas pedagógicas. Os detalhes, a precisão dos movimentos, das expressões não são apenas técnicos e aquilo que significam merecem atenção.

Não é por acaso que, portanto, Gabriela presta atenção e descreve pequenos detalhes do comportamento do sócio (deixar para depois, protelar, fazer várias coisas ao mesmo tempo), como algo que carrega significados no contexto do atendimento dos alunos e da gestão da academia. É compreensível, na relação com essa propensão, a preocupação da Gabriela para como os alunos e as alunas vão olhar para os detalhes num contexto de significados, isto é, que a aprendizagem e as práticas corporais na academia estão implicadas culturalmente.

6.1.4 Disposições que forjam a professora-gestora Alana

A busca pelos princípios geradores das práticas gestoras de Alana, àqueles que a farão pré-dispor a determinadas escolhas/decisões frente às diversas demandas impostas pelo cargo, me conduziram a identificação de 3 propensões que, como salientado algumas vezes, analisaremos de forma separada no texto, mas não desfragmentada das demais e de uma quarta tendência, que por possuir forte aderência em todo o patrimônio disposicional identificado, será trabalhada em momentos de identificação junto às demais

Propensão ao cuidado com o que os outros vão pensar

São muitos os elementos produzidos ao longo dos 4 encontros que remetem a uma preocupação com o *status* socioeconômico ocupado tanto pela Alana, pessoa física, como pela Escola de Natação fundada por seu pai há quase meio século, na cidade de Novo Hamburgo. Alana nasceu e foi educada em um contexto de socialização conservador, no qual o sobrenome, os locais frequentados e algumas ostentações podem definir 'a que grupo você pertence' e suas oportunidades sociais. É exatamente a busca pelo *status*, na perspectiva de ser considerada parte integrante de determinados grupos, que encontram protagonismos, em algumas narrativas, seus avós, mas sobretudo de sua mãe, e que será incorporada também por Alana, deixando transparente a influência da matriz familiar na gênese desta disposição.

Tal propensão receberá contribuições tanto para gênese, como para recorrentes atualizações/acionamentos, de outras matrizes socializadoras também. Seu primeiro contato com as instituições de ensino, por exemplo, é marcado por uma insistência de seus pais para que se adapte à escola frequentada pelas crianças que 'ostentam' os sobrenomes mais representativos socioeconomicamente da cidade. Mesmo demonstrando forte resistência ao ambiente, traduzida pelo que ela relata como "literalmente duas semanas de choro", a insistência dos pais foi mantida, dando uma ideia da valorização atribuída ao contexto, a possíveis afirmações perante a sociedade por estar matriculada na considerada 'melhor escola'.

Como tem sido colocado ao longo da produção desta seção, as matrizes família e formação não estão dissociadas, e aqui temos mais um exemplo de como se entrelaçam, de como se associam. A mesma criança que vivencia dificuldades, inclusive relacionadas à alimentação em sua casa, já que todo e qualquer recurso era destinado ao empreendimento dos pais que estava literalmente em construção, sofre insistência por parte deles para que aceite ser matriculada em uma escola que, não apenas ela não gostou, como ainda é a que cobra o maior valor da cidade. A representatividade social, fica aqui atrelada ao empenho em 'manter as aparências'.

Na matriz gestão, essa propensão é observada, por exemplo, no momento em que a questioneei - logo depois de ouvi-la sobre o difícil momento financeiro que a escola estava passando - sobre o que ela faria, num exercício de prospecção, caso dispusesse de um bom capital para investir na escola. Sua resposta foi a de que pintaria/renovaria toda a fachada, deixando-a muito mais moderna, destacando um acionamento dessa disposição que enfatiza a representatividade social. Em um momento difícil, como o que a escola passava no momento da entrevista, poderia se

pensar em constituir reservas para que esse momento não se repita, ou investir em infraestrutura interna a fim de aumentar a retenção de seus clientes, ou quem sabe pensar na valorização de sua equipe. No entanto, o que é trazido 'de bate-pronto' como resposta, remete à ideia de que a prioridade é a ostentação de uma imagem perante à sociedade de Novo Hamburgo.

Propensão ao pai-treinador como referência

Com preponderância descrita e considerada como positiva, seu pai protagoniza outra propensão nas atuações da Alana gestora. Isso porque, tal como apreendi na produção do retrato, as narrativas de suas decisões quase sempre estão atreladas a uma comparação com as que possivelmente seriam tomadas por seu pai, caso estivesse na mesma situação. Tanto a relação entre pai e filha - onde aparecem algumas ponderações - como a estabelecida entre eles de técnico e atleta, referida como a "perfeição" por Alana, ofereceram elementos que foram absorvidos e são constantemente acionados pela interlocutora em suas atitudes gestoras.

A classificação impecável de Hélio (como se refere ao pai na maioria das vezes em que a referência é profissional) como treinador, passa de maneira importante pela maneira que se ele relacionava, não apenas com Alana, mas com os demais nadadores a quem treinava, sabendo, segundo a interlocutora, tirar o melhor de cada um. Fazer as intervenções certas, nos momentos certos, e da forma mais correta. Algo que ela procura reproduzir enquanto gestora, observando sua equipe, identificando a intensidade e o momento ideais para serem feitas as cobranças e os elogios. Todas as suas estratégias, passam sempre pelo entendimento de que está lidando com pessoas, e que, portanto, são suscetíveis a variações, merecem um acolhimento individualizado.

Entretanto, nos relatos de Alana, aparecem também apontamentos negativos a respeito do pai, sobretudo na maneira em que conduzia a parte administrativa da escola. Segundo ela, problemas que resultaram em prejuízos robustos, que tem na sua origem o que Alana considera como atuações obsoletas, como a de guardar cheques de seus alunos em casa, ou a de ser contrário à implantação de um sistema informatizado na escola. A recorrência que se apresenta nessa propensão, é que Alana, tem no pai a precursão de suas ações na gestão, absorvendo e reproduzindo

os pontos positivos, mas também identificando e produzindo avanços nos que visualiza como negativos.

Há ainda uma peculiaridade que aparece em seus depoimentos que tangenciam o pai. Uma maneira de agir que Alana classifica como 'sabonetão'. Não assume uma posição mais rígida em determinadas situações a fim de evitar conflitos. Subentendendo que a mensagem inserida na classificação é a de alguém que 'agrada os dois lados', e que não oferece possibilidades de atrito, percebo atitude muito semelhante quando Alana conduz a retirada do professor que roubou a escola, enquanto era seu pai o administrador. Alana identifica o problema e conduz a retirada do professor, evitando desgastes que poderiam tornar o prejuízo ainda maior por questões trabalhistas na justiça.

Propensão a buscar soluções em si

Há elementos de exigência emocional bastante elevada na trajetória de Alana. Situações vividas em diferentes contextos que a magoaram, causaram decepção e muito sofrimento, como por exemplo, quando descobre, com 8 meses de gestação, que estava sendo traída pelo marido, o que ocasionou sua separação às vésperas do nascimento de seu filho. Essa e outras situações descritas por ela como de grande dispêndio emocional a amadurecem, mas de forma muito peculiar, passam a constituir em Alana, uma propensão a um sentimento de que, independentemente da situação, há de analisar a sua culpa. Tal fato ocorreu de forma preponderante por uma ação ou omissão sua, quase isentando a outra parte de culpa.

Alana desenvolve e constantemente atualiza, nutre uma propensão a entender que tudo, de alguma forma poderia ter sido evitado por ela. Os pais se separaram por sua culpa, seu marido a traiu porque não oferecia um repertório sexual capaz de o seduzir. Não soube lidar da maneira adequada com a questão do patrocínio negado, por isso não o obteve. Situações e mais situações que vão surgindo ao longo das entrevistas e que a colocam como a grande responsável pelos episódios mais variados, cabendo-lhe, portanto, buscar em si as respostas para as soluções dos problemas.

Tal propensão aparecerá em sua gestão, colocando uma imensa pressão no seu dia a dia. Ela entende que precisa estar atenta a tudo, as mais variadas demandas, pois se alguma falha surgir, a culpa será sua. Nesse sentido, nos seus

relatos observei que há uma luta intensa contra esse entendimento, numa perspectiva de superação de tal propensão. Ela afirma querer delegar mais, distribuir as responsabilidades, mas já associa que, uma vez delegando, perderá o contato com a equipe, com os alunos e que este contato é fundamental para a tomada das melhores decisões. Este conflito vivido internamente pela interlocutora é a de que a delegação se associa a um sentimento de culpa, uma auto responsabilização ainda mais intensa frente a possíveis falhas.

6.2 Aproximações e distanciamentos com a literatura

O objetivo inicialmente apontado para este trabalho foi compreender trajetórias de incorporação e de atualização de disposições para a gestão de Academias, fazendo isso através de descrições e de análises da trajetória de vida de 4 professores-profissionais de Educação Física, tendo em vista diferentes contextos de socialização e procurando associar isso aos seus esforços de profissionalização. Uma vez desenvolvida a descrição dos retratos sociológicos e, em seguida, das disposições que forjam os professores-gestores, passo a desenvolver um exercício de aproximações e distanciamentos desses resultados com o debate acadêmico.

No quadro 1 abaixo retomo o debate acessado e apresentado na introdução do estudo, no qual identifiquei o que denominei de 3 pontos de passagem a literatura da área, em que pesem as demandas e imperativos de qualificação e de profissionalização de professores de Educação Física que ocupam lugares de gestão em academias. Pelo que compreendi, os debates acadêmicos passam (1) pela caracterização do perfil de gestores/as, (2) pela formação acadêmico-profissional para a gestão e (3) pelos desafios dos/as gestores/as na gestão.

Pontos de passagem	Descrição dos debates	Trabalhos focados no eixo
Perfil de gestores/as	Trabalhos que trataram do perfil de pessoas que ocupam lugares de gestão em empreendimentos relacionados à Educação Física, buscando elementos para caracterizá-los, inventariá-los e qualificá-los (experiência, formação, idade, gênero, responsabilidades assumidas, faixa salarial, entre outras características).	Karnas (2010); Bastos, Fagnani & Mazzei (2011); Santos & Franco (2011); Joaquim, Batista & Carvalho (2011); Santana <i>et al.</i> (2012); Barros Filho <i>et al.</i> (2013); Mello & Silva (2013); Gomes, Sarmiento & Mulatinho (2014); Souza & Knorr (2017); Zanatta <i>et al.</i> (2018), Gomes <i>et al.</i> (2018).
Formação acadêmico-profissional para gestão	Pesquisas que procuram compreender a profissionalização e as (não)implicações dos/nos currículos acadêmicos, vários deles analisando dados empíricos da relação entre o que é ofertado pelas IES e o que o mercado de trabalho espera/exige dos/as professores/as de Educação Física.	Ruzicki (2010); Nunes, Votre & Santos (2012); Taffarel (2012); Rossi & Hunger (2012); Cárdenas & Feuerschütte (2014); Ferreira, Santos & Costa (2015); Martinenco (2016); Matos, Nista-Piccolo & Borges (2016); Severo (2017); Freitas <i>et al.</i> (2017); Abreu (2018); Quinaud, Farias & Nascimento (2018); Sanches, Garcia & Scherer (2020).
Desafios dos/as gestores/as na gestão	Investigações focadas na identificação e compreensão de variáveis, situações e posicionamentos que interferem no resultado do empreendimento, seja ele numa academia, num clube ou numa federação esportiva, diante de imperativos administrativos (estrutura e processos organizacionais, retenção de clientes, sazonalidade, configuração de produtos e serviços).	Furtado (2007); Carbonezi (2012); Segatto (2014); Silva (2014); Dambros (2016); Manfro (2017); Motta & Moraes (2017); Oliveira (2017); Moreira <i>et al.</i> (2018); Batista Filho (2018); Quinaud (2018); Calesco (2019); Silva (2019).

Fonte: elaboração do autor

Para relacionar esse debate sintetizado acima com os retratos, especialmente interessados na incorporação de disposições para o trabalho na gestão de academias, optei por organizar as análises e interpretações a partir dos 3 pontos de passagem da literatura da área. Contudo, para além da perspectiva de validação ou não do que foi produzido, a ideia desta subseção é apontar convergências e/ou divergências nas práticas gestoras observadas, a partir dessas disposições, buscando uma interlocução com os pontos de passagem.

6.2.1 O perfil dos(as) gestores(as)

A busca pela compreensão das informações que remetem a um perfil de gestor(a) de academias, encontrada de forma recorrente nas pesquisas da área, até mesmo pela predominância dos indicadores quantitativos, vai de encontro a heterogeneidade encontrada nos(as) 4 entrevistados(as) desta pesquisa, ainda que

estes(as) tenham como trajetória de formação inicial o mesmo curso de graduação e a mesma atuação profissional sobreposta como professores(as) de educação física e gestores(as) de seus empreendimentos.

Com as mulheres interlocutoras da presente pesquisa observei uma diferença de mais de 30 anos de idade, enquanto com os interlocutores homens, quase uma semelhança, já que Diego tem 38 anos e Felipe, 37. No entanto, embora esses estudos sobre perfil já indiquem a existência de um grupo heterogêneo, eles não aprofundam os elementos de construção – nas trajetórias individuais – dessa heterogeneidade. Na relação com os dados e análises produzidos até aqui, procuro desenvolver esse aprofundamento em três direções: 1) perfil de gestão financeira; 2) perfil de gestão de processos organizacionais; e 3) perfil de gestão de pessoas e liderança. É exatamente nesta perspectiva, sob a luz do *modus operandi* da gestão dos(as) entrevistados(as), tão significativo nesta pesquisa, e no dia a dia da gestão de um empreendimento, que procurarei pinçar e expor aproximações e divergências que possam contribuir para a constatação da heterogeneidade dos achados.

Perfil de gestão financeira

Quando foco na perspectiva de como cada um(a) dos(as) entrevistados(as) lida com a questão financeira, já é possível constatar diferenças. Diego opera impulsionado por empréstimos bancários. Assim o fez para adquirir as duas salas onde é o único proprietário, e para realizar a compra da academia em que possui sociedade com Gabriela. Segundo os relatos desse interlocutor, o valor acessado junto aos bancos para o seu primeiro empreendimento já foi quitado, mas o fato de ainda não liquidar o valor do segundo, não foi impedimento para que entrasse em um terceiro negócio, que lhe impôs mais um compromisso bancário. Gabriela, sua sócia, entrou no empreendimento porque já tinha o valor inicial. Montante que ela administrava, visando exatamente uma oportunidade, mas, mais que isso, para que no momento que tal situação se apresentasse, não houvesse a necessidade de recorrer a financiadores.

Saindo dessa sociedade entre Diego e Gabriela, percebo que Felipe entra no seu empreendimento com muita cautela, sem a necessidade de um aporte inicial, até porque, se houvesse essa necessidade, e ela envolvesse terceiros, o negócio não se concretizaria, tamanha sua tendência a manter-se seguro financeiramente. Este

interlocutor ocupa, neste aspecto, extrema oposição a forma como Diego, e como a seguir demonstrei, Alana agem. Não se submete a taxas e juros bancários. Analisa o negócio, sua viabilidade e, se não for capaz de assumi-lo de forma independente, sem apoios financeiros externos, simplesmente não dá continuidade.

Alana, interlocutora da pesquisa com maior trajetória na gestão, nasceu e foi educada em um ambiente atravessado por uma série de desafios, entre eles os financeiros, que de alguma forma são reproduzidos em suas atitudes gestoras. O pai – fundador da escola e sua maior referência – não poupou nos pedidos de ajuda para a construção do empreendimento, no início dos anos 60, e desde então promoveu uma gestão financeira conturbada, que nunca conseguiu segmentar, por exemplo, as entradas profissionais, e as pessoais. Prática questionada, apontada por Alana como precursora de muitos problemas vivenciados por ela e sua família, mas que, no entanto, são reproduzidas em sua gestão.

Muitos exemplos e situações relatadas por essa interlocutora, vêm acompanhados de sua menor valorização (como propensão) de visualizar, afinal de contas, qual é o seu ganho profissional. A ausência desse indicador atrelada a sua preocupação com o que os outros pensarão, caso atrase salário ou caso a fachada da escola não esteja evidenciando ‘saúde financeira’, a mantém presa a juros de cheque especial, a financiamentos que são feitos para pagar outros financiamentos, tornando possível situar seu perfil financeiro em posição oposta à de Gabriela e de Felipe, que operam sem exposição a este tipo risco e/ou custo, mas também de Diego. Se, por um lado se aproximam, já que este último também corre riscos, assume empréstimos bancários, pagando taxas e juros, por outro, Diego conta com a supervisão da esposa, que por ser bancária, não apenas acessa as melhores condições de pagamento, mas também oferta uma visão mais contábil às ‘aventuras’ do marido.

Perfil de gestão de processos organizacionais

Em pesquisa que contribuiu para que este pesquisador pudesse constatar a oportunidade que a teoria lahireana confere (quando se quer ampliar a compreensão sobre os patrimônios disposicionais caros à gestão), Paiva, Sá e Souza (2018), entrevistaram comerciantes que foram obrigados a trocar seus comércios de rua no agreste pernambucano por espaços no interior de um empreendimento, sob a

justificativa de que teriam melhor infraestrutura e possibilidades mais informatizadas para oferecerem aos seus clientes e para realizarem suas gestões. Realizadas e analisadas 66 entrevistas com esses empreendedores, a constatação foi a de que, toda a trajetória desses agentes propicia um modo de pensar e de agir, que afeta também suas rotinas administrativas. Não por acaso, mais de 80%, mesmo estando em um empreendimento que, entre outras tecnologias como a do ar-condicionado, passou a oferecer também a *internet*, continuavam reproduzindo suas administrações com papel, caneta, calculadora simples e um livro-caixa.

Inspirado nesse estudo de Paiva, Sá e Souza (2018) passei a olhar para os processos organizacionais. Sendo o objetivo aqui, ampliar a compreensão sobre profissionais que atuam como professores e gestores de forma concomitante, entendi que o perfil de organização de processos se apresentou como uma importante categoria. A respeito dela, mais uma vez, notei formas heterogêneas e, mesmo quando elas se aproximam, são incorporadas de maneiras bastante distintas.

Por exemplo, Diego, sob forte influência de sua propensão para trabalho em núcleo patriarcal, absorve, centraliza. Não se observa nas suas narrativas um planejamento deliberado, uma prévia concepção do que e como fazer. Os processos organizacionais vão acontecendo, se sobrepondo e, para ele, o mais importante é que tem que dar conta. Dessa forma ela administra processos nos 3 empreendimentos. Fala ao telefone resolvendo questões administrativas, enquanto ministra suas aulas. A Academia, para Diego, abre às 6h porque ninguém pediu aula às 5h. Caso peçam, segundo o interlocutor, isso será disponibilizado. Não há limites, pré-definições deliberadas. Os compromissos financeiros serão honrados à medida que o dinheiro for entrando, caso contrário, recorre ao cheque especial, ou a um valor que não seria para aquele fim. As demandas dos processos são atendidas, conforme surgem.

Claramente, durante as entrevistas, esse é um ponto que gera desconforto em Gabriela, sócia de Diego num dos empreendimentos. Suas atitudes são pensadas previamente. Foge do imprevisto e procura conferir institucionalidade aos processos, para que estes não fiquem personalizados. Sua propensão a uma vida regrada, organizada, fruto da observação e convivência de um pai e uma mãe muito disciplinados profissionalmente, reflete na necessidade de organização de processos em sua atuação diária. As trocas de horário solicitadas pela equipe, vista por Diego como algo tranquilo, a desorganizam e lhe deixam desconfortável. Para Gabriela, as relações devem estar reguladas e trabalhando sinergicamente. Atender um técnico

para alguma manutenção enquanto dá suas aulas, é algo inadmissível. Tem seus horários bem definidos e os cumpre. O técnico que, nesse caso hipotético, chegou antes ou depois do horário marcado, terá que esperar.

Felipe talvez ocupe um espaço intermediário entre os dois anteriores. Em atuação antagônica, não somente a dos demais interlocutores da pesquisa, mas de maneira geral, a um sistema que cobra de todos, cada vez mais espaço profissional, restringindo o lazer e a família, Felipe trabalha segundas, quartas e sextas, para poder ficar ao lado de suas meninas, Jussara e Márcia, às terças e quintas. A rigidez de horários, que poderia ser interpretada a partir dessa decisão de não trabalhar em dois dias da semana, em prol da família, contrasta com suas rotinas nos dias de trabalho. Não há nos seus argumentos uma atenção bastante centrada uma organização para controles de estoque, momentos específicos para a limpeza do seu espaço – feita por ele mesmo – ou pré-determinação de limites de horários. Assim como Diego, se precisar, Felipe abre mais cedo ou fecha mais tarde. Nos dias de atuação profissional, são realizadas também as demandas administrativas, como as compras de materiais de escritório, por exemplo, que poderiam ser feitas em outro dia, de forma mais tranquila. As solicitações pelo *WhatsApp*®, diferentemente de Gabriela, que nem ao menos estaria com o telefone em mãos, são atendidas de forma breve, solicitando uma chamada em momento mais adequado, mas não deixam de ser atendidas. Diego, por outro lado, não apenas atenderia o chamado, como procuraria resolver a questão toda naquele momento, mesmo que estivesse em aula.

Alana conta uma gerente na escola, a quem chama de braço-direito. Essa narrativa que remete a uma ideia de delegação, de descentralização, mas que, na argumentação dessa interlocutora, não acontece da maneira esperada por ela. A sobreposição de coisas (neste caso das matrizes de socialização) nas suas narrativas, traduz, de certa forma, na forma como ela narra a organização dos processos na Academia. Sai de casa com uma expectativa de demandas, mas se outras forem surgindo, vão se sobrepondo e, também, sendo atendidas. Há o planejamento, assim como no dia de Gabriela, no entanto, a execução acaba se aproximando mais de Diego. A semelhança em relação a este último é constatada também no protagonismo que o pai ocupa nesta propensão centralizadora, mas no caso de Alana, a necessidade de dar conta de tudo, é também atravessada por questões de gênero, já que precisa mostrar ao pai, na perspectiva de que ‘mesmo sendo mulher’ é capaz de entregar resultado.

Perfil de gestão de pessoas e liderança

Começo essa análise da categoria gestão de pessoas e liderança de equipes de trabalho através de Felipe, o que pode parecer contraditório, já que este é o único interlocutor que atua de forma autônoma, sem nem mesmo alguém para auxiliá-lo nos serviços de limpeza ou atendimento. Através das informações narradas e descritas a respeito dele, quero demonstrar mais um exemplo de como as propensões, formadas a partir de matrizes socializadoras, são capazes de se interligar e atingir os comportamentos. Neste caso, há um esforço para escapar da necessidade de gerir pessoas e liderar equipes de trabalho, em busca de manutenção de situações de segurança, se entrelaça com a forma como enxerga a relação cliente e empreendimento. Contratar profissionais, sobretudo professores, para dividir os atendimentos, poderia, segundo esse interlocutor, causar alguma insatisfação aos alunos, afetando a relação destes com seu empreendimento e conseqüentemente com ele. Tudo isso, tiraria a estabilidade de uma relação conquistada que fideliza seus alunos e que, portanto, o tranquiliza, proporcionando a tão perseguida sensação de porto seguro.

Diego conta, nos seus negócios, com uma grande e diversa equipe. Nos empreendimentos em que não tem sociedade, a liderança é dele. Já na academia que divide com Gabriela, toda a coordenação do grupo, também é dividida. Diego faz o gênero 'paizão', tendo muita dificuldade em dizer não. Em uma agenda preenchida por suas questões profissionais e pessoais, encontra espaço/tempo para substituir professores que faltam, que pedem para sair um dia antes a fim de aproveitar um feriado, ou ainda dá as aulas destes em momentos como o de faltas por questões de saúde. A premissa relatada recorrentemente por Diego era sempre de compreensão, de empatia, mas acima de tudo de um sentimento que de alguma forma lhe fortalece, mostrando que, mesmo com todas as atividades que possui, ele 'dá conta'.

Essa forma de liderar e de gerir pessoas no trabalho incomoda sua sócia, a interlocutora Gabriela. Ela manifesta ser menos tolerante a faltas, pedidos de trocas de horários, prezando para que isso ocorra dentro dos limites da institucionalidade construída e fortalecida. Se esforça em demonstrar empatia, já que também é professora e já passou por situações semelhantes, mas procura ser rígida quando aparecem as solicitações que envolve demandas pessoais fora do que foi previamente

estabelecido. Isso não ocorre a ponto de não atendê-las, mas demonstra ao solicitador que seu pedido representará grande sacrifício emocional e de pessoal, uma vez que envolverá uma terceira pessoa, aquele que irá substituí-lo.

Para não ficar apenas nas diferenças, na heterogeneidade, há nas narrativas de ambos (Diego e Gabriela), grande preocupação e esforço em proporcionar um ótimo ambiente entre as pessoas que compõem a equipe de trabalho. Manifestam que querem que seus professores desempenhem suas atividades com grande satisfação, e, portanto, não há a menor possibilidade de atrasos salariais. Além do compromisso com o quinto dia útil, a constante supervisão/observação dos comportamentos para detectar qualquer insatisfação. Há ainda, de ambos, descrições de atitudes de generosidade, como pequenos presentes, lembranças, sempre no sentido de tornar o ambiente o mais agradável possível para seus profissionais.

Alana, mulher gestora, ainda luta por autoafirmação junto ao pai, sentimento expresso nas entrevistas e que transfere aos seus comandados. A frase dita algumas vezes nas entrevistas, que entendo traduzir o sentimento que tem para com sua equipe é que “ninguém é insubstituível”. Ao mesmo tempo que repete essa expressão, se refere a alguns de seus profissionais, como essenciais. “Se ‘fulano’ sair, eu estou quebrada”. A construção da gestão da equipe de trabalho e da liderança, no caso de Alana, envolve o desenvolvimento de vínculos que lembram as relações familiares, difíceis de serem desfeitas.

Alana tem 3 cursos de especialização, além de uma atuação como *coaching* que recheiam seu discurso com muitas afirmações da importância da delegação. No entanto, ela mesma descreve que, na prática o que se vê é uma professora/gestora que com frequência assume alunos que apresentam alguma dificuldade no aprendizado. Ao invés de compartilhar seus conhecimentos técnicos de como ‘dar uma boa aula’, corrigir determinadas carências de seus professores, ela toma a frente e protagoniza a ação. Para finalizar, o vínculo empregatício regular proporcionado por Alana a toda a equipe aponta para uma demonstração de respeito aos seus comandados, mas também de prevenção, já que recentemente passou por uma situação de demissão muito delicada e que teve a solução dificultada exatamente pelo fato de o profissional envolvido não possuir nenhum vínculo empregatício formal.

Olhando para essas análises a respeito do perfil de gestão de pessoas e de lideranças de equipes de trabalho produzidas pelos 4 interlocutores, considerando as

trajetórias descritas nos seus retratos, posso entender que há uma diversidade de modos de gerir e de liderar.

6.2.2 Formação Acadêmica

Passo agora a promover o exercício de aproximação dos achados desta pesquisa de maneira a somar com os pares que focam seus esforços na compreensão de qual seria a melhor oferta de disciplinas na graduação, frente as demandas de mercado para o professor de educação física que pensa em empreender. Os achados nessas pesquisas, em sua maioria focavam sobre os apontamentos de disciplinas relacionadas à gestão e ao marketing ofertadas, e da representatividade destas, em relação à grade total. Mas, em linhas gerais, transparece uma perspectiva de falta, de carência e de insuficiência da/na formação, sobretudo na graduação, para a atuação como gestores.

Coerente com o olhar que vem sendo produzido e sustentado nesta pesquisa, a visão aqui será a de dividir os holofotes, dirigidos pelas pesquisas encontradas ao ensino superior, com as formações iniciais, de ensino fundamental e médio, valorizando os componentes oferecidos por estes períodos tanto para a gênese, quanto para a constante atualização de algumas propensões observadas nas formas de pensar e agir dos(as) gestores(as) investigados(as). Em que pese a formação para a gestão, portanto, não haverá uma subdivisão de análises, como a realizada no âmbito da identificação do perfil dos gestores, mas uma análise ampla das contribuições tanto das escolas, quanto das vivências escolares que integram as disposições desses gestores.

Diferente dos/as demais interlocutores/as, Alana foi buscar, depois de graduada, o maior número de cursos de especialização: 3 no total, ambos relacionados à gestão. Reforçando que esta pesquisa centra seus esforços na individualidade dos entrevistados e nas suas variações, fugindo de generalizações, toda essa trajetória de formação específica de gestão não foi o suficiente para que essa gestora conseguisse separar o orçamento profissional do pessoal, ou para lhe fazer colocar em prática a delegação, tornando sua atitude menos centralizadora. Além disso, no caso de Alana, sua propensão a querer demonstrar capacidade ao pai, lhe coloca hierarquicamente acima de qualquer teoria apreendida nos bancos escolares.

O que argumento aqui é que a expectativa depositada nas ofertas disciplinares das IES, no caso de Alana, é dividida com outros contextos de socialização e disposições. Questões extraclasse (literalmente) que, nos próximos 3 analisados(as), serão ainda outros, mas que, em comum, irão sugerir uma temporalidade maior e, sobretudo, múltiplas referências em relação ou em contraponto ao foco dado exclusivamente às disciplinas ofertadas na graduação como possível encaminhamento de uma melhor atuação para um gestor.

Gabriela tem toda sua formação fundamental, média e superior, demarcada por trocas de instituições. Em todos os níveis, iniciou e concluiu o curso em locais diferentes. Os motivos para isso, são os mais variados, como expostos em seu retrato. A conclusão do curso de graduação em Educação Física se dá à distância, e depois disso, não buscou mais nenhum tipo de qualificação acadêmica. Algumas disposições caras à sua forma de ser gestora, ligadas a sua propensão organizacional, tiveram sua gênese e atualizações muito mais recorrentes por influência da matriz familiar, da matriz esporte (ou melhor, do ballet), quando desde cedo vivenciava todo o planejamento estipulado pelos pais e professores para que pudessem cumprir todos os seus compromissos.

Não há, no parágrafo anterior, qualquer tentativa de desvalorização de elementos conceituais ou mesmo práticos, que poderiam ou poderão vir a ser vivenciados por Gabriela. O que saliento é que, comparando sua gestão com a de Alana, que possui 3 qualificações *lato sensu*, percebo, nas narrativas produzidas a partir das entrevistas, Gabriela exercendo controle mais seguro e efetivo sobre questões administrativas e financeiras. Observo a graduação, no caso de Gabriela, como credenciadora de sua posição junto aos alunos e à equipe, mas, não como fornecedora de instrumentos e/ou ferramentas utilizadas em sua gestão. Gabriela, nessa comparação, corrobora a ideia da relevância de multi-referência dos contextos de socialização na formação do patrimônio disposicional caro à gestão da Academia.

Diego, por sua vez, me leva a outro tipo de análise. Suas reclamações e críticas ao sistema de ensino e a distribuição disciplinar a que teve acesso em sua graduação foram explícitas. Entende que muitas características e atitudes que deveriam evoluir em sua atuação como gestor, podem estar atreladas à carência de momentos durante a faculdade, que o fizessem pensar mais como empreendedor, como responsável por um negócio. Na narrativa desse interlocutor, as situações práticas, estágios onde fossem vivenciados desafios administrativos, acrescentariam

e qualificariam a gestão. Visualiza que, independentemente de abrir ou não o seu negócio, essas situações ofertariam aos alunos, conhecimentos para a vida, de forma geral.

Em que pese essa reclamação acerca da graduação por parte de Diego, noto que gestão é marcada por sua capacidade de transitar por diferentes realidades, por formações também ocorridas num período maior (em termos de anos) e por múltiplas referências em termos de matrizes de socialização. Diego acolhe, proporcionando ambiente agradável a alunos de diferentes poderes aquisitivos, investindo na mediação de realidades, cuja disposição não está marcada pela/na formação inicial (graduação), mas nas suas vivências em diferentes escolas e nas mudanças vivenciadas na matriz esporte. Ele credita, no entanto, a organização didática das suas intervenções como professor àquilo que foi vivenciado e produzido na trajetória de graduação.

Finalizando as análises de relação da formação acadêmica, Felipe não buscou nenhuma qualificação depois de graduado, e não demonstrou, nas suas narrativas, nenhuma intenção nesse sentido. Suas buscas por cursos e maiores entendimentos se voltam para questões de investimento, de como fazer seu dinheiro render para que alcance sua aposentadoria o quanto antes. Assim como Diego, visualizo neste gestor propensões acionadas que foram forjadas pelo ambiente escolar, por todos os desafios enfrentados nesse período. A mudança de cidade, as dificuldades familiares que lhe convenceram, muito cedo, da necessidade de trabalhar para contribuir financeiramente, são experiências marcantes em sua trajetória. Forjaram propensões constantemente acionadas e constituem um conjunto de situações vividas no período escolar, mas não necessariamente pela ou na escola. Felipe, entretanto, também expõe em seu relato que gostaria de ter tido acesso a mais conteúdos ligados à gestão, mas entende que sua administração é boa, que as coisas estão indo bem, e que, portanto, não há necessidade de buscar qualificação.

6.2.3 Gestão

A terceira e última aproximação será a análise dos dados produzidos e analisados nesta pesquisa com os trabalhos que se dedicam a identificar e compreender variáveis, características, situações e posicionamentos que interferem no resultado do negócio, seja ele numa academia, num clube ou numa federação

esportiva, diante de imperativos importantes, como, por exemplo, a estrutura e os processos organizacionais, a retenção de clientes, a sazonalidade, a configuração de produtos e serviços.

Acredito que algumas especificidades que servirão como referência para os apontamentos a seguir, de alguma forma já foram tangenciadas nas sessões anteriores, porém com outro viés. Procurarei a partir de agora concentrar a reflexão na forma como essas propensões conduzem/participam de respostas e de maneiras de agir do dia a dia da gestão propriamente dita.

Relação de intimidade e vaidade profissional

À medida que fui me aproximando, visualizando e construindo de fato, não apenas o objeto central de minha pesquisa, algumas questões que, num primeiro momento, não receberam a devida atenção, numa perspectiva emergente, começaram a ganhar protagonismo. Quero me valer de um destes, para aprofundar o título proposto neste subcapítulo.

Em muitas situações, sobretudo nas primeiras páginas escritas ainda na fase de construção do projeto desta pesquisa, me recorro de hesitações quando precisava fazer referência ao cliente do empreendimento academia. “Afinal de contas, escrevo aluno ou cliente?”. Ao me debruçar sobre a compreensão das disposições acionadas e mobilizadas pelo professor/gestor, fui sendo convencido da relevância do lugar desempenhado pelo personagem que dividia a cena, o aluno/cliente.

Com o aprofundamento das temáticas e um maior nível de compreensão, pude perceber a estreita relação de minhas hesitações com o objeto central da pesquisa. Tal aprendizagem foi ganhando corpo ainda durante a escuta dos entrevistados, que, por vezes, se referem àqueles que frequentam seus empreendimentos como alunos, por vezes como clientes, atrelando este chamamento ao nível de intimidade construído.

Dos 4 entrevistados(as), 3 têm nessa relação professor/aluno ou gestor/cliente, um potencial instrumento de suas gestões. Somente Alana, ao que transparece nas suas narrativas, possui uma visão mais afastada, restringindo uma relação mais próxima, àqueles que dá suas aulas. Os demais frequentadores, muitos ela nem sabe o nome, mas, cabe salientar, se cobra por isso. Diego, sobretudo nos estúdios onde atua sem sociedade, se nutre dessa relação. Relação, aliás, que no

seu discurso aparece em um primeiro momento como algo negativo, do qual ele precisa se desvencilhar, mas que quando provocada a reflexão de como seria sua atuação sem essa intimidade, o faz perceber que essa uma de suas grandes forças.

Se por um lado, Diego relata que se sente incomodado em receber mensagens e ligações nos horários de lazer, por outro o significado por trás dessas atitudes, que denotam grande aproximação, infla seu ego e promove uma espécie de retroalimentação, gerando energia e entusiasmo para que siga em frente.

Situação muito semelhante foi observada em Felipe e Gabriela. Esta, talvez por ainda não ter nem mesmo um ano como gestora, dá os primeiros passos nessa rota de aproximação, de cuidado, e diria até mesmo de um sentimento de 'propriedade' em relação aos seus. Felipe já se divide (ou multiplica) como gestor e professor há quase 5 anos, e, assim como Diego, produz e se alimenta dessa relação próxima. Quando pergunto a ele, porque não disponibiliza sua sala nos dias em que optou em ficar com a família para outro professor trabalhar, a resposta reforça a reflexão sobre essa visão de posse, atrelada a alguma vaidade que procuro expor.

Felipe e Diego narram quase que um sentimento de traição, ao pensarem na hipótese de visualizar seus alunos/clientes treinando com outro profissional. Felipe argumenta que não abre o estúdio 2 dias da semana por questões familiares, e que não disponibiliza esses dias para outro professor, pelo receio em perder seus alunos, já que estes estão ali 'por ele', pelo atendimento e relação que ele foi capaz de produzir, e que, se fosse outro profissional no atendimento, provavelmente perderia um frequentador da sua academia.

Num período em que os mais variados segmentos do comércio e da prestação de serviços parecem não diferenciar os feriados e domingos de qualquer outro dia, promovendo suas atividades também nestes de forma habitual, Felipe não abre sua sala às terças e quintas. Isso aparece como uma contradição (o que na sociologia disposicionalista é possível compreender) para alguém que tem como meta uma aposentadoria precoce, mas que aparece sob a justificativa preponderante da necessidade em passar mais tempo com a família, especialmente com as filhas. Além disso, se por um lado, atender (contando com outros professores) em outros dias geraria bons rendimentos à sala de Felipe, por outro – e visualizo este com preponderância na sua maneira de analisar a situação - ofuscaria toda a atenção que hoje recebe de maneira exclusiva. E é exatamente neste sentimento de nutrir relações

de exclusividade, de grande protagonismo, que visualizo forte fator disposicional nas atuações desses dois interlocutores.

Depois de 8h de escuta, e mais dezenas de transcrição e análise de suas falas, minhas análises descritas na forma de retratos e de disposições, me levam a compreender que tanto a justificativa de Felipe, depositada nas filhas, quanto a de Diego, que até visualiza alguma desvantagem na proximidade com os alunos, quer se desvencilhar, mas não consegue, são distintas manifestações de um sentimento que me autorizei a chamar de vaidade profissional, que entendo como uma necessidade de demonstrar total protagonismo e íntima relação com seus alunos. Com os clientes também (que entendo serem os que não gozam de relação tão próxima), mas sobretudo com os primeiros. São 'seus' alunos, e este sentimento que transita entre o zelo profissional e a amizade – muitas vezes bastante íntima –, fomenta suas atitudes como professor, mas também como gestores.

Gestão emergente 'do hoje'

Procurarei expor nesta subseção a análise do que pude compreender em relação à ausência de estratégias deliberadas de planejamento percebidas. A protagonista desta dissertação no quesito organização (Gabriela), sem dúvida se sobressai perante os demais quando queremos pinçar um modo de agir que responda a qualquer tipo de planejamento prévio. No entanto, Gabriela tem a sua trajetória singular de socialização e, aqui, cabe lembrar, estamos falando de uma gestora com uma propensão de evitar conflitos. Sendo seu sócio, alguém não muito adepto do da noção de planejamento deliberado com antecedência, as dificuldades se acentuam, como por exemplo quando relata que Diego vai deixando os problemas se acumularem, e que por ela, seria tudo resolvido de maneira imediata, evitando acúmulos e maiores consequências.

Se sobressai, no entanto, quando avaliamos apenas o seu comportamento, os seus compromissos, cumpridos com organização e fidelidade ao planejado. O técnico que chega em horário diferente do que foi marcado, até poderá ser atendido, desde que ela não esteja em outro afazer. Caso contrário, Gabriela não fugirá da sua rotina, do seu planejamento pré-estabelecido.

O agir sem planejamento percebido atinge várias faces dos empreendimentos liderados por Diego e Alana. Estes se aproximam quando falamos nessa disposição

(uma propensão para administrar). Saem de casa para gerir 'o hoje'. As demandas vão surgindo e sendo atendidas (ou não) conforme se apresentam. Não há, em seus relatos de suas rotinas, um momento de visualização das metas a cumprir ou a serem cumpridas semanal ou mensalmente. Quando perguntados se havia, por exemplo, calendário de reuniões junto às equipes, e com que frequência ocorriam, suas respostas convergem em um sentimento de que tentam, mas efetivamente não conseguem estabelecer uma rotina de encontros.

Suas gestões orçamentárias, atravessadas por solicitações de empréstimos e utilização de limites de cheque especial, indicam, de alguma forma, como mobilização dessa disposição sobre a forma de constituir de previsões, de definições de rumos e atitudes prévias. O modo observado em ambos de organizar e planejar o valor a ser recebido, as datas em que efetivamente estarão disponíveis os montantes, e a de definir qual a fatia deste, pertence às 'pessoas físicas' Diego e Alana, acaba contribuindo para essa forma de agir cotidiana, que produz resposta aos problemas à medida que surgem. Uma perspectiva de gestão emergente daquilo que conseguem perceber e mediar no cotidiano do empreendimento.

Trago, ainda, para análise desta subseção, a resposta à pergunta feita a Felipe, na entrevista em que a pauta era a matriz socializadora da gestão. Ser questionado sobre como e onde se enxerga daqui a 5 anos, lhe pegou de surpresa. Depois de alguns olhares e suspiros, procurou formular uma resposta, deixando bem claro que não havia pensado nisso. E não estou tratando aqui isso como um problema ou uma carência, mas destacando como, na perspectiva da atuação de disposições incorporadas, não estava nos seus horizontes.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mais de 15 anos dividindo as atuações como professor e gestor em minha própria academia, fizeram emergir uma série de questionamentos a despeito dos papéis desempenhados no período: Sou professor ou gestor? Posso atuar concomitantemente, obtendo êxito em ambos? Se tivesse acesso a disciplinas de caráter mais administrativo durante a graduação, de que forma minha atuação de gestor seria impactada? É necessária/primordial essa base conceitual?

Minhas propensões 'cartesianas' forjadas em escolas militares nos ensinamentos fundamental e médio, e reforçadas pela especialização em Gestão Empresarial, me trouxeram de volta à Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – onde me formara há mais de 20 anos – em busca de respostas mais tecnicistas, capazes de serem transformadas em uma espécie de instrumento, que não apenas sanasse minhas dúvidas, mas também apontasse um caminho a ser perseguido.

A partir do contato com o professor Mauro Myskiw, que coordena, juntamente com as Professoras Ariane Corrêa Pacheco, Marília Martins Bandeira e Raquel da Silveira, o grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF), que mobiliza esforços de pesquisas na linha Cultura e Gestão em Educação Física, oposto até então, à maioria dos cursos e formações a que tive acesso, o teor de minhas buscas e reflexões começa a ceder. Assim me aproximo não somente da temática de minha pesquisa, mas também da minha posição enquanto pesquisador, agora na interface com a sociologia e a antropologia. Novas abordagens, tão relevantes como as que buscava inicialmente, me conduzem ao autor que me seduziu pela intensidade e relevância oferecidas em suas produções, ao estudo das variações individuais que seus pesquisados são capazes de produzir: Bernard Lahire.

Definidas a abordagem, a metodologia e as formas do trabalho investigativo, à medida em que as entrevistas eram realizadas, pude constatar, antes mesmo da análise dos achados, que estava acessando grande diversidade nos depoimentos. Em um grupo de apenas 4 interlocutores(as), foram identificadas – procurando interlocução com as pesquisas encontradas no momento de garimpagem acadêmica – uma diversidade no perfil, na formação e na maneira como atuavam em suas gestões. Formas de agir e pensar forjadas e acionadas por diferentes situações ou

contextos, e que foram constatadas durante o exercício profissional de todos(as) os(as) pesquisados(as).

Começava, ainda no momento anterior às análises, a valorização de uma das premissas do autor que acompanhou todo o esforço produzido neste trabalho: a de questionar generalizações de um modo geral. Os achados no grande número de pesquisas acessados (nos 3 pontos de passagem da literatura), de forma geral apresentavam uma tendência em apontar/classificar e/ou tabular dados, imersos em esforços orientados para regularidades e generalizações. Essas formas de pesquisar que, como tenho ressaltado, oferecem relevantes respostas, mas que no meu entender, não ofereciam profundidade ao tema da complexidade e da diversidade produzida pelos diferentes contextos de socialização na trajetória dos grandes protagonistas dessas questões: os(as) professores(as) de educação física/gestores(as). Tema, que como foi trazido por diversos exemplos neste trabalho, ganham protagonismo e acompanham esses(as) interlocutores(as) em boa parte de suas rotinas.

A utilização da obra 'Retratos Sociológicos' de Lahire (2004), como fundamentação teórico-metodológica proporcionou tanto o levantamento de propensões desses atores, como a visualização de alguns momentos em que elas aparecem e são acionadas em suas atuações, como professores(as), e/ou como gestores(as). Disso restou a compreensão, trazendo algumas das reflexões trabalhadas nos comparativos para este momento das considerações finais, o protagonismo da matriz socializadora familiar nos(as) 4 entrevistados(as). A referência do pai e da mãe, seja para reproduzir suas atitudes, ou para tê-las como uma espécie de contraponto, foi intensa e recorrente durante todas as análises. Com alguma pretensão, me atrevo a citar essa referência como um ponto bastante esclarecedor quando queremos entender ou até mesmo prever possíveis respostas dos gestores investigados.

Nos relatos que compuseram os retratos, comportamentos foram expostos, apontando relações muito próximas do trato financeiro dos(as) gestores(as) ou da forma como conduzem suas rotinas administrativas, com o que sempre vivenciaram em casa, através das atitudes do pai e/ou da mãe. A reflexão que entendo ser pertinente, não quer de forma alguma minimizar a relevância dos conteúdos teóricos ou mesmo práticos possivelmente ofertados em disciplinas durante a formação desses personagens, apenas quer oferecer maior protagonismo ao fato de que estes

conteúdos, uma vez oferecidos, não terão a capacidade de ‘resetar’ seus receptores, o que torna a forja dos(as) professores(as) muito diversa. Há de se perceber e valorizar que todo o patrimônio disposicional forjado durante a trajetória desses interlocutores atuará como uma espécie de filtro, proporcionando diferentes respostas práticas às mesmas teorias acessadas.

Felipe e Diego têm, em seus comportamentos financeiros, opostos extremos. O primeiro necessita de portos seguros, para produzir seus avanços sempre visualizando uma saída em caso de insucesso, um ‘plano B’. Para tanto, evita qualquer interferência bancária na sua contabilidade. Já Diego, sempre teve como um de seus itens de controle orçamentário, nesses 13 anos de atuação, alguma parcela de empréstimo bancário. Com isso, a consideração que quero enfatizar, pinçado entre tantos outros que demonstram maneiras de pensar e agir divergentes, formadas sobretudo nos seios familiares, é a seguinte: Uma vez tendo concluído juntos um curso ou uma disciplina que aborde conceitos e práticas financeiras, devemos esperar maior aproximação em suas condutas financeiras? Não tenho a pretensão de apontar uma resposta definitiva e sim a de demonstrar a relevância que o componente disposicional deve assumir quando queremos produzir avanços ou alterações nas respostas produzidas.

Esta consideração pode ser expandida para outros aspectos relevantes à administração e/ou para a atuação de professor que conferem substância e valorizam o ‘olhar lahireano’ adotado por este trabalho. Olhar, cabe salientar, que não nos apresentou apenas divergências. Foram demonstradas nas análises também as convergências, os pontos em comum ou pelo menos próximos observados nas atitudes gestoras dos interlocutores, como a do estabelecimento de grande proximidade, de um sentimento quase que de posse, estabelecido com seus alunos. Sentimento que funciona como mola propulsora de muitas relações, e que os motiva, oferecendo realização profissional. Mesmo Alana, a menos movida por este aspecto, não apenas expõe, mas se cobra por não fomentar esse tipo de relação.

Seguindo pelas aproximações, foi possível observar 4 interlocutores movidos pela mesma disposição: a de ser professor(a) de educação física. Me permito aqui, inserir de forma explícita minhas percepções pessoais. Percepções reforçadas pela experiência empírica de alguém que sempre esteve na militância e continua apaixonado por essa profissão e por tudo que ela é capaz de atingir, mas que constata diariamente a evasão de grandes profissionais para outras áreas, sobretudo buscando

valorização. Em um segmento que ainda não dispõe da importância que merece, e que ainda por cima, é operado sob forte concorrência, essa mudança é tão melancólica quanto compreensível.

Em que pese esse contexto de negócios, posso destacar que estive em diálogo 4 interlocutores impregnados nos seus esforços de profissionalização da gestão, contudo, fazendo isso articulado – por força das disposições incorporadas – com suas trajetórias distintas. As rotinas, valores, percepções e respostas, como já vimos por vezes divergem, por vezes se aproximam, mas em comum, trazem como combustível uma grande entrega profissional. Seriam incompatíveis rotinas tão exigentes, que contemplam demandas tão distintas, serem executadas por profissionais sem alto grau de interesse. Todos os entrevistados, uns com menos, outros com mais clareza, querem evoluir, avançar. Os passos à frente podem estar conectados a um maior número de alunos, a um aumento de faturamento, ou a uma aposentadoria precoce, mas em nenhum momento das mais de 16h de entrevistas ouviu-se qualquer menção a desistência, ou a uma alternativa profissional. Ficou evidenciado, na amostra desta pesquisa, que a atuação dúbia de professor de educação física e gestor de seu próprio empreendimento tem como um de seus alicerces a paixão pela profissão.

Finalizo na expectativa de que possa ter somado através desta pesquisa. De que as reflexões propostas durante a escrita que tanto afetaram este pesquisador (entendo eu de forma positiva), possam auxiliar outros. Espero ainda ter sido capaz de convencer o leitor da relevância e da capacidade de atuação dos patrimônios disposicionais. Patrimônios forjados por diferentes matrizes socializadoras, capazes de serem acionados e de produzirem

8 REFERÊNCIAS

ABREU, Paula Karynne Chaves de. **A Gestão do Desporto na Graduação em Educação Física**: um mapeamento da formação e pesquisa na capital do Amazonas. 2018. Dissertação (Mestrado em Gestão Desportiva) – Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Porto, 2018. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10216/116861>. Acesso em 19 ago. 2021.

AGENCIA IBGE. **PIB cai 3,5% em 2015 e registra R\$ 6 trilhões**. 2017. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/17902-pib-cai-3-5-em-2015-e-registra-r-6-trilhoes>. Acesso em 22 set. 2021.

BARROS FILHO, Marcos et al. Perfil do gestor esportivo brasileiro: uma revisão de literatura. **Revista Intercontinental de Gestão Desportiva**, [s.l.], v. 3, sup. 1, p. 44-52, dez. 2013.

BARTHE, Yannick et al. Sociologia pragmática: guia do usuário. *Sociologias*, Porto Alegre, v. 18, n. 41, p. 84-129, Apr. 2016. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222016000100084&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 05 Apr. 2021.

BASTOS, Flavia Cunha; FAGNANI, Enrico Kaigawa; MAZZEI, Leandro Carlos. Perfil de Gestores de Redes de Academias de Fitness. **R. Min. Educ. Fís.**, Viçosa, v. 19, n. 1, p. 64-74, 2011.

BATISTA FILHO, C. A. C. **Principais fatores de sucesso dos empreendedores de academias de ginástica situadas em João Pessoa – PB**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Administração) – Curso de Graduação em Administração, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

BOAZ, Pedro Rachelle. **Estudo sobre a relevância de princípios norteadores da gestão de uma rede de academias de ginástica e musculação de Porto Alegre**. 2016. TCC (Curso de Educação Física) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 2. ed. Rio de Janeiro, Brasil: Bertrand Brasil, 1998.

Bourdieu, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. 5. ed. Campinas, Brasil: Papyrus, 2004.

Bourdieu, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo, Brasil: Edusp & Porto Alegre: Zouk, 2007.

CALESCO, Jorge Both Vinicius Almeida. Aplicação de técnicas de gestão de pessoas em academias de ginástica. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 17, n. 1, p. 325-330, jan.-jun. 2019

CARBONEZI, E. F. **A qualificação do profissional de Educação Física em academias de musculação e ginástica diferenciadas**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Educação Física) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, SP, 2012.

CARDENAS, Alfredo Ribeiro; FEUERSCHÜTTE, Simone Ghisi. Formação, Relacionada à Gestão, Oferecida em Cursos de Graduação em Educação Física: um olhar qualitativo sobre currículos, disciplinas e ementas. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 4, p. 1-15, out./dez. 2014. DOI: 10.5216/rpp.v17i4.29921. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/29921>. Acesso em: 19 ago. 2021.

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA. **Resolução CONFEF nº 046/2002**. 2002. Disponível em: <https://www.confef.org.br/confef/resolucoes/res-pdf/82.pdf>. Acesso em 19 ago. 2021.

COSTA, Andrea Monteiro da. **Habitus em transformação**: retrato sociológico de uma lavadeira da periferia de Natal. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, Brasil, 2012. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/3878>. Acesso em. 25 set. 2021.

CRESWELL, John W. *Investigação qualitativa e projeto de pesquisa*. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

DAMBROS, A. M. F. Do laboratório ao mercado: uma análise do processo de empreender em saúde. 2016. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-graduação em Administração, Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

FERREIRA, J. S.; SANTOS, J. H.; COSTA, B. O. Perfil de formação continuada de professores de Educação Física: modelos, modalidades e contributos para a prática pedagógica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 37, n. 3, p.289-298, 2015.

FREITAS, D. C. *et al.* Formação continuada de professores de educação física. **Corpoconsciência**, v. 20, n. 3, p. 9-21, 2016.

FURTADO, Roberto Pereira. **O Não-Lugar do Professor de Educação Física em Academias de Ginástica**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tde/2019>. Acesso em 19 ago. 2021.

GOMES, Jorge Luiz de Brito; SARMENTO, José Pedro; MULATINHO, Carlos Augusto. Competências, perfil e formação do gestor esportivo de academia de ginástica: uma revisão. **Revista Intercontinental de Gestão Desportiva-RIGD**, v. 4, n. 1, p. 99-112, jun. 2014.

GOMES, P. S. L. *et al.* Perfil do gestor de academias de ginástica da região político administrativa 3 da cidade do Recife - Pernambuco - Brasil. **Revista Intercontinental de Gestão Desportiva-RIGD**, v. 8, n. 1, p. 1-13, 2018.

GONZÁLEZ, F. J. **Bases Sociais das disposições para o envolvimento em Práticas de Movimento Corporal no Tempo Livre**. 2010. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

IHRSA BRASIL. Relatório Global IHRSA. **Revista ACAD Brasil**, [s.l.], [ano 19], ago.-set. 2017. Disponível em: http://download.ihrsa.org/brasil/MATERIA_DE_CAPA_DIRETO.pdf. Acesso em: 19 ago. 2021.

JOAQUIM, B. A.; BATISTA, P. M.; CARVALHO, M. J. Revisão sistemática sobre o perfil de competências do gestor desportivo. **Movimento**, v. 17, n. 1, p. 255-279, 2011.

KARNAS, G. S. **Perfil do gestor esportivo nos países de língua portuguesa: uma revisão de literatura**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Educação Física) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

LAHIRE, Bernard. **A Cultura dos Indivíduos**. [Porto Alegre]: Artmed, 2006.

LAHIRE, Bernard. **Homem Plural: Os Determinantes da Ação**. [São Paulo]: Vozes, 2002.

LAHIRE, Bernard. **Retratos Sociológicos: Disposições e variações individuais**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LIMA JÚNIOR, P.; MASSI, L. Retratos sociológicos: uma metodologia de investigação para a pesquisa em educação. **Ciência & Educação**, v. 21, n. 3, p. 559-574, 2015. DOI: 10.1590/1516-731320150030003

LOBATO, Paulo Lanes. O administrador das atividades físicas. *Artus*, Rio de Janeiro, n.18-19, p. 58-60, jun. 1987

MANFRO, P. X. **Análise do comportamento sazonal de praticantes de musculação em uma academia de pequeno porte em Porto Alegre, Rio Grande do Sul**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Educação Física) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

MANFRO, P. X. (2017) **A percepção de carreira de profissionais de Educação Física e a atuação no mercado de academias: expectativas e realidades**. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

MARTINENCO, Rafael Giron. **Inserção profissional e formação de carreira dos alunos de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. 2016. TCC (Curso de Administração) – Departamento de Ciências Administrativas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2016.

MATOS, T. S.; NISTA-PICCOLO, V. L.; BORGES, M. C. Formação de professores de Educação Física: identidade profissional docente. **Conhecimento & Diversidade**, v. 8, n. 15, p. 47-59, 2016.

MELLO, José Aristides Carvalho de; SILVA, Sheila Aparecida Pereira dos Santos. Competências do Gestor de Academias Esportivas. **Motriz**, Rio Claro, v.19 n.1, p.74-83, jan./mar. 2013. DOI: 10.1590/S1980-65742013000100008.

MINAYO, M. C. S. **Violência e Saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

MOREIRA, Mario Henrique Agostinho; DIAS, Julio da Silva; MORAES, Mario Cesar Barreto; DE ROLT, Carlos Roberto. Um Estudo Comparado Sobre a Sazonalidade em Academias de Ginástica de Florianópolis e Brusque. **PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review**, São Paulo, v.7, n.2, p. 278-292, mai/ago. 2018. DOI: 10.5585/podium.v7i2.247. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/podium/article/view/10441>. Acesso em 19 ago. 2021.

MOREIRA, Wagner Luchini Godoi; FREITAS, Luis Alberto G.; GUARIDO, Evanil Antonio; BRUNIERA, Carlos Alberto Veiga. Influência do Profissional de Educação Física na Manutenção de Alunos de uma Academia de Ginástica da Cidade de Londrina – PR. **Rev. Equilíbrio Corporal Saúde**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 23-7, 2016. DOI: 10.17921/2176-9524.2016v8n1p23-27. Disponível em: <https://seer.pgsskroton.com/reces/article/view/4513>. Acesso em 19 ago. 2021.

MOTTA, Elis Maria; MORAES, Mario César Barreto. Proposta de Atributos de Serviços e de Indicadores de Desempenho para Academias Fitness. **PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 124-145, jan.-abr., 2017. DOI: 10.5585/podium.v6i1.167. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/podium/article/view/9320>. Acesso em 19 ago. 2021.

NUNES, Marcello Pereira; VOTRE, Sebastião Josué; SANTOS, Wagner dos. O profissional em educação física no Brasil: desafios e perspectivas no mundo do trabalho. **Motriz**, Rio Claro, v. 18, n. 2, p. 280-290, abr.-jun. 2012.

OLIVEIRA, Douglas Meyer. **Mercado de trabalho e campo de atuação do profissional de Educação Física em Sapucaia do Sul**. 2017. TCC (Curso de Educação Física) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2017.

PAIVA, R. D. S.; SÁ, M. G. de; SOUZA, D. C. de. “A gente saiu da feira, mas a feira não saiu da gente”: as disposições administrativas dos proprietários de lojas de um centro de compras no agreste pernambucano. **Cadernos de Estudos Sociais**, Recife, v. 33, n. 1, p. 32–58, 2018. Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/CAD/article/view/1720>. Acesso em: 22 set. 2021.

QUINAUD, Ricardo Teixeira. **Aprendizagem Profissional de Gestores de Federações Esportivas Catarinenses**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/190889>. Acesso em 19 ago. 2021.

QUINAUD, Ricardo Teixeira; FARIAS, Gelcemer Oliveira; NASCIMENTO, Juarez Vieira. Formação profissional do gestor esportivo para o mercado de trabalho: a (in)formação dos cursos de bacharelado em Educação Física do Brasil. **Movimento – Revista de Educação Física da UFRGS**, Porto Alegre, v. 24, n. 4, p. 1111-1124, out.-dez. 2018.

ROSENFELD, C. L. *et al.* Entrevista: Bernard Lahire. **Sociologias**, v. 17, n. 38, p. 280-302, 2015.

ROSSI, F.; HUNGER, D. As etapas da carreira docente e o processo de formação continuada de professores de Educação Física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 26, n. 2, p. 323-338, 2012.

RUZICKI, Michele do Coito. **O Processo de Interação entre Instituições de Ensino Superior e o Mercado de Trabalho do Educador Físico**: uma formação visando a satisfação das necessidades do consumidor. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/8136>. Acesso em 19 ago. 2021.

SANCHES, Andreza Scheffer; GARCIA, Ana Paula Hossel; SCHERER, Alexandre. Bacharel ou Licenciado Ampliado: a Relevância da Formação em Educação Física para o Gestor na Seleção Profissional para uma Academia. **Revista Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 43-61, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/33392>. Acesso em: 19 ago. 2021.

SANTANA, Luis Carlos de et al. Perfil dos gestores de academia fitness no Brasil: um estudo exploratório. **Podium: Sport, Leisure and Tourism Review**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 28-46, jan./jun. 2012.

SANTOS, Amanda Rodrigues; FRANCO, Paola Ventura Drummond. O perfil do gestor de academias de grande porte em diferentes bairros da cidade do Rio de Janeiro. 2011.

SEGATTO, A. P. **Marketing de relacionamento em uma academia de ginástica**: um estudo para retenção e fidelização de clientes. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Administração) – Departamento de Ciências Administrativas, Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

SEVERO, J. **Aspectos relevantes ao se planejar a carreira de personal trainer**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Educação Física) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

SILVA, Francielle Molon da et al. A ginástica de manter e desenvolver uma academia: análise do caso Energym. **RECC - Revista Eletrônica Científica do CrAPR**, [s.l.], v. 1, n. 1, p. 53-60, 2014.

SILVA, J. F. **Gestão estratégica do endomarketing**: um estudo de caso de geração de vantagem competitiva em academias esportivas. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-graduação em Gestão da Comunicação nas Organizações) – Instituto

CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2014.

SILVA, L. R. C. **Desafios da fidelização de clientes em academias de ginástica: uma revisão da literatura.** 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Educação Física) – Curso de Bacharelado em Educação Física, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

SOUZA, Lucas Bogo de; KNORR, Maria Letícia. **Perfil e Forças Mentais dos Gestores de Academias da Grande Florianópolis.** 2017. Artigo apresentado como trabalho de conclusão de curso de graduação da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel. Orientador: Prof. Maria Leticia Pinto da Luz Knorr, Msc. Palhoça, 2017.

TAFFAREL, C. Z. Formação de professores de Educação Física: diretrizes para a formação unificada. **Kinesis**, v. 30, n. 1, p. 95-133, 2012.

VANDENBERGHE; Frédéric; VÉLAN, Jean-François (Orgs.). **Além do *habitus*: teoria socio pós-bourdiesiana.** Rio de Janeiro: 7 letras, 2016.

ZANATTA, Thaís Camargo et al. O perfil do gestor esportivo brasileiro: revisão sistemática da literatura. **Movimento**, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 291-304, jan.-mar. 2018.

APÊNDICES

Apêndice 1 – Roteiro de entrevista “gerais - de aproximação” com professores de educação física/gestores

Dados do estudo e dos pesquisadores:

Título: TRAJETÓRIAS DE SOCIALIZAÇÃO PROFISSIONAL DE PROFESSORES-PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA QUE OCUPAM LUGARES DE GESTÃO DE ACADEMIAS

Pesquisadores responsáveis: Sênior Felipe Mayer Ferraz e Mauro Myskiw

Instituição/Departamento: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da Universidade Federal do Rio Grande (UFRGS)

Telefones para contato com pesquisadores: (51)98155-6500 ou (51)99723-6883.

Objetivo do estudo: Compreender trajetórias de socialização profissional de professores-profissionais de Educação Física que ocupam lugares de gestão de academias

Roteiro de perguntas:

- 1 – Poderia produzir uma síntese de sua trajetória profissional até aqui, destacando o seu engajamento com a Educação Física e a gestão? Quais os contextos de socialização que lhe possibilitaram chegar nesse lugar de gestor?
- 2 – Para além da tua trajetória individual, como você percebe/avalia a profissionalização do Educador Físico em relação à gestão de academias? Tem notado uma ‘corrida’ nesse sentido? Espaços de formação/socialização da área nesse sentido?
- 3 – Dentro deste caminho percorrido, quais os fatos/acontecimentos que você entende que foram mais relevantes no sentido de ‘tirar o chão’, isto é, de produzir momentos de indeterminações/crises que demandavam ‘sair do lugar de normalidade’, que lhe colocavam na situação de ‘fazer alguma coisa’ por que se não o fizesse as implicações seriam drásticas para o negócio?

Apêndice 2 – Roteiro de entrevista “de aprofundamento sobre os momentos de crise apontados” com professores de educação física/gestores

Dados do estudo e dos pesquisadores:

Título: TRAJETÓRIAS DE SOCIALIZAÇÃO PROFISSIONAL DE PROFESSORES-PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA QUE OCUPAM LUGARES DE GESTÃO DE ACADEMIAS

Pesquisadores responsáveis: Sênior Felipe Mayer Ferraz e Mauro Myskiw

Instituição/Departamento: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da Universidade Federal do Rio Grande (UFRGS)

Telefones para contato com pesquisadores: (51)98155-6500 ou (51)99723-6883.

Objetivo do estudo: Compreender trajetórias de socialização profissional de professores-profissionais de Educação Física que ocupam lugares de gestão de academias

Roteiro de perguntas:

- 1 – Como você passou a perceber esse momento de indeterminação/crise? Como foram se tornando tangíveis para você? Como eles foram ‘aparecendo’ ou fazendo sentido no seu dia-a-dia’ de professor-profissional-gestor?
- 2 – Esse momento de indeterminação/crise teve impacto na mudança do teu ‘perfil de gestor’, lhe fazendo agregar novos elementos/disposições antes não presentes na tua trajetória?
- 3 – Em face das indeterminações/crises você teve que tecer outros ou se envolver em novos universos de convivência e de aprendizagens? Como isso foi ocorrendo a respeito da temporalidade e com que intensidade?

4 – Quais os impactos daquilo que foi sendo incorporado em vista do cenário de crise/indeterminação nos processos, estratégias e de ferramentas de gestão da academia? O que isso representou no sentido da profissionalização?

Apêndice 3 – Modelo da carta de apresentação e de solicitação

Porto Alegre, (dia) de (mês) de 2022.

Prezado(a) [nome completo do interlocutor]

Sou aluno do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e estou desenvolvendo, sob orientação do Prof. Dr. Mauro Myskiw, a Dissertação de Mestrado intitulada: A ‘CORRIDA PELA PROFISSIONALIZAÇÃO’ DE PROFESSORES-PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA QUE OCUPAM LUGARES DE GESTÃO DE ACADEMIAS. Trata-se de uma pesquisa que tem como objetivo compreender trajetórias de socialização profissional de professores-profissionais de Educação Física que ocupam lugares de gestão de academias.

Para desenvolver este trabalho necessito da Vossa colaboração no sentido de participar de entrevista(s) e diálogos, de forma presencial, por telefone/*WhatsApp* ou por outro aplicativo de videoconferência. Caso aceite participar, necessitamos do registro do consentimento através do termo também em anexo, ou caso isso não seja possível devido a Pandemia - COVID19, o aceite pode ser realizado via aplicativo ou e-mail com a frase “sim eu aceito participar da pesquisa conforme termos informados”.

Atenciosamente,

SÊNIOR FELIPE MAYER FERRAZ

Aluno do Curso de Mestrado no
Programa de Pós-Graduação em
Ciências do Movimento Humano da
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul.

MAURO MYSKIW

Professor do Programa de Pós-
Graduação em Ciências do
Movimento Humano da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

Apêndice 4 – Modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Título da Dissertação: A 'CORRIDA PELA PROFISSIONALIZAÇÃO' DE PROFESSORES-PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA QUE OCUPAM LUGARES DE GESTÃO DE ACADEMIAS

Pesquisadores responsáveis: Sênior Felipe Mayer Ferraz e Mauro Myskiw

Instituição/Departamento: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da Universidade Federal do Rio Grande (UFRGS)

Telefones para contato com pesquisadores: (51)98155-6500 ou (51)99723-6883.

Contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS: "O projeto foi avaliado pelo CEP-UFRGS, órgão colegiado, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, cuja finalidade é avaliar – emitir parecer e acompanhar os projetos de pesquisa envolvendo seres humanos, em seus aspectos éticos e metodológicos, realizados no âmbito da instituição. Contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP UFRGS: Av. Paulo Gama, 110, Sala 311, Prédio Anexo I da Reitoria - Campus Centro, Porto Alegre/RS - CEP: 90040-060. Fone: +55 51 3308 3738 E-mail: etica@propeq.ufrgs.br Horário de Funcionamento: de segunda a sexta, das 08:00 às 12:00 e das 13:00 às 17:00h. Devido a pandemia por COVID-19, a forma de contato preferencial é por e-mail."

Objetivo do estudo: Compreender trajetórias de socialização profissional de professores-profissionais de Educação Física que ocupam lugares de gestão de academias.

Prezado(a) interlocutor(a):

SOBRE A ADESÃO À PESQUISA:

Você está sendo convidado(a) a responder essa entrevista de forma totalmente voluntária. Antes de concordar em participar desta pesquisa é muito importante que

compreenda as informações e instruções contidas neste documento, considerando que:

- 1 Os pesquisadores responsáveis deverão responder todas as suas dúvidas antes que você se decida a participar.
- 2 Você tem o direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade e sem perder os benefícios aos quais tenha direito.

SOBRE A PARTICIPAÇÃO:

Sua participação nesta pesquisa consistirá em:

- Disponibilizar-se a realizar 4 entrevistas num período de 4 meses (uma entrevista por mês);
- Disponibilizar um tempo aproximado de 60 minutos para responder às perguntas (esse é o tempo médio necessário para a realização da entrevista) em cada uma das 4 entrevistas;
- Responder as questões constantes da entrevista, conforme o roteiro que segue junto com este termo.

SOBRE OS BENEFÍCIOS:

A finalidade desta pesquisa é ampliar os conhecimentos sobre a gestão de academias com a lente focada em professores-profissionais de Educação Física que se constituem gestores a partir de incorporações e disposições capturadas durante suas trajetórias.

SOBRE OS RISCOS:

Toda a pesquisa envolve algum tipo de risco e, neste caso, algumas questões poderão gerar constrangimentos ou conflitos de interesses. Assim, caso, durante as entrevistas, observe qualquer constrangimento ou conflito de interesses, basta manifestar para que o processo seja encerrado e a situação de normalidade seja restaurada.

SOBRE O SIGILO:

Sua identidade não será divulgada no decorrer do processo de pesquisa, nem mesmo após a conclusão do estudo. As informações fornecidas por você serão objeto de análise e de interpretações, podendo manter trechos na íntegra ou usados conforme

entendimento do pesquisador, mas serão utilizados nomes fictícios para apontar a fonte, visando preservar sua identidade. Você receberá uma cópia da entrevista transcrita para sua análise. Caso sinta algum desconforto com o texto apresentado ou se perceba constrangido em relação ao que está descrito, tais informações podem ser reescritas ou retiradas da pesquisa.

DECLARAÇÃO DE ESCLARECIMENTO E DE CONSENTIMENTO

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu _____
_____, estou de acordo em participar desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Local e data: _____.

Assinatura do(a) entrevistado(a)

Assinatura do entrevistador